



RODRIGO DE OLIVEIRA

O VALE DOS MORTOS

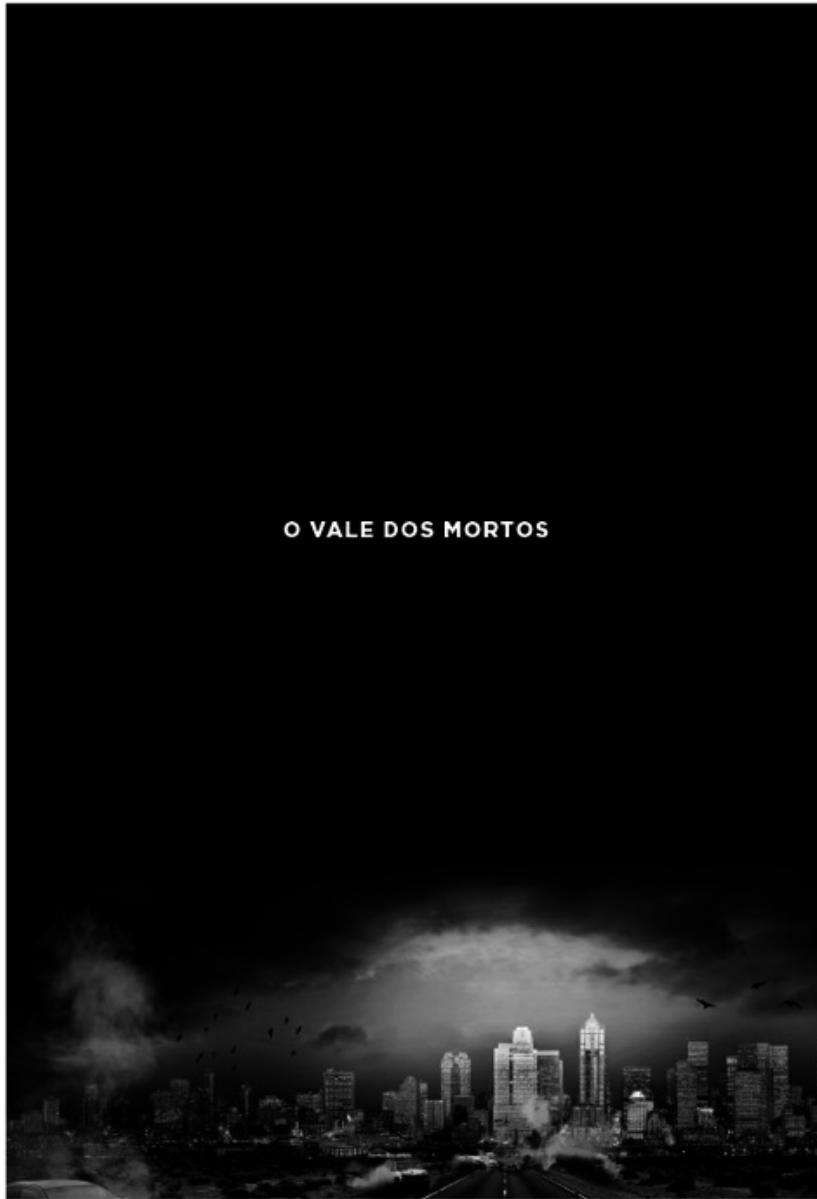


FARO
EDITORIAL





O VALE DOS MORTOS



RODRIGO DE OLIVEIRA

**O VALE
DOS MORTOS**



E o terceiro anjo tocou a sua trombeta, e caiu do céu uma grande estrela ardendo como tocha (...) E o nome da estrela era Absinto...

...e foi-lhe dada a chave do poço do abismo. E a fumaça que saiu do fundo do abismo escureceu o sol e o ar.

E da fumaça vieram seres como gafanhotos sobre a terra, mas com poderes de escorpiões.

E foi-lhes dito que não fizessem dano à erva da terra, nem a árvore alguma, mas somente aos homens.

E naqueles dias os homens buscarão a morte, e não a acharão; e desejarão morrer, e a morte fugirá deles.

Apocalipse 8 e 9

*Para minha esposa, Cláudia, e meus filhos, Felipe e
Fernanda. Sem vocês minha vida não teria sentido.*

SUMÁRIO

Rosto

Epígrafe

Dedicatória

INTRODUÇÃO

CAPÍTULO 1 — **O FENÔMENO**

CAPÍTULO 2 — **O DIA EM QUE TUDO MUDOU**

CAPÍTULO 3 — **APOCALIPSE**

CAPÍTULO 4 — **SEM DESTINO**

CAPÍTULO 5 — **CONFINADOS**

CAPÍTULO 6 — **EUTANÁSIA**

CAPÍTULO 7 — **O DESPERTAR**

CAPÍTULO 8 — **O ARSENAL**

CAPÍTULO 9 — **O CONDOMÍNIO**

CAPÍTULO 10 — **A COMUNIDADE**

CAPÍTULO 11 — **SOBREVIVENTES**

CAPÍTULO 12 — **INVASÃO**

CAPÍTULO 13 — **FRENTE A FRENTE**

EPÍLOGO

Agradecimentos

Nota do autor

O autor

Créditos

INTRODUÇÃO



AO ABRIR OS OLHOS Ivan tentou entender onde estava. A cabeça e o corpo todo doíam demais, ele mal conseguia se mexer.

Demorou um pouco, mas lembrou-se do que havia acontecido. Sofrera um acidente de carro. Tentara manter o veículo sob controle, mas fora impossível. A caminhonete praticamente empurrara seu carro para fora da pista, e em decorrência, ele perdera os sentidos.

Mas, estranhamente, ninguém veio socorrê-lo, nem ambulância ou carro dos bombeiros.

Foi quando Ivan se deu conta de que ainda estava dentro do carro.

Ao olhar para os lados, via apenas o mato alto, que tingia de verde toda a paisagem. Logo à frente, muito capim, e pouco adiante, uma árvore ressecada, quase sem folhas, uma visão fantasmagórica que tornava a cena ainda mais desesperadora.

Então, um pensamento surgiu de sobressalto: Onde estava sua família? Sua mulher, seus filhos? Sua última lembrança era dos gritos das crianças, chorando apavoradas, pedindo para ele ir mais devagar. Sua esposa também gritava, ora falando para ele desacelerar, ora implorando que ele pisasse mais fundo no acelerador.

Depois de alguns instantes de verdadeiro pânico, Ivan lembrou o óbvio: olhar para trás. Estavam todos lá. Mas estariam bem ou feridos? Teria acontecido algo pior?

Reuniu coragem e olhou por sobre o ombro direito. Sua esposa, Estela, estava sentada no banco de trás entre seus dois filhos, Matheus e Ana, e pareciam bem.

Ivan começou a se sentir mais aliviado, mas o que poderia ser bom começou a parecer uma visão assustadora. Os olhos de Estela fitavam o teto do carro, praticamente sem piscar, e dançando nas órbitas de forma frenética, inquietos, expressando um terror silencioso que provocou em Ivan um intenso calafrio.

Ao lado da esposa, as crianças estavam acordadas também, cada qual com a cabeça encostada em um dos ombros da mãe. Elas se mantinham completamente imóveis e silenciosas, como se tivessem medo até mesmo de respirar.

— Vocês estão bem? — Mas Ivan tinha certeza de que já sabia a resposta.

— O que está acontecendo? — perguntou Estela, após uns trinta segundos de

hesitação.

Parecia que, finalmente, ela saíra do estado de choque, e ficava olhando para todos os lados, frenética, alerta, esperando por alguma surpresa que pudesse vir de qualquer direção.

— Não sei, acho que saímos da estrada durante a fuga... Não me lembro bem. Faz tempo que estamos aqui? — Ivan tentava se desviar da pergunta da esposa.

— Nós caímos do viaduto, pai. Até o *airbag* abriu, olha só. — Matheus, o filho mais velho, apontou para as duas bolsas brancas murchas que brotaram do painel e do volante.

— Tem razão, filho, deve ter sido uma queda e tanto... Mas não consigo me lembrar direito. Faz muito tempo?

— Acho que mais de uma hora — disse o filho, inseguro — Nós tentamos chamar vocês, mas nenhum dos dois respondia. Ficamos com medo!

— Uma hora! Eu desmaiei mesmo, então! — Perplexo, Ivan olhou para cima e notou que o filho tinha razão, pois, uns quatro metros acima, dava para ver a beira do viaduto e um pedaço do *guard rail** balançando, bem no ponto onde o carro despencara do viaduto rumo ao matagal.

Ivan se lembrava de estar em alta velocidade no anel viário, desviando-se dos carros, das pessoas, tentando fugir da turba furiosa que os perseguia. O anel viário é a principal ligação entre os eixos norte e sul de São José dos Campos, dando acesso à via Dutra. Era para lá que seguiam quando Ivan perdeu o controle do Elantra e despencou do viaduto. Seu objetivo era ir para a casa de sua mãe, em São Paulo, mas o acidente aconteceu antes mesmo de chegar à rodovia.

— Papai, eu quero ir para casa — resmungou Ana, a caçula da família. — Vamos sair daqui, estou com medo!

— Filha, nós vamos sair daqui, sim, só preciso ver como a gente vai fazer isso. Mas não podemos voltar pra casa agora, temos de descobrir o que está acontecendo...

— Quem eram aquelas pessoas, papai? Por que nos atacaram? — perguntou a menina, com medo no olhar, como se estivesse revivendo os momentos de pânico ocorridos horas atrás.

— Ivan, o que está havendo? O que eram aquelas... coisas? Por que fizeram aquilo, por que... nos atacaram? — Estela quase sussurrou a última parte, tentando não assustar ainda mais as crianças, como se isso fosse possível. Ela evitava usar a palavra assustadora que antes empregara para definir aqueles seres.

— Não sei, amor, nunca vi nada igual. Só sei que não podemos ir para casa. A nossa rua parecia uma praça de guerra, temos que tentar...

Antes que Ivan completasse a frase, eles começaram a ouvir gritos. Uma mistura apavorante de berros, urros e gemidos vindos do viaduto. Ao que parecia, estava

sendo travada uma verdadeira batalha logo acima de suas cabeças.

— Temos que sair daqui agora! — Ivan soltou o cinto de segurança. Sua cabeça doía, e ele se sentia nauseado, mas finalmente o torpor desapareceu ao perceber que ainda estavam em perigo.

— Não quero, estou com medo! — reclamou Ana, num tom de voz perigosamente alto.

— Eu quero que você obedeça ao seu pai, Ana! E fica quieta, antes que alguém nos ouça e...

Naquele instante, um estrondo apavorante se fez ouvir logo acima deles, e o teto do carro afundou quase dez centímetros para dentro da cabine. Todos berraram ao mesmo tempo, num misto de terror e perplexidade.

Em seguida, uma criatura caiu do teto, desajeitada, sobre o capô do veículo. Algo que simplesmente não existia até aquela tarde de sábado, um personagem saído diretamente dos confins do inferno, nascido para uma vida maldita, naquele dia que seria lembrado geração após geração. O dia em que o reinado da raça humana chegara ao fim como espécie soberana na Terra, após milênios de dominação.

O ser olhou para a família apavorada dentro do carro. Todos começaram a gritar e falar ao mesmo tempo. Mas aquela criatura não entendia nada. Não havia nela nenhum sinal de humanidade. Nenhum sinal de sanidade. Apenas dois olhos brancos, leitosos e emoldurados por um rosto feroz, alucinado. Olhos vazios e mortos. E, acima de tudo, olhos famintos.

Instantes depois, a criatura espatifou o para-brisa e conseguiu entrar no veículo. E, quando isso aconteceu, os gritos atingiram um patamar ensurdecedor.

Depois, tudo ficou silencioso. Um silêncio horripilante, quando todos ficam sem nenhuma reação. Os segundos pareceram intermináveis; e aqueles segundos cheiravam a morte...

* Barra de metal, localizada na lateral de estradas ou rodovias, para proteção.

CAPÍTULO 1

O FENÔMENO



DE TEMPOS EM TEMPOS, ao longo de milênios, surgiram teorias diversas sobre o fim do mundo. Cientistas e esotéricos, fanáticos religiosos e maníacos por conspirações, professores, políticos, estudantes e praticamente todas as pessoas do mundo inteiro ouviram ou inventaram explicações sobre um evento cataclísmico que reduziria tudo a cinzas.

Em alguns casos, a aposta era que um gigantesco cometa se chocaria contra a Terra, transformando tudo em um gigantesco monte de escombros. Cada nova descoberta que evidenciava a ocorrência de grandes impactos de corpos celestes com o nosso planeta em tempos remotos reforçava a tese de que eventos desse tipo não eram tão raros assim; portanto, era provável que tornassem a acontecer.

Para piorar, ficava cada vez mais óbvio que um cometa não precisaria ser tão grande para causar um grande estrago. Em Tunguska, região remota da Sibéria, um corpo celeste de meros cinquenta metros de diâmetro causou uma explosão de cerca de dez megatons em 1908, derrubando cerca de oitenta milhões de árvores. Se tivesse explodido apenas duas horas mais tarde, com a rotação do planeta, o tal cometa teria desintegrado toda a cidade de Moscou. A aposta de muitos profetas do fim do mundo era que todos nós teríamos o mesmo fim dos dinossauros.

Outros diziam que as inúmeras queimadas e emissões de bilhões de toneladas de gás carbônico superaqueceriam a Terra com o famoso efeito estufa, causando o degelo das calotas polares e o alagamento de cidades costeiras inteiras; e, o resto do nosso planeta, em alguns anos, iria se tornar um deserto inabitável.

Diversas profecias apontavam o ano 2000 como a data provável da grande catástrofe, mas o tempo passou e o mundo ironicamente continuou existindo, forçando especialistas de todos os países a voltarem aos livros e aos cálculos para entender o que dera errado.

Por mais que o tempo passasse e nada acontecesse, de tempos em tempos, surgiam indivíduos que apostavam na tese do apocalipse. Era uma aposta válida. Nosso planeta já havia passado por grandes extinções em massa, em diversas

épocas, e o acontecimento de mais um evento catastrófico de escala global era algo possível. E, dessa forma, as teorias continuavam surgindo.

Baseados no calendário maia, alguns afirmaram que o ano da extinção seria 2012 — mais precisamente, no dia 21 de dezembro. Porém, mais uma vez nada aconteceu.

Uma das teorias apocalípticas menos divulgadas falava de um suposto planeta que se chocaria com a Terra. Essa teoria foi descrita em detalhes por um obscuro autor chamado Joaquín Amortegui Valbuena, que escrevia sob o pseudônimo de V. M. Rabolu.

Em seu livro, que foi inspirado em outro povo antigo e intrigante, os sumérios, ele declara que o final dos tempos se daria por ocasião do choque de um imenso planeta contra a Terra, o qual os sumérios chamavam de Ekolubus e que ele batizou de Hercólubus, o Segundo Sol. Rabolu chegou a afirmar em seu livro que esse mesmo planeta já havia estado próximo da Terra em eras passadas, e em sua última visita teria causado a destruição da Atlântida, o lendário continente tragado pelas águas.

Rabolu afirmava, inclusive, que o próprio dilúvio descrito na Bíblia teria sido obra desse misterioso corpo celeste, bem como outras passagens bíblicas que diziam respeito a estrelas mortais, segundos sóis etc. Em todos esses casos, de acordo com Rabolu, o culpado era o temível Hercólubus, o flagelo da Terra, que, depois de milênios de ausência, retornaria para uma nova visita mortal.

Vários outros autores e estudiosos corroboraram as teorias de Rabolu, que ganharam alguns adeptos pelo mundo afora. Chegaram até mesmo a localizar o suposto planeta, ainda muito distante da Terra, vindo em nossa direção, tal qual o autor previra.

Durante muitos anos, cientistas do mundo todo tentaram esclarecer os fatos: o planeta Hercólubus não existia. O corpo celestial que, teoricamente, seria Hercólubus, conforme os estudos de Rabolu e seus seguidores, na realidade era uma estrela chamada Barnard, localizada na constelação de Ofiúco, que de fato se movia em direção à Terra — porém, a impressionantes cinco anos-luz e meio de distância. Na velocidade com que se movia — de cerca de cento e quarenta quilômetros por segundo —, levaria treze mil anos para que essa gigantesca estrela chegasse ao seu ponto mais próximo de nós. Estimativas pessimistas indicavam que a distância mínima não seria menor que pouco mais de um ano-luz, ou seja, Barnard passaria a uma distância milhares de vezes maior do que a da Terra em relação ao Sol. Enfim, nada com que se preocupar.

Teorias de planetas assassinos vindo em direção à Terra sempre existiram. Uma das mais célebres foi a do Planeta X. Ela foi formulada com base numa técnica de astrofísica que determina a existência de corpos escuros não localizáveis por meio da observação convencional a partir da interferência gravitacional que eles exercem sobre outros corpos celestiais.

Segundo essa técnica, se numa determinada zona do espaço planetas e cometas sofrem algum tipo de perturbação em suas órbitas, por conta de alguma força gravitacional misteriosa, esta seria uma forte evidência da existência de algum planeta na região, mesmo que não fosse possível enxergá-lo.

Com essa mesma técnica foi possível identificar a existência de Netuno e Plutão, vários anos atrás. No século XIX, astrônomos concluíram que deveria haver algum planeta muito grande numa órbita posterior a de Netuno por conta dessas observações.

Quando Plutão foi descoberto, concluíram que ele seria esse planeta misterioso. Porém, ao constatarem que Plutão era minúsculo, concluíram que não poderia ser o corpo que tanto procuraram, agora chamado, simplesmente, de Planeta X.

Em 1999, uma dupla de pesquisadores identificou sinais de que um planeta poderia estar escondido dentro do nosso sistema solar, em função de fortes perturbações provocadas pela atração gravitacional de um corpo celestial que, em função dos efeitos causados, teoricamente seria quatro vezes maior que Júpiter. Um gigante espacial que estaria rumando para o centro do nosso pequeno pedaço do Universo e, por isso mesmo, poderia estar vindo em direção à Terra. Muitos falaram que esse era o misterioso Planeta X. E tantos outros afirmaram que o Planeta X era de fato o misterioso Hercólubus, o planeta assassino.

Porém, mais uma vez faltaram provas conclusivas dessas teorias, e o Planeta X continuou sendo uma das muitas lendas e mistérios do nosso sistema solar.

Entretanto, nenhum texto sobre planetas responsáveis pelo apocalipse foi tão conhecido quanto o constante no livro Apocalipse da Bíblia.

Nesse texto era descrito um planeta chamado Absinto, que traria incontáveis sofrimentos para a humanidade, que culminaria no final dos tempos.

Como tantas outras histórias, esses textos causaram impacto em inúmeras pessoas, que acreditavam que era chegada a hora de se arrepender dos seus pecados. Mas para os cientistas, não passavam de meras lendas, sem nenhum fundamento científico.

Infelizmente, no entanto, descobriu-se que Absinto de fato existia. No final de 2017, foi identificado pelo telescópio Hubble um planeta desconunal numa órbita incrivelmente anômala. Ao que tudo indicava, era um corpo celestial desgarrado, que simplesmente estava de passagem.

Seu diâmetro era vinte vezes maior que o da Terra, um colosso rochoso, incrivelmente denso e com uma massa muito maior que a do nosso pequenino lar. Se fosse menor, talvez tivesse sido capturado pelo campo gravitacional do nosso Sol, mas aquele planeta era diferente — ele seguia uma rota imprevisível.

Ao contrário do que os adeptos das teorias da conspiração sempre defenderam, as agências espaciais e os governos do mundo todo procederam com incrível

transparência com relação àquela ameaça. Poucos dias depois da identificação do planeta misterioso, que rumava perigosamente em direção à Terra, líderes de todas as nações anunciaram que havia sido feita a terrível descoberta, e que cientistas de todas as partes se empenhavam em descobrir quais eram as reais possibilidades de aquele corpo, então denominado M190876, oferecer de fato algum tipo de risco. Esse nome foi logo esquecido — para todas as pessoas, o planeta misterioso seria lembrado para sempre como Absinto, o flagelo do fim do mundo.

Ao ser descoberto, o planeta estava próximo demais, a uma distância pouco maior que a de Mercúrio em relação à Terra. Tão perto que seria uma questão de poucos meses para chegar até nós, caso essa fosse sua rota.

Os primeiros meses após a descoberta foi de absoluto pânico. Pessoas correram aos supermercados para estocar comida e água, grandes tumultos, protestos e muito quebra-quebra aconteceram em diversos países. As igrejas ficaram lotadas, líderes de todas as partes foram para as emissoras de televisão pedir calma aos cidadãos; tudo em vão. Parecia que a ordem social se esfrangalhara, e, nada, nem ninguém, seria capaz de fazer as coisas voltarem à normalidade.

Em diversos países, foi decretada a lei marcial. As forças armadas foram para as ruas tentar assegurar o mínimo de normalidade, e o toque de recolher foi largamente implantado. Grandes planos de contingência tiveram início para se tentar construir abrigos para a população; mas sabia-se que não haveria tempo para fazer grandes coisas. Absinto vinha com pressa, muita pressa, e nada nem ninguém seria capaz de detê-lo.

Além do mais, essas medidas eram de efeito puramente psicológico. Se um cometa de apenas um quilômetro de extensão podia gerar energia suficiente para derrubar todos os prédios, casas e árvores em escala continental, segundo estimativas dos cientistas, do que seria capaz um planeta maior do que Júpiter numa eventual colisão? Era óbvio que a destruição seria completa, e a Terra não passaria de uma vaga lembrança. O próprio Absinto não escaparia incólume dessa trombada. O titã espacial teria toda a sua superfície arrasada. Mas isso não servia de consolo para ninguém.

Porém, após alguns meses de cálculos matemáticos complexos, os cientistas respiraram aliviados. Aquele imenso planeta não iria atingir a Terra. De fato ele passaria raspando, em termos cósmicos, mas mesmo assim seria cerca de um milhão de quilômetros de distância.

Estudos secundários procuraram prever se haveria outras consequências, como potenciais mudanças climáticas e possíveis impactos nos sistemas de comunicação do nosso planeta. Mas não havia dúvida de que não seria dessa vez que seríamos atropelados. Pela relativa proximidade, foi possível fazer um estudo consistente e conclusivo, e todos puderam se acalmar.

Havia diversas perguntas sem resposta ainda. Qual era exatamente a rota do planeta? Do que ele era feito? Existia alguma chance de haver vida nele? Como ele conseguira ficar tanto tempo escondido, sem que ninguém fizesse ideia de que se encontrava tão perto?

Todas essas questões e milhares de outras eram o desafio a ser vencido pelos cientistas, mas a verdade era que a maioria das pessoas estava se lixando para aqueles questionamentos. O mundo inteiro explodiu numa festa sem precedentes na história moderna.

Na prática, o que foi motivo de pânico de repente se tornou algo estranhamente fascinante. Afinal de contas, pela primeira vez na história da humanidade, estaríamos tão próximos de outro planeta. Astrônomos e engenheiros de toda parte pensaram durante décadas sobre como seria possível aproximar-se de algum dos nossos gigantescos vizinhos interplanetários e, de uma hora para outra, lá estava ele, um corpo celestial incomensurável batendo a nossa porta.

E, dessa forma, o que começou com um grande susto ganhou ares de uma imensa festa global. Quais segredos aquele visitante misterioso trazia consigo, depois de sua viagem de eras pelo cosmo? Quais conhecimentos poderiam ser obtidos, quais respostas para tantas dúvidas ele carregava?

Alguns entusiastas defendiam que deveria ser preparada uma missão interplanetária, e que a NASA e as demais agências espaciais tinham a obrigação de mandar uma nave tripulada até Absinto. Mesmo porque, segundo os cálculos preliminares, levaria milênios para que ele se aproximasse novamente da Terra.

Mas esse sonho era impossível, não haveria tempo hábil para preparar uma missão de tamanha complexidade. Levaria pouco mais de três meses para Absinto atingir seu ponto mais próximo da Terra, e, depois disso, ele se afastaria rapidamente, dando sequência ao seu passeio pelo universo. Essa informação causou muita frustração em muita gente.

Por outro lado, seria possível fotografar o gigante de perto e realizar estudos. Portanto, não seria uma viagem perdida, no final das contas. Além disso, seria uma visão fantástica de um fenômeno nunca antes observado, e que poderia ser fartamente documentado por estudiosos de todas as áreas do conhecimento.

E assim, todos começaram a se preparar para o grande evento. Obviamente, não faltaram alarmistas de plantão — sempre eles — que insistiam em dizer que nossos líderes ocultavam a verdade, que de fato o planeta se chocaria com a Terra, que o fim estava próximo, e assim por diante. Entretanto, a maioria das pessoas se tranquilizou.

Muitos diziam que éramos privilegiados, os escolhidos por Deus para vivenciar um evento único. Padres, rabinos, pastores evangélicos e representantes de todas as religiões alardearam que aquele era um sinal. Uns diziam que Jesus renasceria para

guiar os homens na sua infinita glória.

Outros diziam que aquele era o evento que marcaria uma nova fase na escala evolutiva terrena. Os mesmos que falaram que todos deveriam rezar para se arrepender dos seus pecados, antes do dia do juízo final, agora conclamavam as massas para orar em agradecimento pelo júbilo de podermos vivenciar em primeira mão um autêntico milagre, um sinal inequívoco da existência de Deus. Mais uma vez, estavam todos errados. Completamente errados.

Foi com grande euforia que a NASA conseguiu prever, com precisão, qual seria o dia ideal em que poderíamos avistar o gigantesco visitante: em 14 de julho de 2018, o colosso atingiria o ponto mais próximo de nosso pequenino lar, e depois, iniciaria um rápido afastamento como se nada tivesse acontecido, indiferente aos bilhões de pessoas embasbacadas que assistiriam a sua passagem. Alguns dias antes, ele já seria visível a olho nu, mas em 14 de julho de 2018, seria um espetáculo sem precedentes.

Para tornar tudo ainda mais impressionante, descobriu-se que Absinto tinha mais alguns segredos a revelar. Similar a Saturno, ele possuía anéis, e além disso um gigantesco cinturão de rochas, gases, fragmentos de gelo e poeira cósmica circundavam aquele planeta, que vários haviam aprendido a admirar em tão pouco tempo.

E assim, nesse espírito de empolgação de muitos e apreensão de alguns tantos outros, chegou o grande dia. O momento do tão esperado show cósmico, no qual Absinto iria se revelar em toda a sua majestade.

Naquele dia, se Deus existia de fato, decerto preferiu desviar o olhar. Porque aquele planeta não trouxe apenas um belo espetáculo.

CAPÍTULO 2

O DIA EM QUE TUDO MUDOU



A PRIMEIRA A ACORDAR naquele sábado foi Estela. Ela não se conformava quando não conseguia dormir em pleno final de semana, principalmente depois de uma semana puxada de trabalho.

A rotina diária era muito corrida. Estela acordava cedo todos os dias, tomava banho, se vestia, acordava as crianças, vestia as duas com o uniforme da escola, servia o desjejum, tomava seu próprio café em parcelas — pois a todo momento era interrompida por um dos filhos —, levava os dois para a escola, ia para o trabalho, e no fim do dia voltava para casa para dar o jantar, ajudar no dever de casa e brincar com as crianças.

Ela trabalhava como analista de sistemas na Avibrás, uma das maiores indústrias bélicas do país, que mantinha algumas das suas fábricas no Vale do Paraíba. Estela e sua família viviam em São José dos Campos, cidade conhecida como a capital da aviação por abrigar a sede da Embraer, uma das maiores indústrias aeronáuticas do mundo.

Com cerca de seiscentos mil habitantes, localizada a apenas oitenta quilômetros da capital paulista, cortada pela via Dutra e com uma das maiores rendas *per capita* do Brasil, São José dos Campos era de fato um ótimo lugar para se viver e criar os filhos. Era o coração do Vale do Paraíba e abrigava várias empresas multinacionais, além de outras entidades altamente estratégicas como o CTA (Centro Técnico Aeroespacial) e o ITA (Instituto Tecnológico de Aeronáutica), entre outros centros de pesquisa e excelência.

Estela levantou-se em silêncio; não queria acordar o marido. Ivan dormia um sono profundo. Sua rotina também não era das mais fáceis. Ex-militar, Ivan não conseguiu se adaptar à rotina do quartel, e acabou optando pela área de ciência da computação. Foi cursando a Universidade de Taubaté que ele ingressou no mundo dos bits e bytes. E onde conheceu aquela que se tornaria sua esposa.

Como o mercado de trabalho para profissionais de TI na cidade não era dos melhores, Ivan acabou arrumando um emprego na capital, onde os salários eram mais

altos, e a oferta de emprego, mais abundante. Dessa forma, ele saía todos os dias de casa de madrugada, rumo a São Paulo, onde trabalhava como gerente de projetos de informática.

Ambos tinham trinta e cinco anos e eram bem-sucedidos em suas carreiras. Não eram ricos, mas viviam com conforto num bairro de classe média.

Estela foi até o banheiro, escovou os dentes e lavou o rosto. Parou alguns instantes para admirar o piso de porcelanato branco e preto, os azulejos elegantes, o boxe imponente. Lamentou não ter havido espaço para a tão sonhada banheira de hidromassagem que Ivan tanto queria; ficaria para a próxima casa. Mas ela adorava aquele apartamento. Cada pedacinho daquele lar tinha uma pequena história para contar.

Sorriu quando se lembrou dos primeiros tempos naquele prédio. As crianças eram pequenas, mas o antigo apartamento simplesmente não comportava mais as duas. Assim, mudaram-se num ímpeto, mesmo não tendo sofá nem fogão, e com uma série de problemas. Fora tão divertido! Um começo atrapalhado, confuso e delicioso de uma nova vida.

Estela olhou bem para sua imagem no espelho. O que via não a desagradava, apesar da aparência um pouco sonolenta. Pele morena, cabelos negros caindo sobre os ombros até a cintura, olhos castanho-claros, sorriso perfeito. E um corpo à brasileira, com pernas grossas e bumbum grande, que, apesar de algumas mínimas imperfeições, já lhe rendera muitos olhares de vários homens, e um número incalculável de cantadas.

E como Estela sempre juntava ao seu arsenal um vestido curto, salto alto e batom vermelho, formava um conjunto que parava o trânsito, literalmente.

Saiu do banheiro, e ia direto para a sala para poder assistir a um pouco de televisão sem acordar o marido, mas por algum motivo se deteve. Olhou para Ivan dormindo, tranquilo, sem camisa e de braços na cama. Ele tinha uma aparência que a agradava muito. Cabelos claros sempre meio desarrumados, pele branca, olhos verdes. Verdade que Ivan precisava perder uns cinco quilos, mas era alto e tinha um porte que chamava a atenção.

De repente, Estela queria muito que ele acordasse. Não sabia direito o porquê, mas às vezes sentia aquela necessidade do marido. Não era apenas sexo; simplesmente em alguns momentos Estela desejava ter Ivan por perto, como se eles não se vissem havia muito tempo, como se estivesse sentindo muita saudade de uma hora para outra. Como se a qualquer momento ele fosse escapar por entre seus dedos e ela fosse perdê-lo para sempre.

Estela era apaixonada por Ivan desde que se conheceram. Ele foi o primeiro e único amor de toda a sua vida. Desde os tempos da faculdade eles nunca ficaram mais do que alguns poucos dias sem se ver, e sempre que precisavam se separar por

algun motivo, fosse por um compromisso profissional ou alguma emergência familiar, era uma separação difícil, com noites em claro.

Ela se sentou na beira da cama e ficou admirando-o por alguns instantes, perdida em pensamentos. Quando fez menção de levantar, ele abriu os olhos.

— Bom dia, amor, tudo bem? — Ivan esfregou os olhos com as costas das mãos. — Que horas são?

— É muito cedo ainda, umas sete horas mais ou menos — respondeu Estela, arrependida porque achou que havia acordado o marido com o movimento do colchão. — Volte a dormir. Acordei você?

— Acho que não... eu estava tendo um pesadelo. Deve ser por isso que acordei. As crianças já se levantaram? — Ivan se sentou.

— Pelo amor de Deus, não! — Estela deu risada. — Quero tomar o café da manhã sossegada!

— Eu também, estou morrendo de fome! — Ivan puxou o edredom e colocando as duas pernas para fora da cama.

— Vai mesmo se levantar? Você acorda tão cedo todo dia... Aproveita para descansar mais um pouquinho. — Estela ficou ainda mais arrependida.

— Não se preocupe, amor, estou bem. Não estou com sono, não, eu sou de aço!

Ato contínuo, Ivan agarrou a esposa, colocando-a no colo, ignorando os protestos de Estela, que temia que ele desse um mau jeito na coluna.

— Eu é que sei. Você vive dizendo isso, mas está sempre doente. Precisa se cuidar mais, Ivan! Já te avisei que, se você morrer, eu arrumo outro antes mesmo de te levar para o cemitério! — Estela esboçou um sorriso maldoso. Sabia ser cruel nas suas brincadeiras. — Não vão faltar candidatos, eu garanto! — E passou os braços ao redor do pescoço de Ivan.

— Que mentira! Você vai chorar muito a minha falta, e depois de muito sofrer irá entrar para o convento! — disparou ele, enlaçando-a pela cintura. — Minha querida esposa, viúva inconsolável e noiva de Cristo!

— Só nos seus sonhos! Sem meu batom, meus vestidos e salto alto eu não vivo! Prefiro a morte! — Estela tentou se soltar dos braços fortes do marido. — Me larga, você quer me deixar horrorosa!

— Eu não conseguiria essa proeza. Pra te deixar feia eu precisaria te fazer uma cirurgia plástica. Está ótima do jeito que está! — E Ivan caiu para trás, na cama, arrastando-a junto e rolando sobre ela, que agora só fingia estar tentando se soltar.

— Me solta, você me paga com essa história de convento! Não quero papo com você! E nem adianta começar o que você está querendo. Daqui a pouco as crianças vão acordar, seu tarado! — rindo, Estela sentiu a empolgação do marido crescendo dentro do pijama.

— Não vão acordar, não! Prometo que serei bem silencioso e rápido! — E Ivan

passou a mão boba sobre o seio de Estela, que estava a um passo de ceder. — Vamos, amor, abre as pernas pra mim, baby!

— Quanto ao ser rápido eu não tenho dúvida, mas silencioso você nunca é! — falou Estela, venenosa, com um sorriso capaz de derreter uma geleira. — Sai pra lá, seu...

Naquele momento, Ivan a calou com um beijo. Quente, molhado e longo, muito longo. Estela sentiu o coração disparar enquanto o marido a beijava, a mão direita quente como brasa em seu rosto, acariciando seus cabelos. Suas pernas se entrelaçaram enquanto ela passava o pé devagar sobre a panturrilha dele, sentindo os pelos se eriçarem.

— Tranca a porta... — ela sussurrou.

— Por que vocês querem trancar a porta? — perguntou Ana, a caçulinha da família, com apenas seis anos, descalça diante dos pais.

— Puta merda! — sussurrou Ivan, encostando a cabeça, derrotado, no pescoço da esposa, que não conseguiu se controlar, e agora gargalhava do desespero do marido. — Ninguém merece!

* * *

Ivan ligou a televisão enquanto Estela preparava o desjejum. Já era uma tradição familiar tomar o café da manhã nos finais de semana enquanto assistiam aos noticiários da TV.

A sala do apartamento era bastante ampla, em forma de T, com três ambientes bem distintos. Numa parte, a televisão, sobre um *rack* baixo de madeira maciça, ficava de frente para um sofá confortável onde a família, às vezes, assistia a um filme. Isso quando Ivan e Estela aguentavam sem cochilar. Do lado oposto da sala, outro sofá, mais claro e formal, ficava de frente para o piano de parede que Ivan se esforçava para aprender a tocar, embora nunca conseguisse tirar nada além de barulho. Estela, no entanto, tocava com ares de virtuose, e Matheus, com apenas oito anos, seguia os passos da mãe tocando pequenos clássicos infantis e algumas músicas de arranjos mais simples.

O terceiro ambiente comportava a mesa de jantar, um enorme quadrado de vidro negro com cadeiras de couro branco confortáveis. A mesa acomodava oito pessoas, e foi ao redor dela que eles passaram as ceias de Natal dos últimos quatro anos, desde que se mudaram.

Ivan pegou o controle remoto e zapeou por alguns canais. Na tv, viu as chamadas para as notícias da região, como os resultados da última rodada do Campeonato Brasileiro com times locais e a crise do Shopping Colinas, fechado de novo por problemas de vazamento de gás. Por fim, colocou no noticiário e, mais uma vez estavam falando da aparição do gigantesco planeta, o maior evento astronômico da

história da humanidade.

Uma grande operação jornalística fora montada para cobrir aquela passagem, com correspondentes situados em várias partes do mundo. Repórteres falavam de Nova York, Paris, Frankfurt, Tóquio. Um correspondente internacional se apresentava naquele momento, ao vivo, do Vaticano, onde o Papa transmitia uma mensagem para católicos do mundo todo, diante de uma multidão de milhares de pessoas que lotavam a praça São Pedro. Em vários idiomas, ele conclamava a todos a lembrar de Deus, pois aquele espetáculo maravilhoso era obra do Altíssimo.

E, de fato, Absinto era um espetáculo sensacional. Uma imensa esfera avermelhada circulada por anéis azulados, que vista da Terra aparecia no céu quase duas vezes maior que a Lua, mesmo em plena luz do dia, e ocorria naquele momento no Brasil.

Então, Ivan e Estela saíram do quarto, para testemunhar aquele momento. Foram com a filha até a sacada e ficaram alguns minutos apreciando o espetáculo único. Era mesmo lindo. Pegaram a câmera digital e passaram a tirar várias fotos.

Ana deixou os pais na sacada e foi para a sala ver um desenho. Após alguns minutos de um profundo silêncio, apenas em contemplação, Estela começou a falar baixinho:

— Estava me lembrando de quando anunciaram a descoberta no *Jornal Nacional*. Todos achavam que seria o nosso fim.

— Eu também — respondeu Ivan, sério.

— Eu não conseguia parar de chorar — lembrou Estela, com um sorriso fraco no rosto.

— Eu sei — afirmou Ivan, pensativo. — Também chorei várias vezes.

— Sério mesmo? Não vi você chorar nenhuma vez. Cheguei a pensar que estava em estado de choque. — Estela se surpreendeu com a confissão repentina do marido.

— Eu precisava ser forte, queria passar segurança para vocês. Você ficou tão assustada! E as crianças também, elas choravam sem parar.

— Não gosto nem de lembrar. Senti tanto medo, estávamos todos tão impotentes! Pensava que meus filhos nunca iriam crescer, namorar, viver outras fases da vida. Era tão injusto que tudo fosse acabar daquele jeito, sem mais nem menos. Cheguei a duvidar da existência de Deus. E, se existisse, deveria ser um Deus terrível! — desabafou Estela, rememorando os momentos de tensão que eles enfrentaram apenas três meses antes.

— É, eu também morri de medo. Ficava me perguntando o que eu poderia fazer. Cheguei a pensar em cavar um buraco enorme em algum lugar para nos enfiarmos lá, com água e comida, e rezar que isso fosse o suficiente para nos salvar. — Ivan quase achava graça de uma ideia tão idiota.

— Mas no fundo nunca perdi totalmente a esperança. Estava aterrorizada, mas uma parte minha acreditava que havia algum engano ou que algum milagre aconteceria para nos salvar.

— Sim, amor, eu sei. Isso é algo que sempre admirei em você, e confesso que é o meu ponto fraco... Eu realmente achei que estava tudo acabado. — Ivan de repente se calou.

— O que houve? No que está pensando? — Estela conhecia o marido bem o suficiente para saber que ele de repente estava pensando em algo muito incômodo.

— Nada não. Só estava me lembrando daqueles dias de tensão — ele tentou desconversar.

— Amor, pode falar, já passou, estamos bem! — insistiu Estela.

— Sinceramente, não é algo de que eu me orgulhe. Prefiro não dizer.

— Tudo bem, se você prefere assim. — Estela se sentiu um pouco contrariada, mas decidiu não pressionar o marido.

E nem precisou, pois ele continuou:

— Para ser franco, pensei que se fosse confirmada a colisão eu preferiria matar nós quatro... — Ivan falou, sem se atrever a encarar a esposa.

Estela ficou muda. Ela pensara a mesma coisa. Quem não pensaria?

Permaneceram calados por alguns instantes. Era horrível falar de algo tão trágico com tanta naturalidade, mas os especialistas foram enfáticos: se a colisão ocorresse seria o fim de tudo.

Depois de um minuto, Estela repentinamente se animou.

— Lembra a festa que foi quando anunciaram que o planeta não ia bater em nós? As pessoas buzinando na rua, uma multidão invadindo a avenida Nove de Julho... Parecia que a Seleção Brasileira tinha conquistado o hexacampeonato mundial. — Estela revivia o imenso alívio que sentira naquele dia.

— Sim, eu lembro! — respondeu o marido, recuperando o ânimo. — Acho que foi o dia mais feliz da minha vida. Foi igual a acordar de um pesadelo terrivelmente realista.

De fato, não fora nada fácil. A expectativa de morrer junto com os filhos foi aterrorizante para aquele jovem casal. Aliás, para o mundo inteiro.

— Agora, olhando essa monstruosidade tão linda no céu, parece até ridículo termos sofrido tanto, não é verdade? — Ivan ainda apreciava o planeta espetacular, que enfeitava o firmamento em plena luz do dia.

— É verdade. Ainda bem que foi um grande alarme falso. — Estela se aconchegou ao marido.

Ambos não podiam estar mais errados.

Depois do café da manhã, a família toda se preparou para sair. Sábado era o dia de resolver pequenas pendências que não conseguiam lidar durante a semana. Era a parte de uma gostosa rotina; quando eles não viajavam, saíam para bater perna na rua. E faziam isto naquele dia.

Arrumaram as crianças, alimentaram Matheus — que estava sempre atrasado para tudo, pois, com seu vício incontrolável por jogos de computador, que o impeliam a se manter acordado até de madrugada, sempre acordava mais tarde que todos — e fizeram uma rápida lista de assuntos para resolver: comprar alguns artigos escolares para as crianças, encomendar novos uniformes mais quentes — o inverno chegara, e as roupas do ano anterior não serviam mais —, fazer compras, pois a geladeira estava completamente vazia. Além disso, precisavam ir ao centro da cidade, ao shopping, açougue... Uma verdadeira maratona!

Estela agasalhou os filhos. Apesar do dia de sol, havia um vento gelado. Fez também uma pequena lista de compras para o supermercado; aquele dia seria corrido, mas não tinha jeito. Pelo menos assim não deixariam nada para resolver no dia seguinte e poderiam tirar o domingo de folga.

Ivan também revisava suas coisas. Precisava mandar seu sapato preferido ao sapateiro. O solado estava tão gasto que dava uma aparência ruim, mas era o mais confortável que tinha. Também teria de ir a uma loja de informática, pois o computador estava terrivelmente lento. Se encontrasse alguma boa oferta tentaria convencer a esposa, a tesoureira da família, a comprar uma nova máquina.

Havia o plano também de levar as crianças ao cinema, se desse certo de encontrar algum filme interessante no horário em que estivessem livres no shopping. Fazia tempo que os filhos vinham cobrando do pai uma ida ao cinema. De fato, ele estava trabalhando demais, e sentia-se em falta com os pequenos.

— Pai, eu posso levar o iPod? — perguntou Matheus, o viciado em eletrônica. — Pra jogar no carro...

— Pode, mas *tenta* tomar conta dele. E nada de levá-lo pela rua, senão vai perder — sentenciou o pai. — Usa só no carro, ok?

— Então, vamos!

— Aninha, chama o elevador! — gritou Estela para a filha.

— Já chamei! — avisou a menina, do *hall*. — E já chegou!

— Então, vamos, porque temos muita coisa para fazer. — Ivan pegou a chave do carro e o celular.

Antes de sair, Estela deu uma última olhada no apartamento. Pensou se iria chover e se precisaria fechar as janelas. Concluiu que não, o céu se mostrava completamente limpo. E, assim, trancou a porta, sem desconfiar do que estava prestes a acontecer.

Entraram no carro da família, um confortável Elantra 2016, motor 2.4, e saíram do prédio.

Quando compraram o apartamento ele lhes pareceu um verdadeiro achado: o preço era excelente, com um financiamento com ótimas taxas. Ivan e Estela o compraram sem pensar muito, pois queriam mais espaço.

No final das contas, aquela aquisição se mostrou um ótimo investimento. O apartamento dobrou de valor em apenas quatro anos. Eles sonhavam, inclusive, em adquirir outro imóvel apenas para investir. Mas, antes, precisariam quitar aquele.

Entraram na avenida Heitor Villa Lobos à direita, e depois viraram à esquerda em direção ao centro da cidade. O que precisavam fazer ali tinha prioridade; as lojas fechavam por volta de uma da tarde.

Resolveram tudo o que precisavam. Encomendaram roupas, compraram miudezas, passaram em umas cinco lojas diferentes. As crianças, de tempos em tempos, reclamavam um pouco, mas já estavam acostumadas com aquela rotina, e sabiam que logo viriam as melhores partes: almoçar no shopping e depois ir a alguma loja de doces para comer a sobremesa.

Acabaram aquela parte da odisseia em cima da hora, pouco antes de a última loja fechar. Em seguida, desceram do centro até o anel viário, no sentido da zona sul. A próxima parada seria no Shopping Colinas. Comprariam um brinquedo para a festa de aniversário de um amiguinho de Ana, que seria no dia seguinte.

— Quem quer almoçar no Shopping Colinas? — perguntou o pai, alegre.

— Eu! — respondeu a família em uníssono.

— Posso tomar sorvete? — perguntou Matheus, esperançoso.

— Pode sim — respondeu o pai, se divertindo com os filhos; aquilo tudo já era rotina.

Virou à direita na alça de acesso à avenida Central em direção do Jardim Esplanada. O shopping estava quase um quilômetro à frente.

O Shopping Colinas, que ficava bem no cruzamento entre as avenidas Jorge Zarur e Cassiano Ricardo, era um dos mais movimentados da cidade. Em frente ao shopping estava um hipermercado, o único aberto vinte e quatro horas em São José dos Campos, e na lateral do prédio se encontrava o Condomínio Colinas, um dos mais elegantes condomínios fechados da região.

Ivan contornou lentamente a rotatória e, logo em seguida, virou à direita, na rua onde ficavam duas das entradas do shopping, logo de frente para a portaria do Condomínio Colinas.

Assim que entrou na rua, acionou a seta para indicar que pretendia entrar no shopping. Ao chegar bem próximo, percebeu que o portão estava fechado.

— Que estranho... Shopping fechado num sábado? Nunca vi isso! — Ivan coçou a

cabeça.

— Vamos até a próxima entrada, quem sabe lá está aberto. — Estela franziu a testa.

Avançaram mais cento e cinquenta metros até a cancela seguinte, e lá também encontraram o portão fechado. Do lado de fora, uma placa informava que todo o shopping se encontrava fechado para reformas até segunda-feira.

Lembraram-se então da questão de vazamento de gás que fora noticiado. Era por isso. Fecharam o shopping para resolver o problema.

— Mudança de planos, pessoal. Estela, que tal irmos até o Shopping Center Vale?

— Boa ideia — respondeu ela.

Ivan retornou pela avenida fazendo o caminho contrário e pegou a alça de acesso do anel viário, agora indo em direção ao bairro Santana, na zona norte da cidade. Pegou a segunda saída do anel viário e, em menos de cinco minutos, eles entraram no shopping.

O Center Vale era o mais antigo e tradicional da cidade, e vivia lotado nos finais de semana, sobretudo nos dias frios de inverno. Ivan pensava naquilo quando olhou para o termômetro do carro. Aquilo estava certo? O termômetro marcava trinta e quatro graus! Em pleno mês de julho era demais!

— Nossa, que calor é esse? Vamos ao clube amanhã? Nem parece inverno! — falou Ivan, animado com a ideia de ir até o clube de campo e cair numa das várias piscinas do parque aquático.

— Acho que não vão abrir as piscinas amanhã. Nunca abrem no inverno. Mas não custa ligarmos lá mais tarde. Quem sabe? — ponderou a esposa, surpresa com aquela onda de calor fora de época. — De manhã estava friozinho, até peguei casaco para as crianças!

— Sim, marcava vinte e um graus quando a gente saiu. Subiu treze graus em algumas horas! — comentou Ivan, já pensando em tomar um chope durante o almoço.

O shopping estava apinhado de gente, para variar. Como havia uma grande reforma, parte do estacionamento fora desativada, e isso dificultava ainda mais conseguir uma vaga. Ivan e a família ficaram rodando por cerca de dez minutos numa fila que fazia inveja à Marginal Tietê, a caótica avenida que atravessava a capital paulista.

Ivan estava quase desistindo quando, finalmente, enxergou um carro que saía, e em instantes conseguiu estacionar.

No momento em que se preparava para desligar o motor, Ivan deu uma última olhada no termômetro. Foi ao acaso, já não estava mais pensando na temperatura, mas aquilo realmente chamou sua atenção. A temperatura saltara para inacreditáveis quarenta e três graus! E ele tinha parado numa vaga coberta, à sombra.

— Pelo amor de Deus, quarenta e três graus?! — Ivan arregalou os olhos. — Nossa, precisamos mesmo trabalhar na segunda-feira? Não dá pra a gente ir à praia?

— Puxa vida, dá vontade mesmo! — exclamou Estela. — Tenho algumas horas sobrando no meu banco de horas, pode ser uma boa ideia!

Atravessaram o estacionamento para entrar no shopping. Estela levava Aninha pela mão, e Ivan conduzia Matheus, apressando o filho, que, distraído, ouvia música no iPod, que o teimoso trouxera consigo. O ar estava abafado, um calor absurdo.

Em dado momento, Ivan olhou para cima. O céu estava azul, o sol brilhava com força e... Absinto era mesmo magistral, assim como os cientistas previram.

Estranhamente, Ivan nem sequer se lembrara, nas últimas horas, do espetáculo astronômico que era o assunto mais comentado e esperado dos últimos tempos — e que apenas alguns meses antes afundara o mundo num verdadeiro caos. Contudo, de repente, Ivan teve um estranho pressentimento. Havia algo errado.

— Amor, você está bem? — perguntou Estela, diante do olhar distante e preocupado do marido.

— Sim, tudo bem. Só estava pensando nesse calor fora de época. Estranho, não? — Ivan tentava parecer despreocupado.

— Sim, mas eu acho ótimo, adoro o sol. Vou ligar para o meu chefe e ver se posso enforçar a segunda-feira, o que acha? Você ainda está com o horário flexível? — perguntou Estela, animada com a perspectiva de pegar um bronzado.

— Sim, sim, acho ótimo — respondeu Ivan, sem se dar conta de que sua resposta não fazia sentido.

Estela estranhou, mas não falou nada.

Achar uma mesa dentro do shopping foi outra guerra. A praça de alimentação estava lotada, várias famílias se espremiavam tentando achar um lugar livre. Os lojistas deviam estar fazendo a festa, pensou Ivan.

Finalmente, encontraram uma mesa e sentaram-se, aliviados. Aqui e acolá ouviam pessoas comentando sobre como estava quente aquele dia. Um senhor de meia-idade se queixava. Tinha saído de casa logo cedo com uma camisa xadrez grossa, e agora estava morrendo de calor. Na mesa ao lado, uma senhora aparentando uns sessenta e cinco anos se abanava freneticamente.

Estela olhava para os restaurantes e as lanchonetes, tentando escolher o que comeria. Estava morrendo de sede também.

— Será que quebrou o ar-condicionado? Aqui parece estar mais quente do que lá fora, está parecendo um forno! — ela comentou, sentindo a blusa colar no corpo com o suor que escorria pelas costas. — Vamos comer logo e ir embora, estou louca para voltar para o ar-condicionado do carro.

Antes que pudessem decidir o que comer, Ana chamou a atenção dos pais.

— Olha, mãe, ela está passando mal! — exclamou a menina, apontando para a

mesa ao lado.

A senhora que se abanava acabara de cair no chão, bem ao lado da família. Clientes de outras mesas se levantaram, tentando acudir. Um senhor, aparentemente um médico, se ajoelhou do lado daquela senhora e tomou-lhe o pulso.

— Alguém chame uma ambulância! Ela está passando mal! — gritou para um dos seguranças do shopping que se aproximava.

Imediatamente, o homem sacou um rádio e começou a dar instruções para alguém.

Logo, uma pequena multidão se formou ao redor da senhora desmaiada e do homem que tentava reanimá-la. Ivan e Estela se ergueram e se afastaram um passo; queriam dar mais espaço para eles e também afastar um pouco as crianças daquela cena.

— Ela vai morrer, mamãe? — perguntou Ana, assustada.

— Não, filha, ela está bem. Aquele moço, que deve ser médico, está cuidando dela. Vê?

De repente, ouviram um barulho de pratos caindo. Em seguida, um barulho seco de algo grande e pesado indo ao chão. Olharam para trás espantados, e viram que, alguns metros à frente, um homem obeso aparentando uns quarenta e cinco anos, e que devia pesar cerca de cento e quarenta quilos, acabara de desmaiar também, fazendo tombar a mesa e derrubando tudo o que se encontrava em cima dela.

Um segurança correu até ele, e outras pessoas se apressaram para tentar ajudar. O homem estava pálido, com a boca levemente aberta, e parecia respirar com dificuldade. Pequenos espasmos faziam-no tremer de leve, como se estivesse tendo um princípio de convulsão.

Estela e Ivan se entreolharam e tomaram uma decisão juntos sem dizer uma única palavra. Estela pegou Aninha pela mão, Ivan passou um braço em volta do ombro de Matheus, e começaram a tentar sair da praça de alimentação lotada, onde agora várias pessoas, de pé, se acotovelavam tentando ver o que estava acontecendo.

Foi quando, sem nenhum aviso, o espetáculo mais bizarro da Terra teve início. Centenas de pessoas caíram estateladas no chão, quase simultaneamente. Homens, mulheres, crianças, idosos, seguranças do shopping, faxineiras, lojistas, balconistas das lanchonetes. Algo em torno de oitenta, talvez noventa por cento dos presentes foram acometidos por um mal repentino.

Ivan e Estela pararam diante daquela cena. Na realidade, foram tantas pessoas ao mesmo tempo que algumas praticamente caíram sobre eles. Alguns rolaram sobre os outros; uma mulher quase tombou em cima de Ana, que começou a chorar de medo. Estela, num átimo, pegou a filha no colo, tentando se equilibrar para não cair também.

Ivan puxou o filho com uma das mãos, com a outra buscando Estela. Precisavam sair dali. Ele não fazia ideia do que estava acontecendo, mas não importava. Tinha

de ir para algum outro lugar que fosse seguro para as crianças. Precisava ir para casa.

Enquanto a família, assustada, tentava passar no meio daquela imensa massa de gente enferma, outras se aproximavam, tentando passar por entre os desmaiados. Um grupo começou a afastar as mesas, para liberar espaço. Vários gritavam pedindo que alguém chamasse o resgate o mais rápido possível.

Por todos os lados, pessoas choravam e pediam ajuda. Maridos atônitos tentavam fazer suas esposas recuperarem os sentidos. Mulheres tentavam acudir seus homens e suas crianças. Adiante, um rapaz desesperado ergueu sua mulher nos braços e se esforçava para encontrar espaço para sair do meio daquela confusão.

Ivan e sua família brigavam para conseguir espaço para andar. Num determinado momento, ele não teve escolha a não ser pisar nas costas de um homem corpulento que jazia imóvel no chão, de mãos dadas com uma mulher que também havia apagado.

— Que diabos está acontecendo aqui?! — gritou Ivan para Estela, procurando falar acima dos gritos, soluços e pedidos de auxílio que vinham de todos os lados.

— Não faço ideia! — ela afirmou. — Meu Deus, será que está vazando gás? Será que é algum tipo de ataque terrorista? — Com a cabeça a mil, Estela tentava achar uma explicação.

— Sei lá! Mas precisamos sair daqui! Seja o que for que esteja acontecendo pode acabar nos afetando também! — Ivan tropeçou num senhor de uns setenta anos, caído à sua frente.

Em meio aos esforços para se desviar daquela bagunça, Ivan olhou para trás, direto na direção onde aquela primeira senhora havia caído, a primeira vítima daquele fenômeno estarrecedor. Ela continuava inerte no piso. O mesmo senhor atencioso que a amparara inicialmente continuava ao seu lado, mas agora, confuso, não sabia quem ajudar primeiro. Ele falava ao celular, na certa pedindo ajuda.

Então, a senhora abriu os olhos. Pouca gente sabia; seu nome era Lúcia, diziam seus documentos, tinha setenta e um anos e era dona de casa.

Lúcia vivia só desde a morte do marido, alguns anos antes. Seus dois filhos e seis netos de vez em quando vinham visitá-la, mas ela passava a maior parte dos seus dias sozinha. Vinha pensando em ligar para os filhos para combinar um almoço para reunir toda a família, quando uma falta de ar terrível sugara todo o oxigênio dos seus pulmões, de repente. Ela procurou se segurar, mas não conseguiu, e acabou se espatifando no chão, com o corpo completamente entorpecido.

Na hora, Lúcia sentiu a mente ficar vazia e uma inexplicável sensação de queda, como se estivesse mergulhando num oceano negro e infinito. A sensação mais apavorante de toda a sua vida. A partir daí, não sentiu mais nada; e nunca mais voltaria a sentir coisa alguma. Não iria mais pensar nos filhos, nos netos, no marido,

na solidão ou no que comeria no almoço.

Lúcia abriu os olhos, e ficou olhando para o teto por alguns segundos. O senhor gentil ao telefone que tentava ajudá-la percebeu que ela acordara e a fitou, aliviado. Foi quando ele reparou em seus olhos. Não havia cor nenhuma: estavam completamente brancos e vazios.

Ele se aproximou daquela mulher para poder ver melhor. Aquilo era impossível; ao longo de anos como médico jamais vira nada similar. Apoiou a mão no chão e chegou bem perto, olhando para o rosto enrugado de Lúcia, que ainda olhava — ou assim parecia — para o teto da praça de alimentação, sem esboçar reação.

— A senhora está bem? — perguntou o médico, aflito. — Está sentindo alguma coisa? Consegue falar?

Lúcia permaneceu imóvel por mais um instante, como se estivesse catatônica. Depois, virou a cabeça bem devagar na direção daquele que tentava ajudá-la, erguendo os braços na direção dele, como uma criança que pede colo para a mãe.

O médico segurou com delicadeza os braços finos de Lúcia e puxou-a para si. Estava colocando-a sentada, quando o inesperado aconteceu. Sem esboçar nenhuma reação, ela enlaçou o pescoço daquele homem, que tanto se preocupara com ela, e cuja vida devotara, em grande parte, a cuidar de outras pessoas, e mordeu com violência o seu pescoço, arrancando numa dentada um farto pedaço de tecido, nervos e carne.

Pego de surpresa pelo ataque, ele soltou um urro de dor e tentou empurrar Lúcia para trás. Mas ela estava presa a ele num abraço mortífero, mastigando, ávida, o naco de carne que arrancara com tanta violência.

Logo em seguida, a criatura que um dia atendera pelo nome de Lúcia, que continuava agarrada ao médico, que gritava desesperado tentando se desvencilhar a todo custo, virou o rosto de frente para sua vítima e tornou a mordê-lo, dessa vez pegando a bochecha e parte do lábio inferior. Abocanhou e puxou com força extraordinária, rasgando a carne de forma que parte da arcada dentária inferior ficou à mostra.

O homem fechou os olhos e cerrou os dentes, tamanha a dor, para depois explodir num grito de desespero e agonia. Apavorado, com sangue jorrando da jugular lacerada e do rosto desfigurado, ele enfim conseguiu se soltar, empurrando sua atacante, que caiu sentada, e, por fim, desmoronando estatelado para trás.

Com a cabeça girando, a dor insuportável o fazia tremer descontroladamente. De forma quase instantânea, ele sentiu o fôlego desaparecer, e a mesma sensação de vazio, de queda livre que Lúcia experimentara, tomou todo o seu ser. Em segundos, o médico mergulhou rumo à escuridão enquanto seus dois olhos, que permaneceram abertos o tempo todo, se tingiam de branco.

Ivan e Estela assistiram a toda a cena, atônitos. Olharam para o desgraçado caído

no mármore da praça de alimentação, e em seguida para a idosa, que, com ambas as mãos, segurava, vitoriosa o naco de carne que havia subtraído do infeliz diante de si, e a rasgava com os dentes de forma voraz.

Aninha soltou um grito de absoluto terror. Matheus enfiou o rosto na barriga do pai, para não ver o espetáculo de horror.

— Vamos correr daqui agora! — gritou Ivan, tentando tirar a esposa do estado de choque. — Vamos, Estela, rápido!

Estela saiu do transe imediatamente. Ao longo dos anos de casamento, Ivan mantinha o costume de usar quase sempre apelidos carinhosos ao se dirigir a ela, como “amor” ou “meu bem”. Ouvi-lo chamá-la pelo nome, portanto, e daquela forma, a fez voltar a si.

Assim, Estela deu meia-volta e saiu correndo atrás do marido, com Ana no colo, pisando nas pessoas que estavam caídas. Não se importava com nenhuma delas. Desesperada, queria tirar seus filhos dali a qualquer custo.

Por fim, conseguiram sair da praça de alimentação e chegar a um dos corredores do shopping. Lá, também havia diversas pessoas caídas, enquanto poucas tentavam ajudar.

Ao chegar àquele espaço mais aberto, Ivan ergueu Matheus no colo e começou a correr em disparada na direção da saída. Um homem nervoso tentou perguntar o que estava acontecendo, mas Ivan nem olhou para a cara daquele estranho. Desviou-se e seguiu em frente, com Estela logo atrás.

Chegaram à praça central do shopping, onde funcionava uma espécie de parque de brinquedos eletrônicos. Ali havia videogames, brinquedos de tiro ao alvo, cestas de basquete, piscinas de bolinhas, um trenzinho para as crianças etc.

Por todos os lados viam-se pessoas desacordadas, como se estivessem todas mortas. Para onde quer que olhassem, os mesmos sinais de desespero. Também viram indivíduos tentando sair do shopping, apavorados com tudo aquilo.

Logo, uma pequena multidão se acotovelava na saída, dificultando a passagem. Ivan e Estela se enfiaram no meio daquele grupo tentando arrumar um espaço para conseguir ir para o estacionamento. De repente, um grito de dor subiu acima das vozes e xingamento das pessoas que tentavam ao mesmo tempo sair do prédio. Vários pararam e olharam para trás ao mesmo tempo.

Uma moça de cabelos lisos e loiros, de uns vinte anos de idade, estava caída no chão, se debatendo, com um homem sobre ela. Ele tinha sangue nos lábios e mastigava um pedaço de carne humana, que arrancara do antebraço da jovem.

— Vitor, não! Sou eu, sua noiva! Pare com isso, por favor! — ela gritava, desesperada, tentando empurrar o homem com quem pretendia se casar, ter filhos, construir uma vida, e a quem procurara ajudar apenas alguns segundos antes.

Mas Vitor não parou. Tinha os mesmos olhos brancos, e o rosto, distorcido de

fúria. Com violência, ele deu um murro no rosto da noiva, que bateu a cabeça contra o piso, produzindo um baque surdo. A moça perdeu os sentidos na hora, para sorte dela, pois não viu nem sentiu o que veio a seguir.

Vitor pareceu indeciso por um instante sobre o que fazer, mas decidiu rápido. Levou as duas mãos à camisa da noiva e puxou para os dois lados de uma vez, arrancando todos os botões, deixando os seios fartos e brancos à mostra. Ato contínuo, mordeu o mamilo esquerdo, arrancando um naco de carne, destruindo um seio que ela sonhava que um dia serviria para alimentar uma vida. Dia esse que nunca chegaria. Aquele corpo jamais geraria um bebê. Ela nunca entraria numa igreja vestida de branco, nunca mais faria amor com seu noivo. Todos os sonhos daquela mulher foram ceifados naquela tarde.

Diante daquilo, outra mulher que também tentava sair do shopping soltou um grito e desmaiou de terror. Estela sentiu as lágrimas queimarem seus olhos, mas virou-se para a frente, empurrou ainda mais a massa humana que bloqueava a saída, e conseguiu finalmente sair para o estacionamento.

Ivan vira todo o ocorrido e até sentiu o ímpeto de voltar e ajudar aquela senhora, mas precisava pensar na própria família. Assim, acabou saindo junto com a esposa, sem olhar para trás. Tinham de chegar até o carro, era tudo o que importava naquele momento.

No estacionamento, Estela chegou a sentir um princípio de vertigem. O calor lá fora atingira um nível quase insuportável, devia ser o dia mais quente de todos os tempos. Ela e Ivan viajaram na lua de mel para a Bahia, em pleno verão, e não passaram tanto calor como agora. Aquele mormaço era insuportável.

Saíram correndo por entre os carros, seguidos por outros que também queriam se afastar daquele inferno, e viram que por lá também havia pessoas desmaiadas, caídas por todos os lados. Alguns veículos pararam no meio do estacionamento, com seus motoristas apagados, com o rosto encostado no volante.

Ivan não conseguia entender o que estava acontecendo. Que raios era aquilo tudo? Por que aquela gente apagou? E principalmente: por que aqueles dois acordaram aparentemente enlouquecidos?

Mas as perguntas de fato relevantes eram outras. Será que todas as pessoas, quando acordassem, despertariam naquele mesmo frenesi assassino? E de quantos indivíduos se tratava? Ivan tinha esperança de que aquela tragédia fosse resultado de algo que estava acontecendo dentro do shopping. Mas mesmo ali, ao ar livre, diversas pessoas foram afetadas.

Precisavam sair o mais rápido possível e se afastar daquele lugar imediatamente, antes que eles também fossem contaminados por aquela estranha praga; ou algo ainda pior acontecesse e eles fossem atacados por algum daqueles lunáticos.

Ao se aproximar do carro, Ivan colocou Matheus, que chorava de medo, no chão.

Ivan não conseguia mais respirar direito. Correria uns trezentos metros com o filho no colo, e Matheus era uma criança robusta, pesava mais de quarenta quilos. Ivan começou a procurar a chave nos bolsos.

— Pai, o que é aquilo?! — gritou Matheus, se agarrando ao pai, apavorado.

Aturdido, Ivan se virou e viu um homem atarracado, de meia-idade, andando vacilante entre os carros a cerca de quinze metros de distância, vindo na direção deles. Tinha o rosto dilacerado; a orelha e o olho esquerdos haviam sido arrancados, bem como parte da pele da face. Estava todo ensanguentado, o único olho bom, completamente sem cor e aparentemente vidrado neles.

— Entrem no carro, rápido! — Ivan se esforçava para controlar o pânico.

— Está trancado! Abre a porta! — gritou Estela de volta, procurando inutilmente puxar a maçaneta.

Nervoso, Ivan enfiou a mão no bolso e puxou a chave às pressas, mas, atrapalhado pelo filho, que tentava se agarrar a ele, assustado, derrubou-a no chão.

Naquele instante, mais de mil pares de olhos brancos e sem vida se abriram ao mesmo tempo dentro do Center Vale Shopping.

Lentamente, pessoas das mais variadas idades, cores e classes sociais despertaram daquele transe macabro. Mas, daquele momento em diante, tudo o que elas eram, conheciam, amaram e odiaram ao longo de suas vidas estava perdido para sempre. A partir daquele instante, seriam conhecidas por vários nomes, mas nunca mais seriam chamadas de pessoas. E realmente não eram mesmo.

Recém-nascidos numa terra desconhecida, da qual não tinham nenhuma lembrança concreta, eles aos poucos começaram a se erguer do chão, das mesas, das lojas, a sair dos carros. Não apresentavam nenhum tipo de expressão. Achavam-se vazios de consciência e sentimentos.

Aqueles desgraçados tinham sido rebaixados a um patamar inferior ao dos animais mais atrasados de toda a criação, e daquele dia em diante vagariam pela Terra com o único propósito de caçar os seres humanos.

Ivan parou por um momento, vendo aquelas criaturas sem coordenação motora erguendo-se por todos os lados, se arrastando, tropeçando, gemendo, caindo e se levantando de novo, órfãs, abandonadas naquele lugar à própria sorte.

Por um milésimo de segundo ele se apiedou de cada um daqueles miseráveis, mas seu instinto de sobrevivência falou mais alto, e Ivan voltou a se concentrar na sua prioridade: fugir. Ele sabia, no íntimo, sem ter certeza do porquê, que todas aquelas criaturas iriam imitar o comportamento do homem e da mulher que haviam presenciado poucos instantes atrás. Ivan tinha certeza absoluta de que estavam em iminente perigo.

Ele se abaixou rápido, pegou a chave do carro e apertou o botão que destravava as portas. Abriu rápido e praticamente jogou Matheus para dentro. O menino caiu

desengonçado no banco traseiro.

— Anda, Estela, coloca Ana no banco e entra logo! — gritou para esposa, abrindo a porta e sentando no banco do motorista.

Ivan nem precisava ter falado. Estela também empurrou a filha para dentro de qualquer jeito, bateu a porta e se enfiou no banco do passageiro, ao lado do marido, que já ligava o motor.

Estela soltou um grito quando sua porta foi aberta bruscamente pela bizarra criatura de um olho só que viram instantes antes. O ser, agora, tinha uma expressão feroz. Os dentes estavam visíveis, e um fio de saliva escorria pelo canto da boca. Ele soltou um urro aterrorizante, como um predador prestes a cair sobre sua presa.

Apavorada, Estela puxou a porta de volta com toda a força, tentando impedir aquela coisa de entrar no carro junto com ela e sua família.

As crianças gritavam e choravam, desesperadas. Matheus se espremeu contra a porta, como se tentasse aumentar a distância entre ele e aquele demônio vindo direto do inferno.

Estela chegou a bater à porta, mas ela não fechou. A mão esquerda daquele monstro estava presa. Quando Estela a fechou, não percebeu isso, e agora a porta não trancava; faltava um centímetro para conseguir travar. Pela violência do impacto era para ter quebrado todos os ossos da mão daquela criatura diabólica, mas, pelo visto, não havia acontecido nada. Ou simplesmente “aquilo” não se importava com a dor.

O homem puxou a porta de volta com a mão livre, e ele era fortíssimo. Num puxão conseguiu escancará-la de novo de uma forma tal que as dobradiças oscilaram perigosamente, e Estela por um segundo achou que a coisa conseguiria arrancá-la fora.

O movimento foi tão brusco que o ser se desequilibrou, dando um leve passo para trás, sem, contudo, soltar a porta. Dessa vez, Estela não conseguiria puxá-la de volta; e não teria nada que a separasse da criatura completamente enfurecida.

De repente, Ivan surgiu ao lado da coisa, como se tivesse se materializado do nada. No auge do pânico, Estela nem viu que ele saíra do automóvel pelo outro lado. E tinha nas mãos algo para lidar com aquele agressor: Ivan arrancara o extintor de incêndio que ficava sob o banco.

Quando o monstro olhou para ele, Ivan desferiu um golpe com o extintor de aço bem no seu rosto, esmigalhando seu maxilar e arrancando vários dentes. O sangue jorrou abundante, e a criatura girou e caiu de cara no chão.

— Você está bem? — perguntou Ivan para a esposa, que tremia no banco da frente.

— Sim. Vamos sair daqui, dá uma olhada! — gritou Estela, à beira da histeria.

Ivan olhou em volta e deparou com seu pior pesadelo. Havia centenas de pessoas

andando pelo estacionamento, vindo de diversas direções, e a maior parte delas seguia na direção deles. Todas tinham os mesmos movimentos desconexos e vacilantes, e os mesmos olhos brancos. Algumas sangravam, como se tivessem acabado de ser atacadas. Outras pareciam intactas. Mas nenhuma delas pertencia mais à raça humana.

Ivan bateu a porta da esposa com um estrondo, e ao dar a volta no carro viu algo que o deixou ainda mais assustado. A menos de dez passos de distância estava a moça loira que ele vira há poucos minutos sendo atacada pelo noivo dentro do shopping.

Apenas alguns minutos antes ela era completamente normal, ainda que gritasse com o rapaz que a mordeu no braço e depois no seio. Agora, a moça se transformara em algo diferente. Caminhava cambaleando na direção do carro, lavada de sangue dos pés à cabeça. Estava nua da cintura para cima, revelando o corpo outrora escultural, mas agora marcado por múltiplas lacerações nos seios, no abdômen... por toda parte. Quando seu olhar cruzou com o de Ivan, ela soltou um urro animalesco e acelerou seu andar vacilante na direção dele.

Ivan não ia, de jeito nenhum, esperar para ver o que ia acontecer. Entrou no carro e travou as portas imediatamente, enquanto pegava a chave, que fora largada no console central.

No instante seguinte, a mulher alcançou o veículo e tentou abrir a porta de Ivan. Como estava trancada, ela rugiu de frustração e começou a esmurrar o teto do carro e arranhar o vidro, inutilmente.

Ivan tentava, muito nervoso, enfiar a chave no contato, quando olhou para a janela ao lado da esposa, que falava sem parar para ele ligar o carro e tirá-los de lá de uma vez por todas. Ivan não se conteve e chamou a atenção dela:

— Estela, veja! — Ivan apontou, com um olhar de perplexidade.

Estela o obedeceu, e pela milésima vez naquele dia improvável não conseguiu acreditar no que via. O homem que acabara de atacá-la e cuja cabeça Ivan quase arrancara com o extintor de incêndio estava de pé do lado dela, apoiado no vidro.

O maxilar ficara completamente pendurado no rosto, preso apenas pela pele. Ivan dividira a cara daquele infeliz ao meio. A cabeça estava virada num ângulo estranho, o que fez Ivan imaginar algo teoricamente impossível: aquele homem tinha o pescoço quebrado. Ivan aplicara um golpe que teria matado qualquer pessoa normal, mas aquela coisa continuava de pé. Estaria provavelmente rosnando para Estela, caso tivesse uma boca inteira para emitir algum som.

Ivan finalmente conseguiu ligar o motor, e disparou com o Elantra pelo estacionamento, antes que fossem cercados pelas outras criaturas que já se aproximavam. Precisava tomar cuidado; havia alguns carros parados no meio do caminho, impedindo a passagem.

Ele entrou em vários corredores, desviando de carros e pessoas. Até que, num dos últimos corredores, já chegando à saída do shopping, Ivan acertou um homem em cheio. Estela deu um grito quando o rapaz se arrebentou contra o para-brisa, deixando uma imensa mancha de sangue no vidro e voando alguns metros para a frente.

Indeciso, Ivan parou por um instante. O rapaz ferido se achava bem no meio do corredor. Ivan não conseguira ver direito. Teria sido ele também afetado por aquele estranho fenômeno? Ivan queria sair dali imediatamente, mas estava na dúvida sobre deixar para trás alguém que ele atropelara.

Olhou para os lados; ninguém por perto. Precisava tomar uma decisão, e rápido.

— Merda! — exclamou Ivan, furioso. — Não saiam daqui. Deixe o carro ligado e trancado, entendeu, Estela?

— Você ficou louco?! — perguntou Estela, disposta a arrebentar o marido se precisasse. — Você não vai sair!

— Amor, calma! Como eu posso avançar? Só se eu passar por cima do cara! E se ele não tiver sido afetado por essa coisa toda? Vamos deixá-lo para trás para ser atacado por aquelas coisas? Não posso ficar com isso em minha consciência! — Ivan falava às pressas, tropeçando nas palavras.

Estela ficou parada por um segundo, com os dentes cerrados, tentando se acalmar. Não estava gostando nada daquilo, mas eles precisavam resolver logo, e discutir só piorava tudo.

— Você tem dez segundos, entendeu? Pensa nos seus filhos, droga! — falou Estela, por fim, rezando para não se arrepender.

Ivan não perdeu tempo, saiu do carro de um salto e bateu a porta. Depois bateu no vidro, fazendo sinal para a esposa trancar tudo. Estela apertou o botão de travamento, mas ficaria a postos, para o caso de precisar abrir depressa.

Ele avançou devagar até o homem caído. No fundo, torcia para que ele estivesse morto e não houvesse mais nada a fazer, mas tentava lutar com aqueles pensamentos.

Olhava em volta o tempo todo; queria ter certeza de que não tinha nenhuma daquelas criaturas por perto. Não conseguia parar de pensar na mulher desfigurada que tentara atacá-lo. Não fazia ideia do que estava havendo, mas tinha certeza de que aquela moça não fora afetada junto com as outras pessoas que desmaiaram, e que agora acordavam daquela forma. Ela foi contaminada de alguma forma. E se a jovem pôde ser contaminada, ele também podia; e era tudo que não queria que acontecesse. Por isso, tomaria cuidado redobrado.

A dois passos de chegar até o homem atropelado, Ivan parou. Podia jurar que o vira se mexendo. O homem movera um dos braços. Ivan ficou parado por instantes, tentando decidir se continuava com aquela ideia, que agora soava incrivelmente

estúpida. Naquele instante, o homem começou a se levantar.

Ele estava caído de bruços, e lentamente apoiou ambas as mãos no chão e se ergueu, parecendo atordoado. Estava de costas para Ivan, que continuava parado. Ele tinha que fazer algo — ou voltava correndo para o carro ou falava com o sujeito. Decidiu-se pela segunda opção.

— Você está bem? — perguntou Ivan, com um pé atrás, pronto para correr se fosse necessário.

O homem se virou, devagar. E Ivan percebeu que de fato fora uma péssima ideia. Se a criatura diante dele não o matasse, na certa Estela não o deixaria vivo. O homem tinha o rosto ensanguentado, e o nariz estava visivelmente quebrado. Sua cara era de poucos amigos, e os olhos, vazios e mortos, como os da loira mutilada.

No entanto, o homem não se mexeu. Ficou ali, parado, olhando Ivan. Aquilo o deixou na dúvida. Será que nem todos eram agressivos? Eles não sabiam nada a respeito daquelas pessoas; talvez alguns não oferecessem perigo de fato. Ivan decidiu arriscar um contato.

— Você está bem? Posso te ajudar? — perguntou ele, lentamente. — Qual o seu...

De repente, a criatura pareceu sair do seu transe e disparou na direção dele, enfurecida. Vinha vacilando, mas razoavelmente rápida, arrastando uma das pernas, que parecia estar quebrada.

Pego de surpresa, Ivan tentou se afastar da coisa, e tropeçou nos próprios pés. Por algum motivo que não sabia explicar, ainda arriscou uma última tentativa:

— Calma! Eu não vou te machucar! Está tudo bem! — Ivan projetou as mãos à frente como se fosse tentar segurá-lo.

Mas o homem não parecia disposto a parar, e avançou contra ele com ímpeto homicida.

Tudo aconteceu em poucos segundos. Quando Ivan fez menção de fugir, ouviu um carro arrancando, cantando os pneus, e o Elantra atingiu o homem com um estrondo. O sujeito caiu no chão com um baque seco, todo desengonçado. Ivan piscou, completamente sem reação.

Estela escancarou a porta do motorista e olhou para o marido, furiosa.

— Você vai entrar no carro ou continuará tentando fazer amizade com os zumbis? — A paciência de Estela estava por um fio.

— Zumbis? — perguntou Ivan, estranhando a palavra, familiar nos filmes de terror, mas completamente deslocada na vida real.

— Que merda você acha que eles são?! Entra no carro, porra! — gritou Estela, pulando de volta para o banco do passageiro.

— Mãe, eu estou com medo, fica comigo? — Ana conseguiu falar, finalmente, ainda soluçando. A pobre menina já havia chorado e gritado até não aguentar mais.

Estela olhou para o marido, na dúvida. Estava preocupada com as crianças, sobretudo com Matheus, que se mantinha quieto demais, com um olhar perdido, como se estivesse em estado de choque.

Ivan meneou a cabeça, incentivando-a. Estela pulou para o banco de trás e se sentou entre as crianças, dando as mãos para os dois filhos.

Ivan assumiu a direção e arrancou com o carro. Não chegou a se surpreender quando o homem se levantou de novo. Mas agora ele não vacilou e imitou a esposa, atropelando-o pela terceira vez.

Ficou pensando no que a esposa disse. Seriam de fato zumbis, criaturas que renascem dos mortos para se alimentar dos vivos, e assim transformá-los em outros zumbis, igual aos filmes de terror? Com essa questão em mente, horrorizado, Ivan arrancou a cancela da saída do estacionamento com o carro e seguiu para a rua, ganhando cada vez mais velocidade, rezando para que aquele pesadelo se restringisse apenas àquele local, que fosse um evento isolado.

Enquanto isso, Estela pegou o celular para ligar para a polícia. Alguém precisava tomar uma providência.

E arrepiou-se inteira ao constatar que o telefone não tinha sinal.

CAPÍTULO 3

APOCALIPSE



NAQUELE INÍCIO DE TARDE, aquela que fora a primeira presidente do Brasil, Dilma Rousseff, se achava em reunião com o seu antecessor e mentor político, o ex-presidente Lula. A reunião, em tom informal, acontecia no Palácio da Alvorada, a bela residência oficial da Presidência da República localizada em Brasília.

Participavam do encontro alguns dos mais importantes representantes dos maiores partidos políticos do Brasil. A presidente Dilma fora reeleita quase quatro anos atrás com votação recorde, fruto da imensa aprovação popular de seu governo. Entretanto, sua base aliada não era coesa; havia constantes disputas por cargos, ministérios, diretorias de estatais. Enfim, tudo aquilo com que sonham os políticos mais preocupados em legislar em causa própria do que em defender os eleitores, cujos interesses deveriam representar.

Dilma estava visivelmente cansada. Manter aquele grupo de pessoas satisfeito era uma tarefa árdua. Eram muitos interesses conflitantes, visões diferentes, opiniões diferentes, um verdadeiro caos.

A presidente vinha tentando, desde seu primeiro mandato, imprimir diretrizes voltadas à capacitação técnica, à experiência administrativa, às melhores práticas e à meritocracia. Não se enxergava como política, mas como a gestora de uma grande empresa chamada Brasil. A Dilma administradora sentia-se confortável na posição que ocupava, mas a Dilma política dava claros sinais de desgaste. Definitivamente, não pretendia se candidatar a mais nada quando chegasse ao fim seu segundo mandato. Provavelmente seria um alívio entregar a faixa presidencial ao seu sucessor.

Dilma, perdida em devaneios, prestava pouca ou nenhuma atenção às conversas à sua volta a respeito das últimas manobras da oposição política que sofriam de partidos adversários — oposição que quase não tinha mais voz no Planalto Central, tamanha era a coalizão governista.

Dilma se incomodava um pouco com aquilo tudo. Achava que o excesso de poder que conseguira reunir no Congresso e no Senado era um pouco danoso, diminuía a

capacidade de autocrítica. Precisava ficar alerta para aquilo, tinha de pensar no que era melhor para o país, mesmo que muitos dos presentes não concordassem com isso.

Foi arrancada desses pensamentos no momento em que vários dos seus interlocutores caíram catatônicos no chão. Quase todos sofreram um mal súbito, perdendo a consciência de forma instantânea. A presidente levantou-se de um salto e foi até Lula, que havia caído no piso de granito. Um de seus assessores, presente na reunião, tentava ajudar os homens inconscientes.

— O que está acontecendo aqui? — perguntou a presidente ao subordinado, que não sabia o que fazer.

— Não faço ideia, Excelência! Vou buscar ajuda. Por favor, não saia daqui! — respondeu o assessor, procurando recuperar a compostura e saindo da sala de reunião.

A presidente tentou em vão reanimar Lula. O que estava acontecendo? Seria alguma coisa na comida?

De repente, ela ficou tensa. Talvez fosse algum tipo de atentado, ou até mesmo um ato hostil por parte de algum outro país. Seria possível? Um ato de guerra contra o Brasil? Precisava se aconselhar com o ministro da Defesa imediatamente. E onde estava o maldito rapaz que tinha ido buscar ajuda?! Precisava do chefe de segurança imediatamente. Talvez não fosse seguro permanecer ali. Talvez fosse melhor que a levassem para o *bunker*** existente sob a residência oficial.

Após um minuto de indecisão, cercada por pessoas que talvez estivessem morrendo, a presidente decidiu que não ia mais esperar. Algo estava errado. Os protocolos de segurança eram claros: a sala já deveria estar repleta de agentes de segurança, visto que se tratava de uma situação de emergência. Ela nunca poderia estar desprotegida num cenário daquele.

Abriu a porta da sala de reunião. Com o coração palpitando, não conseguiu acreditar no que via. Do lado de fora, quatro agentes que deveriam estar de prontidão haviam desmaiado. A presidente estava completamente indefesa.

— Tem alguém aí? — chamou, aflita.

O que iria fazer? Ela era uma executiva, não estava preparada para lidar com aquilo. Para isso existiam agentes, seguranças e militares. Onde estava a cavalaria? Onde estavam todos?!

Sacou o celular e procurou o número do ministro da Defesa. Ela precisava de ajuda imediatamente. Todos os procedimentos de segurança e contingência estavam sendo descumpridos; era perigoso continuar ali.

O telefone do ministro estava chamando. Dilma se sentia ansiosa para ouvir a voz de alguém. Tinha necessidade de auxílio, de médicos, assessores, seguranças... Enfim, precisava de toda ajuda possível para decidir como lidar com aquilo.

De repente, o aparelho ficou mudo, sem nenhum sinal. Dilma começou a digitar novamente, mas parou ao ouvir um barulho atrás de si. Alguém acordara! Graças a Deus!

Quando se virou, deparou com o próprio Lula, o lendário político, que, sem estudo ou diplomas, sem dominar outros idiomas e sem parentes ricos, havia conseguido, por duas vezes, atingir o posto de líder máximo do país.

O Lula carismático e dos discursos inflamados, mas também o responsável por um dos governos mais cercados de escândalos de corrupção da história do Brasil. Esse Lula não existia mais. O que havia agora era uma criatura grotesca, que saía da sala se apoiando na porta, sem conseguir se mover direito. A boca espumava como a de um cão raivoso, e deixava à mostra os dentes arreganhados, formando uma careta demoníaca.

Quando a presidente viu aquilo, como reflexo, tentou fugir. Aquele não era o Lula que ela conhecia. Mas nem conseguiu sair do lugar, pois ele a agarrou pelos cabelos e a jogou contra a parede, derrubando dois quadros modernistas extremamente caros.

A presidente caiu de bruços no chão, batendo o rosto contra o piso de granito. Sentiu uma dor aguda no nariz fraturado, enquanto os olhos se enchiam de lágrimas. Nem mesmo quando fora presa e torturada durante a ditadura militar sentiu tanto terror. Pensou na filha, na neta, na viagem pela Europa que prometera a si mesma tão logo o mandato terminasse. E sentiu tristeza; no íntimo entendeu que sua vida acabaria ali.

Quando Lula a agarrou pelos cabelos e mordeu sua jugular com violência, a presidente gritou de agonia, sem que ninguém aparecesse para ajudá-la.

* * *

Peter Shumlin nasceu em 24 de março de 1956, em Brattleboro, no estado de Vermont, nos Estados Unidos. Iniciou sua carreira profissional como professor, mas em pouco tempo começou a se dedicar à política através do Partido Democrata. Teve uma carreira brilhante, elegendo-se várias vezes senador pelo seu estado natal.

Em 2010, sagrou-se vencedor nas primárias do partido para definir o representante do Partido Democrata nas eleições para governador do estado de Vermont daquele ano, vencendo o favorito, Doug Racine.

E, no dia 2 de novembro de 2010, Peter Shumlin confirmou a fama de campeão das urnas e bateu seu adversário, o republicano Brian Dubie, e se tornou o 81º governador do estado de Vermont.

Em 2014, repetiu o feito, reelegendo-se para o cargo de governador. Shumlin gozava de grande aprovação popular, e além disso, ganhara notoriedade nacional por conta de um acontecimento, no mínimo, inusitado.

Era noite de 14 de abril de 2012, quando o já governador Peter Shumlin foi

despertado por um estranho barulho vindo do quintal da sua casa. Ao olhar pela janela, constatou que havia quatro ursos numa árvore no seu quintal, tentando comer as sementes que ele costumava colocar para os pássaros, que sempre visitavam a propriedade. Disposto a espantar os ursos, Peter abriu a janela e começou a gritar para afugentá-los.

Acreditando ter conseguido seu objetivo, desceu até a cozinha, e tomou um susto ao perceber que os ursos voltaram. Disposto a proteger o almoço dos pássaros, Peter saiu da casa e tentou recolher os recipientes com as sementes. Nesse momento, um urso de dois metros de altura tentou atacá-lo.

Peter correu para dentro e literalmente bateu a porta na cara do urso, que não conseguiu seu intuito de ser o primeiro da história a jantar um governador. O episódio foi noticiado no mundo inteiro, e Peter Shumlin deu várias entrevistas narrando de forma bem-humorada o incidente.

Assim, conhecido em todo país e bem avaliado no estado que governava, ele se lançou no ano de 2016, na maior aventura política de toda a sua vida, e aos sessenta anos de idade venceu as prévias do Partido Democrata para tentar ser o sucessor da estrela maior do partido, Barack Obama, na presidência dos Estados Unidos da América.

Era branco, magro, nariz proeminente e com uma aparência jovial que evidenciava se tratar de um homem cheio de energia. Seu discurso prometia arrancar os Estados Unidos da crise que devastava o país fazia uma década, e conseguiu convencer os eleitores de que era capaz de salvar a economia.

No final daquele ano, Peter Shumlin confirmou o favoritismo e venceu a eleição presidencial, numa disputa das mais acirradas da história.

Tudo isso acontecera havia quase dois anos, mas agora ele não tinha tempo para pensar na sua bem-sucedida carreira ou no seu grande triunfo. Peter Shumlin corria pelos corredores da Casa Branca, acompanhado de dois seguranças armados. Rumava para o *bunker*, a célula de sobrevivência à prova de ataques nucleares sob a residência oficial do presidente dos Estados Unidos da América.

Os agentes seguiam o protocolo à risca. Precisavam colocar o presidente em segurança imediatamente, antes que fosse tarde demais. Tinham de se apressar. Aqueles maníacos vinham logo atrás deles. Eram lentos, mas muitos. Havia bloqueado o acesso mais curto ao *bunker* que existia dentro do Salão Oval, e por isso o presidente e os agentes de segurança foram obrigados a tomar um caminho secundário, bem mais longo.

Apenas alguns instantes antes, o presidente se encontrava numa reunião de rotina. O sucessor de Barack Obama era um legítimo *workaholic*, trabalhava aos sábados, e não raro aos domingos e feriados. Quando quase todo o seu *staff* desmoronou no chão, ele fez menção de ajudar, pediu ajuda, tentou prestar os primeiros socorros,

junto com algumas pessoas que permaneceram imunes ao ocorrido, e com os únicos dois seguranças restantes que agora tentavam salvar sua vida.

Da mesma forma que aqueles homens e mulheres apagaram, eles acordaram violentos e famintos. Mataram os poucos humanos sãos da Casa Branca a dentadas, bem diante dos olhos atônitos de Peter. Ele queria revidar, lutar contra aquelas criaturas, mas os seguranças o impediram, empurrando-o pelos corredores.

Uma assessora que não foi afetada pelo fenômeno foi atacada e esfaqueada viva por aquele grupo de anormais. Enquanto corria, Peter balançava a cabeça, tentando apagar a lembrança da pobre mulher sendo devorada apenas alguns instantes antes. Ainda ouvia seus gritos de desespero, implorando para que eles não a abandonassem.

E agora os zumbis vinham em seu encalço. Os únicos dois protetores de Peter que permaneceram normais abriram caminho entre os agressores a bala, abatendo-os com tiros na cabeça, em vários casos, à queima-roupa.

Um dos agentes chamava-se Andrew. Era um homem negro, de cerca de trinta anos, olhar duro e mira impecável, que atingira com um tiro certeiro no coração uma mulher que tentou agarrá-lo, mas ela pareceu não ter se importado nem um pouco, pois continuou avançando contra ele, furiosa. Andrew tornou a erguer a arma e atirou bem entre os olhos esbranquiçados daquela maníaca, que desabou imediatamente para trás e não se moveu mais, com pedaços do cérebro espalhados por toda parte. Depois disso, ele passou a atirar apenas no crânio dos seus atacantes. Como aquilo era possível? Ninguém era capaz de levar um tiro de uma Desert Eagle Mark XIX no peito e continuar vivo, muito menos permanecer apto a atacar.

E eram muitos, cerca de cem pessoas. Eles tinham de chegar ao *bunker* imediatamente. Precisavam de apoio, mas Andrew chamara seu superior e a equipe de retaguarda pelo comunicador, e ninguém respondeu. No entanto, ele ouviu gritos ao fundo, gemidos, e até mesmo alguns disparos, que já haviam cessado completamente.

Seu companheiro, Ron, era um agente mais velho, de uns quarenta e poucos anos e duas décadas de serviço à pátria. Ron combateu nos conflitos do Leste Europeu e, anos atrás, teve a oportunidade de integrar a equipe de segurança presidencial. Enquanto corria pelos corredores tentando ficar em segurança, só pensava na esposa, grávida de oito meses, em casa. Seu primeiro filho estava prestes a nascer. Portanto, Ron precisava se salvar. Não permitiria que seu bebê crescesse sem pai, assim como ele.

Quando chegaram ao corredor que levava ao *bunker*, deram de cara com um grupo de cerca de dez zumbis, alguns ensanguentados, outros não, que bloqueavam a passagem. Ron segurou o presidente pelo braço, puxando-o para trás de si, e

recomeçou a atirar. Derrubou duas criaturas, mas suas balas logo acabaram. E o grupo se precipitou contra eles, tentando agarrá-los.

Ron, com anos de experiência em combate corporal, começou a lutar de mãos limpas. Aplicou uma cotovelada no rosto de um homem logo à sua frente, que caiu no chão. Em seguida, pisou-lhe com força a garganta, esmagando o pomo de adão. Uma mulher com cerca de trinta anos, estatura mediana e aparência oriental, puxou-o pela manga do terno e tentou mordê-lo no ombro, mas Ron a impediu, empurrando-a contra a parede. Em seguida, após um segundo de hesitação, por tratar-se de uma mulher, Ron deu um golpe certo no rosto de sua oponente, uma técnica de *kickboxing* chamada *urakem*, que consiste em um soco frontal executado com as costas da mão. Bem executado, pode até matar uma pessoa. Ela bateu a cabeça contra o concreto e caiu no piso.

Quando ia atacar o próximo, Ron sentiu uma dor excruciante na altura do tornozelo. O homem que ele derrubou primeiro, cuja traqueia esmagara segundos antes, continuava vivo e acabara de morder sua perna. Ron tentou se soltar, mas um sujeito magro e alto à sua frente se jogou sobre ele, fazendo-o perder o equilíbrio. Ron caiu de costas no chão, com a criatura tentando mordê-lo no rosto, o hálito pútrido em sua cara, com fios de saliva caindo-lhe pelo rosto. Ron tentava se livrar dele, a perna doendo terrivelmente enquanto o outro zumbi continuava a mordê-lo, lacerando-lhe a carne.

Ron agarrou pelos cabelos da nuca o zumbi que estava sobre ele, puxando-lhe a cabeça para trás. Tinha de afastar os dentes dele de seu rosto, imaginando que era a sua única chance de sobreviver. Precisava se livrar, pois outros zumbis tentavam cercá-lo. Quando achou que conseguiria empurrar o monstro para trás, outro zumbi mordeu a mão que segurava seu agressor pelos cabelos. A mordida foi tão forte que arrancou os dedos anelar e mínimo, e o sangue jorrou. Ron soltou um grito de dor e acabou soltando os cabelos do zumbi, que tornou a cair sobre ele. Vitorioso, o zumbi mordeu sua orelha, arrancando-a fora, junto com parte da pele da face.

Agora, Ron se encontrava cercado por vários monstros. Alguns deles pertenciam ao grupo que os seguia, e que agora os alcançava. Abaixaram-se sobre ele, cada um tentando achar um espaço para morder. Ron gritava de agonia, sentindo mordidas e arranhões pelo corpo inteiro.

Um dos zumbis, um homem corpulento e muito forte, que antes era um dos seguranças do presidente, começou a esmurrar o peito de Ron até quebrar suas costelas, e depois rasgou sua caixa torácica com as próprias mãos, expondo os órgãos internos. Quando suas vísceras começaram a ser arrancadas, Ron enfim perdeu os sentidos. Uma lágrima escorreu do seu olho quando pensou no filho pela última vez. O pequeno Michael, que ele nunca iria conhecer.

E os zumbis aproveitaram o banquete.

Andrew viu aquilo tudo, mas, sem poder fazer nada, puxou o presidente pelo braço e continuou abatendo agressores com sua arma. Alguns zumbis, ao sentirem o cheiro de sangue, chegaram a esbarrar nele sem atacar, cegos de desejo para conseguir um pedaço do pobre Ron, que agonizava cercado pela turba furiosa.

Andrew, aproveitando a oportunidade — uma vez que os zumbis se mantinham completamente ocupados tentando conseguir um pedaço de carne humana —, chegou ao *bunker* com o presidente. Empurrou Peter Shumlin para dentro e fechou a pesada porta de aço atrás de si, trancando-a.

O *bunker* presidencial era composto de diversos cômodos. O primeiro era uma antessala de segurança, que podia ser trancada, isolando eventuais invasores que passassem pela porta principal. Em seguida, o salão principal, no qual havia um púlpito para o presidente se dirigir à nação, com a bandeira norte-americana ao fundo, além de sofás, cadeiras e câmeras de vídeo.

Havia também salas de reunião, um centro de comunicação via satélite, aposentos para a família do presidente e dormitórios para cerca de trinta pessoas, um arsenal completo, uma central de segurança, alimentos suficientes para meses, e tudo o mais que era necessário para manter o centro de comando do país funcionando em segurança, mesmo durante uma guerra nuclear. Em tempos incertos, como durante a crise dos mísseis de Cuba em 1962, o presidente praticamente se mudava para aquele local, passando a despachar direto de dentro da fortaleza.

Andrew deixou um Peter Shumlin ofegante no salão principal e foi até o centro de comando do *bunker*. Precisava falar com o responsável pela central de segurança em serviço; tinham que entrar em contato com a CIA, que era a quem caberia manter o presidente a salvo. Aliás, não conseguia entender como ninguém ainda mandara apoio. Havia câmeras de segurança por toda parte. O protocolo dizia que a equipe do *bunker* tinha a obrigação de recebê-los já na entrada — e onde estavam todos?!

Ao entrar na sala de comando, Andrew arregalou os olhos. Havia cerca de vinte zumbis lá dentro. Um deles se arrastava pelo chão — suas pernas foram arrancadas fora. Outros vinham cambaleando, se apoiando nas paredes, empurrando uns aos outros.

Andrew começou a gritar e atirou a esmo, mas suas balas acabaram logo. Foi agarrado por todos os lados, atacado de todas as formas. Mas, por algum motivo, ele quase não reagiu. Estava cansado demais, assustado demais e trancado na fortaleza mais segura do mundo com dezenas de assassinos psicopatas. Por isso, sabia desde o momento que entrou naquela sala que já estava morto.

Enquanto isso, Peter Shumlin tentava recuperar o fôlego no salão principal e, sem saber o que estava acontecendo, tentava organizar as ideias. De todo modo, se fosse algum tipo de atentado armado pelos norte-coreanos ou pelos iranianos, a CIA iria agir. Não importava quem eram os responsáveis por aquilo — uma declaração de

guerra seria inevitável.

Estranhando a demora do segurança em retornar, Peter Shumlin decidiu ir até o gabinete presidencial e acionou o sistema de videoconferência de emergência, usado para comunicações seguras com o secretário de Defesa. Tinha de saber se ele já havia sido informado sobre o incidente e quais providências estavam sendo tomadas.

Quando o *link* foi acionado, Peter Shumlin deparou-se com um cenário de terror no Pentágono. A tela mostrava a sala do secretário de Defesa dos Estados Unidos, Christian O'Hara, seu amigo havia mais de vinte anos, transformada num verdadeiro matadouro.

Schumlin viu um homem caído no chão, com sangue espalhado por toda parte. Ao seu redor, quatro zumbis o atacavam, rasgando com os dentes partes de seu corpo. Uma visão muito similar a que ele teve apenas alguns instantes antes. E Christian O'Hara era um dos agressores, mas não era mais o mesmo, era quase impossível identificá-lo com sua aparência grotesca.

Christian O'Hara, vendo a estarrecida imagem de Peter Shumlin no monitor, avançou na direção dele e se espatifou contra a máquina, derrubando tudo e cortando a transmissão. Peter Shumlin deu um pulo para trás, quase como se fosse possível o zumbi pular pela tela do computador e agarrá-lo. Era impossível, inacreditável, mas aquela praga atingira também o centro de segurança do país! Como eles poderiam enfrentar aquilo?

Pegou o celular para ligar para sua esposa, Deborah. Estava com um péssimo pressentimento, e queria ter certeza de que ela não corria perigo. Deborah estava na casa de campo de Camp David, no estado de Maryland, residência de segurança máxima oficial do presidente para finais de semana e férias. Torcia para que, pelo menos lá, as coisas estivessem seguras.

Enquanto fazia a ligação, Peter ouviu um barulho atrás de si. Quando se virou, deparou com um grupo de zumbis na porta da sala. Alguns gemiam, outros babavam e todos olhavam para ele, famintos.

Quando Deborah — aos prantos e apavorada, escondida num dos banheiros de Camp David para fugir de um dos seguranças que tentava devorá-la — atendeu ao telefone, só conseguiu ouvir os gritos do marido. A maior potência militar da Terra, a única que tinha alguma chance de tentar fazer frente àquela crise, estava oficialmente à deriva.

* * *

Boa parte de Pequim dormia quando o evento maligno começou. Já era tarde da noite, e muitos haviam se recolhido. Assim, famílias foram surpreendidas por maridos, mulheres e filhos que, de repente, se levantaram de suas camas transformados em feras assassinas.

Muitos foram mortos por seus próprios entes queridos, antes que fosse possível pedir socorro. Mas esse não foi o caso de Xi Jinping, o presidente chinês. No poder desde outubro de 2012, ele era um homem de aparência austera, olhar sereno e pulso firme contra qualquer tipo de desvio. Como feroz combatente da corrupção, viu-se credenciado a ocupar o cargo de Grande Timoneiro de toda a China. Era viúvo fazia quase dois anos, desde que sua esposa, a famosa cantora Peng, falecera, vítima de um tumor no cérebro. Desde então, o líder da segunda maior potência econômica do mundo dormia sozinho. E em breve seria acordado pelos gritos que ecoavam pela casa, a residência oficial localizada em Zhongnanhai, um complexo de edifícios em Pequim, onde funcionavam as sedes do governo e também do Partido Comunista.

Jinping, naquele instante, estava tendo um pesadelo com o planeta que todo o mundo queria ver. Fazia muito tempo que não sonhava com o gigantesco visitante que havia vários meses hipnotizava a humanidade, mas daquela vez era diferente. O planeta vermelho não era o único personagem assustador do seu sonho. No pesadelo ele viu Absinto no céu, exatamente como vira durante o dia. Era noite, e o vento soprava forte. Mas estava quente, um calor insuportável. De repente, Absinto começou a se tingir de vermelho. Mas não era um vermelho terroso, como o de Marte. Absinto se transformara numa bola rubra, como se o planeta tivesse sido inundado por um grande oceano de sangue.

Assistindo ao planeta sangrento no céu, Xi percebeu que uma figura feminina se aproximava. Uma figura conhecida, que por anos compartilhou o leito com ele, caminhava na penumbra avermelhada.

— Peng? É você? — perguntou Xi, esperançoso.

— Sim, sou eu — respondeu a esposa, com o rosto parcialmente escondido pela escuridão.

— Minha querida! Que saudade! — falou Xi, o coração batendo acelerado de emoção. — Eu esperei tanto por este momento!

Xi correu até a esposa e a abraçou, erguendo o corpo franzino do chão. Nunca se sentira tão feliz.

Peng o abraçou também, mas não foi um abraço animado. Ela não parecia feliz como ele. Algo estava errado.

Xi pegou o rosto da esposa entre as mãos e deu um beijo em seus lábios, mas Peng não retribuiu. Tinha um olhar distante, perdido. Parecia deprimida.

— Minha esposa, o que há de errado? Não está contente em me ver? Senti tanto a sua falta, perdi minha alegria de viver quando você se foi. — Xi se afligia com aquela reação.

— Meu marido, eu o amo e respeito. E quero que você saiba que nada do que vai acontecer é sua responsabilidade. Ninguém irá culpá-lo, não há nada que você possa fazer. — Peng olhava para baixo, com o semblante pesado.

— Não entendo, do que você está falando? Tem algo acontecendo que eu não sei? Diga-me! — ordenou o marido, sinceramente preocupado.

Sua esposa era uma mulher muito séria e equilibrada. Se ela dizia que algo iria acontecer, não era sensato duvidar.

Após alguns instantes de silêncio e com os olhos marejados de lágrimas, Peng finalmente falou:

— O mundo está mudando, meu marido. Os motivos não importam, mas haverá um número incontável de mortos. Bilhões perecerão, não só na China, mas nos quatro cantos da Terra. Pais se voltarão contra seus filhos, amantes se matarão, famílias, vilas e até cidades inteiras serão dizimadas até a última alma. Por toda parte, um verdadeiro oceano de lágrimas será derramado, e o sangue irá lavar as ruas e as casas. Os poucos que sobreviverem, e eu lhe garanto que serão muito poucos, vão desejar até o fim dos seus dias terem morrido. Tudo o que nós amamos um dia será completa e irremediavelmente devastado. Para a humanidade não existe mais esperança, nem uma gota sequer.

Xi olhou para Peng, tentando acreditar no que ela dizia. Como seria possível tamanha calamidade? Que evento terrível seria esse, para causar tanta destruição? Ele precisava de respostas. Era um dos homens mais poderosos do mundo; sem dúvida, se havia alguém que poderia fazer algo para impedir essa tragédia seria ele.

— Minha esposa, o que vai acontecer? Quem causará essa desgraça? — perguntou Xi, perplexo.

Peng olhou para cima, na direção do céu. Xi a imitou, e viu Absinto brilhando no firmamento, uma gigantesca bola de sangue pairando, ameaçadora, sobre a Terra. Quando Peng fitou o marido, seus olhos tornaram-se brancos como a neve.

— A pergunta correta não é *quem*, mas *o que* irá arrasar a raça humana — respondeu Peng.

Xi acordou assustado, com a lembrança dos olhos mortos da esposa. Por um instante, achou que ainda estivesse dormindo. Estaria ainda sonhando? Ou de fato ouvia gritos ecoando pelos corredores?

Não, definitivamente não era um sonho. Ele ouviu gente gritando, chorando, e urros furiosos. O barulho de pessoas correndo também e, logo em seguida, começou a ouvir muitos tiros. Parecia que uma guerra havia se iniciado dentro do complexo.

De um salto, Xi colocou-se em pé e vestiu um roupão branco. Foi até a porta e a abriu com cuidado, tentando vislumbrar algo que explicasse aquela gritaria. Deu de cara com um grupo de agentes do Diaochabu, o temido Serviço Secreto Chinês, que tinha entre suas atribuições proteger o presidente e os membros mais graduados do Partido Comunista.

O Diaochabu era a agência secreta mais poderosa do mundo, mais influente do que a CIA ou a russa KGB dos tempos da guerra fria, com cerca de dois milhões de

agentes espalhados por todo o território chinês e também pelo resto do globo. Seus agentes recebiam o melhor treinamento conhecido pelo homem, tanto nos segmentos de inteligência e estratégia quanto nos de combate.

— Senhor Xi, volte aos seus aposentos imediatamente! — O agente, um homem corpulento, de cabelo curtíssimo, ao estilo militar, portava nas mãos um rifle de assalto QBZ-95, a fantástica arma de guerra criada pela indústria bélica estatal chinesa, considerado por muitos especialistas tão bom quanto o lendário rifle AK-47 russo.

— O que está acontecendo aqui? Ordeno que me deem uma explicação! — bradou Xi, usando o peso do seu cargo.

— Senhor, nós não sabemos. Estamos sob ataque. Uma horda de psicopatas invadiu o complexo e, dentre os insurgentes, há vários membros do serviço de segurança e do partido. E até crianças estão atacando, e são muitíssimas! Uma equipe tática fiel ao senhor acaba de descer ao saguão principal. Vamos tentar conter o avanço deles. Estamos tentando, sem sucesso, contatar o secretário da Defesa, mas informações preliminares dão conta de confrontos ocorrendo em várias cidades; não sabemos quantas regiões e nem quantos atacantes. A República Popular da China está sob ataque!

Xi passou a mão na cabeça. Precisava manter-se calmo; agora era importante a serenidade para tomar decisões. Se conseguissem conter os atacantes por um tempo, com certeza os reforços chegariam. Zhongnanhai era estrategicamente cercado de diversas unidades militares, inclusive de infantaria blindada. Confiava que os agentes seriam capazes de lidar com os revoltosos.

— Os agressores estão fortemente armados? Vieram com uma infraestrutura de ataque sofisticada? — Xi queria saber com que tipo de oponente estava lidando.

O agente à sua frente ficou silencioso de repente. Essas eram as perguntas que temia ouvir, pois não tinha resposta para dar. Pelo menos não resposta lógica.

— Senhor, esta é a parte impressionante. Ao que tudo indica, os agressores estão avançando desarmados. Eles parecem não temer as armas de fogo, e avançam de mãos nuas e peito aberto! — informou o oficial, com uma clara nota de medo na voz, apesar da aparência profissional e controlada.

Xi parou diante do oficial, tentando descobrir se o homem havia enlouquecido. Mas ele parecia bastante são.

— Oficial, de quantos atacantes estamos falando? — perguntou Xi, num sussurro.

— Senhor, nós não sabemos, nossos serviços de inteligência não respondem e...

— Oficial, responda a pergunta! Aproximadamente quantos atacantes estão lá fora tentando invadir este prédio, e quantos homens temos para defender nossas posições? — exigiu Xi, enérgico.

— Senhor, eu diria que são mais de três mil pessoas, e contamos com cerca de

vinte agentes lá embaixo. Os outros estão mortos, fugiram ou simplesmente se uniram aos nossos agressores — respondeu por fim o agente, derrotado.

Os demais agentes que o acompanhavam olharam para o chão, sem saber o que dizer. Foram muito bem treinados, mas nunca foram preparados para algo similar àquilo.

— Você está liberado. Você e seus homens podem descer e ajudar seus companheiros — falou Xi, calmamente.

— Senhor, nosso dever é protegê-lo. Temos ordens de mantê-lo em segurança até...

— Agente, esta é uma ordem expressa! Desçam agora mesmo e ajudem seus companheiros. Eles precisam de vocês mais do que eu! Agora!

Sem coragem de contradizer o líder máximo do país, o grupo começou a correr pelo corredor em direção às escadas. Antes que se afastassem muito, Xi gritou para o agente com quem acabara de falar:

— Agente, qual o seu nome?

— Agente especial Chang, senhor — ele respondeu.

— Chang, nossos agressores têm os olhos brancos como leite, olhos aparentemente mortos? — No entanto, Xi já adivinhava a resposta.

— Sim. Como o senhor sabe? — Chang o fitou, perplexo.

— Não importa, rapaz, realmente não importa. Boa sorte para todos vocês — respondeu Xi.

Xi observou os homens avançarem pelo largo corredor na direção da escadaria e viu o momento exato em que os zumbis surgiram. Uma multidão imensa que acabara de subir as escadas e apareceu diante do grupo de agentes.

Os homens abriram fogo imediatamente contra o bando de criaturas demoníacas, derrubando vários seres que vinham na linha de frente. Mas o corredor era amplo, e o grupo, muito numeroso. Os agentes, que foram logo cercados pelas criaturas, continuavam atirando em todas as direções.

Xi ficou petrificado diante daquela cena e viu os agentes serem engolidos pela turba de feras. Em poucos segundos, não via e não ouvia mais nenhum deles, apesar de ainda escutar os tiros dos fuzis sendo disparados.

Alguns dos zumbis o avistaram e começaram a avançar pelo corredor na direção de Xi e de seus aposentos. Ao ver aquilo, o dirigente conseguiu sair do seu torpor e voltou para o quarto, batendo a porta e trancando-a imediatamente.

Xi ficou parado no seu quarto por um instante, com o coração disparado. Lembrava-se da cena grotesca que havia presenciado e, sobretudo, do sonho que tivera e das palavras da esposa, que ecoavam na sua cabeça.

“Para a humanidade não existe mais esperança, nem uma gota sequer”, ela dissera. De repente ele acreditou nela. Começou a ouvir os primeiros gemidos e rosnados do

outro lado da porta, e em seguida as criaturas passaram a arranhar a madeira e mexer na maçaneta.

Olhou para o quadro que ficava na parede logo acima da cama. Nele estavam ele e Peng, no clube de campo que frequentavam nos finais de semana. Eles eram jovens e estavam prestes a se casar. Que tempos felizes foram aqueles! Até Peng morrer, Xi não tinha se dado conta do quanto amava a esposa. Como gostaria de ter feito tudo diferente. Queria ter tido mais chances de expressar o que sentia. Queria ter aproveitado mais a vida com ela. Queria tê-la levado para a Europa, para a Austrália, para o Brasil. Queria ter desfrutado de mais jantares românticos e participado de menos reuniões de trabalho. Queria poder tentar de novo. Só mais uma vez seria suficiente.

— Obrigado por vir me avisar sobre tudo isso, meu amor — Xi murmurou. — Quero que saiba que eu penso em você todos os dias desde quando você se foi. Mas agora está tudo bem, estou indo te encontrar. Estou voltando para você.

Xi foi até o criado-mudo, abriu a gaveta e sacou seu revólver. Em seguida, encostou-o na cabeça e apertou o gatilho.

* * *

No dia 14 de julho de 1789, aparentemente um mal-entendido culminou em um evento que ecoaria por todo o mundo. Em Paris, havia grande tensão em torno da posição do rei com relação à criação da Assembleia Nacional, uma entidade criada por comerciantes e ricos proprietários que tinha como objetivo a elaboração de uma Constituição Francesa. Tratava-se de uma resposta da burguesia ao rei Luís XVI, que era muito criticado pela sua incapacidade de lidar com a crise financeira que assolava o país, aprofundada pela intervenção francesa na Guerra da Revolução Americana. O rei relutava na aceitação da autoridade da Assembleia, e muitos apostavam que o braço forte do Estado esmagaria o movimento, e a Assembleia Nacional e seus defensores poderiam vir a ser perseguidos pela monarquia.

No dia 14 de julho em questão, o jornalista Camille Desmoulins, após uma discussão acalorada em frente ao Palácio Real, saiu pelas ruas instigando o povo a pegar em armas, pois ele dizia que as tropas reais estavam prestes a lançar uma ofensiva de repressão sobre toda a população de Paris.

Um grande número de populares acreditou nele e acompanhou o jornalista até os Inválidos, um antigo hospital que abrigava um dos maiores arsenais da França. Lá encontraram cerca de vinte e oito mil mosquetes e diversos canhões. Porém, eles não conseguiram pólvora para carregar as armas; a pólvora era guardada em outro lugar que entraria para a história naquele dia: a Bastilha, a antiga fortaleza localizada no popular bairro de Santo Antônio, que fora convertida na mais emblemática e temida prisão de toda a França.

Dessa forma, os revoltosos rumaram para a antiga edificação, dispostos a tomar pela força a munção da qual necessitavam para se defender das tropas reais.

A Bastilha era governada por um nobre, o marquês de Launay, que tentou conter a situação, mas um disparo accidental de um dos guardas deflagrou o conflito. No final, cerca de cem pessoas morreram, a maioria esmagadora de revoltosos. Eles tomaram um dos maiores símbolos do poder monárquico. Em seguida, a Bastilha foi incendiada e totalmente destruída.

O marquês de Launay teve um fim igualmente trágico: foi decapitado, e sua cabeça desfilou pelas ruas, fincada numa lança, carregada pelos revoltosos, em sinal de vitória dos manifestantes e num claro desafio ao poder real. Em consequência desse episódio, foi formulada a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, que serviu de base e inspiração para as democracias do mundo todo. Em seguida, o rei se viu obrigado a acatar as leis definidas pela Assembleia Nacional na nova Constituição Francesa.

A Queda da Bastilha tornou-se o mais emblemático episódio da Revolução Francesa, e o dia 14 de julho passou a ser o mais importante feriado de toda a França, todos os anos comemorado com desfiles militares e muita festa, não só na França, mas também no mundo todo, organizado por suas embaixadas e missões diplomáticas. O ponto alto da comemoração da Queda da Bastilha não poderia ser outro senão o desfile militar, que acontecia todos os anos, no coração de Paris, na Avenue des Champs-Élysées. Desse desfile participavam homens e mulheres, membros dos três exércitos cujo lema era “A serviço da nação e da paz no mundo”.

A Champs-Élysées forma o eixo histórico de Paris. Com pouco menos de dois quilômetros de extensão e cerca de setenta metros de largura, ela inicia-se na Place de La Concorde, junto ao Obelisco de Luxor e os Jardins das Tulherias, terminando na praça Charles de Gaulle junto ao Arco do Triunfo, o imponente monumento erguido a mando de Napoleão Bonaparte para lembrar a humanidade de suas conquistas militares.

A comemoração da Tomada da Bastilha do ano de 2018 prometia uma festa maior do que todas as outras já realizadas, pois coincidia justamente com o dia em que Absinto estaria mais próximo da Terra. Por isso, Paris fervia de animação; seria um espetáculo coroado por outro maior ainda.

Com tudo o que o dia representava, Paris estava repleta de autoridades. Presidentes e ministros de várias nações compareceram ao evento que realmente seria memorável, mas por razões bem diferentes das que todos imaginavam.

A tribuna de honra foi montada próxima ao Arco do Triunfo, local de onde partiriam membros do exército, da marinha e da aeronáutica, devidamente alinhados. Também participariam do desfile blindados, carros de assalto, caminhões lança-mísseis, jipes e uma enorme variedade de veículos de combate. Ao final, aconteceria

uma exibição com aviões de caça e a famosa esquadrilha da fumaça francesa, que sempre pintava o céu de azul, branco e vermelho, as cores da bandeira. No programa, também estava prevista uma grande queima de fogos na Torre Eiffel, que se achava à direita da tribuna de honra, a realizar-se mais à noite.

Cerca de uma hora antes de o desfile começar já havia milhares de pessoas perfiladas ao longo da Champs-Élysées aguardando o início da comemoração. Além de membros da sociedade francesa, inúmeros turistas também vieram prestigiar a maior festa popular da França.

O desfile começou com a passagem do presidente francês, François Hollande, que vinha em carro aberto acompanhado da primeira dama, Valérie Trierweiler, seguido de perto pela banda do exército. O mandatário e sua esposa passaram acenando para a multidão enquanto uma chuva de papel picado caía do céu.

Depois, desfilaram diversos pelotões. Homens armados, em traje de combate, em traje de gala, e diversas alas passaram em sequência, totalizando mais de cinco mil pessoas. Um belo desfile em um belo dia de sol, tendo como principal expectador o gigantesco planeta vermelho, que pairava no céu, também atraindo milhares de olhares.

As máquinas fotográficas a cada momento focavam ora o planeta, ora o desfile. O único inconveniente era o calor sufocante. A França vinha enfrentando um dos verões mais quentes de todos os tempos, mas a temperatura daquele dia era insuportável: seria possível fritar um ovo no asfalto. Homens e mulheres usavam o que tinham à mão como abanador para tentar diminuir o incômodo.

No final do desfile, quando os aviões Mirage passavam de um lado para outro dando rasantes a uma altura segura, as pessoas começaram a desmaiar. Primeiro, aos poucos, depois aos milhares. Caíram umas sobre as outras, algumas romperam as faixas de segurança e tombaram no meio da Champs-Élysées. Na tribuna de honra aconteceu o mesmo: o presidente e a primeira dama também apagaram, estatelando-se lado a lado no tablado.

Os que permaneceram acordados gritavam e tentavam socorrer os enfermos, repetindo o circo de horrores que se desenrolava nos quatro cantos da Terra. Como as forças armadas se empenhavam na preparação do desfile, foi mais difícil ainda tentar organizar uma resposta bélica para o que viria a seguir.

Um dos jatos de caça que participavam do desfile, um Dassault Rafale de última geração, começou a oscilar perigosamente, enfim apontando em direção ao chão. Ele mergulhou sobre a multidão ao redor da Champs-Élysées, arrancando árvores e ceifando vidas, atingindo tanto pessoas acordadas quanto desmaiadas.

Mais de mil seres humanos morreram com o impacto, que causou uma explosão tão violenta que estilhaçou as vitrines das lojas do outro lado da avenida. A situação, que já era desesperadora, descambou para o pânico generalizado, e

milhares de indivíduos começaram a correr. Alguns carregavam ou arrastavam entes queridos, todos se acotovelando, pisando nos enfermos, na desesperada tentativa de escapar.

Quando a imensa massa de dezenas de milhares de zumbis despertou, Paris conheceu o maior massacre de toda a sua longa história. Grupos de despertos avançaram sobre amigos, parentes e desconhecidos, indistintamente. Para eles, aquela gente não passava de alimento. Pessoas eram mutiladas no meio da grande avenida.

Vários correram para as diversas estações de metrô procurando fugir, em vão, pois os trens também estavam parados — muitos condutores e operadores das centrais de controle também haviam sido afetados. Diversos trens viraram palco de verdadeiras chacinas, pois os passageiros infectados por aquela praga atacaram os demais ocupantes, que se amontoavam nas portas tentando sair.

Membros da polícia e das forças de segurança primeiro procuraram ajudar os doentes, depois os feridos pela queda do avião e, por fim, passaram a atirar nos zumbis, que começaram a matar tudo o que encontravam pela frente.

Quem conseguiu alcançar os carros teve mais sorte, porém as chances eram mínimas. As avenidas estavam paradas, com carros, ônibus, caminhões atravessados nas pistas. Havia carros batidos por todos os lados, muitas pessoas desmaiaram enquanto dirigiam e não conseguiram sequer parar. Um ônibus tombara, matando diversos ocupantes. E agora os passageiros saíam dele, alguns apenas feridos, e outros transformados em demônios devoradores de gente.

No Aeroporto Charles de Gaulle, um Boeing 767 com mais de duzentos passageiros a bordo se espatifou na pista após piloto e copiloto perderem os sentidos ao mesmo tempo. Ninguém sobreviveu, e a explosão causou uma bola de fogo e fumaça que poderia ser avistada a quilômetros de distância. Aquela cena se repetiria não só na França, mas em praticamente todos os países do globo.

O vice-presidente francês pôde ser colocado em segurança a tempo por alguns poucos membros de sua equipe de segurança, mas não sem antes matarem dezenas de zumbis. No entanto, o que ele poderia fazer naquela situação? Os sistemas de comunicação estavam em pane, membros do alto escalão haviam morrido ou desaparecido, e as forças armadas, entrado em colapso, com mais de noventa por cento do seu contingente morto, e os membros restantes tentando fugir da turba de criaturas homicidas que corria pelas ruas e becos de Paris, perseguindo seres humanos apavorados que tentavam salvar suas vidas a todo custo.

Imediatamente, forças do exército e da polícia passaram a coordenar esforços para conter a crise. Improvisaram barricadas nas ruas, num esforço desesperado para deter a multidão de pessoas ensanguentadas, dilaceradas e cambaleantes que avançam, trôpegas, contra eles, enfurecidos e privados de toda a sanidade.

Por toda a cidade ouviam-se tiros. Alguns poucos helicópteros alçaram voo, tentando entrar em contato com seus centros de comando, ou simplesmente fugindo para algum lugar seguro. Mas não havia mais nenhum lugar seguro no mundo. Só o que restava fazer, para os que sobreviveram ao colapso inicial, era fugir dos zumbis e se esconder em algum lugar, pois eles formavam uma força incalculável, um poder que nenhum império na história humana conseguira reunir.

Aos humanos só restava rezar.

* * *

Um dos mais famosos órgãos subordinados ao departamento da Defesa norte-americano era o de Administração Nacional da Aeronáutica e do Espaço, ou, da sigla em inglês, simplesmente NASA, a agência espacial norte-americana.

A NASA foi criada em 1958, com o intuito de fomentar pesquisas, descobertas e exploração espacial. Era sediada em Washington, D.C., nos Estados Unidos. Durante os eventos que cercaram o planeta Absinto era chefiada por Charles Bolden Jr., que, tendo assumido a função de presidente em 2009, era o homem que ocupou por mais tempo a chefia da entidade, superando o recorde anterior de James Webb, que permanecera sete anos no comando da NASA. Ex-astronauta e comandante da missão que colocou o telescópio Hubble em órbita, Charles Bolden Jr. foi o primeiro negro a ocupar a chefia da primeira entidade a conseguir mandar um homem até a Lua, indicado por outro afro-americano, o ex-presidente Barack Obama. Era um homem de riso fácil e incrivelmente maleável.

Charles e a NASA acompanhavam o planeta Absinto de perto desde o momento de sua descoberta, quase um ano atrás. E, obviamente, aproveitaria a proximidade do planeta para realizar o maior número possível de análises e estudos a respeito daquele visitante misterioso.

Por isso, técnicos e cientistas de diversos observatórios e centros de pesquisa focaram seus telescópios e suas câmeras infravermelhas no planeta, tentando coletar o maior número possível de dados, os quais pretendiam estudar por anos a fio. Satélites foram desviados, e até mesmo o telescópio espacial Hubble vinha sendo utilizado na empreitada.

Dessa forma, desde vários dias antes da data fatídica, o planeta vinha sendo constantemente monitorado por diversos centros de pesquisa, observatórios, universidades e afins. Naquele dia, entretanto, foi observado algo completamente novo.

Charles Bolden estava no Ames Research Center, em Mountain View, na Califórnia, no dia 14 de julho, acompanhando de perto as pesquisas que eram realizadas a respeito do planeta Absinto. Da sua sala particular, acompanhava em tempo real as filmagens e fotos que chegavam a todo instante e eram armazenadas nos potentes

servidores do complexo.

Outros dados enviados por satélite também eram catalogados e armazenados em tempo real, tais como temperatura, pressão, gases registrados na órbita do planeta, e assim por diante. Um vasto trabalho de pesquisa que permitiria os mais diversos estudos. Charles inclusive já tinha uma reunião marcada para a semana seguinte com o presidente Peter Shumlin, para discutir um possível aumento no orçamento a ser proposto ao Senado, visando assim ampliar as instalações e equipes que seriam utilizadas nos estudos.

Junto com Charles estava Vivian, técnica de carreira da NASA que sempre acompanhava o diretor, dando suporte técnico quando necessário. Ela se achava em uma outra mesa do escritório revisando alguns *e-mails* no *notebook*. Vivian era magra e baixa, com óculos redondos um pouco desproporcionais para seu rosto pequeno. Sua aparência imediatamente era associada a uma *nerd* — o que ela de fato era.

Eram nove horas da manhã, e eles haviam acabado de chegar ao escritório. O centro de pesquisas ainda estava vazio; os técnicos costumavam chegar um pouco mais tarde aos sábados. Aquele era o dia em que as melhores imagens seriam captadas, mas todo o aparato já estava pronto fazia meses. Então, na realidade, seria necessário apenas se certificar de que todos os equipamentos funcionavam normalmente. Mas Charles queria ver de perto, e por isso, ele e Vivian estavam ali.

Charles olhava preguiçosamente a tela do computador, visualizando o programa que alternava as imagens em infravermelho. Estava com sono ainda; fora dormir de madrugada na noite anterior, e mal teve tempo para cochilar um pouco. Ele precisava urgentemente de férias, mas naquele momento um copo de café teria de servir. Mal podia esperar para retornar a Washington para poder ficar um pouco com sua família.

De repente, algo chamou sua atenção. Viu um pequeno ponto prateado, quase imperceptível, entrando na atmosfera do planeta Absinto. “Interessante”, pensou Charles; devia ser um meteorito.

Porém, logo em seguida viu mais outro. E em seguida mais outro, e foram aparecendo cada vez mais pontinhos na tela, penetrando no planeta por várias direções. Aquilo era muito estranho; o planeta estava sofrendo uma chuva de meteoros? Como eles não captaram nada antes? Absinto estava sendo monitorado dia e noite!

— Vivian, dê uma olhada nisso, por favor — pediu o diretor para a sua assistente.

— O que é isso? — perguntou Vivian, confusa. — O que são essas coisas? Meteoritos?

— Foi o que pensei a princípio, mas não estão muito rápidos? E são muitos, deve ter mais de mil na tela! Teríamos detectado uma chuva de meteoritos tão grande

antes, não acha? — O diretor estava confuso.

— Sim, com certeza, estamos monitorando o planeta e todo seu entorno há meses!
— Vivian olhava a tela quase sem piscar.

De repente, o número de pontos brancos aumentou de forma inacreditável. Eram tantos que quase cobriam a imagem do planeta. A tela, de uma hora para outra, ficou praticamente branca.

— Que merda é essa?! — perguntou Charles, espantado. — Não vejo nada!

— Calma, vamos mudar para a imagem de outro satélite, algum mais distante. Assim, conseguiremos ver de qual direção essas coisas estão vindo. — E Vivian assumiu o comando do computador.

Quando ela alternou a imagem, os dois ficaram petrificados. Dava até para ouvir os ponteiros do relógio de parede se movendo, tamanho o silêncio que pairou naquela sala. Na imagem mais aberta, via-se claramente a origem daqueles inúmeros pontos brancos. Vinham da Terra e de nenhum outro lugar. Riscavam o espaço velozmente, diminuía a velocidade ao penetrar a atmosfera de Absinto e desapareciam dentro do planeta. Eram tantos que formavam um desenho nítido, apesar de as imagens estarem sendo captadas a uma distância de milhões de quilômetros. Era a imagem mais linda que Charles vira na vida.

— O que será isso? Outros observatórios estão captando a mesma coisa? Por que ninguém entrou em contato ainda? — Charles se sentia hipnotizado por aquele balé cósmico. Era simplesmente maravilhoso.

De repente, Vivian caiu da cadeira, batendo a cabeça no piso de madeira. Charles tomou um susto enorme, mas não teve tempo de segurar a moça, que ao cair, derrubou telefone, grampeador e mais alguns utensílios de sobre a escrivaninha.

Charles começou a chamá-la pelo nome, dando tapinhas leves em seu rosto para tentar reanimá-la. Pegou sua mão, que estava gelada, apesar de molhada de suor. Seria algum tipo de crise epilética? Ele nunca ouvira falar que Vivian tivesse algum problema de saúde. Meio sem jeito, encostou a cabeça no peito da moça, tentando escutar o coração. Surpreendeu-se com a facilidade que teve em ouvir, pois o coração dela estava disparado, parecendo uma metralhadora.

Decidiu que precisava procurar ajuda. Aquilo devia ser grave. Saiu do escritório às pressas querendo encontrar alguém para ajudá-lo, mas estranhamente ninguém havia chegado ainda. Estranho... Já era para alguém ter chegado. Apesar do horário, estavam todos tão empolgados com aquele dia... Como seria possível não ter vindo ninguém ainda? E era sábado, normalmente não havia trânsito.

Charles decidiu voltar para sala e ligar para a emergência. Temia perder tempo e acontecer algo pior com sua assistente. Se ela tivesse uma parada cardíaca, não fazia ideia de como proceder.

Pegou o telefone do chão e digitou zero, mas não deu linha. O telefone estava

mudo. Tentou de novo, e nada. Imaginou de imediato que a queda avariara o aparelho. Decidiu usar o celular que estava guardado em sua pasta para situações de emergência.

Abriu a pasta e não encontrou o celular de imediato. Para facilitar a busca tirou da pasta sua Beretta 92G Elite II. Charles não era apenas um ex-astronauta, era também um militar de alta patente, um major-general reformado, e por isso tinha o costume de andar sempre armado.

Por fim, encontrou o telefone no meio de sua papelada. Precisava colocar ordem naquilo; nunca conseguia encontrar com agilidade algo que estivesse procurando.

Começava a digitar quando percebeu uma movimentação às suas costas. Mal teve tempo de se virar, quando percebeu Vivian avançando sobre ele. Ela agarrou sua cabeça com as duas mãos e tentou morder seu rosto. Charles tomou um susto, e por puro reflexo apoiou o antebraço no peito de sua assistente, empurrando-a para trás. Vivian caiu sentada no chão, a pouco mais de um metro e meio de distância.

— Vivian, o que está acontecendo, você... — Charles se assustou com a aparência treloucada de sua assistente.

Mas ele não conseguiu concluir a frase. Vivian disparou contra ele de novo, colérica, chocando-se contra Charles com a força de um carro em movimento e agarrando-se ao seu tórax. O impacto foi tão forte que Charles, que era vinte quilos mais pesado que sua mirrada assistente, rolou sobre a escrivaninha e caiu de costas no chão, com ela agarrada ao seu corpo e sobre ele.

Vivian tentou morder o antebraço de Charles, que a agarrou pelo pescoço procurando afastá-la. Ele gritava com a garota, ordenando que ela parasse, mas era em vão. A Vivian que ele conhecia não existia mais; o que restara era uma verdadeira máquina de matar.

Charles empurrava com força, a mão direita agarrada ao pescoço de Vivian e a esquerda segurando-lhe o pulso, que se esforçava por se libertar a todo custo. Vivian estava com uma das mãos na cara dele, e suas unhas arranhavam sua pele, fazendo o rosto de Charles queimar de dor.

Depois de alguns segundos de luta, Charles se sentia cansando. Já não era tão jovem como antes. Precisava tirar Vivian de cima dele, porque ela se debatia para se soltar, e, se ela conseguisse, iria mordê-lo bem no pescoço. E Charles sabia, pelo estado de fúria homicida em que a assistente se encontrava, que isso seria fatal.

Usando o cotovelo esquerdo, Charles conseguiu empurrar Vivian para cima, dando um pouco mais de espaço. Num movimento rápido ele soltou o pescoço dela e desferiu um murro com toda a força em seu rosto, decidido a ignorar o fato de que ela era uma mulher. Vivian sentiu o impacto e oscilou para trás, e essa foi a chance que Charles precisava. Ele conseguiu erguer o tronco e se sentar, derrubando Vivian para trás. Quando ela bateu de costas no chão, ele deu um segundo murro, dessa vez

bem mais forte no maxilar da mulher, que bateu a cabeça com violência no chão, ficando imediatamente zonza. Foi quando Charles reparou nos olhos dela — não eram olhos humanos. Eram olhos de um demônio, brancos e sem vida.

Charles se colocou de pé num salto, foi até a escrivaninha, pegou sua arma e apontou para a cabeça da assistente.

— Vivian, o que está acontecendo? Sou eu, Charles! Não está me reconhecendo?

Vivian tinha sangue escorrendo pelo canto da boca e já estava se levantando de novo, os lábios retorcidos de fúria e os olhos mortos cravados em Charles. Ela não parecia estar entendendo uma única palavra que ele dizia, e se mostrava disposta a atacar de novo. Charles não conseguia acreditar no que estava acontecendo.

— Vivian, eu sou seu amigo. Por favor, não me obrigue... — murmurou Charles, antevendo o desfecho daquela situação.

Exatamente como Charles já esperava, Vivian disparou contra ele. Não mostrou nenhum sinal de medo diante da arma que Charles portava, e nem por um segundo deu a entender que o reconhecia. No cérebro dela só havia um impulso: matar. Nada mais.

Charles respirou fundo e apertou o gatilho. A arma soltou um estrondo naquela sala pequena que fez tudo estremecer, e a bala acertou em cheio a testa de Vivian, que foi arremessada contra a parede logo atrás. Ela bateu com violência, e pedaços do seu cérebro se esparramaram até o teto. Finalmente Vivian caiu de joelhos e se estatelou no chão.

Vivian estava morta.

Charles permaneceu petrificado com a arma apontada para a frente por alguns segundos. Não podia acreditar no que fizera! O que significava aquilo tudo? Vivian era a mulher mais pacata, mais tranquila que ele conhecera em toda sua vida. Por que ela havia desmaiado e, ao acordar, se transformara num monstro?

Charles saiu do estado de choque quando seu celular tocou. Pegou o aparelho e constatou que era sua esposa ligando. Atendeu sem saber como ia explicar o que havia acabado de ocorrer. Porém, ele mal conseguiu falar.

— Querido, você está bem?! — a esposa perguntou aos gritos, aflita.

— Estou sim. Mas por que você está gritando? O que houve? — Charles perguntou, ainda atordoado, com um péssimo pressentimento.

— Como assim? Você não está sabendo o que houve? Não viu na televisão o que está acontecendo? O mundo inteiro enlouqueceu, as pessoas estão matando umas às outras aos milhares! Onde é que você... — A ligação foi subitamente cortada.

Charles ficou atônito. Tentou ligar de volta para a esposa, mas não conseguia completar a chamada. O que estava acontecendo?

Naquele momento, ele começou a ouvir gritos vindos da rua. Eram sons abafados pelas janelas do escritório, feitas sob medida para impedir que o barulho dos carros

passando pela avenida incomodasse os funcionários.

Charles caminhou lentamente até a janela e abriu a persiana para o cenário de guerra lá fora, com carros batidos e abandonados na avenida e pessoas correndo umas atrás das outras. No meio-fio uma mulher estava sendo atacada por um grupo de maníacos. Do lado oposto da avenida, um homem ensanguentado e com a cabeça pendendo sobre o ombro caminhava de um lado para o outro, desorientado. A cidade inteira parecia ter enlouquecido.

Foi quando Charles entendeu. Misteriosamente, ele entendeu tudo.

Devagar, virou-se e olhou para a tela do computador. Lá estava Absinto, recebendo milhões de meteoritos que vinham da Terra e entravam em sua misteriosa atmosfera. Mas Charles agora sabia que não eram meteoritos. Não tinha uma explicação para aquilo tudo, mas tinha certeza de que não eram meteoritos.

Eram almas. Almas humanas. E entre elas estava a de Vivian.

* * *

Ivan entrou numa avenida bastante larga em altíssima velocidade. Estela e as crianças se seguravam da forma que podiam no banco de trás enquanto a traseira do Elantra os lançava de um lado para o outro. O pior pesadelo dele estava se concretizando, o fenômeno do shopping era resultado de algo maior, muito maior.

Na rua, ele já havia encontrado vários carros parados, atravessados, batidos e até mesmo capotados. Andando de um lado para o outro havia vários zumbis. Alguns vagavam sem destino aparente, outros perseguiam outras pessoas pela rua. Um homem subiu no teto de uma van que batera num poste. Estava cercado por pelo menos uma dúzia de criaturas e gritava por socorro desesperadamente. Ivan queria ajudar, mas não podia. Tinha de pensar em sua família antes de tudo, e colocá-la em segurança. Depois pensaria em qualquer outra coisa.

O carro chegou a derrapar quando ele fez a curva à direita, mas Ivan conseguiu corrigir. Eram muitos veículos parados, e ele começou a fazer um verdadeiro zigue-zague. Um ônibus capotado pegara fogo. Próximo do veículo, um grupo de zumbis se acotovelava, atacando uma senhora que implorava por socorro aos gritos entrecortados por soluços. Ao ver aquilo, Estela desviou o olhar e obrigou os filhos a fazer o mesmo.

À esquerda, a via Dutra se encontrava em igual estado de caos. Um caminhão-tanque passou em disparada esmagando um Corolla que estava atravessado na pista. Pendurado do lado de fora da cabine, um zumbi tentava agarrar o motorista, que procurava derrubá-lo a todo custo. Só podia ser o apocalipse, pensou Ivan, apavorado.

Ele passou por um cruzamento sem sequer reduzir a velocidade. Precisava pegar a pista local da Dutra para ir em direção à rua em que moravam. Estavam a apenas

dois, três quilômetros, no máximo. Ali, os semáforos se achavam desligados; aparentemente até o fornecimento de energia elétrica já estava entrando em colapso.

Entrou na rodovia e disparou no sentido da zona sul, sempre tendo que desviar dos carros e dos zumbis que vagavam por todos os lados. E eram vários. Ivan já passara por centenas de criaturas. Tinha de tomar cuidado. Se atropelasse um deles naquela velocidade era provável que destruísse o carro, e Ivan e os seus não podiam ficar a pé. Seria a sentença de morte da família toda.

Quando Ivan mudou de faixa para pegar a saída à direita, um zumbi apareceu do nada, bem no meio da pista. Ivan se desviou de uma colisão frontal por pouco, mas acertou a criatura com a lateral do carro, arrancando o retrovisor direito fora. Matheus e Aninha gritaram com o susto, e Estela berrou pedindo para o marido ir um pouco mais devagar, o que ele ignorou completamente.

Por fim, entraram no anel viário e contornaram a alça de acesso, cercados de caos por todos os lados. Faltava pouco agora, estavam praticamente na rua de casa.

Entraram na avenida Heitor Villa Lobos a mais de cem quilômetros por hora, e o motor do Elantra rugiu furioso, obedecendo ao seu dono. Após a curva à direita chegaria ao prédio deles.

Porém, assim que completaram a curva, depararam com o inferno. Na avenida, diversos carros estavam parados, bloqueando a passagem. E vagando entre eles, centenas de zumbis procuravam por pessoas dentro dos veículos. Algumas daquelas feras rasgavam com os dentes partes de pessoas mortas que estavam caídas no asfalto. Dentro de um Ford Fusion, um homem e uma mulher se encolhiam enquanto um grupo de monstros esmurrava as portas, o teto e os vidros. Estavam perdidos, não tinham como ir nem para a frente nem para trás; era uma mera questão de tempo.

Ivan freou o carro bruscamente diante daquela barreira de automóveis e demônios. Precisava decidir rápido. Para onde iriam? Não conseguiriam chegar ao prédio. Por todos os lados havia aquelas coisas. Tinha de pensar numa saída urgente.

Ele foi tirado de sua indecisão quando vários dos zumbis olharam ao mesmo tempo para eles. Imediatamente, o grupo disparou na direção do Elantra. Eram mais de vinte homens, mulheres e crianças se acotovelando e empurrando uns aos outros. Um menino de pele branca, cabelos pretos e aparentando no máximo oito anos vinha à frente, mas os maiores do grupo logo o derrubaram e passaram por cima dele, pisoteando-o sem maiores preocupações.

Diante daquilo, Ivan não tinha opção, precisava voltar. Mas não dava tempo para virar o carro, as criaturas estavam próximas demais. Assim, ele fez algo que em qualquer outro dia consideraria inimaginável: desceu a avenida de marcha a ré. E desceu no máximo de velocidade, tentando não bater em outros carros parados. Logo atrás, um Mégane imitava-o e também voltava ao contrário, para escapar da turba enlouquecida que descia a avenida em seu encalço.

O motorista do Mégane não conseguiu manter o controle e bateu num poste de sinalização, ficando preso. Na hora, vários zumbis o alcançaram e subiram no automóvel.

Ivan virou a traseira do carro para a direita e subiu na contramão a alça que ligava o anel viário ao bairro. No meio do caminho, desviou por pouco de um Golf. O motorista baixou o vidro e gritou com eles:

— Porra, você está louco?! — O homem, colérico, acelerou e pôs o braço para fora, mostrando o dedo médio.

No banco de trás, um bebê de uns nove meses estava sentado numa cadeirinha, dormindo, alheio a tudo aquilo.

— Não vá por aí! — Ivan avisou, mas era tarde demais.

Ele viu o momento exato em que o Golf bateu no grupo de zumbis, perdeu o controle e se arrebentou num poste. A multidão cercou o veículo sem demora.

Não havia o que fazer. Ivan olhou para trás, aflito, e seu olhar cruzou com o de Estela, que tinha lágrimas nos olhos. As crianças soluçavam, com os rostos enfiados nas costelas da mãe.

— Amor, não para! Tira a gente daqui! — pediu Estela aos berros.

Ivan não hesitou, e continuou acelerando até voltar ao anel viário. Já decidira: iriam para São Paulo, para a casa de sua mãe. Rezava para que aquela praga não tivesse chegado tão longe. Caso contrário, estariam perdidos.

Tornou a acelerar, aliviado por estar indo para a frente de novo. Disparou na direção da Dutra, tentando desviar dos carros e zumbis, que estavam por toda parte. Era um verdadeiro inferno. O cenário de guerra se repetia em todos os lugares.

Quando o carro entrou na curva, algo inesperado aconteceu. O Elantra foi atingido na traseira por uma Hilux preta, que vinha a mais de cento e cinquenta quilômetros por hora. Todos gritaram ao mesmo tempo enquanto Ivan tentava inutilmente controlar o Elantra completamente desgovernado. Ele travou os dentes quando viu que não conseguiria evitar a colisão. O Elantra bateu com um estrondo ensurdecedor contra o *guard rail* e despencou no meio do matagal logo abaixo do viaduto, e Ivan não viu mais nada.

* * *

O zumbi sobre o capô do veículo devia ter quase um metro e noventa de altura e pesava seguramente mais de cem quilos. Era moreno e forte, e arrebentou o parabrisa, que já estava trincado, com apenas um golpe. Ele bateu com tanta força que, quando o vidro quebrou, caiu dentro do carro, quase no colo de Ivan.

Estela e as crianças começaram a gritar e tentaram abrir a porta para sair, mas não conseguiam. O carro tinha as portas travadas justamente para garantir a segurança das crianças, e agora elas estavam presas.

O zumbi agarrou Ivan pelo pescoço com as duas mãos e avançou, tentando mordê-lo no rosto. Seu hálito era nauseante, e ele tinha uma força descomunal. O zumbi esmagou aquele pai de família contra o banco do motorista, todo seu peso empurrando-o para trás. O braço direito de Ivan ficou preso entre ele e a criatura, o que o impedia de tentar uma reação. E, naquele momento, ele se viu transportado para uma situação ocorrida mais de dez anos antes.

Ivan cumprira dois anos de serviço militar no Tiro de Guerra de São José dos Campos. Tivera uma trajetória muito acima da média, e chegou a ser considerado o melhor atirador de sua turma, e também um dos melhores em combate corpo a corpo. Sobretudo, havia estabelecido uma relação de amizade com o seu instrutor, o sargento Maia. Maia foi um dos que mais lamentaram a decisão de Ivan de deixar a carreira militar e se dedicar a uma profissão civil. Mas a amizade deles perdurou durante muito tempo; tanto que o sargento compareceu ao casamento de Ivan e Estela.

Num final de semana, quando todo o pelotão foi levado para exercícios na mata, Ivan e outros soldados conversavam com o sargento num momento mais informal. O sargento já havia participado de missões na Amazônia contra traficantes e contrabandistas que tentavam atravessar a fronteira venezuelana, e tinha vários “causos” para contar.

Num desses episódios, afirmou o sargento, ele sofrera uma emboscada de um traficante, um homem corpulento de aparência andina. O homem o atacara pelas costas e tentou cortar sua garganta com uma faca. O sargento conseguiu impedir o primeiro ataque, mas acabou sendo derrubado pelo agressor, que subiu nele e virou a arma contra seu rosto. Era uma Punisher, uma faca muito usada pelas forças armadas, feita de aço carbono e com cerca de trinta centímetros de comprimento, capaz de atravessar o crânio de um touro sem perder o corte.

O traficante praticamente subiu no próprio punho, colocando todo seu peso sobre a lâmina, que só não entrara no rosto do sargento Maia porque ele teimosamente segurava as duas mãos do seu oponente, empurrando para cima. Mas o homem era enorme e fortíssimo. Tudo indicava que o instrutor de Ivan estava ferrado.

— O que você fez, sargento? — perguntou o jovem Ivan, com os olhos arregalados, imaginando o que faria numa situação similar.

— Eu me dei dez segundos — respondeu o sargento, serenamente.

Os soldados olharam uns para os outros, confusos. Não haviam entendido, mas também, muitos temiam o sargento e ficaram com medo de perguntar. Por fim, foi Ivan quem perguntou, ansioso:

— Dez segundos? Como assim?

— Eu decidi que ia me dar dez segundos para ficar em pânico. Fechei os olhos, senti as lágrimas começarem a correr, o coração disparar, e confesso que até urinei

na calça. Mas decidi que isso iria durar apenas dez segundos. Depois eu iria me acalmar e resolver a situação — falou o sargento, com um olhar distante, como se estivesse revivendo a cena.

— E o que o senhor fez depois dos dez segundos? — indagou outro soldado, louco de curiosidade.

— Virei o corpo bruscamente, o que fez o traficante se desequilibrar e cair no chão. Afinal, ele estava todo apoiado sobre mim. Foi a conta de eu sacar a pistola do coldre. Cheguei a encostar a arma na cabeça daquele filho da puta antes de apertar o gatilho para garantir que não ia ter erro. Quando meus companheiros de pelotão ouviram o disparo, correram para me ajudar. Mas não era mais preciso; eu já tinha despachado aquele corno pro inferno.

Os soldados ficaram impressionados com a história. Mas nenhum deles mais que Ivan, que decidiu levar aquele ensinamento consigo para sempre. E agora estava na hora de colocá-lo em prática.

Ivan voltou para o presente e olhou bem nos olhos mortos da criatura que tentava matá-lo a todo custo. Ignorou os gritos da esposa, dos filhos, todo o resto. Cerrou as pálpebras e contou até dez, exatamente como seu mentor fizera vários anos antes. E quando seus dez segundos de pânico acabaram, ele agiu.

Por sua mulher, por seus filhos, pela sua própria vida, ele tinha que derrubar aquele demônio.

Num movimento brusco, Ivan empurrou a criatura para trás, se descolando do banco enquanto soltava um grito gutural, reunindo toda sua força. Ele usou as pernas, os quadris, as costas, cada músculo do corpo num esforço insano que derrubou o zumbi sobre o painel do carro, invertendo completamente o jogo. Fez tanta força que sua cabeça começou a doer imediatamente.

Depois agarrou o homem pelo colarinho, ergueu-o a um palmo de altura aproximando-o perigosamente de si e depois arrebentou seu atacante contra o painel do Elantra. A criatura sentiu o impacto e soltou os braços de Ivan. Decidido a encerrar o assunto, ele pegou o zumbi pela cabeça e bateu seu crânio contra o painel, que rachou no ponto de impacto. E depois de novo. E de novo. E de novo. E de novo. Bateu tantas vezes que a esposa e os filhos se calaram de espanto. Estela ficou boquiaberta; nunca vira o marido agir com tanta selvageria — não que ela estivesse se importando com a criatura. E fez as crianças desviarem o olhar. O painel estava lavado de sangue.

Ivan olhou para trás e falou com sua esposa, com uma calma desconcertante:

— Estamos seguros por enquanto, mas precisamos achar um lugar para nós.

****** Abrigo subterrâneo fortificado.

CAPÍTULO 4

SEM DESTINO



SAIR DO CARRO FOI UMA operação bem mais complicada do que pareceu de início. O matagal era muito alto, e o carro estava muito danificado, nenhuma das portas abria.

Ivan avaliou as opções e não viu escolha: teriam que sair pelo para-brisa, o que implicava passar praticamente por cima do zumbi, cuja cabeça fora esfacelada durante a luta.

Estela e as crianças protestaram.

— Eu não vou passar perto dessa coisa! — Estela reclamou, irredutível. — E meus filhos também não!

— Amor, ele está morto! — Ivan argumentou, apontando para a criatura infeliz. — Não tem como essa criatura fazer mal a vocês!

— Sei. Morto como o cidadão simpático cuja cara você moeu com o extintor de incêndio dentro do estacionamento do shopping? — disparou Estela incisiva.

Ivan se perguntou pela milésima vez por que ainda discutia com a esposa. No final ela sempre vencia mesmo.

— Ok, você tem razão. Não tenho certeza se esse desgraçado vai se levantar de novo. Mas sei que não podemos ficar aqui. E se vier mais outro? Pior ainda, e se vier um grupo grande, como aquele na rua da nossa casa? O que faremos? Eu não vou contar com a sorte de novo! — argumentou Ivan, pensando pela primeira vez na casa deles.

Sentira tanto alívio quando entrou na rua do prédio em que moravam, achando que estavam seguros... Mas ficava cada vez mais convencido de que talvez não houvesse um lugar seguro, pelo menos não em São José dos Campos.

Ponderou a respeito por um instante. Que droga! Devia ter comprado um carro com teto solar, como seus filhos pediram. Bem, não havia pensado na possibilidade de precisar escapar de um zumbi morto, não é? Se pelo menos o vendedor tivesse avisado...

— Não vai ter jeito, então: vou tirar esse infeliz daqui para vocês passarem. — E

Ivan se pôs de joelhos no banco.

— Amor, me desculpa, mas acho que você não vai conseguir... — Estela olhava para o zumbi.

O cara era enorme. Estela mal podia acreditar que Ivan conseguira dar conta dele com as mãos limpas.

— Bom, acho que não tenho escolha, certo? — argumentou Ivan, se apoiando no volante para sair do veículo.

— Certo! — concordou Aninha, que, tão teimosa quanto a mãe, também não queria passar pelo zumbi.

Apesar da situação Ivan sorriu.

Utilizou o volante como apoio e conseguiu projetar o corpo para fora, passando pelo buraco do para-brisa. Precisou empurrar com as mãos o último pedaço de vidro que permanecia preso, melhorando a passagem. Durante toda a manobra manteve os olhos fixos no zumbi. Estava convencido de que não havia mais perigo, mas não conseguia ficar totalmente despreocupado.

Enfim, conseguiu sair, ficando de pé sobre o capô. Era surreal estar sobre seu querido carro destruído cercado de mato por todos os lados, sem falar no fato de que havia um zumbi morto no banco da frente. Para ajudar, os pernilongos começavam a zumbir nos seus ouvidos. Tinham de cair fora dali, e rápido.

Agora vinha a parte difícil. Ivan se curvou, pegou a coisa pelas axilas e tentou puxá-la para fora. O zumbi mal saiu do lugar. Como era pesado! Não chegou a ser uma surpresa, porém. Quando Ivan precisava levar seus filhos adormecidos para a cama já era necessário um esforço tremendo; imagine então mover um homem adulto morto. Ou que pelo menos Ivan esperava que estivesse mesmo morto.

Coçou a cabeça por um instante, apoiou melhor as pernas, respirou fundo e tentou de novo. O resultado foi melhor dessa vez; a criatura se moveu um palmo para fora, mas ficando ainda com a maior parte do corpo dentro do carro. Ivan o segurou enquanto recobrava o fôlego. Não queria correr o risco de aquela criatura cair de novo para dentro e ele ter que começar tudo de novo.

Repetiu a operação algumas vezes, até que finalmente conseguiu arrastar o zumbi sobre o capô. Estava ofegante, suado e sujo de sangue, mas conseguira. Ivan se espantou ao se dar conta de que já tinha passado mais de uma hora desde que ele dera início àquela manobra toda.

Parou por um instante e olhou para aquele homem. Quem seria ele? Devia ter uma família em algum lugar, talvez esposa e filhos. Alguém que imaginou vários desfechos para a própria vida, mas sem dúvida jamais cogitara a hipótese de se transformar em um monstro homicida, e assim acabar com o crânio esmagado por outra pessoa.

Porém, o que mais inquietava Ivan naquele momento eram outras perguntas.

Quantas pessoas mais estariam naquela situação? Qual seria o real alcance daquela crise? Decidiu que não era hora para divagações. Empurrou o cadáver para o lado, e o zumbi caiu no meio do matagal, deixando o caminho livre. Estava na hora de tirar Estela e as crianças do automóvel.

Ainda precisavam arrumar uma forma de sair dali. Essa era outra parte que prometia ser bastante complicada. Ivan estendeu a mão para Ana, que, desajeitada, começou a sair do carro. Quando ela viu o sangue sobre o painel, hesitou, mas Ivan a encorajou:

— Não olhe para isso, filha, olhe apenas para mim, certo? — Ivan puxava a menina pela mão.

Ana obedeceu e ficou de pé sobre o capô. Ele pegou a filha no colo e colocou-a sentada no teto, que fora deformado pela queda do zumbi. Logo em seguida, Estela e Matheus também saíram.

— Muito bem, e agora? — perguntou Ivan.

— Ótima pergunta... — Estela soltou um suspiro. — Não sei nem como vamos sair daqui...

— Bom, iremos avançar um passo de cada vez. Primeiro temos que sair do meio deste mato, antes que os pernilongos nos comam vivos. — Ivan deu um safanão num inseto que zumbia em seu ouvido.

Olharam para a frente, acompanhando o viaduto. Cerca de trezentos metros adiante o viaduto acabava no asfalto, bem onde o matagal terminava. Era para lá que eles teriam que ir. Seria um alívio sair dali.

— Vamos para lá, amor. — Estela apontou. — E de lá, iremos para algum lugar seguro.

— Sim, vamos. No entanto, temos que tomar cuidado, porque aqui estamos escondidos, mas lá na frente estaremos em campo aberto e totalmente visíveis para essas coisas. E dessa vez, não temos um carro para fugir. — Ivan apurou a audição.

Não mais ouvia gritos sobre o viaduto; aquela algazarra parecia ter acabado. Mas tinha certeza de que vários outros zumbis estavam vagando por ali, o que o levava a pensar em outra coisa: onde estavam a polícia, os bombeiros, o exército? Não ouvia uma sirene, um tiro, um helicóptero, nada. Seria possível que tudo tivesse sido afetado por aquele fenômeno? Se sim, e Ivan estava evitando pensar naquilo, as chances deles seriam mínimas. Ivan engoliu em seco quando olhou para os filhos.

— Vamos em frente, com muito cuidado. E todos em silêncio, está bem? — pediu Ivan, olhando para as crianças. De repente, lembrou-se de algo que poderia ser útil, e imediatamente se abaixou e voltou a entrar no carro.

Estela estranhou.

— O que vai fazer? — perguntou em voz baixa.

— Só um instante, eu já volto. — E Ivan saltou para o banco de trás.

Destravou o encosto do banco traseiro, liberando o acesso para o porta-malas. Estava quase vazio, com exceção de sua pasta de ferramentas. Ivan não era exatamente uma pessoa habilidosa, mas ganhara do sogro uma caixa de ferramentas razoavelmente completa, e ela estava no porta-malas. Abriu-a e retirou dela um martelo, bastante pesado. Podia ser útil caso ele viesse a precisar enfrentar um zumbi de novo.

Caminharam no meio do mato, com muito cuidado. A vegetação era muito alta e densa, uma verdadeira muralha de capim e galhos de árvore. Demoraram horas para vencer aquela pequena distância. Já estava ficando escuro e nenhuma lâmpada da iluminação pública se acendeu; definitivamente estavam sofrendo um blecaute.

Ivan ia à frente, seguido por Matheus, Aninha e Estela, que, sempre atenta a tudo ao redor, caminhava com muita dificuldade, pois seu salto alto tornava a caminhada muito complicada. Mas seguia firme, sem reclamar.

Ao se aproximarem da curva do fim da avenida, que era exatamente o ponto onde o mato acabava e poderiam chegar até o asfalto, surgiu o primeiro problema. Naquele ponto eles começavam a ficar visíveis, e havia zumbis no viaduto. Não alguns, mas vários. Vagavam de um lado para o outro, sem rumo, iguais a formigas depois de terem o formigueiro destruído.

Ivan parou e puxou a família para baixo do viaduto. Precisavam de uma estratégia. Estavam todos arranhados, sujos e exaustos do esforço descomunal de atravessar aquele emaranhado de mata.

— Temos de arrumar uma forma de sair daqui sem sermos notados — sussurrou Ivan para Estela.

— Podemos contornar o mato sem sair completamente... Vamos contornar a rua por dentro do capim. Vai ser um inferno e irá demorar o dobro do tempo, mas acho mais seguro. — Estela olhava para o matagal, um tanto desanimada. Queria muito estar de tênis naquele momento.

— Está certo. Assim nós pegamos uma das ruas que sobem para o Jardim Aquarius. Há vários prédios residenciais, podemos conseguir ajuda. Voltar para casa, por enquanto, está fora de cogitação. Estamos longe demais para ir a pé com todas essas coisas vagando por aí. — Ivan achava aquele um péssimo plano, mas infelizmente não tinha nada melhor.

Precisavam se mover, porque estavam vulneráveis demais. Teriam de torcer para que os arbustos e a escuridão os mantivessem a salvo.

Foram caminhando devagar, com dificuldade, sempre no meio do mato. Havia um pequeno desnível com relação à avenida, o que os ajudava a manter-se ocultos. Chegaram a uma avenida, afastando-se assim do viaduto e do anel viário, o que era um alívio, pois sabiam que os zumbis poderiam vê-los mais facilmente de um ponto elevado.

Continuaram caminhando, passando por entre os arbustos. De tempos em tempos Ivan fazia uma pequena pausa e subia um pouco em direção à rua, para ver a situação. E estava tudo igual, alguns carros largados na pista e zumbis caminhando de um lado para o outro, alheios a tudo. Mas Ivan não se permitia ter esperança. Eles haviam sido atacados diversas vezes naquele dia, portanto, ele sabia que se fossem vistos as criaturas avançariam contra o grupo imediatamente.

Parou por um instante, observando os carros na rua, tentando adivinhar qual deles tinha mais chances de estar com a chave no contato. Se conseguissem pegar um veículo seria tão mais fácil! Mas olhou para as crianças e desistiu; não podia arriscar correr uma distância tão grande com duas crianças pequenas. Existia um enorme risco de serem cercados, e tudo estaria perdido. Decidiu seguir em frente.

Avançaram em silêncio por alguns minutos, cada um levando uma criança pela mão. Seus filhos estavam apavorados e se sobressaltavam ao menor barulho. Ivan e Estela tentavam mantê-los calmos e, acima de tudo, quietos. Ivan parou de novo e olhou a rua, para ver como estavam as coisas. Para isso, precisaria subir um desnível de um metro e meio. Por isso, deixou as crianças com Estela por um instante. Cuidadosamente subiu, mantendo-se sempre abaixado.

Quando olhou para rua, viu algo que chamou sua atenção. Havia apenas um zumbi perambulando por aquele ponto, próximo a um bufê infantil. O interessante era que se tratava de um policial. Devia ter uns 35 anos, talvez um pouco mais. Era um tanto atarracado e aparentava ser bem forte. O detalhe grotesco era que estava sem um braço. Este, dava para supor, havia sido arrancado de forma selvagem. Mas ele carregava algo que Ivan estava sonhando em achar: uma PT.40 Glock no coldre, arma padrão dos oficiais da polícia militar. Exatamente o modelo de arma de mão que Ivan utilizara em seu treinamento quando esteve no exército. Sabia dos riscos, mas estava decidido — precisava daquela arma, ela podia ser a diferença entre a vida e a morte.

Voltou devagar e explicou para a esposa o que iria fazer. Estela ficou furiosa.

— Você enlouqueceu? Vai se arriscar em ir até a rua? E se os outros zumbis te enxergarem? Vamos ficar encurralados! — Estela fuzilava o marido com o olhar. Ela ficava louca quando ele era imprudente.

— Com aquela arma teremos como nos defender. Mas não se preocupe, eu tenho um plano — disse Ivan, com uma expressão que Estela não gostou.

Imediatamente, ele subiu o desnível de novo, olhando para o zumbi. Certificou-se de que não havia nenhum outro no raio de visão, pegou uma pedra e jogou na criatura. Na hora Estela entendeu: Ivan abriu mão do elemento surpresa e atraiu a fera para perto dele, e longe da rua. O problema era que o zumbi iria estar a menos de três metros dela e dos filhos. Estela se abaixou imediatamente com as crianças. Tinham de ficar bem escondidos e rezar para que desse certo.

O zumbi se virou lentamente, confuso. Quando viu Ivan, arreganhou os dentes e partiu na sua direção, trôpego. Ivan sacou o martelo — chegara a hora. Precisava manter a concentração, não podia errar.

Quando o zumbi se aproximou com o único braço restante esticado em sua direção, Ivan deu um pulo para trás agarrando-o pelo pulso, e com a mão livre desferiu um golpe certo na testa da coisa. Bateu com tanta força que o martelo penetrou no crânio da criatura, esmagando seu cérebro. O zumbi caiu no chão como um saco de areia e não se moveu mais. Por garantia, Ivan deu mais duas marteladas.

— Oi. Já está tudo bem. Podem vir — falou Ivan para esposa, que se ergueu, aliviada.

— Você matou o monstro, papai? — perguntou Aninha, assustada.

— Sim, filha, ele não tem como fazer mal para mais ninguém — respondeu Ivan, dando uma piscadinha para a menina.

Pegou a arma do coldre e conferiu a munição. Ótimo, estava carregada. Apanhou também um pente de balas extra que o ex-policial carregava consigo. No total tinha vinte e seis balas; já se sentia menos impotente.

Arriscou um palpite e conferiu o tornozelo do policial. Deu muita sorte, pois ele trazia uma segunda arma presa na perna. Aquela sem dúvida era uma arma pessoal, um Taurus calibre .32 com seis balas no tambor. Ivan pegou aquela arma também; essa ficaria com Estela. Voltou para a mulher e os filhos, enfiou a Glock na cintura e entregou o Taurus para Estela. A esposa fitou a arma, hipnotizada, apesar de não ser uma completa ignorante no assunto.

— Ainda sabe usar uma dessas? — perguntou Ivan, observando a esposa, que checava a munição.

— Acho que sim. Meu pai tinha uma dessas quando morávamos no sítio. Só que a dele era maior, era um calibre .38. — Estela se lembrava das aulas de tiro que o pai dava para ela e suas irmãs.

Onde estariam todos? Estariam bem? Sentira tanto medo que não conseguira pensar no resto de sua família nas últimas horas.

— Tome cuidado, então. Essas armas menores costumam dar um tranco maior, pois não absorvem o coice. Tem que segurar muito firme, senão a bala vai para o lado errado — advertiu Ivan.

— Essa parte é fácil. Difícil vai ser atirar em um ser vivo. Eu só atirei em alvos a minha vida toda — falou Estela.

— Garanto que não é tão difícil, já matei duas dessas coisas hoje. E você teve coragem de atropelar um zumbi. Portanto, tenho certeza de que conseguirá puxar o gatilho. E, para ser honesto, não acho que essas criaturas estão mesmo vivas.

Estela assentiu. Era da mesma opinião do marido.

— Você vai matar uma dessas pessoas, mãe? — perguntou Matheus, com os

olhos vidrados na arma que a mãe carregava.

— Eles não são mais pessoas, filho. E, se for preciso, matarei todos eles — respondeu Estela, inclinando-se próxima ao filho. Depois de conseguir a arma ela mudou. Agora tinha uma outra chama no olhar.

Aquelas crianças não estavam reconhecendo os próprios pais; era como se tivessem se convertido em soldados de um instante para o outro. Não sabiam no que os pais iriam se transformar com o passar do tempo. Matheus e Ana não faziam ideia de que se achavam diante de dois dos maiores predadores vivos da Terra.

Continuaram andando, sempre tomando cuidado. Passaram ao lado de uma praça, onde havia uma pista de skate, e onde os jovens costumavam se reunir. Estava vazia, sem nenhuma alma viva por perto. Quando chegaram ao fim, perceberam que tinham um problema. Naquele ponto havia uma cerca. Chegaram até uma concessionária de automóveis, não havia como avançar pelo matagal.

Ivan olhou para Estela, em dúvida. Conseguiram se mover em relativa segurança até aquele momento, mas caminhar pela calçada era uma péssima ideia. Arriscaram uma espiada e viram diversos zumbis, pelo menos dez, só no raio de visão deles. Abaixaram-se novamente.

— E agora? Não podemos sair daqui. Se nos avistarem, estaremos perdidos — Estela sussurrou, para evitar que os zumbis ouvissem e que as crianças se assustassem ainda mais.

— Eu sei, mas também não podemos ficar aqui para sempre. Se nos encontrarem neste lugar, já era. Não temos para onde ir. Olha só. — Ivan apontou. Naquele ponto, no meio do mato, havia um córrego. Correr naquela direção estava fora de cogitação.

— Só vejo uma solução — afirmou Estela, depois de ponderar por alguns segundos.

— E qual seria? — perguntou Ivan. E dessa vez era ele que não estava gostando do tom da esposa.

Estela pegou o Taurus, tornou a conferir a munição, respirou fundo e respondeu;

— Vamos ter de abrir caminho à bala — disse ela, tentando mostrar segurança.

Ivan fitou a esposa nos olhos. Procurou algum sinal de que ela não estivesse falando sério, mas não viu nenhum. Era para valer.

— Você sabe o quanto será perigoso, certo? — perguntou Ivan, sério. — Já vimos do que essas coisas são capazes.

— Tem alguma ideia melhor? — perguntou Estela, tirando finalmente o sapato e ficando descalça. Odiava andar sem calçado, mas sabia que naquele momento atrapalharia muito.

— Precisamos de um plano, então. Não temos como matar todos, e acho que o barulho dos tiros vai atrair mais dessas criaturas. Temos que pensar em para onde

vamos. — Ivan se deitou na terra para olhar melhor a rua sem ser visto.

Estela deixou as crianças sentadas em um canto e se deitou ao lado do marido. Tentou o celular pela milésima vez, mas estava sem sinal.

— Dá uma olhada ali. — Estela indicou. — Naquele ponto, a cerca é mais baixa. Se correremos até ali poderemos saltá-la e entrar na concessionária. Podemos nos esconder lá.

— Não, isso seria arriscado. Eles vão nos cercar, e não teremos como sair. E não sabemos quando e se virá ajuda. Mas gostei da parte da cerca — falou Ivan, pensativo. — Podemos pulá-la e correr por trás da concessionária, e depois pular a cerca de novo do outro lado, está vendo? — Apontou mais à frente. — Acredito que assim enganaremos os zumbis, que pensarão que ainda estamos lá dentro. Assim, chegaremos ao final da rua, e poderemos subir a outra rua, onde há vários prédios, e talvez consigamos ajuda.

Pensaram mais um instante, olhando em volta. Não tinha jeito, precisavam tomar uma decisão. De qualquer forma, se não desse certo, podiam arriscar ficar na concessionária; talvez conseguissem manter-se seguros por algum tempo. Decidiram, então, que aquele seria o plano. Explicaram para os filhos o que fariam, e que sob hipótese alguma eles poderiam soltar as mãos dos pais, e muito menos se afastar. Também tinham que fazer o máximo possível de silêncio.

Ivan e Estela se entreolharam. Ela pegou o rosto do marido e deu um beijo em seus lábios. Seu coração estava disparado.

— Eu te amo... — falou Estela, com o rosto colado ao rosto de Ivan.

— Eu também te amo. Vamos sair daqui.

Em seguida, eles saíram para o meio da praça, cada um puxando uma criança com uma das mãos e empunhando uma arma com a outra. A sorte estava lançada.

* * *

Ivan caminhava à frente, segurando Matheus perto de si. Quando chegaram a aproximadamente quinze metros da cerca, os primeiros zumbis os avistaram. Vários rosnaram como animais e começaram a avançar em sua direção.

Ivan respirou fundo, apontou a Glock e deu um tiro certeiro no peito do zumbi mais próximo, uma adolescente de no máximo dezesseis anos. Era morena e estava com o rosto completamente desfigurado. Várias partes de seu corpo se encontravam laceradas; ela fora brutalmente atacada por outras criaturas. Com o tiro preciso, ela caiu, mas se levantou de novo como se nada tivesse acontecido. Ivan ficou incrédulo, não era possível! Ele tinha quase certeza de ter acertado o coração daquela coisa!

Tinha de pensar, e rápido. Não estava preparado para aquilo. De repente, lembrou-se do primeiro zumbi com o qual lutou. Um golpe com o extintor de

incêndio, apesar de ter sido mortal, não detivera aquela coisa. O zumbi do carro, por sua vez, morrera com golpes aplicados com as mãos limpas. O que ele fizera de diferente?

— Nós temos que correr, ela está chegando! — gritou Estela, seguindo na direção da cerca.

Ivan parou e olhou bem para a criatura, que agora estava a menos de dez metros e seguida de mais de vinte outras feras que vinham logo atrás. Ao longo da avenida, devia ter mais de cem zumbis, e todos andavam na direção deles. Foi então que Ivan relacionou tudo o que assistira. Agora parecia tudo muito claro. Assim, ergueu a Glock e deu um tiro certeiro entre os olhos da adolescente, que caiu para trás sem emitir um único grunhido. Dessa vez ele tinha certeza: ela estava morta.

— Estela, só funciona se acertar a cabeça, entendeu? — gritou Ivan, correndo com Matheus para a cerca.

Estela não podia acreditar naquilo! Não apertava um gatilho havia anos, e agora ainda por cima teria que ter pontaria impecável? Não queria contar com a sorte, precisavam correr, pois outros zumbis vinham pela frente deles, e em breve estariam cercados.

Chegaram todos praticamente juntos à cerca da concessionária, que devia ter uns dois metros e meio de altura por duzentos de comprimento. Ivan juntou as duas mãos próximas à Estela, oferecendo-se para ajudá-la.

— Você primeiro, amor, depois eu passo as crianças — falou Ivan, apressado, sempre olhando para os zumbis, que se aproximavam por todas as direções.

Estela não discutiu, apesar de odiar a ideia de ir antes dos filhos. Mas não tinha outro jeito. Subiu na cerca com velocidade impressionante, resultado da imensa descarga de adrenalina. Pulou para o outro lado um tanto desajeitada, mas logo se ergueu.

Matheus e Ana choravam, olhando o tempo todo para os lados, vendo os zumbis se aproximarem, alguns agora a menos de dez segundos de distância. Ivan e Estela precisavam se concentrar e ignorar o desespero dos filhos, porque essa era a única chance deles. Ivan ergueu Ana — que se debateu no ar de medo e quase caiu de suas mãos —, apoiou a menina sobre a cerca e deixou a filha de seis anos despencar do outro lado, nos braços da mãe. Estela deu um beijo apressado na filha e colocou-a no chão, para pegar Matheus.

Ivan repetiu a operação com o filho. Era bem mais pesado, mas naquele momento não havia tempo a perder com isso. Colocou Matheus o mais alto que pôde pendurado na cerca e depois o empurrou com toda a força. O filho se virou e despencou no chão do lado de dentro. Naquele momento de desespero Ivan precisava confiar cegamente na esposa. Se ela não agarrasse o filho ele poderia quebrar o pescoço na queda. Mas Estela encaixou o menino no colo, caindo com ele

no chão e amortecendo sua queda. E ela não podia vacilar. Largou o menino caído na grama e sacou o revólver. O tempo de Ivan se esgotara; dois dos zumbis já estavam a dois passos de agarrá-lo.

— Atrás de você! — gritou Estela, apontando a arma.

Daquela distância foi fácil; ela explodiu a cabeça de um dos zumbis, Ivan abateu o outro e começou a subir.

— Me dá cobertura! — Ivan gritou, e jogou a arma sobre a cerca.

Sabia que subir sem ajuda seria muito mais difícil, e não daria tempo se Estela não os mantivesse afastados. Para isso, a pistola seria mais eficiente. Além do mais, se os zumbis o pegassem, era melhor que ela levasse a arma.

Estela pegou a Glock que o marido arremessou e foi calculista. Esperou os zumbis se aproximarem e atirou; não podia errar. E não errou quase nenhum tiro. Abateu seis criaturas em menos de quinze segundos, e respirou aliviada quando Ivan despencou no chão ao seu lado, finalmente em segurança. Ato contínuo, dezenas de zumbis se acotovelaram junto à cerca, logo à frente deles.

Ivan abraçou a mulher e os filhos, que enfiavam os rostos nos pais, tentando se esconder do horror que gemia e rosnava a apenas um metro de distância deles, e deu um beijo rápido na esposa.

— Obrigado, você foi incrível! — disse Ivan com um sorriso no rosto, esquecendo por um instante a turba enfurecida logo atrás deles.

— Fui mesmo, você viu? — falou Estela sorridente e orgulhosa de si mesma.

— Vamos sair daqui, para os fundos, e de lá pulamos a cerca mais adiante. Pelo visto eles não são muito espertos, vão ficar se acotovelando aqui deste lado. — Ivan puxou Matheus pela mão e pegou a Glock de volta.

Estela vinha logo atrás com Aninha.

Quando estavam quase chegando ao fim do prédio, um zumbi saiu dos fundos. Ivan estacou. Vinha pensando exatamente naquilo — era de se esperar que houvesse outros lá dentro, e aquele, pelo jeito, era um dos seguranças da loja. Como era só uma criatura, Ivan deixou Matheus com Estela e sacou o martelo; queria economizar balas. Avançou determinado contra o ser, e esmagou seu crânio com um único golpe, sem chance de defesa. Deu mais três marteladas, com o zumbi já no chão, apenas por precaução.

Andaram rápido por trás da loja. Ivan tinha pressa. Queria aproveitar que os zumbis estavam se reunindo junto à cerca para pular do outro lado. Sabia que mais cedo ou mais tarde eles iriam se dispersar de novo. Aquele era o momento ideal para saírem sem serem importunados.

Chegaram ao outro lado e olharam os arredores. Ao que parecia, aquela área estava livre. Viam, mais à frente, um grupo de zumbis cada vez maior perto da cerca, tentando alguma forma de atravessar. O plano estava funcionando.

Ivan e a família repetiram os mesmos movimentos para saltar para o lado de fora, Estela à frente, depois as crianças e Ivan por último, aproveitando um ponto onde eles ficavam invisíveis atrás de uma árvore. Quando ele ia pular, olhou para os pés de Estela, que estava incrivelmente desconfortável, pisando descalça no chão, e teve uma ideia. Pediu para eles aguardarem e voltou correndo para os fundos do prédio. Estela e as crianças ficaram apreensivas. O que ele ia fazer agora?

Passados alguns segundos, Ivan reapareceu, trazendo os sapatos do segurança. Sapatos pretos de bico grosso, razoavelmente surrados. Mas Estela nem se importou. Seus pés doíam de pisar em pedras e terrenos ásperos. Calçou os sapatos enquanto Ivan saltava a cerca.

— Muito obrigada, eu não aguentaria dar mais um passo — Estela falou para o marido.

Ivan sorriu.

— Vamos atravessar a avenida e subir a rua. Ao chegarmos àqueles prédios, tentaremos pedir socorro. Deve ter alguém em algum lugar. — Ivan tentava manter o otimismo, mas o fato era que, em função do blecaute, não avistava uma única luz. Não sabia se os prédios se achavam vazios ou se os moradores estavam se escondendo, temendo chamar a atenção dos zumbis.

Atravessaram a rua, com todo o cuidado. Precisavam ficar atentos a qualquer movimentação. Andaram rápido para sair do raio de visão da multidão de zumbis em frente à concessionária.

Vinham caminhando pela rua que cortava o Jardim Aquarius. Era uma rua residencial bastante tranquila, com diversos prédios do lado direito, e à esquerda havia um condomínio fechado. Diversos carros se encontravam parados em frente aos edifícios, e eles caminharam próximos a eles — poderiam servir de esconderijo caso alguma criatura surgisse. Felizmente a rua estava vazia; aquilo era reconfortante.

Enfim, chegaram à portaria do primeiro prédio. Ivan não conseguia ver ninguém na guarita, estava tudo escuro. Tentou tocar o interfone, torcendo para achar alguém que os acolhesse, mas não estava funcionando. O bairro inteiro ficara sem energia elétrica. E o que aconteceu a seguir pareceu um pesadelo.

A porta de vidro que levava ao *hall* de entrada do prédio se abriu, e de lá começaram a sair dezenas de zumbis. Vinham tropeçando uns nos outros, se espremendo pela porta.

Aninha deu um grito estridente, e Ivan sacou a Glock da cintura. Estela se colocou diante das duas crianças e deu um passo para trás, apontando o Taurus também.

A massa de zumbis parou no portão, que estava trancado. Vários deles esticavam os braços débeis para fora, num esforço inútil de alcançar Ivan ou algum dos membros de sua família. Os gemidos e grunhidos daquelas criaturas miseráveis eram

intermináveis.

Ivan e Estela ficaram estáticos, observando aquilo. Ao olharem para cima, viram mais zumbis saindo para as sacadas dos apartamentos, olhando para baixo atraídos pelos resmungos e rosnados dos outros moradores do prédio, que agora se amontoavam em frente ao portão principal, sedentos de sangue. Um dos zumbis se inclinou perigosamente numa sacada do nono andar, como se fosse possível agarrá-los lá de cima. Antevendo o desfecho, Ivan abraçou Matheus, virando o rosto do filho para seu peito.

— Não olha, filho... — Ivan sussurrou.

Estela fez o mesmo com Ana.

Logo em seguida, o zumbi despencou de lá de cima, se espatifando no concreto da entrada do prédio, logo atrás dos demais monstros. Alguns pararam, olharam para a criatura que agonizava, arrebatada, porém, pouco se importaram. De imediato, retornaram a atenção para a família parada diante deles em estado de choque.

Quando olhou para o lado, a família assistiu a mais um ato daquele espetáculo bizarro. Em todos os prédios da rua começaram a surgir zumbis nas sacadas, *halls* e portões de garagens. Estavam ali pelo simples fato de que ficaram presos dentro das próprias casas, e agora eram incapazes de sair. A cena era impressionante, pois eram muitos prédios próximos uns dos outros, todos com sacadas, de construção nobre, agora habitados por zumbis. Condenados a ficar confinados em seus prédios e apartamentos para sempre ou até que alguém, burro o suficiente, os libertasse.

Ivan e Estela se encararam. Nem parecia que eram observados pelos olhares famintos de centenas de zumbis de olhos brancos, separados apenas por algumas poucas grades.

— Estela, nós estamos mortos — Ivan sussurrou. — Essa praga atingiu até pessoas dentro de suas casas. Se todos os prédios e casas de São José estão assim, para onde vamos? Não temos para onde ir! Nosso prédio deve estar igual!

Estela sentiu os olhos encherem-se de lágrimas, ao fitar o marido e os filhos pequenos. Olhava ao longo da rua vazia — nenhum zumbi fora dos prédios —, e mesmo assim aquele lugar não podia parecer mais ameaçador. Nunca se sentiu tão vulnerável em toda sua vida como naquele momento, ao relento, sem um lar para voltar, sem enxergar saída. Sem absolutamente nada.

Naquele instante, Ivan desejou muito não ter filhos. Era tão injusto que duas crianças tão pequenas e inocentes tivessem que passar por aquilo tudo para morrer no final. Pior ainda era imaginar os filhos sendo dilacerados vivos, sem nenhuma chance de defesa. Ele também sentiu vontade de chorar. Parecia absurdo, mas invejava aqueles zumbis. Pelo menos eles não sentiam mais medo.

— Pai, eu estou apavorada... Vamos embora daqui, por favor? — pediu Aninha, chorando.

Os zumbis, mesmo presos, a deixavam nervosa.

Ivan tentou sorrir, pegou a filha pela mão e recomeçaram a andar. Avançavam em silêncio, olhando sempre a rua para ver se alguma criatura se aproximava.

Em dado momento, um apareceu, e todos se abaixaram atrás de um carro enquanto ele passava desengonçado pela calçada do outro lado. Recomeçaram a caminhar e, por fim, chegaram à avenida Cassiano Ricardo. Mas que diferença fazia? Não tinham para onde ir, estavam ferrados. Morrer ali ou numa grande avenida? Não importava. A morte era certa, era tudo o que eles sabiam. Quando e onde eram meros detalhes.

Ao olhar para a direita, Ivan avistou algo que lhe deu uma ponta de esperança. Havia um grande prédio em construção a cinquenta metros de distância. Estava cercado por chapas de aço por todos os lados, na certa para impedir que algum sem-teto invadisse a obra para dormir. Era um bom esconderijo. Ivan duvidava que tivesse algum zumbi lá dentro. Conversou com Estela rapidamente, e ela concordou na hora. Era de fato a única opção.

Correram com as crianças até o local, e Ivan repetiu o gesto de momentos antes, ajudando Estela a pular o cercado. Essa, pelo visto, teria de se tornar a operação de rotina. Naquele caso era pior, pois não dava para ver o que havia do outro lado, e Estela desapareceu por trás da proteção.

— Está tudo bem aí? Vou mandar Aninha antes que algum desses demônios apareça, ok? — sussurrou Ivan, cuidadoso.

Estela, porém, não respondeu. Estava tudo muito silencioso. Era silêncio demais.

— Estela? — chamou Ivan de novo, com uma nota de preocupação. De repente, o estampido seco de um tiro ecoou na noite.

— Estela! — gritou Ivan, desesperado. Precisava entrar para ajudá-la, mas não podia deixar os filhos sozinhos.

De repente, uma voz familiar rompeu o silêncio:

— Estou bem, pode mandar Ana. Eu o matei — falou Estela, com a voz tensa.

Ivan suspirou, aliviado.

Passou Ana e depois Matheus. Viu alguns zumbis descendo a rua, provavelmente atraídos pelo barulho do tiro, mas, antes que eles o vissem, Ivan saltou para o outro lado do cercado.

Quando desceu, viu claramente um corpo caído acerca de dez metros. Era bastante gordo e tinha cabelos e roupas desgrenhadas; provavelmente um mendigo que ficou preso lá dentro. Estela explodira sua cabeça com o tiro.

— Desculpa não ter respondido — Estela disse, por fim. — Precisava me concentrar. Estou com poucas balas, não podia errar.

— Tudo bem, fez um ótimo trabalho, querida. Vamos dar uma olhada por aqui; precisamos ter certeza de que é mesmo seguro. — Ivan olhou em volta. Apesar de não ter luzes, a noite estava bastante clara pelo luar, e também por Absinto, o

gigantesco e misterioso visitante.

Deram uma volta pelo local e constataram que não havia nada com que se preocupar, pois estava tudo vazio. Pelo menos podiam descansar um pouco.

— Papai, estou morrendo de fome. — Aninha choramingou. — O que nós vamos comer?

— É, pai, faz um tempão que a gente não come nada. Nem conseguimos almoçar! — reclamou Matheus.

Estela abraçou os filhos. Não havia solução para aquilo, infelizmente. Ela mesma não tinha apetite, apesar de sentir a boca amarga. Estava assustada. E aflitíssima, pois a situação deles era crítica: sem comida, sem água e sem ter para onde ir.

— Crianças, assim que as coisas se acalmarem a gente vai buscar comida, está bem? Mas por enquanto vamos ficar aqui, combinado? — Ivan acariciou os rostos dos filhos.

As crianças não gostaram muito, mas estavam assustadas e cansadas demais para discutir, e entraram junto com os pais no saguão do prédio. Lá estava relativamente limpo e protegido do vento. Daria para passarem a noite sem congelar. A temperatura se mostrava incrivelmente agradável para uma noite de inverno.

— Pai, eu trouxe meu iPod comigo, desculpa! — disse Matheus, temendo que o pai fosse brigar com ele por não ter deixado o aparelho no carro.

Ivan sorriu.

— Então aproveita pra brincar com ele, filho! Que sorte, hein? — Ivan sorriu diante da felicidade dos filhos, que se sentaram num canto para brincar.

Era irônico. Ivan não se sentia com nem um pinga de sorte naquele dia interminável.

Estela e Ivan pegaram os celulares e tentaram telefonar, mas era em vão; continuava sem sinal. Aquilo só aumentava a certeza de que aquele inferno era bem mais grave do que parecia.

— O seu celular consegue sintonizar rádio FM, certo? — perguntou Ivan de repente. — Será que a gente consegue ouvir alguma coisa sobre isso tudo?

— Não sei, vamos tentar. — Estela se pôs a sintonizar o rádio, cheia de esperança.

Começou a passar uma estação de cada vez, e nenhuma delas com sinal. Tudo no mais absoluto silêncio. Passou por várias frequências, e quando estava quase desistindo, uma voz surgiu. Um comentarista de uma rádio evangélica estava falando:

E continuamos transmitindo as notícias sobre o fenômeno que atingiu o mundo inteiro. Estamos aqui, meus amigos, num esforço de passar o máximo possível de informações para todos; não sabemos por quanto tempo iremos continuar no ar. Faz algumas horas que nenhuma autoridade se manifesta. Todos os canais de

televisão estão fora do ar. A internet funcionava de forma intermitente, e agora também parou, portanto, está muito difícil obter detalhes, mas é certo que o fenômeno atingiu todos os países da Terra. Repetindo: todas as nações do mundo foram afetadas por essa infestação...

Ivan ficou petrificado. Todos os países? Em toda parte? Como seria possível uma coisa daquelas? O locutor continuava:

...não temos nenhuma explicação oficial sobre o que causou essa tragédia, mas sabemos que esse fenômeno mantém as pessoas em um estado constante de fúria psicótica, por isso mantenham distância dos infectados, pois eles são perigosíssimos.

— Não são infectados. Não são pessoas. São zumbis — contrapôs Estela, como se o locutor da rádio pudesse escutá-la.

A última recomendação recebida é de que todos permaneçam em suas casas até que um plano de contingência seja apresentado. Já faz quatro horas que esse informe foi divulgado no portal do Gabinete da Presidência da República; nenhuma outra informação adicional foi divulgada, e agora não conseguimos acessar nenhum outro site ou portal de notícias. Não sabemos se novas orientações virão. Assim que tivermos alguma notícia iremos divulgar. Por enquanto, mantenham-se calmos e não saiam de casa. Que Deus nos proteja.

Depois disso, o locutor começou a repetir o mesmo texto. Pelo visto, aquela era uma mensagem gravada. Talvez o dono daquela voz nunca mais voltasse ao estúdio para dar uma notícia novamente.

Estela desligou o celular; já ouvira o suficiente. Ela e Ivan ficaram alguns minutos em silêncio, olhando para lugar nenhum.

— Amor, o que vamos fazer? — perguntou Estela, por fim.

O marido sempre tinha uma solução, sempre enxergava uma saída para os problemas. Ela olhava para ele, suplicante, rezando para que Ivan tivesse um plano.

— Meu amor, eu não faço a menor ideia... — respondeu Ivan, demolindo as esperanças da esposa.

— O que será dos nossos filhos? — Estela, aflita, se achava a um passo do desespero. — Eles são muito pequenos, meu Deus, o que nós vamos fazer?! — As lágrimas finalmente desabaram como uma cachoeira.

Ivan abraçou a esposa com força. Nunca sentira tanto pavor na vida.

Precisava pensar de forma objetiva. Dar um passo de cada vez, atacar um problema por vez. Ivan estivera nas forças armadas, fora treinado para combater em guerras, superar dificuldades e, sobretudo, se manter vivo.

Porém, jamais lhe passara pela cabeça, após sair do exército, que poderia vir a precisar do seu treinamento militar. E, na prática, já esquecera a maior parte do que havia aprendido. Mas agora isso teria de servir para alguma coisa.

— Amor, nós precisamos de algum lugar seguro e que tenha comida e água. Essa é a nossa prioridade número um. Aqui estamos seguros, mas não temos o que comer. — Ivan ergueu o rosto da esposa e a forçou a encará-lo.

— O hipermercado fica a menos de um quilômetro daqui, mas aposto que está infestado também, como os prédios, nossa rua, o shopping, a... — Mas Estela não concluiu a frase, pois Ivan a interrompeu:

— É isso! Você é um gênio! — Ivan deu-lhe um beijo um tanto bruto.

— O que foi que eu disse? — ela perguntou, perplexa, com uma sensação estranha crescendo no peito. Uma sensação que ela já começava a achar que não ia sentir nunca mais. Um sentimento chamado esperança.

— O Shopping Colinas estava fechado. É para lá que nós vamos.

CAPÍTULO 5

CONFINADOS



DEPOIS DE MUITO TEMPO, Ivan e Estela conseguiram fazer com que as crianças pegassem no sono. Deitaram abraçados com os filhos no chão até eles dormirem, falando palavras tranquilizadoras. Convenceram os filhos de que no dia seguinte providenciariam comida, que tudo seria mais fácil e eles não tinham com o que se preocupar. Temiam pelo futuro dos dois pequeninos e o que aquela experiência deixaria na alma deles.

— O que vai ser de nossos filhos? — Estela olhava as crianças, que dormiam no chão frio. — O que viram hoje, num único dia, foi o que nós dois, adultos, juntos, nunca assistimos em nossas vidas até agora... Vão endurecer rápido demais, tornarem-se adultos cedo demais. Isso *se* conseguirem sobreviver. — Novamente sentiu as lágrimas queimarem seus olhos.

Ivan também tinha as mesmas preocupações, mas se esforçava para manter o foco. Queria estabelecer prioridades, um desafio após o outro. Só de pensar no futuro de dois ou três anos para os filhos ele sentia falta de ar. Queria pensar a curto prazo, senão iria enlouquecer.

Ficaram olhando pela janela. Tinham decidido se instalar alguns andares acima do térreo. Assim iriam se manter mais protegidos e podiam observar o shopping.

O plano de Ivan era muito simples. Já que nenhum lugar onde houvesse aglomerações de pessoas era seguro, o Shopping Colinas, que estava fechado naquele final de semana, era a opção mais lógica. Achava-se a menos de um quilômetro de distância, e lá havia comida e bebida de sobra. E o mais importante: se houvesse zumbis, seriam pouquíssimos, apenas os vigias. Pelo menos era no que ele acreditava.

— Teremos de arrumar um carro, Ivan. Por mais que o shopping esteja perto, há muitas dessas criaturas por aí; não temos como chegar lá a pé sem sermos pegos. — E passou a avaliar os inúmeros arranhões e picadas de insetos nos braços e nas pernas.

— Sim, estava pensando nisso. — Ivan fitava a rua. — Temos alguns carros

abandonados na avenida. Nem sequer estão batidos. Sou capaz de apostar que alguns deles ainda têm a chave no contato.

— Provavelmente. Duvido que os zumbis tenham se lembrado de levar as chaves com eles. — Estela tentava ser engraçada. Estava mais esperançosa diante da possibilidade de chegar até o shopping, mas, mesmo assim, continuava angustiada. E apavorada também.

Ivan forçou um sorriso e mirou o céu. Ficou olhando Absinto, o misterioso corpo celeste que, depois de milênios de ausência, decidira fazer uma visita ao nosso planeta. Contemplou sua beleza indescritível por alguns instantes.

— Foi ele, não foi? — perguntou Ivan, pegando a mão da esposa e indicando o planeta com os olhos. — A culpa foi desse desgraçado, só pode ter sido.

— Não sei por que, mas também acho isso. Afinal de contas, não tem outra explicação. Não acredito que dois fenômenos globais únicos na história da humanidade aconteçam no mesmo dia, e uma coisa não tenha nada a ver com a outra. Eu trabalho com lógica, e essa é a única resposta óbvia. Não sei como esse planeta fez isso, mas com certeza foi ele.

Estela olhava para Absinto. Por muito tempo temera aquela coisa, quando achavam que ele poderia se chocar com a Terra e matar todos. Agora ela não tinha mais medo dele. Tinha ódio.

— Acho melhor você dormir um pouco, querida. Eu fico de guarda, não quero ser surpreendido por alguma dessas criaturas.

— Vou tentar, mas duvido que consiga. — Estela procurava se acomodar no chão duro. — Depois me acorde, eu revezo com você.

Inacreditavelmente, Estela conseguiu dormir. Mas não por muito tempo.

* * *

Quando percebeu, Estela estava na avenida Cassiano Ricardo, procurando os filhos. Mas não conseguia encontrá-los, a avenida estava vazia, não havia ninguém. Aonde quer que fosse, encontrava tudo deserto. Continuou correndo, descendo até o shopping. Depois, subiu a avenida São João e virou à direita, numa das ruas do bairro. Após muito caminhar, chegou ao prédio onde moravam. Esperava que os filhos tivessem voltado para casa.

Pegou o elevador e subiu até o apartamento, rezando para que os dois já tivessem chegado. Quando abriu a porta, a sala estava toda suja de sangue. Nos sofás, na mesa, no piano, nas cortinas e nas cadeiras. Até no teto havia sangue. E uma grande trilha rubra levava ao seu quarto, como se alguém houvesse sido arrastado pelo chão.

Com o coração disparado, ela foi andando lentamente até o quarto. Sacou o revólver e o apontou para a frente. Havia rastros de sangue nas paredes também,

como se alguém tivesse tentado se segurar, deixando as marcas dos dedos ao ser puxado.

Quando chegou ao quarto, ela viu Ivan caído no chão, enquanto seus filhos rasgavam sua carne com os dentes. Suas crianças, seus anjinhos, mutilavam o próprio pai, lambendo o sangue das mãos e arrancando suas vísceras. Olharam para a mãe, mas a ignoraram, continuando a comer.

Estela começou a chorar, desesperada. Apontou a arma para os filhos, mas não conseguia atirar, não tinha coragem. De repente, Ivan falou com ela, sem se mover, nem abrir os olhos.

— Mate-os, meu amor. Mate nossos filhos agora — falou Ivan, com doçura.

— Não posso! Não consigo! São meus filhos! — gritou Estela, com a voz embargada pela dor.

— Não, amor. Seus filhos estão mortos. Eu também estou morto. Todos estão mortos. Seus pais, suas irmãs, seus tios e suas tias, todos que você amou um dia. Estamos todos no inferno agora. E em breve você estará conosco também — Ivan garantiu, com toda a calma.

— Não pode ser... eu não posso... eu não consigo... — Estela caiu de joelhos no chão e largou a arma.

— Mate-nos, sua vadia!!! — E Ivan se levantou, furioso, com olhos brancos e vazios, enquanto seus filhos se viravam contra a própria mãe, raivosos.

Estela acordou do pesadelo aos gritos.

* * *

Finalmente, o dia amanheceu. Fora uma noite infernal. Ivan, embora exausto, não conseguira dormir. Estela e as crianças tiveram pesadelos a noite toda, várias vezes. E quando enfim acordaram, os filhos não paravam de reclamar de frio e fome.

Ao menos eles conseguiram água — o prédio já estava com algumas torneiras funcionando. Mas, há quase vinte e quatro horas sem comer nada, as crianças estavam famintas. Ivan precisava arrumar alimento urgentemente. Tinham de colocar o plano em ação.

Foram até o térreo, e Ivan usou um enorme tambor de água para subir e ver como estava a situação na rua. De cima do prédio, ele já vira um Gol parado a vinte metros de distância do cercado. Era esse o carro que tentaria pegar. Ele avaliou com cuidado os riscos e desceu para falar com a esposa.

— E então? — perguntou Estela, ansiosa.

— Está mais fácil do que eu imaginava. Daqui eu não vi nenhum zumbi — respondeu, confiante.

— Nós tínhamos visto alguns lá de cima. Onde estão eles? — inquiriu Estela, desconfiada.

Vira umas dez criaturas poucos minutos antes. Estela era sempre mais pessimista, não acreditava que as coisas pudessem ser fáceis, e não seria agora, num mundo de zumbis, que mudaria o jeito de encarar as situações.

— Eles ficam indo e vindo o tempo todo. Devem ter passado direto, não dá para ver muito à frente. — Ivan conferiu a pistola e devolveu o Taurus para Estela. — Muito bem, eu vou pular o cercado e correr até o carro, enquanto você fica em cima do tambor com as crianças e me dá cobertura. Quando eu estiver me aproximando, vocês pulam, eu paro o carro o mais perto possível e vocês entram. Aí, zarpamos para o shopping; chegaremos lá em três minutos, no máximo.

— Você acha mesmo que não vale a pena tentar outro lugar? — indagou Estela, apenas para tentar oferecer uma alternativa.

— Não consigo imaginar aonde mais poderíamos ir. Não acho que possamos voltar para casa, e, se conseguíssemos, iríamos ficar presos lá, com pouquíssima comida. Se tivermos que ficar presos para esperar algum tipo de ajuda, que seja em um lugar que tenha tudo o que precisamos, e pelo menos com o mínimo de segurança sem zumbis com que nos preocupar. — Ivan deu uma última espiada na rua. — Eu vou, amor, deseje-me sorte.

Ivan pulou para a calçada, olhando em volta novamente, com a arma em punho. Sabia que quando chegasse à rua estaria no campo de visão de quem estivesse lá, e não fazia a menor ideia do que encontraria mais acima — os outros prédios bloqueavam a visão. E só tinha um jeito de descobrir. Ele correu até o meio da avenida na direção do Gol.

Quando estava no meio da avenida Cassiano Ricardo, apenas a três passos de chegar no carro, olhou para a esquerda e arrepiou-se imediatamente. A avenida estava infestada apenas cem metros à frente — não só alguns zumbis, mas milhares. Parecia que metade da população da cidade estava ali.

Muitos desfigurados, ensanguentados, mutilados, às vezes com membros inteiros faltando. Uma verdadeira multidão de desgraçados devoradores de gente. E vários deles viram-no no meio da rua, petrificado com aquela visão do inferno. Imediatamente, a multidão começou a vir na direção dele, se arrastando, gemendo, rosnando, dentes à mostra, por todos os lados.

Ivan entrou em pânico. Precisava pegar sua família e sair dali agora mesmo. Aquele cercado não seria capaz de protegê-los daquela quantidade de zumbis. O peso deles seria suficiente para botar tudo abaixo.

Entrou no Gol e tentou girar a chave no contato. Mas não tinha chave nenhuma! Seu palpite estava completamente errado, não tinha como ligar aquele carro. Saiu do veículo, apavorado. Planejara muito mal aquele movimento. Não se preparara para nenhuma daquelas hipóteses, nem a de não poder ligar o carro, e muito menos a da multidão de zumbis enlouquecidos.

Pensou em voltar, mas era tarde demais; denunciaria o esconderijo de sua família. Talvez se corresse e servisse de isca para os zumbis, pelo menos Estela e as crianças estariam seguras. Mas e depois? Como a esposa e as crianças iriam se virar sem ele? Iria apenas adiar o inevitável. O que fazer?

E dessa vez, não tinha dez segundos para respirar fundo, precisava agir imediatamente.

Começou a correr pela avenida no sentido do shopping, enquanto ouvia os gritos de sua mulher, aflita, pedindo para ele voltar. Precisava de tempo, e para isso, tinha de se afastar o máximo possível das criaturas.

Ivan se virou para a esposa e mandou-a se esconder, porque ele voltaria. Estela ouviu aquilo, desesperada, mas, quando começou a avistar a massa de criaturas descendo a avenida, não teve escolha — ela pulou do tambor com os filhos, tornando-se invisível de novo. Felizmente, não fora avistada, senão seria o fim.

Enquanto isso, Ivan corria ladeira abaixo para salvar a própria vida. Olhou para trás e viu a multidão descendo, ocupando cada metro quadrado da avenida. Vinham tropeçando uns nos outros, alguns caíam e eram imediatamente pisoteados pela turba gigantesca, cada vez maior. Seriam quantos? Uns quatro, cinco mil? Era incalculável. Impossível sobreviver àquilo. A Ivan só restava correr. Correr como um louco, com o coração disparado.

Havia vários carros na rua, mas quase todos batidos, capotados, parcialmente destruídos. Precisava de um carro que funcionasse!

Em uma calçada, avistou um grupo de zumbis lutando pelos restos mortais de um cachorro. Aquelas criaturas infernais devoravam tudo o que encontravam pela frente, sem restrição. Ivan passou em disparada, com medo de aquele grupo também decidir persegui-lo.

Passou correndo em frente ao shopping. Pensou em entrar, talvez se esconder e ganhar tempo, mas não podia. Se os zumbis o seguissem destruiriam o prédio tentando pegá-lo, e assim o plano todo iria por água abaixo.

Aqui e acolá, havia outros zumbis, que ao vê-lo imediatamente se punham a persegui-lo, piorando o problema, que já era imenso. Ao passar correndo pelo cruzamento próximo ao shopping, Ivan viu algo muito promissor: próximo a um colégio, um ônibus parado bem no meio da avenida. Parecia em perfeito estado, talvez a chave estivesse no contato. Disparou na direção do ônibus.

Ganhou distância em relação à multidão dos zumbis que o perseguiam, mas nem por isso estava seguro, pelo simples fato de estar cansando rápido, e, ao contrário dele, aquelas coisas pareciam não cansar nunca. O plano tinha de funcionar. O som dos zumbis em seu encalço era aterrorizante: uma orquestra de gemidos e rosnados, gritos e urros. Uma visão do que poderia se chamar de Inferno.

Ivan corria, perdendo as forças. Não sabia o quão longe conseguiria ir naquele

ritmo, pois estava completamente fora de forma. Se aquele ônibus não fosse a solução, estaria perdido, sem opções.

Quando se achava a menos de dez metros do ônibus, um zumbi apareceu à sua frente. Agarrou Ivan pela cintura, e os dois rolaram no chão. A pistola escapou de sua mão e quicou no asfalto, a cerca de dois metros dele. O zumbi ficou sobre Ivan, tentando se aproximar de alguma parte de seu corpo para morder. Ivan segurava a criatura com uma das mãos e tentava desesperadamente alcançar a pistola.

Centenas de criaturas se viraram na avenida naquele instante e se aproximavam, famintas.

O zumbi que o atacava era uma mulher, não devia ter mais do que vinte e cinco anos, cabelos pretos bem lisos e pele bastante pálida, mas Ivan não conseguia afastá-la, com todo seu peso sobre ele.

Precisava se livrar rápido. Continuou empurrando a fera com uma das mãos, e a muito custo alcançou o martelo, que trazia pendurado ao cinto. Afastou a mulher uma última vez, o suficiente para ter espaço para desferir um golpe em seu rosto. Os dentes da criatura voaram longe, e ela caiu para trás, atordoada. Ivan se colocou de pé num salto; não tinha mais tempo, apenas trinta metros de vantagem da multidão que vinha cada vez mais rápido, excitada com sua vítima.

Ivan pegou a pistola e, quando passou ao lado da zumbi, que fazia menção de se levantar, fez questão de cravar um tiro bem no meio de sua testa, estourando-lhe os miolos.

Chegou à porta do ônibus, que estava escancarada. Olhou para o contato e... enfim um golpe de sorte: a chave estava lá. Entrou de arma em punho, precisava se certificar de estar sozinho. Para variar, não estava. Um zumbi se levantou de um assento no fundo do ônibus, mas Ivan não esperou nem um segundo, e o abateu com um tiro certo. Girou a chave no contato rezando para que funcionasse e soltou um suspiro quando o motor roncou alto. Viu no retrovisor os primeiros zumbis alcançando a lateral do ônibus; precisava sair dali. Fechou a porta bem na cara de uma das feras.

— Sem passageiros, este ônibus vai se recolher para a garagem. Por gentileza, aguarde o próximo veículo — Ivan murmurou. Sim, estava correndo um risco mortal, mas tentava manter o bom humor com ironia.

Colocou a monstruosidade para andar. Nunca dirigira um trambolho daqueles na vida. Foi acelerando, ganhando terreno, deixando seus perseguidores para trás. As marchas engasgavam e arranhavam à medida que eram trocadas, mas realmente ele estava se lixando para as engasgadas naquele exato momento.

No fim da avenida, Ivan se preparou para virar à esquerda e retornar pelo lado oposto. Como havia um córrego no meio, estaria protegido. Enquanto os zumbis vinham por um lado, ele voltaria pelo outro. Quem tentasse ir atrás dele despencaria

de uma altura de uns cinco metros dentro do córrego e seria arrastado pela água.

Quando reduziu para fazer o retorno, o som de uma buzina chamou sua atenção. Freou de imediato, perguntando-se por que fazia aquilo. Parou e olhou em volta. De onde viera o som? De repente, ouviu de novo, o som estridente e inconfundível de uma buzina de carro. Ivan olhou em volta e encontrou o carro que buzinava. Logo depois do retorno havia uma Meriva espatifada num poste, e alguém se movendo lá dentro. No banco do motorista, uma pessoa — parecia uma mulher — imóvel.

Ivan precisava decidir o que fazer, pois os zumbis vinham atrás dele, embora agora mais distantes. Motorizado, ele abriu uma dianteira de uns duzentos e cinquenta metros, mas não tinha tempo a perder — sua família precisava dele. Decidiu se aproximar mais e, quando emparelhou com o carro, um homem de uns quarenta e cinco anos, de óculos e corpulento saiu do veículo com um menino de uns três anos no colo. Era o sinal que Ivan precisava. Ele freou bruscamente e abriu a porta.

— Me ajude, por favor! Estou com três crianças aqui! — gritou o homem, abrindo a porta direita traseira.

Ivan avistou mais duas crianças: um menino de uns dez anos e uma menina de uns seis saíram no banco de trás.

Ivan se apressou para pegar a menina no colo e gritou para o homem e o filho mais velho:

— Entrem rápido! Eles estão chegando! — E indicou os zumbis, os primeiros já se aproximando do retorno.

O homem hesitou por um instante ao lado da porta do motorista, com o filho no colo. Ivan empurrou o menino mais velho para dentro do ônibus e correu até ele.

— Você enlouqueceu?! Temos que ir embora, entre no ônibus já! — Ivan ordenou, agarrando-o pelo colarinho, ainda com a filha dele no colo. Sentia o coração da menina batendo disparado contra o seu peito.

— E a minha mulher? — perguntou o homem, com os olhos marejados.

Ivan olhou dentro do veículo e não conseguiu acreditar no que viu. Uma mulher, ou melhor, um zumbi estava sentado no banco do motorista, presa ao banco com um cinto masculino que tinha sido afivelado na parte de trás do assento. Aquele homem não teve coragem de matar a própria esposa e, por isso, ficou quase vinte e quatro horas trancado no carro com a criatura, que só não os matou porque ele conseguira amarrá-la.

— Não podemos levá-la conosco, sinto muito! — gritou Ivan. — Entre no ônibus!

— Não posso deixá-la assim... — ele murmurou.

Ivan pôs a menina no chão e mandou-a entrar no ônibus e ficar junto com o irmão. Ela obedeceu, apavorada demais para discutir.

— Você ama sua esposa? — Ivan encarou o homem.

— Sim, muito — ele respondeu.

— E você acha que ela iria querer ficar assim? — Ivan sacou a pistola.

— Não, não ia... — afirmou o homem, mortificado, com as lágrimas começando a cair. Ele abraçou forte o filho pequeno e se virou de costas para o carro. Não queria que ele visse o que viria a seguir.

Ivan se aproximou da Meriva, apontou a pistola e desferiu um tiro certo no crânio da mulher, que ficou imóvel, com a cabeça pendendo para a frente. As crianças dentro do ônibus começaram a chorar e gritar pela mãe. Ivan pegou o homem pelo braço e praticamente o arrastou para dentro do ônibus. O tempo se esgotava de novo, a multidão de feras já os alcançava novamente.

Ivan arrancou com o veículo enorme imediatamente, afastando-se dos seus perseguidores, levando consigo quatro vidas que acabara de salvar.

* * *

Dispararam em alta velocidade com o ônibus, passando na lateral do Shopping Colinas. Do outro lado, eles já viam as criaturas retornando, indo na mesma direção que eles, por isso Ivan tinha pressa. Precisava buscar Estela e as crianças, eles deviam estar apavorados.

O homem que ele resgatara estava sentado no banco logo atrás dele, com o filho menor no colo. As outras duas crianças se acomodaram no outro banco. Todos, sem exceção, choravam pela mulher que Ivan acabara de matar.

Viraram bruscamente à direita na avenida Cassiano Ricardo, que estava cheia de zumbis. Aquela ia ser a parte complicada.

— O que você vai fazer? — perguntou o homem, assustado, quando viu Ivan indo na direção da multidão de zumbis.

— Vou buscar minha família, segurem-se! — gritou Ivan, acelerando ainda mais.

Chocaram-se com um estrondo contra a multidão de criaturas. Vários zumbis foram arremessados longe, outros rolaram por debaixo do ônibus. O para-brisa do veículo trincou inteiro e ficou todo salpicado de sangue. As crianças recomeçaram a gritar, mas Ivan as ignorou, pois estava com muita pressa.

— Vá mais devagar! Você está louco! — gritou o homem, nervoso.

Mas Ivan também não lhe deu atenção, pois estava focado em sua família; eles eram sua prioridade agora.

Começou a subir a avenida, acelerando mais. Quando chegou perto do prédio em construção, enfiou a mão na buzina com tudo o que podia. O barulho ensurdecedor encheu o bairro inteiro, atraindo a atenção das criaturas ainda mais.

Estela estava sentada dentro do prédio com as crianças. Angustuada, sem notícias de Ivan, imaginava que tivesse acontecido o pior. Não queria arriscar olhar sobre o cercado, com medo de ser avistada pela multidão de zumbis. Os filhos ainda

choravam, temendo que algo acontecesse com o pai.

Quando ouviu a buzina ela teve certeza de que era o marido voltando. Pegou as crianças e começou a descer o lance de escadas, mas antes mesmo de sair do prédio ouviu um estrondo. Quando saiu, pensou por um instante que estava sonhando.

Estela e as crianças ficaram boquiabertas com o ônibus que acabara de arrebentar parte do cercado, entrando mais de três metros no terreno. Ivan abriu a porta e fez sinal para eles entrarem. Ela não perdeu tempo e entrou junto com os filhos, dando um beijo rápido no rosto do marido, que piscou para a mulher.

Ivan fechou a porta e deu marcha a ré, retornando para a avenida. Havia zumbis por todos os lados, estava tudo infestado. Zumbis subindo da direção do shopping, zumbis vindo do Jardim Aquarius, criaturas que não acabavam mais!

Ivan trocou de marcha e pôs o ônibus em movimento de novo; precisavam chegar ao shopping.

Estela se surpreendeu quando viu seus novos companheiros de viagem. Mas, sem cabeça para formalidades, simplesmente fez um aceno para o homem sentando na primeira fileira e sentou os filhos no banco de trás. Depois foi para a frente, junto de Ivan, desconfiando de que ele necessitava de ajuda, pois tudo indicava que precisariam de muita sorte para chegar ao destino.

Descendo a avenida ele acelerou o que pôde. Teria de abrir caminho na base da força bruta por milhares de zumbis. Portanto, precisava impor potência máxima.

Foi uma cena brutal. O ônibus foi abrindo caminho na multidão esmagando tudo o que aparecia pela frente. Zumbis voavam para todos os lados, alguns caíram do outro lado da avenida, em terrenos baldios, sobre carros que estavam parados e assim por diante. Ivan não parou para contar, mas calculou que matou ou feriu mais de duzentas criaturas em questão de segundos.

Todos se seguravam do jeito que podiam no ônibus. As crianças fechavam os olhos para não ver a verdadeira carnificina que se desenrolava. Ivan e Estela, entretanto, nem piscaram.

Estela só estranhou quando Ivan passou direto pelo shopping, subindo a avenida São João. Eles precisavam seguir o plano.

— Aonde você vai? — perguntou Estela, perplexa. — O shopping ficou para trás!

— Eu sei. Precisamos despistá-los. Eles não podem ver que entramos no shopping, senão vão tentar invadir. Eles são muitos, e derrubarão as portas e virão atrás de nós facilmente. Temos de enganá-los.

Ele parou o ônibus bem no topo da avenida. Puxou o freio de mão, abriu a porta e saiu. Estela não podia acreditar no que via. Aquela situação estava mexendo com a cabeça do marido, não tinha outra explicação. Ela saiu também de arma em punho, não queria surpresas.

Ivan foi até a traseira do ônibus e começou a gritar. Queria atrair os zumbis para o

ônibus. Queria principalmente afastá-los do shopping.

Seu plano começou a dar certo: a multidão de criaturas começou a subir a avenida naquele ritmo arrastado, aos milhares. Ivan sacou a arma e deu um tiro na direção do bando. O barulho atraiu ainda mais criaturas, e eles começaram a vir, ocupando a avenida toda. Ao ver aquilo, Estela entendeu o plano do marido.

— Já chega? Vamos embora? — Estela olhava em volta.

Havia outros zumbis se aproximando, chegando de diversas direções. Não podiam ficar muito mais tempo parados.

— Sim, vamos embora! — Ivan pegou a mulher pela mão, e voltaram para o ônibus.

Arrancaram exatamente quando as criaturas alcançaram o veículo. Viraram à esquerda, na avenida Barão de Rio Branco, acelerando sempre. Havia alguns carros parados na rua, mas Ivan não se incomodou, foi batendo e abrindo passagem, avisando os outros para se segurarem. Estela se manteve ao seu lado o tempo todo, agarrada nas barras de apoio.

Viraram à esquerda e passaram por dentro do Jardim Esplanada. Era impressionante, não havia uma única rua em que não houvesse zumbis. Pelo jeito, a cidade inteira estava infestada.

— Aonde estamos indo, pelo amor de Deus? — perguntou o homem que Ivan resgatara.

— Qual o seu nome? — perguntou Ivan, contornando uma praça.

— Oswaldo — respondeu o homem, seco.

— Eu sou Ivan, esta é minha esposa, Estela. Lá atrás estão meus filhos, Ana e Matheus. Estamos indo nos esconder no Shopping Colinas — afirmou, sem desviar o olhar da rua.

— Você está louco? Com todas essas coisas na avenida Cassiano Ricardo? Temos que fugir da cidade, vá para a Dutra agora! — falou Oswaldo, horrorizado com a ideia de se esconder a menos de cem metros daquela horda.

— Oswaldo, escute o que eu vou falar. Não existe lugar seguro, o mundo inteiro foi afetado. Nós escutamos no rádio; sair da cidade não resolverá nada. Temos de nos esconder em algum lugar no qual possamos resistir, e que tenha comida, água e roupas. Além disso... — Ivan ia concluir, mas Estela o cortou.

— Pare o ônibus! — Estela gritou.

Ivan obedeceu. Freou tão seco que Matheus bateu a cabeça no banco da frente. E o cadáver do zumbi que Ivan abatera derrapou do fundo ônibus até o meio do carro, assustando as crianças.

— O que houve?! — Ivan perguntou, assustado.

— Abra a porta, veja! — Estela apontou.

Ivan olhou e percebeu o que a esposa queria fazer. Havia uma viatura da polícia

militar parada sobre uma calçada, com as portas escancaradas. Com um pouco de sorte, encontrariam armas lá dentro.

Ivan e Estela desceram correndo, enquanto Oswaldo se manteve dentro do ônibus com as crianças. Queria sair logo dali, estava apavorado. Porém, não sairia daquele ônibus por nada.

Um minuto depois, ambos retornaram. Eles traziam uma escopeta calibre .12, alguns cartuchos e mais uma pistola, além de munição. Fecharam a porta e seguiram em frente, descendo até o mesmo retorno onde Ivan encontrara Oswaldo e seus filhos apenas alguns instantes antes. Estavam a menos de quinhentos metros do shopping.

Ele parou o ônibus e olhou a rua. Havia alguns poucos zumbis, não tinha com o que se preocupar. Fatalmente eles iriam segui-los até o shopping, mas lá dentro poderiam matá-los. Só não podiam ser vistos pela multidão, mas essa estava dois quilômetros para trás, tentando segui-los como cachorros que vão atrás do dono. Era agora ou nunca.

Ivan avançou na direção do shopping e virou à direita na primeira entrada, arrancando a cancela e invadindo o estacionamento. Como o shopping estivera fechado, o estacionamento se encontrava vazio. Viu um zumbi zanzando pelas vagas, mas Ivan não teve piedade: atropelou a coisa com o ônibus e avançou pela lateral esquerda do prédio. Sabia que existia uma entrada para carga e descarga, pois passara por ali algumas vezes procurando vaga para estacionar.

Finalmente encostou o ônibus bem em frente à entrada de serviço. Assim era o ideal — se precisassem sair às pressas o acesso ao ônibus seria bem mais fácil.

— Vamos descer aqui. Venha, Oswaldo, pegue seus filhos. Crianças, venham com o papai. — E Ivan levou todos para fora.

Aquela parte do shopping estava vazia, e o prédio era cercado por um muro alto, que bloqueava a visão das criaturas que vinham pela avenida. Mas eles tinham que ser rápidos. Ivan sabia que alguns zumbis viram o ônibus entrar, era questão de tempo para eles terem companhia.

Foram até a porta de aço. Ivan trazia a escopeta na mão, uma pistola na cintura e o Taurus .32 no bolso de trás. Estela empunhava a pistola que acabara de encontrar. Agora eles estavam armados até os dentes. Isso dava um pouco mais de segurança. Não podiam afirmar com certeza absoluta que o shopping era seguro, mas era, sem dúvida, a melhor opção naquele momento.

Ivan se preparara para arrombar a porta à bala, mas não foi necessário, ela estava aberta. Ele não sabia dizer se aquilo era bom ou ruim, mas ficou feliz por não ter de fazer mais barulho. Sinalizou para todos aguardarem enquanto ele ia entrar. Estela ficou vigiando a retaguarda do grupo, e o marido adentrou o shopping.

Em instantes, Ivan retornou e chamou todos para entrar. Oswaldo seguiu com seus filhos logo depois de Ivan, em seguida Matheus e Ana. Estela encerrava a fila.

Finalmente, entraram no shopping e fecharam a porta, deixando do lado de fora milhares de criaturas homicidas que não faziam ideia de onde eles estavam.

* * *

Foram se acostumando aos poucos com a escuridão. Achavam-se em um corredor sem iluminação alguma, mas à frente já havia alguma claridade. Vinham em silêncio, com Ivan sempre à frente com a escopeta nas mãos. No fim do corredor, alcançaram a área das lojas — deserta, exatamente como eles imaginaram. Ou quase deserta.

Entraram no corredor, que tinha diversas lojas, todas fechadas. Ali também havia um teatro e, à direita, o saguão principal, onde ficava a bilheteria do cinema. Mais à frente, a porta de vidro, que dava acesso ao shopping. Ivan achou melhor ficar longe daquela parte, por enquanto. Não queria que algum grupo de zumbis decidisse bisbilhotar por ali e os visse.

Viraram à esquerda e foram até o final do corredor. Ali ficava a entrada para o supermercado, o local com que Ivan e Estela vinham sonhando, pois todos estavam famintos. Lá haveria comida para alimentar um batalhão inteiro. Mas, antes disso, teriam de se certificar de que o shopping era seguro — precisariam vasculhar tudo.

O shopping possuía dois andares com cerca de trezentas lojas dos mais diversos segmentos, por isso dispunha de tudo o que eles poderiam precisar. Também havia mais dois andares com escritórios, que serviam à administração do prédio.

Chegaram até um pequeno quiosque que servia café e salgadinhos, mas ali aparentemente não tinha nada; estava tudo coberto por uma lona. Depois averiguariam com calma. Agora Ivan queria organizar o plano. Fariam uma pausa, tinham algumas mesas e cadeiras.

— Muito bem, teremos que fazer uma busca completa neste local. Quero ter certeza de que não há nenhum zumbi aqui dentro, e de que eles não irão conseguir entrar. Mas, para isso, deveremos ter muito cuidado e fazer uma varredura meticulosa. — Ivan colocou a escopeta sobre uma das mesinhas.

Já havia lanchado naquele quiosque algumas vezes. Daria um braço por um *cappuccino* naquele momento. Quem sabe mais tarde?

— Não vai precisar procurar nada não, cara. Não tem zumbi aqui, e vocês também não são bem-vindos, podem tratar de cair fora! — falou uma voz grossa, vinda do outro lado do salão.

Ivan e os demais se sobressaltaram. Olharam sobre o quiosque para o outro lado e viram um grupo se aproximando. Três homens e duas mulheres. À frente vinha um mulato forte vestindo um macacão, igual aos dos outros dois, ambos brancos e de altura mediana. As mulheres usavam calça jeans e camiseta, ambas aparentando vinte e poucos anos. O mulato devia ter trinta e poucos. Já os outros dois deviam estar na casa dos vinte.

O mulato parecia ser o líder, e tinha com cara de poucos amigos. O resto do grupo o seguia. Um dos homens trazia uma chave-inglesa na mão, o outro, uma marreta. Cada mulher segurava uma barra de cano de metal, típico dos usados em encanamento de gás. Parecia um pequeno pelotão de linchamento.

Ivan olhou para Estela, que retribuiu o olhar. Ela trazia a pistola na mão, abaixada ao longo do corpo. Estava incrivelmente calma, igual ao marido, que mantinha a escopeta abaixada atrás do balcão do quiosque. Os cinco valentões vinham na direção deles sem saber o tamanho da encrenca em que iam se meter. Mas Ivan tentaria usar a diplomacia antes de tudo.

— Bom dia, tudo bem? — Ivan tentou ser simpático. — Precisamos de um lugar pra ficar. Estamos com cinco crianças pequenas e com muita fome.

— Não é problema nosso, imbecil! — rosnou o mulato. — Não tem lugar para mais ninguém, cai fora!

— Tem certeza? Aqui é bem grande... — Ivan olhou em volta. — Garanto que podemos ajudar uns aos outros...

— Não precisamos da sua ajuda! — O mulato começou a contornar o quiosque em direção à Estela, que não moveu nem um músculo, estava totalmente serena.

— Desculpe, mas nós não vamos sair — Estela afirmou, com toda a calma.

— Cala a boca, sua vadia, eu já disse que...

Estela apontou a pistola para a cabeça do homem, que parou de imediato. O grupo inteiro ficou paralisado diante da Glock.

— Podemos resolver isso da forma fácil ou da forma *muito* fácil. Qual você prefere? — Estela perguntou num tom muito baixo, quase num sussurro.

Ivan se uniu a ela, com a escopeta agora visível. O mulato arregalou os olhos. As duas mulheres se entreolharam, aflitas. Uma delas largou a barra de cano no chão por puro instinto de sobrevivência.

O homem com a chave-inglesa ergueu ambas as mãos, em sinal de rendição. O que segurava a marreta tentou apaziguar a situação. Oswaldo pegou as cinco crianças e se afastou daquela cena, estava com medo do desfecho.

— Calma, pessoal, não precisamos brigar, certo? — falou o rapaz que tinha um bigodinho bastante fino e discreto. — Desculpem o mau jeito, é que estamos com medo de algum saqueador dar as caras por aqui e arrumar encrenca. Por isso, estamos nos precavendo.

— Então ficaremos todos bem, porque ninguém aqui veio saquear nada. Só quero um lugar seguro para ficar com a minha família e meus amigos até conseguirmos socorro — respondeu Ivan, tentando conquistar a confiança do grupo.

— Como eu vou saber se posso confiar em vocês? — perguntou o mulato, desconfiado. — É difícil confiar em alguém desconhecido e armado, concordam?

Estela olhou para Ivan, que fez um leve meneio com a cabeça. Logo em seguida,

ela jogou a Glock para o mulato, que agarrou a arma no susto, todo atrapalhado.

— Não seja por isso. — Estela foi até Ivan e pegou a pistola que ele trazia na cintura. — Meu marido não tem mãos suficientes para usar tantas armas ao mesmo tempo.

O mulato olhou perplexo para a pistola em suas mãos e depois para o casal. Uma bela mulher usando vestido de alça e sapato social masculino; um homem armado com uma escopeta que parecia tão tranquilo como se estivesse no sofá da sala; e um monte de crianças pequenas com um gorducho com cara de idiota. Quem diabos eram aquelas pessoas, algumas delas tão sujas e arranhadas que pareciam ter saído de uma guerra?

— Quem são vocês? — perguntou o mulato. — São policiais ou algo parecido?

— Meu nome é Ivan, e essa é minha esposa, Estela. — Ivan sorriu e estendeu a mão para o mulato, dando-lhe um aperto de mão capaz de quebrar os ossos. — E não somos policiais, mas analistas de sistemas.

— Analistas de sistemas... É claro que sim, isso explica tudo. Como eu não pensei nisso antes? — O mulato deu de ombros e retribuiu o aperto de mãos com um sorriso.

* * *

Sentaram-se todos para comer em algumas das muitas mesas da praça de alimentação do shopping. Prepararam hambúrgueres, e Estela fritou alguns salgadinhos que ainda estavam congelados, de uma lanchonete. Todos avançaram ávidos na comida, famintos. Até Oswaldo, o mais acanhado de todos, se animou e comeu de modo desesperado com os filhos. Ivan e Silas, o mulato que apenas uma hora antes estava louco para arrumar confusão, conversavam animados, apesar do início um tanto problemático. Foi um caso de confronto inicial que se transformou em simpatia mútua, quase automática.

Silas explicou para Ivan e Estela que ele e os outros homens faziam parte da equipe encarregada de consertar o vazamento de gás no shopping, por isso estavam ali. Ivan já percebera, pelos uniformes que usavam.

— E o resto da equipe? — Ivan perguntou só para constar, pois já sabia a resposta.

— Todos mortos. — Silas exalou um suspiro. — Foram onze homens que de uma hora para outra se transformaram nesses bichos. Atacaram dois colegas nossos, que logo depois também se transformaram, e aí partiram todos pra cima da gente.

— Vocês os mataram? — perguntou Estela. — Três contra treze e sem armas de fogo... Deve ter sido uma briga complicada.

— Foi mesmo, eles quase nos pegaram — respondeu Silas. — Quer dizer, na hora eu nem sabia o que estava acontecendo. A gente correu e se trancou no banheiro.

Ficamos mais de duas horas escondidos. Quando saímos, conseguimos pegar algumas ferramentas e começamos a matar um por um. Foi foda.

— Vocês não pensaram em fugir? — perguntou Ivan.

— Chegamos a tentar. Pegamos a Kombi da empresa e saímos, mas voltamos em menos de dez minutos. Estava um verdadeiro caos lá fora, e, com a Kombi com a gasolina na reserva, não tinha como ir muito longe. E nem pensar em abastecer. A rua estava uma bagunça — falou um dos outros homens, entrando na conversa. Ele era o mais jovens dos três e o que mostrava melhor aparência também, com seus cabelos penteados.

— Meu nome é Ivan. Como você se chama? — perguntou, dando a mão para o rapaz.

— Robertson — respondeu ele, um tanto sem graça pelo nome incomum.

— Ah, certo, muito prazer... — falou Ivan, meio desconcertado.

— É culpa da minha mãe! Ela queria homenagear meu avô Roberto e meu pai, Jefferson. Deu no que deu, fui zoadado a vida toda! Mas pode me chamar de Bob, é mais fácil e dói menos no ouvido. — O rapaz deu risada, mostrando dentes perfeitos.

Ivan e Estela sorriram do jeito dele. Todo grupo tinha um comediante, e eles haviam acabado de conhecer o seu.

Estela olhou para o outro homem, que acompanhava a conversa em silêncio. Foi ele que tentou acalmar as coisas quando a situação engrossou, momentos antes. Já que estavam se conhecendo, achou melhor incluí-lo na conversa. Era um tipo meio malandro, de pele clara e cabelo preto, com um bigode fino; o típico conquistador barato.

— E você, como se chama? — ela perguntou com simpatia, querendo acabar de vez com o mal-estar de antes.

— Arnaldo. Trabalho com esses dois sujeitos aí faz um tempo, mas sou de São Paulo. — Apontou os colegas, sorrindo.

Oswaldo puxou uma cadeira e se aproximou do grupo para participar da conversa. As duas moças também vieram, querendo conhecer melhor aquelas pessoas.

— Eu me chamo Adriana, e sou estudante de engenharia civil na UNITAU. Estava andando de bicicleta, como sempre faço todo sábado, quando essa loucura começou. Os carros parando na rua, batendo uns nos outros, e depois aqueles monstros surgindo por todos os lados... Tentei fugir, mas fiquei sem minha bicicleta e corri até não aguentar mais. Me mantive um tempão escondida no estacionamento do shopping, que eu achei que estivesse vazio. Foi um alívio quando a porta se abriu e eu vi Silas e Bob tirando um desses caras mortos; pelo menos eram pessoas normais. Pedi para eles me ajudarem, e aqui estou — explicou a garota de uma vez só.

Estela concluiu que Adriana era uma daquelas meninas que gostavam de falar

pelos cotovelos, igual a ela.

— Bom, acho que vou me apresentar também. — A outra moça ficou de pé, de forma um tanto teatral. — Eu me chamo Gisele e sou *personal trainer*. Também vim para cá fugindo. Tinha um monte de monstros me perseguindo, cheguei aqui gritando como uma louca, e Silas e Adriana me acolheram.

Pela primeira vez, Estela e Ivan realmente repararam naquela mulher. Ela usava uma calça jeans super justa e uma blusa igualmente apertada, estilo *baby look*, que realçava o corpo escultural. Gisele era linda, com cabelos castanhos compridos e lisos, e olhos cor de mel. Aliás, mais do que linda, era sensual, do tipo que provoca os homens sem fazer esforço.

Ivan aprovou, apesar de ser fiel e achar que o respeito era a base de sua relação. Estela, por seu lado, não gostou nada. Reprovava o tipo mulher fatal. Simpatizou mais com Adriana, algo meio moleca, meio bicho-grilo, com cabelos negros curtos e levemente bagunçados, pequenina e com um corpo de menina.

— Bom, eu me chamo Oswaldo, e esses são meus filhos. Eduardo tem dez anos, Ângela tem seis, e Robertinho, o caçula, apenas três aninhos. Eu sou engenheiro, trabalho na Embraer. Ou pelo menos trabalhava — falou, um pouco acanhado. Era mesmo muito tímido.

— Seus filhos são lindos! De onde os dois mais velhos tiraram esses cabelos loirinhos? — perguntou Gisele, admirada com as crianças.

— Puxaram à mãe. Roberto, porém, é a minha cara, deu azar. — Oswaldo esboçou um sorriso meio bobo para aquele mulherão diante dele.

— E cadê sua mulher? — Gisele quis saber.

Estela teve certeza de que não gostava dela naquele exato momento. Será que não era óbvio o que tinha acontecido com a esposa daquele pobre coitado?

— Está morta — respondeu Oswaldo, voltando a ficar cabisbaixo.

Estela sentiu vontade de socar Gisele.

As crianças, alheias àquela conversa, corriam pela praça de alimentação. Era impressionante como alguns minutos eram suficientes para transformar crianças desconhecidas em amigas. Depois de um dia e uma noite de terror, elas mereciam um pouco de paz.

Ivan olhou para o grupo brincando de pega-pega e sentiu uma grande dose de alívio. Ficava feliz em ver os filhos sorrindo de novo. E agora que eles estavam seguros e tinham o que comer teriam como suportar aquela crise pelo menos por um tempo.

— Silas, onde vocês dormiram? — perguntou Ivan, desviando o assunto de Oswaldo.

— Numa loja de cobertores que tem lá embaixo. Há até uma cama, e as moças se acomodaram nela. Nós, homens, dormimos no chão mesmo. Vamos ter de nos

acomodar. Você acha que ficaremos aqui muito tempo? Uma hora terá de vir ajuda, certo? — Silas tocou no assunto no qual ele mais pensara nas últimas horas.

— Não sei dizer, mas acho que temos que nos preparar para ficar aqui um bocado de tempo. Ouvimos no rádio ontem que esse fenômeno foi global, atingiu todos os países do mundo — Ivan afirmou.

— Você está falando sério? O mundo inteiro está assim? — Silas o encarou, perplexo.

— Pelo jeito, sim. E se for isso mesmo, acredito que possa demorar muito para aparecer alguém. Temos que nos organizar da melhor forma possível e nos preparar para um período razoável de confinamento. — Ivan olhou para todos ao seu redor.

Todas aquelas pessoas ficaram consternadas, pois no fundo tinham esperança de que o resgate viesse. Não imaginavam que eram provavelmente os mais afortunados de todo o Vale do Paraíba.

— Pelo que você está dizendo, sair daqui para tentarmos ir para algum outro lugar também está fora de cogitação... — emendou Arnaldo, movendo as mãos nervosamente sobre a mesa.

— Infelizmente, sim. Se tudo isso for verdade, e eu acredito que seja, pegar a estrada agora seria suicídio — respondeu Ivan, realista.

— Por que você acha isso? — Gisele o fitava, preocupada.

— Porque estamos cercados de milhares de zumbis neste exato momento. A avenida Cassiano Ricardo, a avenida São João e todos os arredores estão infestados dessas coisas, e eu não vi um único helicóptero, viatura, tanque, nada. Uma situação dessas proporções deveria ter causado uma operação de guerra. Se isso não aconteceu, então não tem ninguém em lugar nenhum em condições de reagir a essa tragédia. É pura lógica sequencial.

Todos se entreolharam. Adriana olhou para Estela, como se quisesse sua opinião. Ela meneou a cabeça, confirmando o que o marido dizia.

— Você disse milhares? Mas como vocês chegaram aqui? — perguntou Silas.

Ivan narrou então todos os eventos que ocorreram, desde o ônibus até a morte da esposa de Oswaldo, e como eles conseguiram entrar no shopping praticamente sem chamar a atenção. Todos ouviram a história calados, inclusive Estela, que até então não conseguira conversar com o marido.

— Eu agradeço por tudo o que você fez — disse Oswaldo para Ivan após alguns instantes. — Você salvou a mim e a meus filhos. Tenho uma dívida de gratidão com você.

— Não precisa me agradecer, fiz o que qualquer um teria feito. E lamento por ter atirado em sua esposa, eu não tinha escolha. — Ivan deu de ombros, sem graça.

— Não se desculpe, você fez a coisa certa. Agiu como eu devia ter agido, mas não tive coragem. Fiquei a noite toda ali, assistindo minha mulher se debater e

gemer, sem conseguir dormir, ciente de que, se ela se soltasse, minha covardia colocaria em perigo meus filhos e a mim. — Oswaldo cobriu o rosto com as mãos de tanta vergonha.

Bob tocou-lhe o ombro, tentando dar apoio. Aquele homem e seus filhos passaram por uma situação infernal.

— Por que você não fugiu? Por que ficou ali, no carro com ela? — Arnaldo quis saber.

— Para onde eu iria? Como fugir? Peso cento e trinta quilos e estava com três crianças pequenas. Como eu fugiria daquelas coisas? Minha esposa estava dirigindo o carro quando desmaiou, e por isso nós batemos, e depois disso o carro não ligava mais. Só me restava ficar lá dentro, com eles, rezando para aparecer ajuda antes de algum zumbi nos encontrar — falou Oswaldo, amargurado.

Ficaram todos sentados ali em silêncio por alguns instantes. Foi quando todos daquele grupo começaram a enxergar o que Ivan e Estela já haviam percebido. A não ser que algo acontecesse, o fato era que eles estavam sozinhos; pelo menos por enquanto.

— Acho que temos que tomar algumas providências. — Ivan os encarou. — Viemos para cá justamente porque imaginamos que o shopping estaria livre de zumbis e aqui teríamos recursos para resistir por algum tempo. E eu continuo achando isso. Nossas chances aqui dentro são muito maiores do que do lado de fora.

— Você falou zumbis? Foi isso mesmo o que eu ouvi? — Adriana arregalou os olhos, horrorizada. — Igual aos filmes, aquelas criaturas que comem cérebros e transformam outras pessoas em zumbis também?

— Isso mesmo. Não vejo uma definição melhor para eles, tirando o fato de que esses não comem apenas cérebros, mas carne no geral. Eu os vi devorando pessoas e um cachorro, e acredito que comem outros animais também. Nós presenciamos esses ataques e vimos ao menos uma pessoa sendo atacada e depois se transformando num deles. — Ivan se lembrou da moça do shopping, apenas um dos muitos quadros de horror que ele presenciara nas últimas vinte e quatro horas. — E eles só morrem quando atingidos na cabeça.

— Sim, isso nós percebemos ontem — Silas disse. — Lutamos com os nossos ex-colegas de trabalho e percebemos que só adiantava atingir na cabeça.

— Sim, eu quebrei o pescoço de uma dessas coisas e ela continuou atacando. — Ivan fez um esgar.

— Como alguém pode continuar atacando com o pescoço quebrado? É fisicamente impossível! — Gisele afirmou, cética.

— E com um tiro no coração? Eu também acertei uma moça com um tiro no peito ontem, e ela se levantou e continuou avançando como se não tivesse acusado o golpe — falou Ivan.

— Ele tem razão, nós atropelamos o mesmo zumbi três vezes ontem, e nas duas primeiras ele ficou de pé de novo. Temos que aceitar, eles não são normais. Aliás, eles não são humanos — completou Estela. — Na minha honesta opinião, essas coisas se mexem e atacam, mas no fundo não estão mais vivas. São mortos-vivos.

Todos ficaram alguns instantes pensando no que Estela disse. Era absurdo considerar a hipótese de mortos-vivos, mas ninguém conseguia achar uma explicação melhor. Ivan finalmente rompeu o silêncio.

— Acho que minha esposa definiu com perfeição. São criaturas que se mexem apesar de estarem mortas. Destruir o cérebro apenas concretiza a morte. — Ivan nunca imaginara que um dia iria proferir aquela frase a sério. — Por isso, não sentem medo, nem dor. E não morrem em situações que matariam qualquer um de nós.

— E o que você sugere que a gente faça? — Silas se dirigia a Ivan. — Vamos ficar aqui esperando o tempo passar?

— Eu acho que não temos muita escolha neste momento. Pelo menos nós que temos crianças pequenas. Quem quiser tentar a sorte lá fora, fique à vontade, mas eu falei sério: fomos perseguidos por milhares de zumbis hoje, é impossível enfrentar uma coisa dessas. — Ivan meneou a cabeça. — Temos que tomar muito cuidado. Uma multidão desse tamanho é capaz de destruir tudo o que encontrar pela frente. E uma coisa eu garanto: essas criaturas não sentem medo, remorso ou dor. Não há nada capaz de detê-las. Eu avancei contra os zumbis com um ônibus, e eles não fizeram nenhuma menção de recuar, são completamente irracionais.

Todos pesaram aquelas palavras com muito cuidado. Um criminoso pode ser coagido com uma arma, mas um ser que não se intimida com nada era algo totalmente diferente. Com esses só havia algumas poucas formas de lidar — ou eles precisariam matar todos, ou neutralizá-los, ou ficar o mais longe possível. E, infelizmente, as duas primeiras opções estavam fora de cogitação naquele momento.

— O que vocês acham? Ficamos por aqui? — perguntou Ivan para o grupo.

— Creio que não temos escolha — concordou Silas.

Todos concordaram. Aquele lugar seria o abrigo deles, por enquanto. Teriam que se virar com o que tinham, que, para sua sorte, não era pouca coisa.

Estavam ainda sentados, alguns pensando, outros conversando entre si, quando ouviram os gritos das crianças. Todos se sobressaltaram e se ergueram ao mesmo tempo. Ivan pegou a escopeta e saiu correndo na frente, com Estela e os outros nos seus calcanhares. Dispararam pelo corredor e logo viram as crianças correndo na direção deles. Eduardo vinha com o irmão mais novo, Roberto, no colo, com muita dificuldade. Ivan alcançou os garotos e perguntou o que tinha acontecido, com o coração prestes a saltar pela boca.

— Tem um monstro lá fora! Ele está na porta, perto da livraria! — Matheus

respondeu para o pai, apontando na direção do corredor.

— Muito bem, vocês ficam aqui. Silas, Arnaldo e Bob, venham comigo. — E Ivan foi na direção da porta.

— Desculpa, chefia, mas você está armado com a escopeta, o Silas tem uma pistola... e nós? — perguntou Arnaldo com toda a franqueza.

— Hoje é seu dia de sorte. — Ivan esboçou um sorriso, sacou o Taurus do bolso e o entregou para Arnaldo. — Quanto a você, Bob, eu vou ficar devendo. A outra arma está com Estela, e ela vai ficar protegendo as crianças e o resto do grupo, certo, amor? — Ivan piscou para a esposa, que retribuiu.

Foram até a porta, com Ivan à frente segurando a escopeta. Ao chegarem, viram o zumbi do lado de fora, com as duas mãos na porta, como se estivesse tentando descobrir uma forma de entrar. Era um homem alto e magro, de uns vinte e poucos anos. Quando ele os viu, começou a bater no vidro, transtornado.

— Precisamos nos livrar dele antes que chame a atenção de outros zumbis. Mas eu não quero atirar, isso com certeza irá atraí-los. — Ivan entregou a escopeta para Bob, que parecia não acreditar no que ouvia.

— Não vai atirar? Calma aí, você quer que nós matemos essa coisa de mãos limpas? — perguntou Bob, praticamente abraçado com a escopeta agora.

— Claro que não, isso seria estupidez! — respondeu Ivan, sem desviar o olhar do zumbi.

— Ah, bom! — respondeu Bob, aliviado.

— Eu vou matá-lo com o meu martelo. Vocês ficam de olho para ver se não vou precisar de ajuda. Se as coisas se complicarem, estourem os miolos desse filho da puta. — E Ivan sacou o martelo da cintura.

Os três homens se entreolharam. Aquele cara era completamente louco.

— Desculpe a pergunta idiota, mas você não tem medo dessas coisas? — perguntou Silas, atônito.

— Tenho, mas por algum motivo não o suficiente para me intimidar. Você tem a chave desta porta? — perguntou Ivan.

— Sim, está aqui. — Silas passou-lhe a chave.

Ivan não falou mais nada, foi até a porta e encaixou a chave na fechadura. Ao vê-lo chegar tão perto, o zumbi enlouqueceu de vez, e começou a bater na porta de vidro que era automática, mas que estava ajustada para funcionar manualmente. Ivan fez um último sinal para os três homens visivelmente assustados e escancarou a porta, dando alguns passos para trás.

O zumbi entrou imediatamente e avançou na direção de Ivan, mas não teve tempo para nada. Ivan deu uma martelada tão violenta na testa dele que a fera caiu estatelada para trás, sem emitir um único gemido. Ivan deu mais três golpes e depois correu até a porta, tornando a trancá-la.

— Cara, você é bom nisso! — falou Bob, admirado. — Nós matamos vários desses ontem, mas levamos horas!

Ivan achou graça do comentário e coçou o queixo. Teve uma ideia. Mas antes precisavam se livrar daquele zumbi. Sem demora, pegaram-no e o jogaram no estacionamento. Ivan se arrepiou com a cena com que deparou: havia vários empilhados, todos vestindo os mesmos uniformes que seus três novos companheiros.

Acabaram com aquela tarefa mórbida e voltaram às pressas, pois precisava conversar com os demais. Ivan reuniu os adultos, enquanto as crianças permaneceram em uma mesa, ainda falando do zumbi que tinham acabado de ver.

— Pessoal, acho que temos um problema, mas é fácil de resolver. Essas coisas têm a força de um ser humano, mas não possuem inteligência. Não acredito que sejam capazes de solucionar problemas ou tirar conclusões sobre nada, por isso, só precisamos impedir que saibam que nós estamos aqui. O problema é que temos portas de vidro demais aqui, em vários pontos somos visíveis para quem está do lado de fora — Ivan dizia para o grupo, que o escutava com toda a atenção.

— Isso é fácil de resolver. Temos portas de aço, basta fixá-las e ficamos invisíveis — afirmou Silas, animado. — Mas será o suficiente, Ivan?

— Estou convencido de que sim, acho que se eles não nos virem não tentarão forçar a entrada. Agora, se estivermos visíveis, eles vão ficar batendo nas portas e atrairão outros. E quando juntarem muitos lá fora, mais cedo ou mais tarde eles conseguirão entrar.

Todos concordaram com aquela ideia. Mas havia um problema: ficaria escuro demais lá dentro, estavam sem energia elétrica e à noite ficaria impossível de enxergar o que quer que fosse. Porém, Arnaldo resolveu a questão facilmente.

— Podemos usar o gerador e ligar apenas algumas luzes. Tem um estoque de diesel bastante grande aqui. Se economizarmos, durará bastante tempo.

— Muito bem, mãos à obra então — incentivou Ivan. — Vamos buscar as portas.

Cerca de uma hora depois, finalizaram a tarefa: todas as entradas estavam lacradas com portas de aço. Também trancaram a entrada de serviço, que fora esquecida aberta e pela qual Ivan e os outros entraram.

Todos respiraram aliviados. Pelo menos por enquanto estavam seguros. Presos, mas seguros. E isso era tudo o que importava.

CAPÍTULO 6

EUTANÁSIA



OS DIAS SEGUINTE FORAM de intensa exploração do ambiente no qual se encontravam. O grupo votou e decidiu por unanimidade que não fazia sentido ter pudor em usar todos os recursos que o shopping tinha para oferecer. Por isso, a primeira providência que tomaram foi arrombar praticamente todas as lojas. Se um dia tivessem que responder por aquilo, o grupo assumiria a responsabilidade em conjunto.

Dessa forma, conseguiram roupas, cobertores, travesseiros e tudo o mais. Liberaram as crianças para pegar os brinquedos que quisessem, sem restrições. Estela foi contra, no começo, pois achava que as crianças precisavam de limites. Afinal, nada daquilo lhes pertencia. Mas Ivan a convenceu de que não faria mal algum arrumar meios para aliviar o estresse do confinamento, e ela por fim cedeu. Assim, os garotos tinham mais brinquedos do que um dia puderam sonhar.

Fizeram um levantamento superficial, e ficou claro que comida também não seria problema, pois havia alimentos suficientes para vários anos. Eles usavam as instalações de um dos restaurantes para preparar as refeições, que sempre eram feitas em grupo. Ivan insistia no ponto de que tinham de permanecer juntos, fortalecendo sempre os vínculos dos confinados. Ele estava convencido de que se fossem todos amigos e descobrissem a cada dia a importância de se importar e zelar uns pelos outros, seriam uma equipe cada vez mais forte. E essa estratégia de fato vinha funcionando; o grupo se tornara bastante coeso.

De uma forma muito natural Ivan se tornou o líder. Era o único que tinha experiência militar, e não havia dúvidas de que era o mais valente de todos. Estela era sua grande conselheira; Ivan a consultava em tudo. Não era apenas um costume vindo da vida de casado, ele realmente a considerava uma das pessoas mais inteligentes e sensatas que conhecera. Se havia alguém a quem Ivan entregaria decisões sobre sua própria vida esse alguém era Estela.

Transformaram lojas em dormitórios usando sofás, colchões e cortinas. Assim, Ivan e a esposa conseguiram ter um pouco de privacidade junto com os filhos. Às

vezes, recolhiam-se mais cedo e jogavam algum jogo com as crianças, exatamente como faziam quando as coisas eram normais.

Conseguiram televisores, aparelhos de DVD, aparelhos de som, DVDs, CDs, videogames etc. Por diversão, Ivan chegou a improvisar uma sala de estar na loja que usavam de dormitório, onde ele e Estela às vezes assistiam a um filme ou um show juntos.

Na única livraria do shopping, conseguiram livros para todos os gostos, assim aquele se tornou um dos lugares mais frequentados por todos. O que eles mais tinham de fato era tempo. Assim, ficavam inventando formas de manterem-se ocupados.

Passados alguns dias todos eles começaram a sentir falta da luz do sol. Estavam sempre isolados do mundo exterior, sem uma única janela. Mas Ivan encontrou uma saída. Ele descobriu um acesso ao telhado do shopping, e assim podiam sair para tomar sol. Porém, com uma ordem muito clara de nunca se expor. Se os zumbis vissem gente no telhado poderiam se aglomerar em volta do shopping, aumentando sempre em número, de modo que, na melhor das hipóteses, eles nunca mais poderiam deixar aquele local.

Na prática, era uma situação impressionantemente confortável, dadas as circunstâncias. Dentro do shopping existia uma unidade de academia de ginástica com piscina, portanto, eles tinham diversão à vontade.

Gisele proporcionava um show à parte quando decidia colocar biquíni e mergulhar. Os homens ficavam ouriçados, mas nunca faltavam com o respeito. Arnaldo e Silas de vez em quando davam alguma indireta para Gisele, mas ela não dava muita bola, apesar de sempre provocá-los um pouco. Sob esse aspecto, ela não percebera que o seu mundo protegido havia mudado, tornando-se menos seguro, e mantinha o comportamento que, sabia, chamava a atenção. Algo de que um dia poderia vir a se arrepender.

Bob, no entanto, vivia uma situação diferente com Adriana. Os dois eram incrivelmente parecidos, tinham muito em comum. Gostavam das mesmas músicas, dos mesmos filmes, das mesmas coisas. Estavam o tempo todo juntos, batendo papo, contando piadas ou brincando com as crianças. Aliás, eles eram quase tão imaturos quanto a criança. Inventavam as mais variadas brincadeiras, se escondiam, corriam, faziam bagunça por um grupo inteiro de moleques. Ivan ficava louco com as coisas que eles aprontavam, mas no fundo sabia que era melhor assim. Era infinitamente melhor terem risos e bagunça do que choro e depressão. E esse era o caso de Oswaldo.

Oswaldo não conseguiu superar a perda da esposa, ficava a maior parte do tempo calado. Dedicava-se basicamente ao filho caçula. Os mais velhos ficavam o dia inteiro brincando com Matheus, Ana, Bob e Adriana, ou passavam nas piscinas, e

por isso, não eram uma grande preocupação. Assim, Oswaldo se dedicava a Robertinho, ou lia tudo que encontrava na livraria.

Estela se compadecia dele, e até tentou algumas vezes convencê-lo a deixá-la ajudar com o menino pequeno, mas Oswaldo se recusou. Na prática, o filho passou a ser a única razão de sua vida; não via mais nenhum objetivo.

Após alguns dias de total calma, Ivan estava no telhado do shopping olhando as redondezas quando percebeu um movimento diferente. Um caminhão baú de pequeno porte vinha pela avenida do outro lado do córrego. Estava em apuros, com o pneu furado, e por isso, muito lento. Logo atrás, centenas de zumbis tentavam alcançá-lo.

Ele viu aquilo e começou a gritar pelos outros. Era algo que esperava que acontecesse havia muito tempo, porque sabia que, mais cedo ou mais tarde, sobreviventes iriam aparecer. Muitas vezes, vigiavam o Condomínio Colinas, que ficava ao lado do shopping, tentando enxergar alguém que pudessem acolher. Sentia que era injusto que eles tivessem tanto conforto sendo que poderia ter gente desprotegida do lado de fora. Ivan estava decidido: tinham que ajudar aquele caminhão.

Quando Estela e os outros ouviram os gritos, subiram ao telhado às pressas. Ela, Silas, Arnaldo e Bob chegaram armados, seguidos por Oswaldo. As outras mulheres permaneceram dentro do shopping com as crianças, conforme já haviam estabelecido antes.

— O que houve? — perguntou Estela ao marido, meio ofegante depois de correr tanto.

— Ali, na avenida. — Ivan apontou para o caminhão que tentava driblar os zumbis; o pneu já tinha se esfacelado, não ia conseguir ir muito longe daquele jeito. — Precisamos ajudá-lo!

— Como iremos ajudar? Ele precisa vir para cá! — Arnaldo franziu as sobrancelhas. — Não podemos sair para buscá-lo, vamos morrer!

— Tem razão. — Ivan pegou a escopeta das mãos de Silas. — Precisamos chamar a atenção dele.

Ivan subiu na mureta que servia de parapeito, engatilhou a escopeta e deu três tiros para o alto. O som dos tiros era estridente, vários deles cobriram os ouvidos com as mãos. Não imaginavam que aquela arma fosse tão barulhenta.

Mas surtiu o efeito desejado, o motorista do caminhão olhou na direção deles. Ao vê-lo, Ivan começou a gritar, acenando para que ele viesse para o shopping. O caminhão foi para a frente, fazendo o retorno na avenida, com diversos mortos-vivos tentando alcançá-lo. Ivan olhou para baixo; não tinha zumbis no estacionamento. Mas teriam de ser rápidos, pois em breve haveria muitas criaturas por perto.

— Vamos lá para fora, precisamos acenar para eles irem para a entrada de

serviço, rápido! — Ivan gritou e desceu às pressas, com Estela nos seus calcanhares.

Os outros os acompanhavam com uma dose enorme de preocupação. A simples ideia de sair daquele prédio depois de tantos dias de sossego era assustadora.

Foram até a entrada de serviço e abriram a pesada porta de aço. Arnaldo ficou encarregado de vigiar a entrada para não correrem o risco de algum convidado indesejado entrar no prédio. Ivan e os demais foram para o estacionamento e aguardaram o caminhão.

Depois de alguns instantes, o veículo surgiu, jogando para dentro do estacionamento um zumbi que estava na entrada bem no momento que ele passou pela cancela. O caminhão parou por alguns instantes, como se o motorista não soubesse qual direção tomar. Mas logo avistou o grupo, que pulava, gritava e acenava para ele, e disparou na direção da entrada de serviço. Logo em seguida, as primeiras criaturas invadiram o estacionamento, tentando alcançar sua presa.

Ivan esperou o caminhão passar e ficou logo atrás, bem no caminho entre o veículo e os zumbis. Daria cobertura enquanto as pessoas entravam no shopping.

O veículo parou junto à porta, ao lado de Bob e Arnaldo. Estela correu e se pôs ao lado de Ivan. Os demais podiam ajudar os ocupantes do caminhão; ela ajudaria o marido, tinha dezenas de zumbis a caminho.

O motorista do caminhão desceu da boleia. Era um homem negro e franzino, de uns quarenta anos mais ou menos. Do lado do passageiro saltou um rapaz alto e forte, de uns vinte e poucos anos. Correram para a parte de trás do caminhão e abriram a porta dupla, apressados.

Silas e os outros ficaram de queixo caído: saíram mais de vinte pessoas do baú do caminhão. Vinham suadas, pálidas, debilitadas de todas as formas possíveis. Alguns saíam praticamente carregados, pareciam ter desmaiado dentro do veículo. Silas ficou na dúvida sobre o que fazer.

— Ivan, eles são muitos! Temos como receber todo o mundo? — gritou Silas.

— Claro que sim, coloca todos para dentro, agora! — gritou Ivan, disparando o primeiro tiro de escopeta e praticamente arrancando a cabeça de um dos zumbis.

Silas obedeceu e mandou as pessoas entrarem às pressas. Alguns passavam por ele e agradeciam, mas Silas estava mais preocupado com os zumbis, que vinham chegando muito perto.

Estela começou a disparar também, ajudando Ivan a manter a turba afastada enquanto o grupo numeroso adentrava o prédio. A porta de serviço era estreita, e todos queriam passar ao mesmo tempo, o que complicava ainda mais as coisas, fazendo-os perder segundos preciosos.

Ivan descarregou a escopeta e puxou Estela pelo braço; o tempo deles se esgotara. A esposa vinha puxada por uma das mãos e atirava com a outra, praticamente correndo de costas. Quando a arma cuspiu a última bala do pente, Estela se virou e

correu como uma louca com o marido, entrando no prédio sem mais demora. Arnaldo bateu a porta e trancou no instante seguinte.

Logo em seguida, começaram a ouvir as pancadas insistentes dos mortos-vivos do lado de fora, que teimavam em não desistir. Eles sabiam que não adiantava nada se apavorar agora; levaria horas, talvez dias para aquelas coisas desistirem e se dispersarem outra vez. Isso se eles realmente um dia viessem a desistir.

Ajudaram o grupo de sobreviventes a entrar. Estavam todos muito abatidos. Havia crianças no grupo. Ivan pegou no colo uma menina de cerca de nove anos e a levou para dentro. Todos ajudavam alguém.

Eles se surpreenderam com o grande número de pessoas. Alguns do grupo acharam que aquilo podia ser um problema. Mas não Ivan. No fundo, ele achava que fora um grande golpe de sorte.

— Sigam-nos, lá em cima temos comida e água, vocês devem estar precisando. — Ivan subiu a escada com a menina.

O grupo de recém-chegados vinha atrás, devagar. Estavam esgotados demais até mesmo para falar. Fora uma viagem infernal até aquele lugar. Mas estavam aliviados, só um pouco nervosos com aquele comitê de boas-vindas onde todos estavam armados. Estela percebeu a tensão de algumas pessoas olhando para ela com a Glock nas mãos e tratou de tranquilizar o grupo:

— Sejam todos bem-vindos. Meu nome é Estela, e aquele é meu marido, Ivan, o líder do nosso grupo. Fiquem tranquilos, temos espaço e comida para todos, conosco vocês estarão seguros.

— E quem elegeu seu marido o líder? — perguntou o rapaz que acompanhava o motorista do caminhão na boleia.

Estela ficou perplexa com a pergunta feita daquela forma. Avaliou o homem por um instante. Era alto, muito bonito e musculoso, com cabelo bem curto e loiro, estilo militar. Do tipo que enlouquece as garotas da faculdade. Em seus tempos de solteira, seria um tipo pelo qual Estela iria suspirar. Mas naquele momento ela não nutriu nenhuma simpatia por ele.

— Por quê? — perguntou Estela, parando diante dele. Ela praticamente batia no peito do rapaz atrevido. — Algum problema com relação a isso?

Ivan ouviu a conversa e parou, olhando para os dois, parados um de frente para o outro. Pôs a menina no chão. Fazia três minutos que aquele moço chegara, e Ivan já estava com um mau pressentimento.

— Não sei. Eu cuido deste grupo, quero saber se estaremos seguros — rebateu ele, surpreso com a empáfia de Estela.

O rapaz já tinha percebido que a pistola que ela trazia estava descarregada, e mesmo assim aquela baixinha parecia não se incomodar nem um pouco com a diferença de tamanho entre os dois.

— Vamos todos ficar calmos — Ivan interveio, se aproximando. — Você pode ficar tranquilo, somos pessoas de bem tentando sobreviver, igual a vocês. Qual o seu nome? — falou Ivan, com seu infalível tom tranquilizador.

— Zac — respondeu o rapaz, ainda olhando para Estela, que por sua vez não baixava o olhar.

— Fique tranquilo, Zac, vocês estão seguros. Tenho certeza de que estão todos sob muita pressão depois do sufoco que passaram para chegar aqui. Venham comer alguma coisa e descansar, ok? — Ivan estendeu o braço à frente.

Zac finalmente desviou o olhar de Estela e seguiu em frente.

Ele não fazia ideia, mas Ivan acabara de salvar sua vida. Se Zac decidisse engrossar, Estela teria arrumado uma forma de matá-lo.

Ao subirem as escadas, Ivan e Estela se entreolharam por um segundo. Naquele instante, comunicaram tudo o que precisavam um para o outro sem pronunciar uma única palavra. Oficialmente tinham um problema, e sabiam disso. E eles iriam resolvê-lo no momento adequado.

* * *

O grupo de uma hora para outra praticamente triplicou. Naquele pequeno caminhão se espremiam vinte e quatro pessoas: dez homens, doze mulheres e duas crianças. Era um grupo heterogêneo, indivíduos de diversas idades e raças. Daquela forma, eram agora quase quarenta pessoas, trinta adultos ao todo.

Estela, Gisele e as outras mulheres começaram a preparar comida para aquele batalhão. Alguns daqueles sobreviventes se jogaram nas cadeiras, outros conversavam, aliviados por terem encontrado um lugar seguro. Ivan era o centro das atenções, vários queriam conversar com ele.

— Então, tem lugar para todos nós? — questionou um homem de ascendência oriental, beirando os trinta anos.

— Sem dúvida, são todos bem-vindos. Vamos acomodar todos. Temos bastante comida e água também — afirmou Ivan, com gentileza. — Qual o seu nome?

— Ricardo. Mas pode me chamar de China — respondeu o novo morador do shopping, estendendo a mão para Ivan.

— Você é o dono daquele caminhão? — Agora Ivan se dirigia ao motorista, que estava ao lado de China.

— Não, apenas trabalho com ele. Estava fazendo umas entregas quando essa zona começou. Depois disso eu só fugi — ele afirmou, com um forte sotaque carioca.

— Vocês vieram do Rio de Janeiro? — indagou Ivan, impressionado. Não imaginava como seria possível cruzar trezentos quilômetros de estradas em meio àquele caos.

— Sim, e eu estou vindo de Niterói. Não consegui voltar para a minha casa,

estava tudo infestado. A cidade parecia uma praça de guerra, com esses monstros por todos os lados. E eu fui recolhendo essas pessoas dia após dia. Como percebi que o Rio de Janeiro tinha se transformado num inferno, peguei a Dutra e viemos embora, tentando chegar a São Paulo. Mas, com o pneu furado, ficou impossível. Entramos na cidade porque a rodovia é muito perigosa, topamos com uma multidão desses malditos na divisa do estado. Tivemos que ficar parados alguns dias até conseguirmos seguir viagem. Não duvido que tenha outros grupos grandes como esse vagando por aí — falou o motorista. — A propósito, meu nome é Reginaldo. Obrigado por nos ajudarem. — E apertou a mão de Ivan.

Em pouco tempo todos estavam almoçando. Vários grupos se formaram e conversavam animadamente. Estela se sentou com as duas crianças que chegaram junto com o grupo, ajudando-as a comer. Ambas estavam sem os pais, e com certeza nunca mais tornariam a vê-los, diante do cenário em que se encontravam. Chamavam-se Aline e Giovanni e tinham nove e sete anos, respectivamente. Estela decidiu levá-los para dormir com eles; aquelas crianças precisavam de cuidados. Mais do que isso, precisavam de uma família. Deixou as crianças almoçando — estavam muito silenciosas, ela não sabia se por timidez ou por estarem ainda muito assustadas. Tinha de consultar o marido.

— Amor, eu preciso fazer um pedido — começou a esposa, um pouco insegura da resposta, sentando-se ao lado de Ivan, que estava à mesa com Silas, Reginaldo e China.

— Se eu puder atender, considere feito. — O marido sorriu-lhe.

— É sobre as duas crianças que acabaram de chegar, elas estão sem os pais. Meu pedido tem a ver com elas. — Estela sentiu que estava dando voltas, e detestava isso, mas realmente se sentia sem jeito.

— Sim — respondeu Ivan.

— Sim o quê? — Estela franziu a testa.

— Sim, eu topo — Ivan foi direto.

— E você está topando exatamente o quê? — perguntou Estela, sorrindo.

— Pode levar os garotos para ficar conosco, cuidaremos deles como se fossem nossos filhos — Ivan afirmou, como se fosse a coisa mais óbvia e simples do mundo.

Estela deu um beijo estalado no rosto do marido.

— Você é maluco! — falou no ouvido dele.

— Eu sei. E é por isso que você me ama. — Ivan se virou e olhou nos olhos da esposa, rindo.

Ela sorriu de volta.

— Eu te recompenso hoje à noite — ela murmurou, para os outros não ouvirem.

Apesar de todos já terem entendido o rumo daquela conversa.

— Com quatro crianças pequenas dormindo junto com a gente? Claro, me engana que eu gosto! — falou Ivan.

Estela, logo em seguida, deu-lhe um soco no ombro e foi conversar com os garotos. Esperava que eles gostassem da notícia e se animassem um pouco.

Depois do almoço, Estela e os outros que já estavam no shopping havia mais tempo levaram os recém-chegados para conhecer o ambiente. Precisavam organizar alguns detalhes, tais como os lugares onde cada um dormiria, regras de segurança e assim por diante.

Estela ficou encarregada de combinar com as outras mulheres detalhes como preparação do almoço, limpeza etc. Ela fez Ivan prometer que os homens também fariam sua parte. Eram em número muito grande para que apenas parte do grupo mantivesse a organização.

Enquanto isso, Ivan chamou Reginaldo e Zac para conversar. Discretamente pediu que Silas, Arnaldo e Bob participassem. China também acompanhou o grupo, queria participar de todas as conversas.

— Muito bem, Zac — Ivan iniciou, falando com o rapaz que mais parecia um armário. — Gostaria de combinar alguns detalhes com você para que não tenhamos mal-entendidos, ok?

— Claro, era exatamente o que eu queria, gostaria de esclarecer alguns pontos — respondeu Zac.

— Antes de tudo, quero dizer que vocês são muito bem-vindos e estamos todos no mesmo time. Por isso mesmo, temos que ter sempre em mente o que é melhor para o grupo, deixando de lado um pouco nossas vontades pessoais. Isso significa dividirmos a comida, racionalizarmos o uso dos chuveiros da academia, economizarmos água encanada, porque o shopping tem um poço artesiano, mas usá-lo implica consumir mais diesel do gerador. Todos devemos trabalhar para manter a organização e a limpeza, e assim por diante. — Ivan ignorou o pequeno, quase imperceptível, tom de provocação na voz de Zac.

— Sim, estou de acordo — Zac afirmou.

— Quanto à segurança, temos poucas armas à disposição. Alguns dos nossos ficam encarregados de andar armados, e são esses que precisam agir imediatamente em caso de emergência. Vocês trouxeram consigo alguma arma ou munição? — perguntou Ivan.

— Só eu tenho. Possuo uma pistola e um revólver calibre .38 — respondeu Zac.

— E qual das duas armas você prefere? — perguntou Ivan, distraído.

— Prefiro a pistola, é claro. — Zac achou graça de uma pergunta tão óbvia. Imaginou logo que Ivan era algum tipo de amador com relação a armas.

— Ótima escolha. Por favor, traga o revólver calibre .38 para cá, então, vamos passá-lo para outra pessoa — falou Ivan, calmamente.

A fisionomia de Zac se transformou na hora.

— De jeito nenhum! As duas são minhas, eu paguei por elas! — contrapôs Zac, ríspido, falando alto.

— Zac, como eu disse antes, aqui só o grupo importa. Duas pessoas armadas são melhores do que só uma. Quero a arma para deixá-la com algum outro homem — respondeu Ivan, tranquilo.

— Se você quer passar uma arma para alguém, por que não pega a que está com a sua esposa? Não vou dar nenhuma das minhas armas, assunto encerrado. — Zac, agora, usava um tom de ameaça mal disfarçado.

— Não vejo por que fazer isso. Minha esposa é uma ótima opção de defesa — argumentou Ivan, sem nenhum sinal de irritação.

Silas e os outros, porém, se remexiam, um tanto incomodados, mudando o pé de apoio o tempo todo.

— Ah, é? Ela por acaso sabe atirar? Ela faz ideia do que é matar alguma dessas coisas? — Zac o desafiava.

— Na realidade, Estela já matou no mínimo dez zumbis. — Ivan continuava sem se alterar. — E eu matei centenas.

Zac parou por alguns instantes, olhando para Ivan. Procurava algum sinal de que ele estivesse brincando ou blefando, mas não viu nenhum.

— Bom, mesmo assim não vejo motivo para entregar uma das minhas armas — Zac afirmou, por fim. — Sinto-me mais seguro com elas.

— Escute, eu servi o exército durante alguns anos, eu lhe digo que mesmo com um ótimo treinamento, uma pessoa não tem o mesmo desempenho usando duas armas ao mesmo tempo. É melhor um segundo atirador. Em caso de emergência é muito mais efetivo. — Ivan agora se esforçava um pouco para manter a serenidade.

— E se a minha munição acabar?! — vociferou Zac.

— Nesse caso, você estará sob a proteção do seu companheiro que estará com a sua arma. É assim que funciona, uns protegem aos outros, e todos protegem o grupo — respondeu Ivan.

Zac estava incomodado, mas não mais encontrava argumentos para discutir. Decidiu fazer mais uma tentativa, no entanto:

— E como eu vou saber se você vai escolher entregar minha arma para alguém de confiança?

— E quem disse que eu vou escolher? Você decide quem usará sua arma. — Ivan sorriu. Sabia que agora aquele impasse tinha que acabar. Senão teria que engrossar.

Zac suspirou, vencido. Enfiou a mão no casaco e sacou a arma. Entregou-a para Reginaldo, que a admirou por alguns instantes antes de colocá-la na cintura.

— Sabe usar uma dessas? — perguntou Ivan olhando para Reginaldo.

— Eu vim do morro, ô paulista. Pode ficar tranquilo *playboy*. — Reginaldo

esboçou um sorriso matreiro.

Ivan revirou os olhos e sorriu também.

Continuaram conversando mais um pouco, e Ivan estava convicto de que ainda teria mais algumas palavras para trocar com Zac — o rapaz tentaria uma nova investida. Ele trabalhava havia anos liderando programadores jovens e impetuosos, que achavam que tinham o mundo todo sob controle. Estava muito acostumado a lidar com aquilo. Podia dividir os mais jovens em dois grupos: o das pessoas que gostavam de colaborar e seguiam seus líderes sem se queixar, e aquele dos que tinham sede de poder e queriam desafiar seus superiores. Zac pertencia ao segundo grupo, sem sombra de dúvida.

— Ivan, não me leve a mal, mas eu queria falar sobre algo que sua esposa, Elisete, disse — começou Zac.

— Estela — corrigiu Ivan.

— Que seja. Ela falou que você é o líder do grupo. Qual foi o critério que vocês usaram para decidir isso? — Zac foi direto ao ponto.

— Nenhum. Aconteceu naturalmente — falou Ivan, sincero.

— E você acha justo? — perguntou Zac, ácido.

— Não faço questão do cargo. Podemos fazer uma votação; a maioria decide — argumentou Ivan, relaxado.

— Acho ótimo. Protegi nosso grupo até agora. Acho que eles vão gostar de ter o direito de escolher. — Zac sorriu.

— Claro, tenho certeza de que sim — assentiu Ivan.

— Então vamos resolver isso já. — Zac se mostrou animado. — Convocaremos uma assembleia, é rapidinho.

— Acho uma ótima ideia — complementou Ivan.

Silas, Arnaldo e Bob ficaram visivelmente incomodados, não estavam gostando nada do rumo daquela conversa.

Zac caminhou até o grupo que vinha na direção deles. Estavam fazendo uma espécie de *tour* pelo shopping, pois nenhum deles era de São José dos Campos, e por isso nunca haviam colocado os pés lá dentro antes. À frente, vinha Estela, Gisele e Adriana, bancando as guias turísticas. Todos pareciam animados. O shopping não era muito grande, mas de fato tinha tudo que eles precisavam. Poderiam ficar lá bastante tempo em segurança.

— Galera, nós vamos fazer uma rápida votação. Só os adultos, ok? — iniciou Zac, com Ivan e os demais chegando até eles. — Decidiremos quem vai liderar nosso grupo. Acho que essa é uma decisão muito importante, e todos nós temos o direito de opinar, concordam?

Estela olhou para Ivan, querendo entender o que estava acontecendo, mas o marido nada disse. Apenas fez um suave movimento indicando para ela ficar

tranquila.

— Muito bem — Zac prosseguiu. — É muito simples: quem quer se candidatar ao cargo? — E levantou a mão.

Ninguém o imitou. Nem mesmo Ivan.

— Ivan, você não vai se candidatar? — perguntou Zac, com um sorriso.

— Se o grupo achar que eu devo, será um prazer. — Ivan olhou em volta.

— Claro que sim! — afirmou Silas.

— Sem dúvida, você nos salvou! — comentou uma senhora.

Várias outras pessoas menearam a cabeça em sinal de aprovação.

— Então está bem, eu me candidato. — Ivan sorriu.

Zac começou a achar que aquela fora uma má ideia.

— Hum, bom, então vamos lá. Quem acha que eu devo ser o líder levante a mão.
— Zac tornou a erguer a mão.

Mais duas pessoas do grupo o acompanharam.

— É, bem, tenho três votos, então... — comentou, já se sentindo derrotado. — E quem acha que Ivan deve ser o líder, levante a mão.

Todos os outros ergueram as mãos. Estela, só para provocar, ergueu as duas mãos e um pé, o que deixou Zac ainda mais irritado. Ivan sorriu. A esposa sabia ser insuportável quando queria.

— Bom, está ótimo então, a maioria decidiu. — Zac não escondia a irritação. Em seguida, virou as costas e se afastou, deixando todos para trás.

Ivan, Silas, Reginaldo e China se afastaram um pouco para conversar.

— Deixe-me ver se adivinho: vocês estavam de saco cheio dele, acertei? — perguntou Ivan para Reginaldo e China, com um sorriso vitorioso no rosto.

— Na mosca! Zac veio com essa conversa desde o início. Entrou no caminhão já falando que ele era o líder, que era ele quem ia decidir tudo, que sem ele todos estaríamos mortos e mais um monte de besteiras. Chegou a agredir um dos homens. Esse cara se acha o tal, estava apavorando todo o mundo só porque é lutador de jiu-jitsu e anda armado — respondeu Reginaldo, indignado.

— Verdade. Nós tentamos conversar com ele, mas não teve acordo. Zac decidia que hora parávamos, onde descansávamos, quem ficava de vigia e todo o resto. Pensamos inclusive em nos juntar e dar um jeito nele, mas o cara não se separava das suas armas nunca. Não acredito que você conseguiu convencê-lo a entregar o revólver — ponderou China. — E não acredito que ele propôs uma votação. Zac achou mesmo que iríamos votar nele?

— Algumas pessoas são assim mesmo, desconfiam de todo o mundo e acham que os outros são iguais. Ele imaginou que vocês apostariam em alguém conhecido. No fundo Zac não se deu conta do quanto é insuportável — opinou Ivan.

E, dessa forma, os dias foram passando rapidamente. Ivan organizou um grande

inventário de tudo o que eles tinham à disposição. Com um número tão grande de pessoas para alimentar e cuidar ele sabia que era necessário um bom planejamento.

Eles tinham um pequeno supermercado à disposição bem como todo o estoque de comida de cerca de uma dúzia de restaurantes, mas mesmo assim Ivan não queria correr riscos.

Atravessando a avenida havia o hipermercado, que era cerca de dez vezes maior, e, com certeza, tinha suprimentos para alimentar um batalhão. Mas aquela tinha que ser a última opção. Ivan sabia que invadir aquele lugar seria um desafio muitíssimo maior do que chegar ao shopping, porque deveria haver centenas de zumbis lá dentro.

Com um grupo maior foi mais fácil distribuir tarefas de vigilância, alimentação e até mesmo de cuidados das crianças. Ivan mantinha aquela pequena comunidade em harmonia, sem pressionar ninguém e cultivando o diálogo. Até mesmo Zac, que durante os primeiros dias se manteve um pouco arredio, após a humilhação de ser derrotado por um desconhecido, começou a se sentir mais à vontade, e estava sempre circulando junto com os demais.

Não foi uma surpresa para ninguém quando Zac começou a dar em cima de Gisele. Afinal de contas, eles tinham muito em comum, ambos esportistas e com corpos superdefinidos. Mas a moça também não dava muita bola para ele. Apesar de frequentarem a academia todo dia juntos, parecia que ela não tinha interesse em ninguém do grupo. Mas Estela era de opinião bem diferente.

— Eles combinam bem — Ivan comentou com Estela, olhando para Zac e Gisele malhando na academia.

— Concordo, mas duvido que role alguma coisa. — Estela mostrava uma expressão de ceticismo.

— Por que acha isso? Eles são jovens, solteiros, estão sempre juntos. Creio que é mera questão de tempo. — Ivan estranhou a esposa, uma romântica assumida e incorrigível.

— Ele não faz o tipo dela. Gisele já passou da fase dos garotões de academia. Aposto que ela já teve dúzias de caras iguais ao Zac na palma da mão. Agora, o interesse dela é outro.

— Por que você acha...

Estela o cortou, ainda olhando para os dois:

— Ela é mais chegada a homens mais velhos, talvez uns quinze anos a mais. Que sejam bonitos, é claro, mas que sejam mais maduros, inteligentes e bem-sucedidos. Se ocupar uma posição de destaque e liderança, melhor ainda. E claro, fica mais interessante se for um desafio, um homem difícil de conquistar...

— Estela, o que...

— ...como, por exemplo, um homem casado que tenha um relacionamento feliz,

uma esposa razoavelmente bonita e dois filhos — finalizou Estela, olhando de forma significativa para o marido.

— Espera um pouco! Você não está insinuando que eu... — revoltou-se Ivan.

— Não, não estou. Mas afirmo que ela se interessou por você — respondeu Estela, convicta.

— Tem certeza disso? Nunca percebi nada. — Ivan parecia tanto cético.

— Você nunca percebe nada! Você é lerdo! — Estela esboçou um sorriso cruel.

— Lerdo, eu? Ok! Estela, eu prefiro não discutir. — Ivan ficou um pouco irritado. Odiava ser chamado de lerdo, idiota e coisas do gênero, ficava furioso.

— No bom sentido, amor, não fica bravo. Quis dizer que você não tem maldade, sempre acha que as mulheres são boazinhas. Mas garanto: essa garota está interessada, eu já a vi olhando para você. Sei que ela está a fim. E ela sabe que eu sei. Mas eu finjo que não sei. E ela finge que acredita que eu não sei. Porém, no final das contas, nós duas sabemos. Só você não sabe. Ou melhor, não sabia, porque agora também sabe. E logo, logo os outros vão saber. E aí vai ser engraçado, porque todo o mundo vai saber, entendeu? — Estela falou tudo muito rápido, e com um sorriso divertido no rosto.

Ivan estava zozinho com o jogo de palavras da esposa. Ainda tentava entender a primeira parte.

— Amor, você tem razão, eu acho que sou lerdo mesmo. — Ivan deu risada. — Que confusão de palavras você criou!

— Não se preocupe amor, eu cuido de você. Vou te proteger da periguetice malvada. — Estela enlaçou o marido pelo pescoço.

— Supondo que tudo isso seja verdade, você não está com ciúme, está? — perguntou Ivan, um pouco preocupado.

— O que acha? — Ela o encarou com um olhar ferino.

— Não sei. Você às vezes é um mistério a ser desvendado.

— Vamos lá, dê um chute, não seja covarde — provocou Estela. Para deixar mais divertido, ela puxou o marido com força contra seu corpo, ficando colada nele.

Quando ele tentou se afastar, ela o prendeu.

— Desculpe, qual é a resposta correta? — Ivan fez olhar de assustado. Adorava os joguinhos da esposa.

— Não sei, amor, só digo que é bom você pensar bem no que vai dizer. A não ser que queira muito dormir na praça de alimentação esta noite — respondeu Estela com uma pitada de crueldade na voz.

— Acho que você não está com ciúme. Afinal de contas, é muito melhor que qualquer *personal trainer* metida a besta. — Ivan sorriu e passou os braços em volta de Estela.

— Parabéns, senhor Ivan Leão, resposta correta. Como prêmio, o senhor vai

ganhar uma bela chave de pernas hoje à noite. — Estela esfregou os seios no peito do marido.

Era uma pena... Se estivessem numa situação um pouco diferente, os dois estariam rolando nus numa cama naquele exato momento.

Foram arrancados daquele pequeno instante romântico quando ouviram um barulho de vidro quebrando, vindo do lado de fora do shopping. Um som abafado, mas nítido.

Ivan se arrepiou, tinha certeza absoluta do que se tratava. Soltoou a esposa, gritou por Zac e saiu correndo; precisava subir até o telhado e confirmar sua teoria.

Estela veio correndo logo atrás, Zac e Gisele vinham a apenas alguns metros de distância. Os outros os viram correndo e se assustaram. Silas perguntou de longe a Ivan, que subia os lances de escada na direção do telhado, com muito medo da resposta:

— O que houve? O que está acontecendo?

— Acho que estamos sendo atacados! Reúna todos no saguão principal, agora! Peça para trazerem as armas — gritou Ivan.

Silas não pensou duas vezes e foi reunir o grupo. As pessoas já estavam assustadas e ficariam muito mais.

Ivan e Estela chegaram ao telhado juntos e correram até o parapeito, do qual dava para enxergar a entrada principal do shopping. E viram o seu pior pesadelo concretizado.

Ele desviou o olhar, sem saber o que fazer, e ficou por um instante congelado olhando para o condomínio ao lado, como se tivesse visto um fantasma. Vira algo que não tinha enxergado até aquele momento. Depois olhou para baixo, voltando a atenção novamente para o gigantesco problema que tinha diante de si. Depois pensaria no que acabara de avistar.

— O que está acontecendo? — perguntou Zac, a alguns metros de distância.

— Veja com seus próprios olhos. — Ivan meneou a cabeça.

Zac e Gisele chegaram e olharam sobre o parapeito e para baixo. Quando viu a cena, ela soltoou um grito de terror.

* * *

— Muito bem, preciso que todos prestem atenção — iniciou Ivan, se juntando ao grupo novamente, acompanhado de Estela, Zac e Gisele. — Estamos sofrendo um ataque. Existem vários zumbis junto à entrada da frente. Eles quebraram a porta de vidro externa e estão se amontoando do lado de fora, contra a porta de aço. Se vocês forem até lá, com certeza vão conseguir ouvir o barulho.

— De quantos zumbis estamos falando, Ivan? — Bob tentava manter a calma, mas no fundo estava apavorado, igual a todos os demais.

— Eu chutaria uns cento e cinquenta, no mínimo — respondeu Ivan, curto e grosso.

Várias pessoas começaram a falar ao mesmo tempo. Instintivamente Adriana agarrou a mão de Bob, apertando com força.

— As portas vão aguentar? — perguntou uma senhora, aflita.

— Não, sem dúvida não. Eles vão entrar a qualquer momento, é uma mera questão de tempo — Ivan afirmou, contundente.

— Meu Deus do céu, o que nós vamos fazer?! — Reginaldo agarrou ao revólver que Zac havia emprestado.

— Eu digo o que nós vamos fazer: iremos nos posicionar em frente à porta, e, quando eles entrarem, nós mataremos todos! — Zac sacou a pistola.

— De jeito nenhum! Você enlouqueceu? É suicídio enfrentar essas criaturas aqui dentro. Há sete crianças pequenas, e não temos balas suficientes para matar todos! — retrucou Ivan, irritado. Tinha sido paciente com Zac até aquele momento, mas não permitiria que ele bancasse o herói e acabasse matando um monte de gente.

— Nós podemos vencer! Você por acaso é um covarde? — respondeu Zac, atrevido.

Ivan parou bem na frente dele com as mãos na cintura. Era mais de dez centímetros mais baixo que Zac, mas realmente não se importava com esse detalhe naquele momento.

— Repete isso que você disse — Ivan ordenou. — Eu te desafio a falar isso de novo!

— Por quê? Vai me entregar para os zumbis? — Zac o encarou.

— Não faria essa maldade com eles, pois poderia causar-lhes uma indigestão. Mas posso te dar uma lição, se for necessário — vociferou Ivan, furioso.

Estela entrou no meio dos dois, colocando a mão no peito do marido. Ela conhecia Ivan e conhecia aquele olhar; ele estava a um passo de explodir. E ela era a única pessoa da face da Terra capaz de detê-lo.

— Chega dessa discussão! Depois vocês se matam, mas por enquanto temos coisas mais urgentes para resolver. E a principal delas é continuarmos vivos! — explodiu Estela, fazendo os dois se acalmarem quase imediatamente.

— Muito bem, eis o que faremos — retomou Ivan, tentando se controlar. — Temos que enfrentá-los lá fora, em espaço aberto. Aqui é mais fácil de sermos encurralados, e na pior das hipóteses iremos distraí-los e afastá-los da porta. Isso dará mais chances para quem está aqui dentro, e nós teremos mais chances de vencer também.

— Ótima ideia, vamos então sair e enfrentar aquelas coisas lá fora, com poucas armas e munição. E ainda por cima iremos dividir nossas forças, pois parte de nós ficará para cuidar das crianças. Genial, Ivan, eu estou me sentindo bem melhor! —

falou Zac, sarcástico.

Estela olhou para ele tentando decidir se pegaria mal se ela o matasse naquele exato momento.

— Zac, eu sei que você acha que isso aqui é um daqueles videogames com que você adorava brincar quando era criança, cerca de dois meses atrás. Mas estou falando sério. Nós vamos preservar o máximo possível de pessoas e tirar os zumbis da porta, antes que eles a arrombem. Até porque nós iremos atirar para todos os lados, e isso atrairá ainda mais mortos-vivos. Se aquela porta cair, nós estamos ferrados, entendeu? Dentro deste shopping eles não vão entrar, assunto encerrado! — Ivan falou elevando a voz e com o rosto a cinco centímetros do rosto de Zac, praticamente na ponta dos pés para conseguir olhá-lo nos olhos.

Estela era esmagada entre eles.

Zac tentou sustentar o olhar de aço de Ivan, mas não conseguiu. Ele começou a se dar conta de que havia algo de diferente com aquele homem. De alguma forma, Ivan não era igual aos outros, ele tinha algo mais. Só não fazia ideia do que era. Enfim, ele baixou o olhar.

— Estela, pegue a chave do ônibus, por favor — Ivan pediu.

Todos os outros se entreolharam surpresos. Ele tinha um plano, afinal.

— O quê? Vocês acharam que iríamos sair como caubóis, atirando a esmo? Vocês não me conhecem mesmo! — Ivan meneou a cabeça, olhando para aquelas pessoas.

Até Zac sorriu, foi incontrolável.

* * *

Ivan, Zac, Oswaldo, Reginaldo, Bob, China, Arnaldo, Silas e outros quatro homens, Marco, Wesley, Danilo e Carlos, se preparam para executar o plano de Ivan.

O tempo deles estava se esgotando. Os zumbis batiam e arranhavam a porta de aço do lado de fora, que já estava deformada em vários pontos. Eram toneladas de pressão, e não resistiria muito mais.

Estela queria ir junto a todo custo, mas Ivan a fez ver o óbvio. Se ele não voltasse, as crianças precisariam dela, e muito. E a primeira e mais terrível tarefa de Estela seria fugir daquele lugar usando o caminhão e tentando salvar o maior número de pessoas. E que Deus protegesse todos eles.

O plano era muito simples. Eles sairiam com o ônibus até o meio do estacionamento, fazendo barulho e atraindo as criaturas. Quando viessem na direção deles, iriam acelerar e atropelar o máximo possível de zumbis. Se eles conseguissem matar todos, tanto melhor. Caso contrário, Reginaldo iria se encarregar de atravessar o ônibus em frente à entrada, usando-o como barreira. Daquela forma os zumbis nunca conseguiriam arrombar aquela porta, pois eram estúpidos demais para isso.

— E nesse caso, teremos que correr do ônibus até a porta de serviço outra vez, certo? — perguntou Silas, preocupado.

— Isso mesmo. Não vai ter jeito, não vejo outra forma. Sei que todos gostariam de poder voltar com o ônibus até lá, mas não adiantaria nada. Mais cedo ou mais tarde os zumbis entrariam do mesmo jeito. Dessa forma, a entrada do shopping irá permanecer segura. Vai ficar lacrada.

— E assim seus preciosos filhos e sua esposa ficarão em segurança, não é? — provocou Zac.

— E a garota que você gosta também — retrucou Ivan. — Ou você não gosta dela o suficiente para se preocupar?

Zac decidiu calar a boca.

Prepararam-se para sair. Apenas Zac, Oswaldo, Silas, Arnaldo, Bob e China saíam munidos de armas de fogo. Todos os demais iriam com facas, pedaços de cano e o que mais conseguiram. Ivan vinha armado com seu martelo. A ferramenta salvara sua vida algumas vezes; esperava que não falhasse agora.

— Tem certeza de que você não quer ir com uma arma? — perguntou Silas. — Eu cedo a minha para você.

— Agradeço, meu amigo, mas acho que ninguém aqui está mais acostumado do que eu a lidar com esses desgraçados. Vou deixar as armas para os outros. — No fundo, Ivan tinha outro motivo também: queria dar o exemplo. Queria demonstrar, com atos, a importância de se pensar primeiro nos outros, depois em si mesmo. Era um líder e tinha que agir como tal. E por isso, ele foi à frente naquela missão que, sabia, nem todos iriam retornar.

Um homem chamado Heraldo ficou encarregado da porta, enquanto eles saíam um a um. Heraldo era muito calado, usava óculos, tinha pele bem branca, mais de um metro e noventa de altura e devia pesar uns cento e vinte quilos. O ônibus estava estacionado bem na entrada, já haviam deixado assim havia alguns dias para o caso de precisarem fugir. Agora era diferente: ele seria a principal arma daquele grupo.

Avançaram com cuidado, certificando-se de que não havia zumbis por perto. Estava tudo vazio, eles se mantinham todos ocupados tentando arrumar uma forma de atravessar a porta. Mas em breve seria uma verdadeira insanidade, disso todos tinham certeza.

Entraram no ônibus, e Reginaldo assumiu a direção. Era o mais bem preparado para dirigir um veículo daquele tamanho, e por isso mesmo todos deviam protegê-lo, garantir que ele conseguisse cumprir sua parte: esmagar zumbis e bloquear a porta. Quando Reginaldo girou a chave ligando o motor, Ivan fez o sinal da cruz — a sorte estava lançada. Dentro do shopping, Estela fez a mesma coisa, praticamente ao mesmo tempo.

O barulho do ônibus encheu a noite, e centenas de zumbis viraram a cabeça ao

mesmo tempo, procurando a origem daquele som. Sem demora, vários começaram a andar, cambaleantes e descoordenados, na direção da lateral do prédio.

Quando os primeiros zumbis viraram à direita, para a entrada de serviço, Ivan deu a ordem, e Reginaldo acelerou com tudo, acendendo os potentes faróis do ônibus.

Avançou ganhando velocidade rapidamente, enquanto os outros se seguravam da forma que podiam. O ônibus atingiu dezenas de zumbis ao mesmo tempo, quebrando e esmagando ossos às centenas. Reginaldo acelerou para a extremidade do imenso estacionamento tocando a buzina. Os demais gritavam dentro do ônibus, chamando e desafiando os zumbis, que vinham se arrastando na direção do veículo. Ivan sorriu ao ver que nenhuma criatura permaneceu junto à porta, todos eles vinham em seu encalço.

— Muito bem, aguente firme agora. Deixe que eles se aproximem e depois ataque. Cuidado para não bater o ônibus, senão estamos fodidos — falou Ivan para Reginaldo, que estava com os olhos arregalados, diante da multidão de zumbis que vinha na direção deles.

Eram muitos, deviam ser mais de duzentos. Uma horda saída de um grotesco filme de terror, porém na vida real.

Quando a multidão feroz chegou a cerca de quinze metros de distância, Ivan mandou Reginaldo avançar. Ele obedeceu sem titubear, arrancando com o ônibus e acertando bem no coração daquele grupo, matando uma quantidade incalculável de zumbis. Os homens vibraram com aquela cena, o plano estava dando certo.

— Você vai acabar batendo o meu recorde! — gritou Ivan. — Você tem um dom, meu amigo!

— Calma aí, estou só me aquecendo! — gritou Reginaldo, dando a volta: ia partir para uma nova carga.

Parou o ônibus por um instante. Queria dar um tempo para os zumbis se reagruparem. Acelerava o veículo fazendo o motor rugir alto. Ia caprichar no próximo golpe. Aquela seria a noite da vingança, Reginaldo odiava aquelas criaturas com todas as fibras do seu coração, e mandaria uma por uma de volta para o buraco de onde elas nunca deveriam ter saído.

Tornou a acelerar o gigante de aço na direção do grupo, que diminuía consideravelmente de tamanho, mas que ainda contava com mais de cem desgraçados.

Quando chegou a menos de vinte metros, ele a viu. Estava bem no meio da turba, como se quisesse pregar-lhe. Reginaldo instintivamente, irracionalmente, virou o volante de forma brusca, desviando do grupo e espatifando o ônibus contra um poste de iluminação, jogando longe todos os homens.

Uma menina de cerca de três anos se encontrava entre os zumbis. Era linda, tinha belos cabelos loiros e pele branca como mármore. Usava um vestido de veludo

preto de manga comprida e botas vinho. Estava abraçada a um ursinho de pelúcia e chupava chupeta, um pequeno vício que os pais ainda não tinham conseguido tirar e que apenas realçava seu ar infantil e inocente. Um anjinho, lindo e suave no meio daquela praça de guerra.

Atropelar feras com aspecto repugnante era uma coisa; esmagar crianças inocentes era outra completamente diferente. Reginaldo não conseguiu racionalizar o fato de que se tratava de um zumbi e agiu por impulso ao desviar o ônibus. E agora estavam todos encrencados.

Ivan abriu os olhos e tentou se levantar. Ele estava caído nas escadas do ônibus, com a cabeça contra a porta. Um barulho incômodo vinha de todos os lados, e por um instante ele não conseguia entender do que se tratava; mas a confusão durou pouco tempo. Quando ele se ergueu um pouco até conseguir olhar pelo vidro da porta, deu de cara com vários zumbis. Eles cercaram o ônibus em todas as direções e tentavam entrar. A menininha que causara todo aquele estrago estava alucinada, atraída pelo sangue que jorrava do supercílio de Ivan, e arranhava o vidro.

Ele se ergueu e olhou para a frente. Havia um rombo no para-brisa, e Oswaldo estava caído no meio do asfalto, cerca de sete metros à frente. Seu corpo estava torcido de uma forma bizarra aparentemente ele morrera. Pelo buraco, um morto-vivo tinha enfiado o braço e tateava o painel do ônibus, buscando alcançar Reginaldo, que estava desacordado, com o rosto enfiado no volante.

Os outros homens se levantavam aos poucos, atordoados pela batida. Zac era o pior de todos, com seu rosto completamente ensanguentado; havia quebrado vários dentes, o nariz e tinha lacerações profundas em toda parte. China estava com o braço esquerdo num ângulo improvável, devia estar quebrado em dois lugares, no mínimo. Marco ficou preso entre dois bancos; um deles se soltara e o prensara contra o banco da frente. Carlos não se mexia; afundara o crânio contra uma barra de metal.

Ivan passou rápido pelos homens, não tinham tempo a perder. Os zumbis os cercaram e esmurravam a lataria, as janelas e cada centímetro quadrado do ônibus. Invadiriam o veículo a qualquer momento. Precisavam sair dali imediatamente.

Ele verificou o estado de Carlos. Parecia bem grave, mas ele ainda respirava. Marco estava morto. Reginaldo, fora de combate, e Oswaldo pelo jeito também tinha morrido. Mas era impossível chegar até ele, visto que caíra fora do ônibus. Os demais conseguiam andar, apesar de estarem todos feridos, sem exceção.

Sentindo o rosto queimar, uma dor de cabeça terrível e com o corpo todo entorpecido, Ivan puxou Reginaldo do banco do motorista, estendendo-o no meio do corredor, e assumiu a direção. Tomou um susto quando um dos zumbis, que enfiara a mão por um buraco no vidro, o agarrou pelo braço e tentava puxá-lo para fora. Ivan se desvencilhou da criatura. Piscou ao ver a pistola de Zac no chão e a pegou. Apontou a arma e explodiu o cérebro do zumbi, que ficou com o corpo pendurado,

apenas com o braço preso ao ônibus.

Foi necessária uma dose imensa de esforço para girar a chave no contato. O corpo de Ivan queria parar, desligar, mergulhar no sono mais profundo. Estava prestes a desmaiar, e sabia disso. Portanto, precisava tirá-los dali naquele instante.

Quando o motor ligou, Ivan soltou um urro de fúria, vindo do fundo da alma. Engatou a marcha a ré e começou a mover o ônibus, descolando-o do poste, que ameaçava cair a qualquer momento, empurrando para trás a massa de mortos-vivos que surrava o veículo, frustrada, vendo o banquete indo embora.

Ele virou o ônibus de frente para o shopping, mas em vez de ir para a frente, continuou andando de marcha a ré, se afastando do prédio, com os mortos-vivos vindo na frente deles tentando alcançá-los. Ao lado de Ivan estava o zumbi que ele matara, arrastado preso à lateral do ônibus.

Silas teve de pisar em Reginaldo para chegar até Ivan. Eles tinham que sair dali!

— Cara, você enlouqueceu?! Precisamos voltar, estamos todos ferrados, olha só para você! — Silas apontou para Ivan.

— Sente-se, Silas, agora! — Ivan ordenou, feroz. — Temos que concluir o plano, senão todos teremos de lutar com os zumbis ainda hoje. Eles ainda estão em número suficiente para derrubar aquela porta. No estado em que nos encontramos, seremos presas fáceis. Não temos escolha, precisamos fechar a porta com o ônibus já!

Em seguida, Ivan parou o ônibus, trocou de marcha e acelerou para a frente bruscamente, obrigando todos a se segurarem. Repetiu o gesto de Reginaldo e acertou o grupo de mortos-vivos em cheio, jogando vários deles longe. Mas dessa vez ele nem sequer olhou o resultado; acelerou com tudo para a frente, pois tinha de ganhar vantagem sobre as criaturas, porque ainda teria que estacionar o ônibus.

Estava quase chegando ao prédio do shopping quando deu uma guinada brusca para a esquerda, deixando o ônibus paralelo ao edifício. Na sequência, engatou a ré e virou todo o volante para a direita, fazendo com que a lateral colasse na parede, deformando a lataria e arrancando o espelho retrovisor. O barulho do metal rasgando a parede era assustador; parecia que Ivan desejava fundir o ônibus com o shopping. E na prática era exatamente isso o que ele estava fazendo, parando apenas quando o ônibus cobriu completamente a porta.

— Vamos, pessoal, vamos sair daqui! — gritou Ivan para os demais.

Silas e China pegaram Carlos, que continuava desacordado. Ivan ergueu Reginaldo e o jogou sobre o ombro, agradecendo a Deus por ele ser leve. Pegaram também todas as armas, mas o martelo de Ivan ficou para trás, e ele nunca mais o veria novamente.

Ivan desferiu dois tiros no para-brisa, que já estava danificado, e depois chutou com toda a força, arrebatando-o de vez. Saíram por ali quando os zumbis estavam a menos de dez metros. As criaturas eram muito mais lentas, mas aqueles homens

também não estavam em condições de correr muito.

Quando Ivan e seu grupo chegaram à lateral do shopping, ele olhou para a esquerda. Queria conferir a que distância estavam dos zumbis; mas acabou vendo o que não devia. Algo que povoaria seus piores pesadelos para o resto da vida. Ele viu Oswaldo.

Oswaldo acordara no momento em que o ônibus passou por ele indo de encontro ao prédio do shopping. Ele fez menção de gritar, mas estava muito ferido, com diversas costelas quebradas e outras fraturas pelo corpo. Quando ele enfim conseguiu ficar de pé, alguns dos zumbis o avistaram e começaram a avançar em sua direção. Ele passou a mancar no sentido oposto do shopping, sem condições de ir tão longe.

Ivan viu o pobre coitado mancando, ferido e sozinho, abandonado por seus camaradas, procurando inutilmente fugir daquelas coisas. Sentiu um ímpeto de voltar. Aquele homem tinha três filhos pequenos, o que seria daquelas crianças? Mas não podia. Não tinha como ajudá-lo, estava carregando no ombro um Reginaldo ferido. O próprio Ivan se ferira, e se sentia incrivelmente cansado. Precisava seguir em frente. Por isso, virou as costas para Oswaldo e seguiu na direção da porta de serviço, odiando-se por isso.

Seus companheiros seguiam-no, e alguns metros atrás o grupo de zumbis tentava alcançá-los.

Heraldo, na porta, gritava para eles se apressarem. Os homens entraram afobados, e Heraldo finalmente bateu a porta de aço, trancando-a em seguida. Aquela porta era pesada demais e estreita demais; os zumbis nunca conseguiriam arrombá-la.

Os homens desabaram ali mesmo no corredor. As outras pessoas do grupo aguardavam por perto, aflitas, com Estela à frente delas. Ela correu até o marido, ajudou-o a colocar Reginaldo no chão e o abraçou com força. Ela tremia.

— Meu Deus, eu vi tudo lá de cima, achei que você fosse morrer! — falou Estela, com a voz embargada. — Senti tanto medo!

Ivan nada disse. Estava exausto, exaurido. E definitivamente nem um pouco feliz. Não se sentia grato por estar vivo, muito pelo contrário. Estava com vergonha.

— Oswaldo? — perguntou ele, olhando para Estela.

— Lá fora, cercado pelos zumbis. É questão de tempo, não há nada que possamos fazer por ele, querido, eu sinto muito — murmurou Estela, com medo do que Ivan pudesse fazer.

De repente, ele recuperou a energia. Saiu correndo, cambaleante, com a pistola na mão. Estela entrou em pânico por instantes, mas ele não foi em direção à porta, mas para a escada. Ela correu atrás dele, seguindo-o, desconfiada do que o marido faria, e não pretendia impedi-lo. Acompanhava-o para dar força para Ivan, sabia que ele ia precisar.

Ivan subiu as escadas e chegou até o telhado. Lá em cima, ele olhou pelo parapeito e viu Oswaldo pendurado no muro. Estava agarrado na cerca elétrica, tentando manter-se longe dos zumbis que o cercavam por todos os lados. Não tinha forças para subir no muro, estava fraco demais. Tentava firmar os pés na parede, mas não conseguia. Oswaldo derrapava, enquanto os zumbis abaixo dele puxavam seus pés, tentando mordê-lo. Finalmente ele oscilou, e seus pés escorregaram pelo concreto. Oswaldo, enfim, foi agarrado pelas pernas e pelo tronco por várias mãos. O pobre coitado soltou um grito de horror quando sentiu a primeira mordida nas costas.

Por um breve instante, ele pensou na mulher e nas crianças. Pensou em Robertinho, seu filho caçula tão amado. Pensou em Ângela, sua princesa tão linda, tão carinhosa. E pensou em Eduardo, seu pequeno grande amigo, companheiro inseparável de todas as pequenas coisas do dia a dia. Sobretudo, pensou na esposa, cuja falta ele sentia todos os dias, uma saudade que parecia não ter fim. Agora se reencontrariam, disso ele tinha certeza.

Ivan ergueu a pistola; sua cabeça girava e estava a uma distância incrível, mas tinha de conseguir. Deu o primeiro tiro, mas acertou o muro. Deu o segundo, e acertou um zumbi nas costas. No terceiro disparo a bala viajou exatos quarenta e oito metros a mais de trezentos metros por segundo e atravessou o crânio de Oswaldo, que morreu instantaneamente e desapareceu no meio da multidão de feras ávidas.

Logo depois disso, Ivan soltou a pistola e desmaiou nos braços de Estela.

CAPÍTULO 7

O DESPERTAR



IVAN ACORDOU NO DIA 19 DE AGOSTO de 2018, por volta das oito horas da manhã. Esteve desmaiado, de fato, cerca de doze horas, mas metaforicamente dormiu por mais de um mês. Por mais de um mês ele acreditou que o shopping fora a melhor coisa que acontecera a eles. Achou, de fato, que seria uma ótima opção, a chance de um recomeço. Mas naquele dia fatídico, ele despertou.

Quando abriu os olhos, Ivan sentou-se na cama improvisada. Estava na loja que vinha servindo de quarto para eles. Por semanas ele viu aquele lugar como um lar, mas agora enxergava a verdade. Aquilo não era um lar. Era, na melhor das hipóteses uma célula de sobrevivência; e, na pior, um mausoléu. Ivan viu as coisas com uma clareza assustadora, percebeu que esteve cego aquele tempo todo.

Tomou uma decisão, mas precisava convencer os demais. Se aqueles zumbis vieram do inferno, providenciaria para que eles se sentissem em casa. Estava decidido a fazer correr um verdadeiro rio de sangue sobre as ruas daquela cidade.

Levantou-se com dificuldade, o corpo inteiro doía. Olhou-se no espelho e constatou que já tivera dias melhores. O olho direito estava roxo, bem como boa parte do rosto. Na testa, havia um curativo muito malfeito cobrindo o supercílio, e ele se encontrava cheio de escoriações pelo tronco e pelos membros. Em resumo: estava um bagaço.

Quando saiu da loja, viu Estela se aproximando. Ao ver o marido acordado, ela saiu correndo e o abraçou com força, afrouxando o aperto quando ele gemeu de dor.

— Como você está? — perguntou Estela, segurando o rosto de Ivan com as duas mãos. — Sente-se bem?

— Já estive melhor. Pelo menos estou vivo, o que já é muita coisa, pois nem todos tiveram tanta sorte assim. E Carlos?

— Sinto muito, amor, ele não resistiu... — respondeu Estela com pesar. — Carlos morreu cerca de uma hora depois de vocês voltarem. Improvisamos um pequeno velório lá embaixo. Pensamos em tentar resgatar o corpo de Marco para velá-lo também, mas é muito perigoso, há muitos zumbis zanzando por aqui ainda. E quanto

a Oswaldo, acho que não temos muito o que fazer a não ser rezar por ele.

Ivan permaneceu um instante imóvel, ponderando sobre aquilo. Três homens mortos e vários feridos. Será que a estratégia dele fora acertada? Talvez não fosse um bom líder, afinal. Talvez a estratégia de Zac fosse melhor. Se ele tivesse escutado mais, ponderado mais, considerado outras hipóteses, enfim, se ele tivesse agido de forma diferente...

— Pode parar! — interveio Estela, séria. — Você não pode se culpar, fez o melhor possível! Se tivéssemos seguido a ideia de Zac provavelmente estaríamos todos mortos agora, você sabe disso!

Ivan ficou olhando para a esposa. Seria possível que Estela tivesse aprendido a ler pensamentos? Ela não era deste mundo. Era capaz de decifrá-lo apenas com um olhar, e aquilo era mais assustador do que os malditos zumbis.

— Por falar nele, como Zac está? Ele me pareceu bastante ferido ontem, mas não deu tempo para avaliar direito — Ivan perguntou, ansioso.

O olhar de Estela deixou-o arrepiado.

— Esse é outro problema com o qual você vai ter que lidar, meu amor. É melhor que venha comigo. — Estela segurou as duas mãos de Ivan.

* * *

Eles desceram ao andar térreo, que era onde Zac costumava dormir. Quando chegaram, encontraram algumas pessoas na entrada, entre elas, Gisele. Foi com ela que Estela falou:

— Como ele está? — perguntou, sinceramente preocupada.

— Com muita dor. Acho que os analgésicos não estão surtindo efeito. Precisamos de um médico, uma enfermeira, sei lá. — Gisele olhava fixo para Estela, evitando olhar para Ivan.

Apesar da situação, Estela controlou-se para não rir. A moça estava fazendo uma força imensa para não se trair.

— Eu sei, infelizmente não temos nada a fazer. Ninguém aqui tem conhecimento médico para tentar algo mais. Não faço ideia do que poderíamos dar para ele. — Estela meneou a cabeça, desanimada.

— O que está acontecendo? O que houve com ele? — perguntou Ivan, preocupado.

— Veja você mesmo... — Estela indicou a entrada.

Ivan entrou naquele espaço e ficou surpreso com o ambiente. Zac tinha coberto todas as paredes com pôsteres de mulheres nuas, bandas de rock e todo tipo de baboseira; parecia o quarto de um adolescente. E essa era de longe a menor surpresa que ele ia ter.

Chegou até o final da loja. Ali, em um colchão no chão, Zac se encontrava deitado

em posição fetal, coberto até a cabeça com um edredom, e virado para a parede. Parecia dormir, por isso Ivan ficou na dúvida se deveria chamá-lo. Mas não foi preciso, pois o rapaz falou primeiro:

— E aí, cara, tudo certo? Veio ver o resultado da sua grande ideia? — Zac indagou, irônico, sem se virar. Sua voz saiu estranha e anasalada.

Ivan não respondeu. Não sabia o que dizer, pelo simples fato de que não sabia o que esperar. Mas fazia uma ideia do que estava por vir.

— Então, fala alguma coisa! Você sempre tem uma resposta, uma solução para tudo! — provocou Zac, agressivo.

— Vire-se — ordenou Ivan.

— Claro. Você é o chefe. Você é quem manda aqui, não é mesmo? Se você manda, eu obedeço. — Zac se sentou no colchão e olhou para Ivan.

Estava bem pior do que Ivan imaginara. A boca estava torta; havia algo errado com o maxilar dele. O nariz se achava completamente torto. O lábio, todo inchado, e rasgara na parte inferior. O olho direito estava fechado, o outro, bastante inchado. Aliás, o rosto todo estava inchado. Ele tinha um imenso curativo que se estendia ao longo de toda a face direita. Zac ficara deformado.

— Sem o curativo fica ainda melhor, quer que eu mostre? Um rasgo de quinze centímetros! Dava até para ver os meus dentes sem abrir a boca! — Zac cuspiu as palavras. Ele olhava para Ivan com ódio, nada menos do que isso.

— Zac, eu sinto muito.

— Sente muito o caralho! Eu quero que você vá pra a puta que te pariu! — Zac gritou, colocando-se de pé com esforço. Parou diante de Ivan, furioso, parecia ter enlouquecido.

Mas Ivan não se moveu, continuou olhando para ele. Estava com pena do rapaz, mas não iria se deixar intimidar.

— Você pode não acreditar, mas eu sinto muito mesmo. Por você, por Carlos, por Marco, por Oswaldo e pelos filhos dele, que agora são órfãos de pai e mãe. Realmente lamento tudo isso.

— Eu devia matar você, entendeu? Maldita hora em que entrei nesta merda de shopping. Maldita hora em que te conheci! — Zac enfiou o dedo indicador no peito de Ivan, empurrando-o para trás.

Ele não reagiu, deixou-o extravasar.

— O que foi? Não vai falar nada? Por que você não apresenta outro dos seus planos sensacionais? Tenho certeza de que tem uma solução! Você sempre tem uma resposta para tudo, não é? — Zac abriu os braços. — Vamos, grande líder! Brinde-me com sua sabedoria! Resolva todos os meus problemas!

Ivan continuou calado, apenas olhando para ele.

Zac agarrou-o pela gola da camiseta com os braços enormes, grossos como uma

árvore. Puxou-o para si, com uma aparência feroz. Dava a impressão de que ia arrancar a cabeça de Ivan a qualquer momento, tamanha era a raiva dele.

— Zac, não faça isso — Ivan falou em voz baixa.

— Por quê? Está com medo? — Zac disparou, furioso.

— Não. Estou pedindo, porque eu já te fiz mal demais, não quero piorar ainda mais as coisas — respondeu Ivan, sereno.

— Você se acha, não é verdade? Você se julga invencível. Na sua cabeça poderia acabar comigo com um peteleco, não é mesmo? — Zac estreitou o olho bom. — Ivan, se enxerga, você nunca seria páreo pra mim! Eu te quebro no meio com um único golpe!

Zac ainda segurava Ivan com uma das mãos e ergueu a outra junto ao seu rosto, como se fosse dar um tapa na cara dele a qualquer momento.

— Zac, eu sinto muito de verdade, e me solidarizo com você. Sei que deve estar sendo uma situação muito difícil. Mas lembre-se: nunca confunda solidariedade com fraqueza. Eu quero que você me largue. Agora — Ivan falava pausadamente, como se quisesse ter certeza de estar sendo claro o suficiente.

O rapaz ferido olhou bem para ele e o soltou, com um sorriso de desdém no rosto devastado.

— Claro, Ivan, como você quiser! Como eu disse antes, você é o mandachuva aqui! Agora, se você me dá licença, eu vou me deitar. Minha cara dói como o diabo! Fecha a porta quando sair, por favor. — Zac se virou de costas e tornou a se deitar, cobrindo a cabeça com o edredom.

Ivan suspirou e saiu da loja. Não adiantava querer falar com ele naquele momento. Só o tempo iria fazer Zac se acalmar.

Estela o aguardava à porta. Ela presenciara a conversa, mas preferiu não intervir.

— É, acho que eu arrumei um fã... — Ivan soltou um suspiro. — E os outros, também me odeiam?

— De forma alguma! Estão todos te apoiando, seu plano funcionou! Os zumbis não conseguiram mais chegar perto da porta, não existe mais ameaça, no momento. O preço foi alto, mas graças a você estamos seguros. — Estela segurou a mão do marido.

— E Reginaldo, como está? — Ivan se lembrou do homem que havia armado toda aquela confusão.

— Bem. Acordou com uma bela enxaqueca depois da pancada na cabeça, mas está inteiro. Mas acho bom você falar com ele também. Reginaldo está se culpando pelo acidente, acha que matou Oswaldo e todos os outros. Ele chegou a vir falar com Zac para pedir desculpas, mas ele o expulsou, começou a gritar que Reginaldo era seu capacho, que a culpa era dele e mais um monte de besteiras.

— Ok, vou conversar com ele também, mas antes quero falar com os outros.

Vamos fazer uma reunião. Só um segundo. — Ivan virou na direção da loja e disse em voz alta: — Zac, eu vou convocar uma reunião, você quer vir?

— Enfia essa reunião no rabo! — Zac gritou em resposta.

— Acho que isso foi um não... — Ivan deu de ombros e disse para Estela: — Vamos chamar os outros.

* * *

— Eu gostaria de conversar com todos vocês — Ivan iniciou, dirigindo-se ao grupo de adultos que velava pelo cadáver de Carlos. Entre eles se encontravam os feridos da empreitada da noite anterior. As crianças estavam do outro lado do shopping, entre elas os filhos de Oswaldo, inconsoláveis com a morte do pai. Uma das mulheres tomava conta delas; não queria que participassem do velório.

— Como vocês viram ontem, este local não é tão seguro quanto pensávamos. Por algum motivo que eu desconheço, aquele grupo de zumbis tentava entrar aqui a qualquer custo. E acho de verdade que eles conseguiriam. — Ivan percebeu o olhar de concordância de muitos. — Temos que mudar a nossa estratégia. Eu sei que aqui temos comida e conforto, mas isso de nada vai adiantar se as criaturas conseguirem invadir este prédio. Precisamos começar a pensar a longo prazo.

— O que você tem em mente? — perguntou China, com o braço imobilizado por uma tipoia improvisada.

— Infelizmente teremos que sair daqui — Ivan disparou à queima-roupa.

Vários protestaram; a simples ideia de sair daquele prédio era aterrorizante. Todos nutriam um medo dos zumbis que beirava a irracionalidade.

— Calma, gente! Se Ivan está falando isso é porque deve ter um motivo! Vamos escutar, e depois nós discutimos, certo? — ponderou Bob.

Ainda levou um tempo para o burburinho diminuir.

Ivan retomou a palavra:

— Meus amigos, temos que analisar nossa situação com objetividade. O fato é que de uma só vez três pessoas morreram ontem numa investida daquelas criaturas. Nós selamos uma das portas, mas este shopping tem ainda mais quatro entradas. A qualquer momento o problema poderá se repetir, vocês concordam? — Ivan olhava para o grupo, que parecia dividido.

— Podemos selar as demais portas da mesma forma! Isso resolveria, certo? — perguntou Adriana, abraçada com Bob.

Pelo visto, os eventos da noite anterior fizeram com que eles dessem o passo que faltava e assumissem o que sentiam um pelo outro.

— A curto prazo, sim. Mas teríamos que providenciar algo para fazer isso. Tínhamos um ônibus, e esse, pelo visto, nunca mais vai andar. Mas entenda uma coisa Adriana: nosso estoque de comida é grande, mas não é eterno. Acredito que

podemos aguentar aqui por uns três anos, o que é bastante. Mas e depois disso? — perguntou Ivan, olhando para a moça. — Três anos, na melhor das hipóteses, caso não aconteça mais nada. Três anos trancados, até que chegue o momento de encarar a realidade e sair daqui para enfrentar o mundo, seja lá quantos de nós tenham sobrado até lá. É isso o que vocês querem?

Ninguém se atreveu a responder. Ivan atingira um nervo exposto; todos já pensaram naquilo, apenas preferiram não tocar no assunto.

— Até lá, a ajuda já terá vindo! E aí estaremos salvos, só precisamos ter paciência! — sugeriu uma senhora.

— Desculpem, mas vocês percebem que ninguém mais apareceu? Apenas vocês, que vieram no caminhão. Depois disso, apenas os zumbis circulam por essa área. Nem mesmo um helicóptero, avião, absolutamente nada. Os celulares estão mudos, os canais de televisão, fora do ar, telefones, rádios, tudo em silêncio. A última notícia que ouvimos dava conta de se tratar de um evento global. Pensem nisso! — continuou Ivan. — Eu e minha família estávamos no Center Vale Shopping quando milhares de pessoas se transformaram bem diante dos nossos olhos e saíram matando todos que encontravam pela frente. Se isso aconteceu no mundo inteiro, então eu digo que não sobrou governo, exército, nenhuma entidade minimamente organizada para nos resgatar. Temos que aceitar os fatos: nós estamos sozinhos.

Mais uma vez, as pessoas começaram a falar e gesticular ao mesmo tempo. Estavam resistindo à ideia de que o socorro provavelmente nunca chegaria, mas Ivan já esperava aquela reação.

— Deve ter governo em algum lugar, não é possível! — Gisele estava inconformada. — Alguém deve estar escondido em alguma fortaleza, *bunker*, ou algo do tipo! Deve existir algum plano para o caso de uma emergência!

— Concordo que isso se aplica perfeitamente a uma guerra, um ataque nuclear ou uma invasão, mas não resolve quando acontece de forma tão diferente de tudo, e repentina. Pensem bem, até nossos governantes podem estar lá fora neste exato momento vagando por aí no meio dessas coisas. Esse fenômeno atingiu um número enorme de pessoas indistintamente. Quem não se transformou foi atacado pelos zumbis, e pelo que nós pudemos perceber, as criaturas são bem mais numerosas. Por isso, eu acredito que os sobreviventes estão espalhados por aí, escondidos e lutando para se manter vivos. Assim como nós — observou Ivan. — Na minha opinião, é exatamente disso que precisamos antes de mais nada: sobreviventes. Precisamos achar outras pessoas, formar uma comunidade, um grupo mais numeroso e que tenha mais chances de sobreviver. Um grupo forte, com indivíduos que possuam os mais diversos conhecimentos. Que nos permita traçar planos, poder conquistar novos espaços e recursos a cada momento. Enfim, que nos dê a chance de sermos autossustentáveis.

— Eu tive um gerente que sempre falava isso — lembrou Estela. — Ele se chamava Eduardo, e dizia que o maior patrimônio de qualquer organização, empresa ou grupo eram justamente as pessoas. Todo o resto poderia ser providenciado, desde que você tivesse recursos humanos. É disso que você está falando, não é?

— Exatamente — concordou Ivan. — Na atual conjuntura, estamos muito vulneráveis. Se o resultado ontem tivesse sido um pouco pior, praticamente todos os homens do grupo estariam mortos, e todas as armas de fogo, perdidas. Os que sobrevivessem estariam em sérios apuros.

— Como você pode ter tanta certeza de que há outros sobreviventes? Como saber se nós não somos os únicos? — perguntou Arnaldo, com ares de que estava concordando com Ivan, mas queria continuar a ouvir.

— Eu poderia te dar diversos argumentos. Poderia falar que nas grandes guerras, mesmo em regiões totalmente devastadas, parte da população civil conseguiu se esconder e resistir. Poderia lembrar que os judeus sobreviveram ao Holocausto na Europa, bem como os russos resistiram à brutalidade da invasão alemã. Que até mesmo em Hiroshima e Nagasaki pessoas conseguiram sair vivas das regiões arrasadas pelas bombas atômicas. A raça humana tem demonstrado ao longo dos séculos uma imensa capacidade de resistência, de adaptação aos cenários mais desfavoráveis. — Ivan deu de ombros. — Mas tenho um argumento bem mais simples do que todos esses: eu vi um sobrevivente ontem.

Mais uma vez todos se exaltaram. Choveram perguntas de todos os lados com várias pessoas falando ao mesmo tempo. Até mesmo Estela, que sempre se mantinha serena quando Ivan se dirigia ao grupo, começou a disparar questionamentos. Ele pediu para todos se acalmarem para que pudesse prosseguir.

— Meus amigos, não comentei nada antes pelo simples fato de que foi no exato momento em que vi os zumbis na porta principal. Naquele instante, eu decidi que era necessário estabelecer qual seria a prioridade, e na minha cabeça era continuarmos vivos. Mas agora chegou a hora de falarmos sobre isso. — Ivan deu prosseguimento: — Ontem, do topo do telhado, vi um homem nos observando pela janela de uma casa aqui ao lado, no Condomínio Colinas. Eu o vi, e eu tenho a impressão de que ele ia tentar se comunicar conosco, mas tivemos que descer, e aí não tive mais oportunidade de tentar algum contato. Quero convidar vocês a irmos ao telhado agora mesmo.

Todos concordaram e se dirigiram ao telhado junto com Ivan. Estela foi a única exceção. Ela disse que ia buscar algo e os encontraria em alguns instantes.

Ao chegarem ao topo do prédio, Ivan apontou para a casa em que avistara o homem, no dia anterior.

— Vocês veem aquela casa vermelha? Bem ali, naquela janela, um homem de uns sessenta e poucos anos nos observava. Tive a impressão de que ele ia pegar alguma

coisa para tentar se comunicar conosco, mas não dava para esperar.

— Como poderemos confirmar isso, Ivan? — perguntou Silas. — Não estou duvidando de você, mas precisamos ter certeza. É claro, não sabemos se ele é o único, certo?

— É simples, usaremos isto. — Estela, naquele momento, se juntou ao grupo. Ela trazia um binóculo, algumas folhas de cartolina, um pincel atômico azul e a escopeta. — Tapem os ouvidos, isso vai fazer barulho.

Estela ergueu a arma e, conforme Ivan ensinara, deu dois tiros para o alto, como ele havia feito no dia em que avistaram o caminhão. O som do tiro altíssimo era capaz de ser ouvido a centenas de metros de distância. Enquanto isso, Ivan observava a casa com o binóculo, à procura de algum sinal de vida.

Por alguns instantes, nada aconteceu, o que fez Estela se preparar para disparar de novo. Mas de repente, numa casa amarela próxima daquela, Ivan avistou uma mulher surgir na janela. Ela olhou discretamente, na certa com medo de ser vista pelos zumbis que vagavam pelas ruas do condomínio. Ivan acenou para ela, enquanto apontava na sua direção chamando a atenção dos outros.

— Vejam, logo ali! — Ivan indicou. — E nem é na casa que eu tinha falado, estão vendo?

As pessoas começaram a se revezar no uso do binóculo, olhando e acenando para aquela mulher, que agora sorria e gesticulava freneticamente. De repente, Estela apontou para a casa vermelha e disse:

— Ali está ele, Ivan! Aquele era o homem que você tinha visto, certo?

Ivan pegou o binóculo e olhou naquela direção. Era isso mesmo, aquele era o mesmo homem da véspera, que agora os observava novamente. Ele desapareceu por instantes, e quando ressurgiu trazia um binóculo nas mãos e começou a observar o grupo também.

Estela pegou uma das cartolinas e passou a escrever. Tinha uma letra bem trabalhada e elegante. Ergueu-a para que o homem pudesse ler com a ajuda do binóculo. Estela tinha escrito: “Tem outras pessoas aí?”

Ele leu e fez um sinal para que aguardassem. Estela continuou exibindo o cartaz para que a mulher da outra casa também lesse, mas não tinha certeza se seria possível. Ela não parecia ter binóculo, e a distância era grande.

Enquanto esperavam, Ivan viu outra pessoa numa outra casa. Agora era um rapaz que acenava com as duas mãos, tentando chamar a atenção. Ivan acenou de volta, e naquele instante viu que ele estava acompanhado de uma adolescente de uns quinze anos, que também gesticulava. Ivan também indicou aqueles dois para o grupo. Aos poucos, mais sobreviventes iam surgindo aqui e acolá, provando que ele tinha razão.

— Estão vendo? Já achamos quatro pessoas. E daqui não conseguimos enxergar mais do que uma dúzia de casas. Agora, quantos sobreviventes haverá no

condomínio todo? — Ivan perguntou.

Logo em seguida aquele homem voltou, trazendo uma pequena lousa nas mãos. Escreveu com giz e levantou para que eles lessem: “Estou aqui com minhas netas. Tenho crianças comigo.” Aos poucos, os demais começaram a imitá-lo com cadernos e folhas de papel. Foram escrevendo mensagens como “Nos ajudem”, “Socorro”, “Estamos quase sem comida” e outras similares.

Ivan se virou para os demais, sério. A teoria dele estava mais do que comprovada, aquela desgraça poupou alguns indivíduos. Sabia que não eram muitos, mas sabia que havia mais. E de uma coisa ele tinha certeza: aqueles sobreviventes precisavam deles, e eles precisavam de mais gente. Era uma troca em que todos tinham a ganhar.

— Muito bem, pessoal, eis os fatos: existem pessoas logo ali, do outro lado da rua, precisando de ajuda. Não sabemos quantos são ao certo, mas aposto que são dezenas, talvez centenas de seres humanos. O condomínio é imenso, tem centenas de casas. Seria um ótimo lugar para recomeçar — Ivan completou.

— Recomeçar? Calma aí, você está sugerindo então...

Mas Silas foi interrompido por Estela:

— Sim, isso mesmo, Silas. Iremos invadir o condomínio, acabar com todos os zumbis, salvar todos os que conseguirmos e nos instalar lá — resumiu Estela, virando-se para Ivan.

Ele apenas acenou com a cabeça, concordando.

— Eu topo! — uma voz masculina surgiu de trás do grupo. Era Zac, que vinha mancando.

— Você enlouqueceu?! Olha o seu estado! Como faremos isso? — perguntou Heraldo.

— Eu não faço ideia! Mas qualquer coisa que signifique matar um monte desses desgraçados, eu estou dentro! — zombou Zac.

— Pode ter certeza disso — Ivan começou com um olhar feroz, assustador. — Teremos que providenciar uma tremenda guerra, vai ser um verdadeiro banho de sangue. Mas depois de ontem, estou decidido a matar cada uma dessas coisas que atravessar o meu caminho. Eu me recuso a viver com medo pelo resto dos meus dias. Tenho minha mulher, meus filhos e meus amigos, e não aceito que mais ninguém vire refeição para um desses demônios. Matei Oswaldo ontem para livrá-lo do martírio de ser devorado vivo. Matei a mulher dele porque ela não tinha mais salvação. Agora sou responsável pelos filhos deles, e eu juro por Deus que nada nem ninguém irá fazer mal a eles.

Todos menearam a cabeça, apoiando.

— Não tenho medo de lutar contra mil feras. Tenho medo mesmo é de pensar no que vai acontecer com os que eu amo se eu não tentar. E por mim, o reinado dessas criaturas começa a desabar a partir de agora. Sei que nunca teremos como matar

todos, mas garanto que podemos fazer um estrago tão grande, tão descomunal, que eles nunca mais irão nos ameaçar como fazem hoje. Nunca! — Ivan trovejou, possuído por uma força que até então ele mesmo desconhecia.

Ficaram todos em silêncio. Estavam temerosos, mas de alguma forma aquelas palavras tocaram seus corações. Sabiam dos riscos, mas de repente, sentiam-se preparados para pagar o preço em sangue que a liberdade costumava cobrar.

Estela pegou Ivan pela mão e o levou para o outro lado do telhado. Começaram a conversar a sós. Na prática ela falava mais do que ele, que se atinha a fazer alguns comentários. Ele apontava o condomínio, ela falava alguma coisa. Ele tecia alguma observação, ela complementava.

Os dois deliberaram durante alguns minutos, enquanto o resto do grupo aguardava, ansioso. De alguma forma, queriam participar da conversa, mas por algum motivo entendiam que aqueles dois eram as pessoas certas para resolver aquele assunto. Até mesmo Zac parecia resignado.

Do outro lado da rua, dentro do condomínio, aquelas pessoas também aguardavam nas janelas, ansiosas por alguma informação.

Passados alguns instantes, Estela e Ivan se abraçaram. Ficaram alguns instantes daquele jeito, e depois ela segurou o rosto do marido com as duas mãos e deu um beijo suave em seus lábios. A conversa finalmente fora concluída.

O casal de líderes daquele grupo de sobreviventes voltou em silêncio. Ivan não falou nada, se abaixou e começou a escrever numa folha de cartolina, sob os olhares curiosos dos comandados. Quando Ivan acabou de escrever, Silas arqueou as sobrancelhas.

— Vocês têm certeza? — Silas perguntou numa mistura de medo e excitação.

— Vocês mais do que nunca vão precisar confiar em nós — Estela respondeu. — Sabem que nunca faríamos nada que pudesse prejudicá-los, não sabem? — perguntou, dirigindo-se ao grupo.

Todos, sem exceção, concordaram.

— Nesse caso, que assim seja. Pode avisá-los, Ivan — Estela decretou.

Ivan ergueu o cartaz bem alto, de forma que aquelas pessoas desesperadas puderam enxergar com clareza o que eles tinham a dizer. E leram as seis palavras que os encheram de esperança:

“Aguentem mais uma semana.

Salvaremos todos.”

CAPÍTULO 8

O ARSENAL



O GRUPO ACABOU DE VELAR o corpo de Carlos e depois o depositaram do lado de fora do shopping. Não tinham como arriscar fazer um enterro no jardim, com tantos zumbis vagando por lá.

Estela e as outras mulheres prepararam o almoço em silêncio. Normalmente ela era a mais falante, mas dessa vez estava silenciosa. Não era medo nem preocupação; o cérebro dela trabalhava de forma febril, repensando o plano que ela e Ivan haviam traçado.

Ivan também se dedicava ao quebra-cabeça que criaram. Tentava mitigar os riscos, mas eram tantas variáveis... Não via uma forma segura de resolver tudo aquilo. Decidiu que estava na hora de dividir seus pensamentos com o grupo e ouvir as opiniões e críticas de cada um. Isso sempre o ajudava a raciocinar melhor. Durante o almoço, Ivan pediu que Estela tomasse a palavra.

— Iremos invadir o Condomínio Colinas e fixar morada lá. Nossos dias de confinamento estão acabando — Estela iniciou.

— Uma pergunta básica: Por que devemos sair daqui? Confinados no shopping, confinados no condomínio, não é tudo a mesma coisa? — Gisele disparou.

Estela ficou se perguntando se ela teria sido tão petulante se quem estivesse falando fosse Ivan. Quando ele se dirigia ao grupo, Gisele quase sempre ficava quieta como um cachorrinho abanando a cauda, literalmente.

— Ótima pergunta. Não temos como criar nada autossustentável aqui. Não dispomos de tanto espaço assim, o que significa que se amanhã encontrássemos mais sobreviventes, teríamos que decidir se iríamos acolhê-los ou não. Acima de tudo, não temos espaço para produzir nossos próprios alimentos, por isso, nossa perspectiva de vida é muito baixa — Estela explicou.

— E no condomínio teríamos como fazer isso? Podemos plantar nossos próprios alimentos? — Reginaldo enfim abriu a boca; mantivera-se em silêncio desde a tragédia da noite anterior.

— Sim, podemos. Já estive lá algumas vezes, tem uma grande área verde.

Poderemos providenciar poços artesianos também. Além disso, nós precisamos de muitas pessoas para eliminar nossas deficiências. Como vocês sabem, não temos um único médico ou enfermeiro neste grupo. Se amanhã tivermos que fazer uma sutura, estaremos encrocados — Estela continuou, se esforçando para não olhar para Zac enquanto falava.

Ele definitivamente precisava de um médico.

— Certo, suponhamos que tudo isso seja verdade. — China respirou fundo. — Imaginemos que dentro do condomínio teremos uma vida quase normal, com casas para morar, mais pessoas para nos ajudar e uma plantação para providenciar toda a comida que precisarmos. Tudo isso me parece ótimo, mas ainda sobra a pergunta mais crítica: Como realizaremos tamanha façanha? Botar o pé para fora deste shopping já é um risco enorme; uma excursão de alguns minutos do lado de fora matou três pessoas e feriu várias. Como iremos tomar o condomínio?

As pessoas do grupo concordaram com China, meneando a cabeça e murmurando entre si. Havia se tornado dependentes daquele lugar, da falsa sensação de segurança que ele proporcionava.

— Sim, essa será a parte difícil e que irá exigir mais coragem de todos nós. Antes de irmos até o condomínio, precisaremos nos preparar. E essa preparação implica viajarmos algumas dezenas de quilômetros — Estela falava com calma para não assustá-los. Sabia que não ia conseguir, mas ia tentar assim mesmo.

Todos se entreolharam e começaram a falar de novo. Aquele burburinho era irritante, e Estela não era tão paciente quanto Ivan, por isso decidiu cortar o mal pela raiz.

— Silêncio, pessoal! Deixem-me concluir e depois vocês reclamam, está bem? — Estela ordenou, pondo um fim no tumulto.

Era uma das características que Ivan adorava na esposa: ela sabia se impor como ninguém.

— O fato é que precisamos de quatro coisas para ficarmos bem, e até aqui falamos de como conseguir três dessas coisas. Nós precisamos de um lugar protegido com muros fortes e entrada segura para podermos morar; de uma forma sustentável de obter comida; e de mais gente para colaboração e proteção mútua. Mas falta um elemento fundamental para conseguirmos tudo isso e protegermos tudo isso.

— E qual seria o quarto elemento, Estela? — perguntou Bob, curioso.

— Armas. Precisamos de armas — Estela respondeu, resumindo ao máximo.

— Mas nós temos armas — Adriana observou, sentindo-se imediatamente uma idiota por ter feito aquele comentário.

— Precisamos de uma montanha de armas — Ivan tomou a palavra. — Armas pesadas, de grosso calibre, e de preferência automáticas. Armamento de guerra,

suficiente para que possamos matar centenas, milhares de zumbis, e tomarmos o condomínio. E depois para mantê-lo a salvo.

Aquela parte do plano era bastante empolgante. Vários fizeram menção de falar e começar a balbúrdia de novo, mas bastou um olhar de Estela para que todos se contivessem, Ivan ainda tinha muito o que dizer.

— Para isso, precisaremos ir até Caçapava. São apenas trinta quilômetros de distância, e lá está o 6º Batalhão de Infantaria Leve do Exército. Eu fiquei lá durante alguns meses em treinamento, conheço razoavelmente bem o local.

— Espera aí, Ivan! — Heraldo interrompeu, preocupado. — Você está sugerindo que a gente invada um quartel do exército e roube armas de uso militar? Ficou louco?!

— Meu amigo, você tem alguma dúvida de que aquele lugar virou um antro de zumbis também? Os militares serão nossa menor preocupação, eu garanto. — Ivan sorriu. — A maior prova disso é que os meios de comunicação continuam em total silêncio. Se os militares ainda tivessem um comando, nós já teríamos tido alguma notícia, uma rádio pirata, qualquer coisa do gênero. Estela tem observado de perto, ela rastreia todas as rádios AM e FM e todos os canais da televisão aberta diariamente. Estela, qual foi o resultado?

— Nada — Estela afirmou, seca. — Nem mais uma palavra.

— Acredito que possamos encontrar sobreviventes lá também, por isso temos que nos preparar para uma recepção da pesada. E, por isso mesmo, iremos preparados para brigar, seja com os zumbis, seja com quem estiver lá dentro — completou Ivan, sério.

— Conseguindo as armas, vocês voltam para cá e nós invadimos o condomínio, é isso? Mas será o suficiente? Já observei aquele lugar, está infestado! Tem muitas criaturas, deve haver milhares de zumbis por ali. Como menos de trinta adultos serão capazes de matar tantos? Nem todos nós somos capazes de lutar, eu não me imagino atirando com um revólver — esclareceu uma senhora chamada Clara, que deveria ter mais de sessenta anos e cabelos bem grisalhos.

— Não usaremos revólveres. Iremos usar metralhadoras, rifles, granadas de mão e, com um pouco de sorte, tanques de guerra. — Ivan sorriu largo.

De repente, todos ficaram realmente empolgados. Aquele plano era tão absurdamente louco que parecia possível. Começaram a falar e a gesticular ao mesmo tempo. Zac era o mais empolgado de todos, parecia uma criança quando o pai promete o tão sonhado brinquedo para o Natal. Estava radiante.

— Fala sério, Ivan, tem tudo isso nesse lugar? Dá para a gente se armar desse jeito? — perguntou Zac com imensa dificuldade, porém sem conter a felicidade.

— Dá para armar um pequeno exército, eu te garanto. Armas suficientes para equipar mais de cem soldados. Poderemos arrasar tudo o que se mexer dentro

daquele condomínio, e teremos condições de manter as criaturas longe por muito tempo. Dará até para a gente dar um passo mais ousado, no futuro. — Ivan se sentia feliz com o estado de espírito de Zac, pois aquele rapaz precisava mesmo de uma injeção de ânimo.

— E qual seria esse passo? — Zac se mostrou curioso.

— Vamos libertar todos os demais condomínios e bairros de São José dos Campos, e proteger todos os seus sobreviventes. Salvaremos desses demônios o que sobrou desta cidade — Ivan garantiu, por fim.

* * *

Inicialmente, foi necessário tomar uma decisão muito difícil para Ivan e Estela. Doía muito e ia matá-los de preocupação, mas teriam que deixar as crianças no shopping. Pensaram mil vezes na hipótese de levá-los junto, mas chegaram à conclusão de que lá ainda era mais seguro do que a estrada, mesmo que elas estivessem acompanhadas de pais, agora com tendências homicidas. Algumas pessoas ficariam para trás para tomar conta delas e do prédio, e ficariam desprotegidas, pois todas as armas seriam levadas com os envolvidos na perigosa empreitada.

Então surgiu Bob com uma cara de que tinha algo para mostrar. O rapaz brincalhão veio falar com Estela e Ivan com as duas mãos escondidas às costas, disposto a fazer uma brincadeira.

— Muito bem, o que ganho se eu der um presente para vocês que vai acabar com essa cara de bunda de Ivan? — Bob sorria.

— Devo lembrá-lo de que eu estou armado — Ivan afirmou, rindo. — Seja lá o que for, é bom que não me custe mais do que uma bala, senão as negociações estão encerradas!

— Pelo amor de Deus! Onde foi parar o espírito esportivo, o incentivo à livre iniciativa? Você não sabe brincar, não? — reclamou Bob, se divertindo.

— Nunca meu amigo. Eu sou mau; pessoas felizes me irritam profundamente — falou Ivan, ácido.

Estela e Bob riram, já estavam acostumados com o humor negro dele.

— Pensando bem, eu não sou mau. Sou pior do que isso: eu sou podre.

— Hehehe, está bem. Eu me lembrarei disso no dia do seu aniversário — falou Bob, se rendendo ao líder. — Vejam só o que eu achei. Sou ou não sou o máximo? — finalizou, mostrando o que escondia: dois rádios de comunicação Cobra CXR925.

— Isso é o que eu estou pensando?! — perguntou Estela, felicíssima. — Poderemos conversar com as pessoas do shopping? Poderei ter notícias dos meus filhos?!

— Exatamente! Segundo o manual, eles têm alcance de cinquenta e seis

quilômetros, é bem potente. Mas tem que ser em ambiente aberto, e por isso, eles terão que subir até o telhado para falar — explicou Bob, empolgado com a felicidade de Estela, e perguntou a ela: — Mereço um beijo, certo?

— Claro que sim, é pra já! — E Ivan segurou à força o rosto do rapaz e tascou-lhe um beijo.

Bob limpou a cara com nojo. Ivan e Estela riram.

O primeiro passo era trocar o pneu do caminhão e ter certeza de que ele aguentaria a viagem, que, mesmo curta, prometia ser perigosa. Só isso já foi um trabalho complicado. Nunca havia um momento em que os zumbis não estivessem por perto. Por isso, Ivan decidiu que teriam que fazer do jeito mais difícil.

Saíram no momento em que viram que não havia muitas criaturas nos arredores, não mais do que uma dúzia. Ivan, Estela, Silas, Heraldo, Zac, China, Reginaldo, Wesley e Bob foram para o estacionamento armados com ferramentas e canos de aço. A ordem de Ivan era clara: nada de barulho. As armas de fogo seriam usadas como última opção.

Massacraram os zumbis na base da pancada. Ivan arrumou outro martelo, e com ele saiu rachando crânios para todos os lados. Estela e os demais o imitaram. Em poucos minutos limparam aquela área e deixaram Reginaldo e Silas sossegados para trocar a roda usando o estepe, uma operação demorada pelo tamanho e peso da peça. Depois, testaram o caminhão; felizmente estava tudo bem.

Antes de sair, Ivan dera uma ordem muito específica para China: que providenciasse as caixas de som mais potentes que ele conseguisse achar nas lojas de eletrônicos do shopping, e também um microfone. Era uma parte fundamental da estratégia. Também mandou providenciar mais *walkie-talkies*, além de um estoque razoável de comida e água. Estela estranhou a quantidade, era muito mais do que eles estimavam consumir. Mas Ivan tinha uma explicação plausível:

— Estou considerando a hipótese de acharmos outras pessoas e precisarmos alimentá-las. Aliás, nesses tempos complicados, comida pode ser uma excelente moeda de troca, concorda?

Estela concordou na hora. Aquela era uma boa ideia.

Ivan tentou a todo custo convencer Estela a ficar, mas a esposa estava irredutível. Ela iria junto e estava acabado. Estela sabia que seria perigoso, mas não confiava em ninguém a não ser nela mesma para vigiar a retaguarda do marido. Ainda mais com Zac por perto. Ela não confiava nele, sobretudo depois de Zac ter agarrado seu marido pelo colarinho. Outro deslize daquele brutamontes, e ela ia acabar com a raça dele pessoalmente.

E assim chegou o momento de partirem. O plano era voltar o mais rápido possível, mas tinham se preparado para um cenário bastante ruim: um no qual eles demoravam muito para chegar até o quartel, em função dos inúmeros obstáculos que, sabiam,

iriam encontrar. Ivan conversou longamente com Reginaldo sobre isso.

— A verdade é que vimos muitos carros abandonados na Dutra quando viemos para cá. Em alguns pontos tivemos que liberar a estrada à mão, empurrando os carros para o acostamento. Por isso levamos dias para percorrer um trajeto que costuma levar horas — Reginaldo explicou.

— Eu imagino que sim. Afinal, andar aqui na cidade por algumas ruas e avenidas já foi uma aventura. Imagine só percorrer vários quilômetros na estrada. É quase um milagre vocês terem conseguido. — Ivan arqueou as sobrancelhas.

Reginaldo ficou calado por instantes, o que fez com que Ivan imaginasse que ele ia finalmente tocar no assunto que havia tanto tempo o incomodava.

— Tem certeza de que você quer que eu dirija? — Reginaldo perguntou por fim. — Não seria melhor você, ou talvez Silas?

— Reginaldo, a culpa não foi sua. Sério mesmo, não faz sentido você carregar esse fardo — Ivan falou, sem rodeios.

— Duvido que Oswaldo, Carlos e Marco concordariam com você. — Reginaldo soltou um suspiro pesado, desanimado. — Zac com certeza não concorda com você. Ele me odeia.

— Zac também me odeia, e neste momento penso que ele detesta o mundo inteiro. Mas isso é algo que ele precisa mudar nele mesmo, não há nada que nós possamos fazer — Ivan argumentou, pensativo. — Foi aquela menininha, certo?

— Sim, você também a viu? — Reginaldo perguntou, interessado. — Cheguei a pensar que eu estava louco, que tinha sido um sonho; ou melhor, um pesadelo.

— Eu a vi, sim. Simplesmente linda. Teria se tornado uma bela mulher. Mas precisamos nos lembrar sempre: eles não são mais humanos. Não sei o que passaram a ser, mas agora eles são nossos maiores inimigos. Não têm compaixão nem raciocínio. Acredito que não nos odeiem também, acho que são meros predadores irracionais caçando suas vítimas. — Ivan olhava fixo para o amigo.

— Eu sei, e por isso mesmo não consigo me perdoar! Matei gente inocente, feri vários outros, e tudo isso pra quê? Para não machucar alguém que tenho certeza de que arrancaria a minha cabeça se tivesse oportunidade. Isso é injusto, eu é que devia estar morto, não eles! — Os olhos de Reginaldo estavam rasos de lágrimas, e ele levou as mãos à cabeça de desespero.

Ivan ficou consternado. Tinha pena do amigo.

— O que você teve foi uma reação absolutamente humana, Reginaldo. E é exatamente isso o que nos diferencia dessas coisas desgraçadas: nossa capacidade de sentir piedade, de sentir culpa, mas também de proteger e nos preocupar com nossos amigos e familiares. Nunca se esqueça disso: vale muito mais a pena sermos o que somos, humanos e cheio de dúvidas e fraquezas, do que nos igualarmos a esses monstros. — Ivan passou o braço pelo ombro dele. — Eu confio em você

cegamente. E tenho certeza de que você irá nos levar em segurança até o nosso destino, está bem?

Reginaldo balançou a cabeça, agradecido. Enfim começava a tirar aquele peso da consciência, que tanto o consumia.

Ivan e Estela despediram-se dos filhos, tanto Matheus e Aninha quanto Giovanni e Aline — os dois órfãos que eles estavam aprendendo a amar como se fossem de fato deles. Também se despediram dos filhos de Oswaldo, que, óbvio, resistiam e muito em vê-los como seus novos pais. Pediram para que ninguém contasse para aquelas crianças que no final das contas Ivan tivera de matar Oswaldo, pois aquilo seria demais para eles.

— Pai, vocês vão demorar? — perguntou Aninha, pendurada no pescoço de Ivan. — E se os monstros pegarem vocês?

— Não se preocupe, a mamãe vai tomar conta de mim. — Ivan sorriu, tentando tranquilizar a sua caçula.

— E quem vai tomar conta da mamãe? — Aninha perguntou de novo, complicando a vida do pai.

— Eu vou tomar conta dos dois, baixinha! — Bob puxou Aninha do colo do pai e a colocou no pescoço.

As crianças adoravam aquele maluco, ele era quase tão infantil quanto elas.

— E quem vai tomar conta de você? — Aninha deu risada, enquanto ele a virava de cabeça para baixo.

— Ninguém precisa tomar conta de mim, eu sou indestrutível! Além do mais, meu gosto é horrível e eu cheiro mal, nenhum zumbi seria louco de me atacar! — Bob gargalhou.

E assim, depois das despedidas e das últimas instruções, entraram no caminhão e saíram do shopping, driblando os inúmeros cadáveres que jaziam espalhados pelo estacionamento.

Ivan e Reginaldo viajaram na boleia, e Estela, Zac, Silas, Bob e Arnaldo iam atrás. Tentaram convencer Zac a ficar — ele estava ferido e longe de se recuperar —, mas não teve acordo; estava tão irredutível quanto a própria Estela. Outro que queria ir também era China, mas com o braço ferido concluíram que ele iria atrapalhar muito mais do que ajudar. Iam todos armados, com exceção de Reginaldo, que dirigia o caminhão. Tinham poucas balas, a maioria deles nem tinha munição suficiente para recarregar, por isso, todos levavam algum tipo de arma sobressalente, como uma ferramenta ou faca. Esperavam sinceramente não precisar delas.

O caminhão estava com o tanque quase cheio. Pouco antes de chegar ao shopping Reginaldo conseguira abastecer em um posto abandonado, portanto, combustível não era uma preocupação; não rodariam mais do que cem quilômetros para ir e voltar. A dúvida mesmo era como seria a viagem. E acima de tudo, o que eles iriam encontrar

quando chegassem ao quartel.

Entraram em alta velocidade na avenida Jorge Zarur, driblando carros e zumbis. Já no estacionamento sentiram o cheiro dos cadáveres putrefatos, mas na avenida era ainda pior. Ivan queria subir os vidros, mas era uma das poucas fontes de ventilação de que os passageiros dentro do baú do caminhão dispunham, por isso ele teve que se sujeitar ao cheiro de carniça. Muitos dos cadáveres pelos quais eles passaram eram das criaturas que Ivan matou com o ônibus, mais de um mês antes.

Acessaram o anel viário e entraram na Dutra sentido Rio de Janeiro. Era impressionante a quantidade de veículos abandonados, batidos e capotados que encontravam a todo instante. Quando o fenômeno aconteceu, muitos motoristas não conseguiram sequer estacionar seus carros, o que transformou as ruas num verdadeiro cemitério de veículos abandonados, que agora enferrujavam lentamente.

Não conseguiam desenvolver velocidade, tinham que driblar inúmeros obstáculos, de carros e cadáveres. Também encontravam zumbis vagando a todo instante, mas Ivan pediu para Reginaldo deixá-los em paz.

— Precisamos manter o foco. Matar zumbis não é nossa preocupação agora, a não ser que eles sejam uma ameaça para a nossa viagem. Quanto mais rápido chegarmos, melhor — explicou Ivan.

Avançaram lentamente os primeiros sete quilômetros, consumindo mais de quarenta minutos de viagem. Finalmente, chegaram a um ponto do qual era impossível passar, pois acontecera um engavetamento de carros. Ivan suspirou, preocupado.

— Eu avisei que infelizmente topariamos com vários casos desses. Nós tivemos muitas dificuldades com isso também — Reginaldo falou.

Ivan concordou, não seria fácil.

Saíram do caminhão e avaliaram a situação. Precisavam avançar a pé até o começo da fila de carros e empurrar os veículos um de cada vez, manobrando-os para os lados. Seria um trabalho de mais de uma hora até conseguirem liberar espaço suficiente para passar.

Estela e Ivan foram à frente, ambos armados, seguidos pelos demais. Combinaram que antes de tudo iriam checar todos os automóveis; não queriam surpresas, poderiam encontrar zumbis.

E de fato encontraram alguns. À medida que se aproximavam dos carros, alguns mortos-vivos foram surgindo, atraídos por aquele grupo de visitantes. Como eram poucos e dispersos, Ivan e seu grupo abateu um a um com golpes de ferramentas e afins, economizando balas e evitando atrair mais zumbis para aquele local. Se topassem com um grupo grande estariam com sérios problemas.

Quase no começo da fila de carros encontram um ônibus abandonado. Ivan olhou para Estela, queria checar aquele veículo. Se estivesse em condições de rodar seria

uma opção de transporte muito melhor do que o pequeno caminhão. Checaram de fora, mas não tinham como saber o que havia lá dentro, pois os vidros eram muito escuros. E a porta estava fechada.

— Reginaldo, você sabe abrir a porta por fora? — Ivan franziu a testa.

— Normalmente dá para abrir pela janela do motorista. Vamos ver se ainda está funcionando. — Reginaldo enfiou a mão pelo quebra-vento, que estava aberto. Tateou por alguns segundos e de repente deu um grito e pulou para trás, sobressaltando todos.

Ivan se aproximou com a espingarda em punho, alerta.

— O que houve? O que aconteceu? — Ivan perguntou, nervoso. — Algo o atacou?

— Desculpem-me, algo passou sobre a minha mão, acho que era uma barata — Reginaldo respondeu, envergonhado.

— Bom, podemos descartar esse ônibus, Estela tem medo de baratas — Ivan brincou.

— Ei, corta essa! Era eu quem matava as que apareciam lá em casa! Você é que tem medo! — Estela protestou, rindo, aliviada.

Todos riram e alguns ficaram fazendo gozações com Ivan.

Reginaldo tentou de novo, e dessa vez conseguiu encontrar uma pequena alavanca. Virou-a e logo em seguida ouviram um barulho de ar escapando, e a porta finalmente se abriu. Foram todos até a porta, com as armas em punho. Quando se colocaram diante do banco do motorista, viram, sobre o banco do motorista, a aterrorizante barata que quase matara Reginaldo de susto. As brincadeiras recomeçaram imediatamente.

— Cuidado, Ivan, ela vai te pegar! É melhor você e o Reginaldo se afastarem e deixarem isso para os profissionais. — Silas inflou o peito.

— Não façam isso, deixem-na aí! Não percebem que ela está tentando guiar o ônibus? Com certeza deve dirigir melhor do que Reginaldo. Da última vez em que ele dirigiu um desses, quase me matou!

Apesar da brincadeira cruel de Bob, todos deram risada, inclusive o próprio Reginaldo.

— Parem de besteira! Vou matar essa barata, e vai ser agora! — Ivan falou sorrindo enquanto entrava no ônibus. E imediatamente ouviu os gemidos.

Havia cerca de trinta mortos-vivos no ônibus. Quando ele entrou, eles começaram a se erguer dos bancos. Dois deles estavam deitados no meio do corredor, sendo que um vestia o uniforme de motorista. Ou parte do uniforme: ele havia sido devorado da cintura para baixo pelos outros zumbis, e agora tentava se arrastar na direção de Ivan.

Quando viu aquilo, ele tomou um tremendo susto e voltou correndo, ordenando

que todos recuassem.

— O ônibus está infestado! Preparem-se! — E Ivan saltou de volta para o asfalto.

Estela ficou de um lado da porta, e Silas, do outro, enquanto os demais se posicionaram à frente. Ivan ficou tenso com a esposa logo na linha de frente, mas não dava mais tempo de mudar as posições — o primeiro zumbi surgiu na porta, um homem corpulento e com aparência pavorosa.

Antes que Ivan pisasse no asfalto, Estela desferiu um golpe tão violento com a barra de cano de aço que arrebentou o crânio da criatura, que caiu estatelada, atrapalhando a passagem. Quando o próximo tentou sair, precisou pisar no primeiro zumbi, desajeitado. Ela bateu nas pernas dele, fazendo-o cair com a cara no asfalto escaldante. Antes que ele fizesse menção de se erguer, ela golpeou de cima para baixo, moendo sua cabeça. Depois, virou-se rápido e golpeou a terceira criatura, que caiu para dentro do ônibus, de costas.

Todos ficaram perplexos com aquela mulher. Ela batia com a violência de um homem, sem hesitar. Ivan sorriu, nunca mais cogitaria sair numa excursão como aquela sem levar Estela junto. A esposa era uma assassina nata.

Quando ficou claro que Estela não ia parar, eles cruzaram os braços e deixaram-na se divertir. Pelo visto, ela aproveitava a ocasião para resolver alguns problemas do passado.

Passados dez minutos de pancadaria ininterrupta, Estela se virou para Ivan e sorriu. Ao redor, pouco mais de trinta cadáveres jaziam no chão.

— O ônibus está liberado. Pode matar a sua barata. — E Estela jogou a barra de cano ensanguentada no chão, diante do olhar de admiração do marido.

* * *

O 6º Batalhão de Infantaria Leve ficava na rua José Bonifácio, no centro de Caçapava. Era uma das mais lendárias forças de combate do exército brasileiro. Foi criado em 1908, em Recife, e chamava-se na ocasião Regimento Ipiranga. Foi transferido para Curitiba, depois para São Paulo, e finalmente instalado em definitivo na cidade de Caçapava em 1918. Seu primeiro paraninfo foi o lendário Olavo Bilac, patrono do serviço militar brasileiro.

Foi também a tropa brasileira mais reconhecida internacionalmente, por ter integrado a Divisão de Infantaria Expedicionária na Itália durante a Segunda Guerra Mundial — a primeira força de combate brasileira a entrar no conflito, no dia 15 de novembro de 1944.

Graças ao Regimento Ipiranga, a 148ª Divisão de Infantaria Alemã e a 90ª Divisão Panzer Granadier renderam-se incondicionalmente em combate, deixando um saldo de quase quinze mil prisioneiros de guerra e milhares de veículos e canhões apreendidos, além de imensa quantidade de armamentos e munição. Também foram

responsáveis pela morte de milhares de inimigos em ação.

O Regimento Ipiranga foi uma das poucas tropas condecoradas com a Cruz de Combate, entregue solenemente ainda em solo italiano. Adotou o nome 6º Batalhão de Infantaria Leve somente em 1995.

Mas tudo isso agora era coisa do passado. O gigantesco quartel estava infestado de zumbis, na maioria soldados atingidos pela praga que assolara toda a humanidade. O grupo observava de longe, usando o binóculo. Eles estavam sobre o ônibus, o mais novo meio de transporte da equipe. Tinha até ar-condicionado, mas o cheiro deixado pelos zumbis era simplesmente nojento. De cima do veículo tinham uma visão privilegiada do quartel.

— Está pior do que eu imaginava. — Ivan esfregou os olhos.

Ele estava cansado, foram mais de vinte e quatro horas de viagem sem conseguir dormir. Eles empurraram carros em mais de meia dúzia de trechos ao longo da noite toda. Também deixaram quase uma centena de zumbis mortos pelo caminho. Aquilo vinha se transformando numa rotina mórbida — eles simplesmente não se importavam mais em abater aquelas criaturas, e muitas vezes faziam isso com crueldade extrema.

E Estela era sem sombra de dúvida a mais violenta de todos. Ivan começava a ficar preocupado. Aquela experiência transformara sua esposa de uma forma inimaginável. Com ele, ela continuava a mesma mulher doce e apaixonada de sempre. Na prática, eles estavam ainda mais ligados, como se, pela sobrevivência de sua família, uma conexão ainda mais poderosa tivesse se formado entre os dois.

Mas quando os zumbis surgiam, entrava em cena a assassina impiedosa, feroz e brutal. Era uma mudança chocante; uma força adormecida que havia despertado nela. Como se fosse uma força antiga, de milênios, que enfim se libertara. E levaria ainda muito tempo para Ivan descobrir toda a verdade a respeito da verdadeira fera que tomara por esposa e que ele amaria até o último dos seus dias.

— Vai dar trabalho invadir esse local. São muito mais zumbis do que nós enfrentamos no estacionamento do shopping — Ivan começou. — Mas acho que a estratégia de usar o ônibus como arma pode funcionar. Entramos e atropelamos tudo o que se mexer, depois matamos os que sobram. Simples assim.

— É um plano adorável. Mas e depois? Aqui fora, num espaço aberto, é fácil atropelar zumbis, mas acredito que as armas não estão logo ali no estacionamento certo? — Zac se mostrava incrivelmente bem-humorado. Nem parecia que fora desfigurado apenas quatro dias atrás.

— Com certeza, não. Estão ali. — Ivan apontou para o principal prédio do complexo. — Você tem razão, lá dentro será bem mais complicado. Teremos que liberar a parte de fora e depois entrar.

Mas, por ironia do destino, as coisas se precipitaram. Estavam ainda discutindo a

melhor estratégia quando ouviram barulho de tiros vindos do quartel. Ivan começou a varrer o estacionamento com o binóculo, tentando achar a origem dos disparos. Eram tiros de armas automáticas, de uso militar. Foi Silas quem avistou os quatro homens.

— Olha ali aqueles quatro caras! Eles enlouqueceram?! — Silas apontava para o fim do estacionamento.

Quatro homens vinham correndo, abrindo caminho entre os zumbis com tiros de fuzil Heckler & Koch G36. Usavam camisetas de manga curta, calças e coturnos militares. Cada um carregava uma bolsa nos ombros e tentavam atravessar pela multidão de feras na base da força bruta.

— Vamos lá, agora! — Ivan gritou, descendo para dentro do ônibus.

Os outros o seguiram, apressados.

Reginaldo assumiu a direção, não muito certo do que deveria fazer. Ivan percebeu a hesitação dele e deu suas ordens:

— Derrube o portão e vá até aqueles homens! Quero-os aqui dentro conosco. Rápido!

Reginaldo acelerou o gigante de metal, indo em direção à entrada principal do quartel. O portão era bastante reforçado, mas não o suficiente para deter uma monstruosidade de mais de vinte toneladas de aço, e se escancarou de um golpe só. Os quatro militares e as centenas de zumbis olharam ao mesmo tempo para o veículo.

Os homens passaram a correr para o meio do estacionamento, acenando. O ônibus começou a atingir os zumbis em sequência, massacrando-os às dezenas. Os quatro continuavam correndo e atirando, tentando não ser cercados pela multidão de criaturas sanguinárias.

Reginaldo dirigia até eles, e deu uma guinada à esquerda quando se aproximou, deixando a porta do ônibus a menos de dez metros de distância. Havia zumbis por todos os lados, por isso, quando ele abriu a porta, Ivan, Estela, Zac e Silas desceram atirando. Precisavam ajudar aqueles homens; sozinhos eles não iriam conseguir furar o bloqueio de zumbis.

Os quatro finalmente alcançaram o ônibus, e pularam para dentro às pressas. Ivan foi o último a entrar, e explodiu os miolos de uma criatura toda deformada que tentou alcançá-lo. Reginaldo arrancou, fechando a porta com o veículo já em movimento.

Assim que Ivan se virou para falar com os quatro rapazes, viu suas armas apontadas para ele e o grupo.

— Quem são vocês? — o primeiro indagou, apontando a metralhadora para Ivan. Tratava-se de um rapaz de aproximadamente vinte e um anos, moreno e forte, com cabelo bem curto, estilo recruta. — De onde vocês vieram?

Estela e os demais se entreolharam e fitaram Ivan, tensos. Estavam na dúvida do que deviam fazer.

— Sou eu que faço as perguntas aqui! Quem são vocês e que idiotice era aquela que estavam fazendo? Você primeiro! Nome e patente soldado, agora! — Ivan o encarava com olhar de aço.

Os quatro homens foram pegos de surpresa com aquela postura. Os outros três olharam para o rapaz que estava à frente, esperando alguma orientação. O moreno olhou para os companheiros e engoliu em seco.

— Eu sou o cabo Oliveira, e estes são os soldados Silva, Souza e Dias. E você, quem é? — Sua metralhadora continuava apontada para Ivan, tentando manter o equilíbrio no ônibus em movimento, mas agora sentia as mãos suando.

Enquanto isso, Reginaldo saía do quartel. Era melhor resolverem aquele assunto em algum lugar em que não estivessem cercados de zumbis canibais.

— Sou o sargento do exército Ivan Leão, de São José dos Campos. Baixem essas armas e batam continência imediatamente! Demonstrem respeito, idiotas! — Ivan berrou com os olhos arregalados. Uma das veias saltou no seu pescoço de tal forma que parecia que ia explodir.

— Eu pensei que o Ivan fosse apenas um soldado... — Silas balbuciou para Estela.

— Cala a boca, ele acabou de ser promovido... — Estela sussurrou entre os dentes.

Os quatro homens continuavam na dúvida. O cabo Oliveira decidiu arriscar:

— Perdoe minha ousadia, mas você possui um documento de identificação que comprove...

Mas foi interrompido:

— Senhor! Quando dirigir-se a mim, refira-se ao senhor sargento Leão, está claro? — Ivan urrou, colérico. — E não, soldado, não tenho a minha maldita identificação comigo. Imagino que algum zumbi filho da puta esteja limpando a bunda com ela neste exato momento. Há mais alguma pergunta imbecil que você queira fazer, recruta? Não? Então, baixe a porra dessa arma! Agora!!!

Os quatro rapazes se entreolharam mais uma vez, e por fim cederam. Baixaram as armas e bateram continência para Ivan, que retribuiu o gesto.

— Agora eu quero saber que diabos foi aquilo. Por que vocês estavam tentando passar a pé por centenas de zumbis assassinos? Que merda está sendo ensinada para vocês aqui? Essa foi a ação mais desastrosa que eu já vi em toda a minha vida!

— É o seguinte, cara, o que aconteceu... — o soldado Silva iniciou, mas foi interrompido de novo:

— Do que foi que você me chamou? Repete se tem coragem! — Ivan bradou tão alto que até os ouvidos de Reginaldo, que estava na parte da frente do ônibus,

doeram.

— Perdão, senhor sargento Leão! Não queria faltar com o respeito, senhor! — o soldado Silva estufou o peito e falou sério.

— Soldado, dê graças a Deus que nas atuais circunstâncias eu não posso mandar prendê-lo. Por muito menos mandei homens melhores que você para a prisão — Ivan afirmou, sombrio. — Prossiga.

— Senhor sargento Leão, estávamos buscando comida. Há civis presos dentro do prédio, estávamos morrendo de fome! — o soldado Silva falou.

Ivan olhou para Estela e depois ordenou:

— Reginaldo, dê meia-volta nessa lata velha! Vamos voltar para o quartel! Agora!

— Ivan gritou. — Estela, Zac, Silas, Bob e Arnaldo, preparem-se, seus desgraçados!

— Sim, senhor meu marido! — Estela bateu continência, deixando todos perplexos. Depois ela passou ao lado dele e sussurrou: — Nunca mais vou para a cama com você se falar assim comigo de novo. Fui clara?

Ivan sorriu ao ouvir aquilo, e finalmente saiu do personagem.

* * *

Tornaram a parar o ônibus próximo do quartel e avaliaram a situação. Deixaram diversos zumbis mortos, mas ainda havia muitos espalhados pelo estacionamento. Porém, Ivan estava tranquilo; havia bastante espaço para manobrar o ônibus. O que preocupava mesmo eram as armas.

— Cabo, vocês dispõem de outras armas além das que estão levando? — Ivan perguntou, ainda olhando pelo binóculo.

— Sim, senhor, temos muitas armas no galpão, mas poucas pessoas aptas a usá-las. Saímos apenas nós quatro e deixamos dois homens armados cuidando do resto do grupo; estamos em cerca de vinte pessoas. Temos mulheres, crianças e idosos lá dentro. Eles não comem há quase uma semana. Conseguimos chegar até a despensa, mas ficamos dois dias presos lá. Só saímos agora porque vimos o ônibus. Contávamos que vocês viessem nos ajudar, não sabíamos mais o que fazer. — O cabo Oliveira meneou a cabeça. — Para piorar, senhor, perdemos a maior parte da comida na fuga.

— Vocês se alimentaram? Estão aptos para lutar? — Ivan perguntou.

— Sim, senhor! — Oliveira respondeu, sem hesitar.

— Então não se preocupe com os demais, temos alimentos para todos. — Ivan se virou para o resto do grupo. — Muito bem, nossa missão imediata é ajudar os civis. Iremos invadir o estacionamento novamente, matar tudo o que se mexer e entrar com o ônibus no galpão. Lá dentro prestaremos assistência às pessoas e nos organizar com mais armas para finalizarmos nossos objetivos aqui.

— E quais são esses objetivos, senhor Sargento Leão? — o soldado Silva

perguntou, com medo de faltar com o respeito.

— Iremos reunir o máximo possível de armamentos e equipamentos táticos, e retornaremos a São José dos Campos, onde pretendemos iniciar uma comunidade de sobreviventes. Todos vocês são bem-vindos a se juntar a nós, se desejarem — Ivan falou, convicto. — Temos muito alimento e água, e também um plano para providenciar abrigo para todos, além de resgataremos mais sobreviventes.

— Será um prazer, senhor! — o soldado Silva respondeu, confiante. Enfim via uma luz no fim do túnel.

Voltaram para o interior do ônibus e se preparam para colocar o plano em ação. Antes, Ivan repassou a situação da munição. O pouco que eles tinham praticamente acabara ao ajudar os soldados.

— Soldados, requisito suas armas de mão. Podem manter os fuzis, até porque vocês são os mais habilitados a utilizá-los. Este grupo aqui também é composto em sua maioria por civis. Mas preciso das pistolas. Esta gente se arriscou por vocês, e agora está vulnerável — Ivan falava em voz de comando.

Nenhum dos soldados hesitou. Os quatro passaram as armas para Silas, Estela, Bob e Heraldo. Zac ainda tinha munição e manteve a arma dele, e Ivan continuou com a escopeta, agora com apenas seis cartuchos. Teria que ser o suficiente.

Reginaldo acelerou o ônibus, que rugiu com um barulho ensurdecedor, e disparou com o veículo novamente, agora disposto a se redimir dos seus erros dentro do shopping.

Foi a maior matança que eles promoveram até aquele momento. Reginaldo atropelou zumbis numa escala inimaginável. Atingiu grupos inteiros, dava ré, passava por cima de outras criaturas, tornava a arrancar. Quando ficava na dúvida, rodava em círculos, aguardando as feras se reagruparem. Quando achava que era o momento ideal, avançava de novo, e mais zumbis voavam para todos os lados.

O para-brisa ficou ensanguentado em diversos pontos, bem como toda a frente do ônibus. Em diversas partes ocorreram trincas nos vidros, e um retrovisor foi arrancado fora quando esmagou a cabeça de um zumbi. Foram quase quarenta minutos de massacre. As pessoas dentro do ônibus apenas assistiam àquele balé macabro, enquanto o estacionamento se lavava de sangue e vísceras de zumbis esparramadas. Sozinho, Reginaldo abateu mais de trezentos mortos-vivos, até que finalmente Ivan falou que era o suficiente.

— Chega, Reginaldo, já podemos ir para o galpão. — Ivan apontou o grande prédio à frente.

Reginaldo conduziu o ônibus até a entrada do galpão. De imediato, o cabo Oliveira desceu e deu três pancadas na porta, que se abriu logo na sequência. Um homem magro e de barba farta surgiu com um fuzil em mãos.

— Abram as duas folhas da porta, rápido! Vamos entrar com o ônibus! — o cabo

Oliveira ordenou.

Sem demora, as portas foram abertas, e colocaram o ônibus para dentro. Os demais vigiaram até poder fechar a porta outra vez, não sem antes abater mais meia dúzia de zumbis que tentou alcançá-los.

Dentro do galpão, Ivan avaliou a situação. Exatamente como o cabo Oliveira dissera: eram cerca de vinte pessoas, visivelmente desnutridas e desidratadas. Com rapidez, ele organizou a distribuição de alimento. Estela, Silas e Reginaldo começaram a tirar diversas caixas de comida do bagageiro do ônibus. Prevendo dificuldades, Ivan escolhera alimentos fáceis de consumir, como enlatados e pré-cozidos. Trouxeram doces e chocolates também, que ofereceram sobretudo às crianças. Zac se encarregou de distribuir água; haviam trazido mais de cinquenta garrafas.

Em pouco tempo, todos comiam e bebiam. Diversas pessoas vieram agradecer e abraçar Ivan e os demais membros do grupo. Estela passou de pessoa em pessoa verificando se estavam bem e se tinha algo que eles pudessem fazer para ajudar.

Ivan aguardou todos comerem para começar a falar.

— Meus amigos, boa tarde a todos! Hoje é um dia de muita sorte, por termos nos encontrado. Trago notícias que, acredito, serão do interesse de todos — Ivan iniciou.

Ele explicou os planos de ocupação do condomínio, bem como que tinham uma boa fonte de suprimentos. Sobretudo, afirmou que, se tivessem êxito, teriam uma ótima oportunidade de recomeçar. Quando perguntou quem gostaria de seguir para São José dos Campos com eles, todos aceitaram sem pestanejar.

Havia uma questão que incomodava Ivan fazia muito tempo, e estava torcendo para ter sorte com aquele grupo. Decidiu consultar os presentes.

— Tem algum médico ou enfermeira aqui? — perguntou, esperançoso.

— Eu sou médica, cirurgia pediatria. — Era uma moça loira e muito magra, aparentando trinta e poucos anos.

— Como se chama? — Ivan indagou, aliviado.

— Sandra — ela respondeu, sorridente. Estava louca para se sentir útil.

— Quero que você dê uma olhada no nosso amigo Zac. Pode ver que ele se feriu muito, e seus curativos estão precários. Há algo que você possa fazer? — Ivan apontou o rapaz ferido.

Sandra o examinou por alguns instantes. Estava mesmo bem feio.

— Posso ajudar, sim, mas preciso de material médico. Aqui não temos nada, nem um esparadrapo sequer — Sandra disse, por fim.

— Sem problemas, providenciaremos alguns itens — Ivan garantiu.

— O que exatamente você acha que dá para providenciar? — Sandra quis saber.

O caso de Zac seria complicado; ela precisaria submetê-lo a uma cirurgia.

— Um hospital inteiro — Ivan afirmou, como se fosse a coisa mais simples do

mundo.

Mas por algum motivo Sandra não se atreveu a duvidar.

— Muito bem, cabo Oliveira, quero saber de quantas armas dispomos. Também quero providenciar mais equipamentos. Portanto, mostre-me o arsenal — Ivan ordenou, decidido.

— Sim, senhor, mostrarei do que dispomos. Conseguimos nos apoderar de uma quantidade significativa de armamentos, senhor — o cabo Oliveira respondeu, diligente.

Realmente era um bom começo. Contavam com uma dúzia de fuzis Heckler e Koch e uma dezena de pistolas Glock 17. Os olhos de Zac brilharam; ele estava louco para botar as mãos em uma daquelas maravilhas.

Ivan distribuiu os fuzis para todos os membros do seu grupo, que agora estavam armados com equipamentos pesados de combate. Mas Ivan tinha muito mais em mente.

— Antigamente, havia veículos de transporte de tropas nessa unidade; onde estão? — Ivan perguntou para o cabo.

— Os veículos de combate ficam estacionados em um grande pavilhão nos fundos, senhor. Tentamos chegar até lá para tirar as pessoas daqui, mas está infestado de criaturas. Simplesmente não conseguimos. — o cabo Oliveira explicou, quase se desculpando.

— Tudo bem, cabo, agora temos mais gente apta a lutar, e dispomos do ônibus como veículo de assalto. Dessa vez não haverá erros. — Ivan esboçou um sorriso, dando apoio ao rapaz.

Ivan e os soldados gastaram cerca de duas horas explicando para o grupo como utilizar os fuzis. Eram modelos MG36 de fabricação alemã, os mais potentes que existiam, com pentes de trinta e de cem projéteis.

Deram alguns tiros também, para se familiarizar com o coice e o peso das armas. Ivan estava um pouco preocupado com aquela parte, mas confiava no seu grupo, pois aquelas pessoas se mostraram realmente fortes diante das dificuldades; seriam capazes de lidar com aquela situação.

Assim, após os últimos preparativos, saíram do galpão com o ônibus, as mesmas onze pessoas que entraram, mas agora iam fortemente armadas. Estavam prontos para tudo.

* * *

Doze horas depois, retornaram, quando já havia anoitecido. Quando o mesmo homem magro e barbudo abriu a porta, não acreditou no que via — parecia um sonho. O ônibus entrou na frente, e logo atrás veio uma fila de Urutus EE11. Nove tanques blindados, no total.

Eram os mais famosos veículos de combate do exército brasileiro, usados em operações no Haiti e também na ocupação de favelas cariocas. Cada um pesava treze toneladas, media mais de seis metros de comprimento e quase três metros de largura e altura, comportava quatorze pessoas, entre tripulação e soldados, e dispunha de vários acessos para disparo — o que permitia que praticamente todos os passageiros pudessem atirar de dentro do veículo em segurança. No topo, uma metralhadora de 12,7 milímetros permitia perfurar até blindagens de outros veículos.

Todos se aproximaram daquelas maravilhas. Se antes aqueles indivíduos já estavam confiantes com o surgimento daquele grupo de salvadores apenas com o ônibus, agora sentiam-se invencíveis.

Ivan e Estela surgiram de dentro de um dos tanques. Os quatro soldados saíram de cada um dos veículos. Zac, Silas, Heraldo e Bob dirigiam os outros. Demoraram um pouco para chegar porque precisaram se familiarizar com a pilotagem daquelas monstruosidades.

Enquanto as pessoas se divertiam conhecendo os tanques, Ivan reuniu seu grupo de combate e começou a relatar aos demais a aventura. Estava muito orgulhoso de todos; mataram todos os zumbis do quartel. Produziram uma carnificina digna de um filme de terror B, de tão fácil que foi tarefa.

* * *

Quando saíram do pavilhão para buscar os tanques, vários zumbis se reuniram do lado de fora; estavam como que esperando a saída deles. Então o grupo de Ivan usou o ônibus mais uma vez como arma de ataque.

Ivan levou consigo uma corrente e um cadeado, e, assim que abateram os zumbis do estacionamento, voltaram a trancar o portão. Ele sabia que os tiros atrairiam mais criaturas.

Alcançaram o estacionamento dos carros de combate primeiro, e depois de se apoderarem dos veículos, rumaram até o prédio onde funcionava a administração do quartel, o lugar em que ficavam estocadas as armas e a munição. Empolgados com o sucesso da primeira empreitada, agora queriam muito mais.

Invadiram o prédio principal com os soldados mais preparados e Ivan à frente, com Estela, Bob e Reginaldo no meio, e Silas, Arnaldo e Zac fechando o grupo. Atiraram em tudo o que viram. Mataram uma quantidade incalculável de criaturas — números não queriam dizer nada em um ambiente mais restrito como aquele, contra onze pessoas armadas com equipamento de combate. Nenhum morto-vivo que atravessou seu caminho escapou.

Chegaram ao arsenal e conseguiram o que Ivan procurava. Pistolas Beretta e Taurus de nove milímetros e submetralhadoras M9 M972 de fabricação nacional, metralhadoras de cinquenta milímetros M2HB e fuzis AR15 americanos, fuzis FN Fal

M964 belgas. Também conseguiram lança-mísseis Eryx franceses e lança-granadas AT4 suecos, além de uma grande quantidade de morteiros e granadas. Esvaziaram o arsenal até a última peça; o bagageiro do ônibus e alguns dos Urutus ficaram abarrotados com mais de mil peças, de armas a munições. Traziam também dezenas de milhares de balas e cartuchos. Eles pegaram até mesmo fardas de operações na selva, coletes à prova de balas e capacetes. Agora estavam prontos para tomar de assalto qualquer lugar, não importava quantos zumbis tivessem pela frente.

— Senhores e minha esposa, Estela: estão todos de parabéns. Aniquilamos nossos inimigos e conseguimos armamentos e veículos de combate suficientes para cumprirmos a próxima etapa do nosso plano. Depois de amanhã rumamos para São José dos Campos — Ivan falou, exultante. — Antes de viajarmos, quero tomar só mais uma providência.

— E qual seria? — Estela perguntou, curiosa. Achou que iriam viajar logo cedo, não esperava ficar mais um dia inteiro.

— Quero soldar placas de aço na lateral esquerda do ônibus, para reforçá-la com placas que desçam até o chão, transformando-a numa parede sólida.

— E por que você quer fazer isso, Ivan? — Estela ficou ainda mais curiosa.

— Isso será uma surpresa. Mas garanto que vocês vão gostar. — Ele sorriu.

Todos concordaram e se prepararam para dormir. Ninguém mais se atrevia a discutir os planos de Ivan. Enquanto isso, ele e Estela, muito saudosos, conversaram com os filhos pelo rádio. Também se informaram sobre a situação do grupo; felizmente nenhum outro bando de zumbis apareceu por lá, apenas alguns indivíduos errantes, como sempre. Ivan conversou com China e narrou os acontecimentos. Ele ficou animadíssimo e prometeu contar para os demais.

No dia seguinte, trabalharam ininterruptamente no estranho projeto de Ivan. Ele teve a ideia porque vira muitos equipamentos e materiais naquele galpão. O cabo Oliveira explicou que se tratava de um espaço de manutenção, que servia inclusive para reparos nas blindagens dos veículos. Por isso havia tantas chapas de aço, e também furadeiras, martelos, equipamento de solda e tudo o mais que uma boa oficina precisava.

Um dos membros do grupo era mecânico, um homem chamado César. Ivan explicou para ele o que desejava.

— Acho que dá para fazer, mas o ônibus vai ficar superpesado. Serão toneladas de peso extra, concentradas de um único lado. Ele nunca mais vai poder andar em alta velocidade — César alertou Ivan.

— Não tem problema, o que eu pretendo fazer com ele não exige velocidade. Exige resistência. Resistência extrema. — Ivan estreitou os olhos.

Uma vez acertados os detalhes, puseram a mão na massa. Ivan foi claro: não

precisava de capricho, não importava se o ônibus ficaria horrível. Foram soldando uma chapa ao lado da outra, começando de cima para baixo. Usaram tudo o que tinham a mão para ajudar na fixação, de arames a parafusos. Levaram dezoito horas para acabar, com quase dez pessoas trabalhando juntas. Ao final, Ivan admirou sua criação.

— Você não vai mesmo me contar o que pretende fazer? — Estela perguntou para o marido, louca de curiosidade.

— Não! É surpresa! — Ivan exclamou, enlaçando-a pela cintura.

— Amor, quanto tempo faz? — Estela esboçou um sorriso maldoso.

— Quarenta e cinco dias — Ivan respondeu, preciso.

— Você sabe do que estou falando? — Estela perguntou, surpresa.

— Sim. Você quer saber há quanto tempo não transamos. Faz exatamente quarenta e cinco dias. Só ficamos tanto tempo assim quando nossos filhos nasceram — Ivan respondeu com um sorriso.

— Você não sente falta? — Estela passou a mão no rosto do marido. — Eu estou subindo pelas paredes, é quase uma emergência médica!

— Claro que sinto. Mas com toda essa loucura, todo esse estresse, não teve jeito. E agora temos tantas crianças para cuidar... Nunca imaginei que teríamos tantos filhos. Até perco as contas, às vezes — Ivan afirmou, sincero.

— Temos sete crianças agora... Matheus, Ana, Roberto, Ângela, Eduardo, Giovanni e Aline. — Estela falou.

— Repita isso agora mais rápido e em ordem alfabética — Ivan desafiou.

— Aline, Ana, Ângela, Eduardo, Giovanni, Matheus e Roberto — Estela falou de um só fôlego. — Muitos, não?

— Pois é. Vamos ver se as coisas se normalizam quando conseguirmos uma casa para ficar. — Ivan a abraçou e beijou.

Assim, foram todos dormir. O dia seguinte seria muito importante. Os zumbis haviam transformado as vidas deles num inferno. Chegara o momento de retribuir na mesma dolorosa moeda.

CAPÍTULO 9

O CONDOMÍNIO



A **VIAGEM DE VOLTA** para São José dos Campos transcorreu com tranquilidade. A via Dutra não tinha obstáculos significativos, já que Reginaldo e o grupo de sobreviventes do Rio de Janeiro liberaram o caminho algumas semanas antes, quando chegaram à cidade. E agora estavam todos armados para enfrentar um verdadeiro exército de criaturas. Os blindados faziam deles uma força imbatível; seriam necessários centenas, talvez milhares de zumbis para conseguir abater um único daqueles veículos, o que dizer então de nove?

Chegaram a São José dos Campos exatamente às dez horas da manhã do dia 26 de agosto de 2018, a data que muitos viriam a lembrar como o novo Dia D. Estacionaram os blindados dentro do shopping, próximos da porta de serviço. Enquanto alguns vigiavam, munidos de fuzis, os outros descarregavam os armamentos.

Estavam todos muito tranquilos, algo impensável dias antes. Se estar ali fora do shopping seria então apavorante, agora era simplesmente normal. Aos poucos algumas criaturas surgiam, e eram abatidas a tiros de fuzil sem maiores preocupações, simples como tomar um copo d'água. Eles descobriram que o inimigo tinha o tamanho proporcional à importância que se dava a ele, e naquele momento os zumbis não punham medo em ninguém.

Ivan e Estela correram para dentro do shopping e deram um abraço demorado nas crianças. Como sentiram saudade! Nem parecia que apenas alguns dias se passaram. Eles enxergavam as coisas sob uma nova perspectiva agora. Cada momento de paz com as crianças era um tesouro que não podia ser desperdiçado.

— Papai, a gente tem um carro novo? — perguntou Aninha, quando viu um dos Urutus. — Posso passear nele?

— Pode sim, meu anjo, mas não agora. Mais tarde, está bem? — Ivan pegou a filha no colo.

Depois de descarregarem os veículos, todos comeram, e finalmente se reuniram na praça de alimentação. Estava chegando a hora.

— Pessoal, vamos começar pelo básico. Quantos estão dispostos a participar da invasão? — Ivan perguntou, dirigindo-se ao grupo.

Vários levantaram as mãos, entre homens e mulheres. Exatamente vinte e sete pessoas de um total de pouco mais de cinquenta adultos, três para cada tanque. Aquilo era um bom sinal, Ivan pensou; adorava simetrias.

— Ótimo, vamos passar alguns fundamentos básicos de tiro e dividir as tarefas. — Ivan sorriu.

Assim, para cada veículo foi definido um motorista, um atirador para operar cada metralhadora de teto e mais um atirador dentro do veículo. A preparação de cada pessoa foi precária, mas teria que servir, porque o tempo para os sobreviventes dentro do condomínio se esgotava. Foi um treinamento intensivo, como o que fizeram em Caçapava, mas teria que servir.

— Senhor, não seria melhor nos prepararmos um pouco mais? — o soldado Silva sugeriu, dirigindo-se a Ivan.

— Não podemos esperar mais. Aquelas pessoas estão trancadas há mais de um mês, estão morrendo de fome e sede. É possível que encontremos gente mortas por inanição lá dentro. Cada hora que esperamos as chances delas diminuem. — Ivan o olhava fixo. — Agiremos ainda hoje, e só vamos parar quando aquele condomínio estiver livre.

Ele mandou chamar China e pediu uma folha de papel e uma caneta. Escreveu um texto e entregou para ele. A missão de China era importante.

— Vá até o telhado e leia esse texto no microfone no volume mais alto possível. Repita diversas vezes. Leve o binóculo também; as pessoas podem fazer perguntas com cartazes. Tire todas as dúvidas que você conseguir — Ivan explicou, entregando-lhe a folha.

China leu atentamente o texto:

— “Hoje, a partir das quatorze horas, iniciaremos a libertação do Condomínio Colinas. Permaneçam calmos e fiquem longe das janelas e portas, protejam-se o máximo possível. Quando os soldados mandarem abrir as portas, obedeçam imediatamente. Fiquem calmos, estamos indo ajudar. Que Deus proteja todos nós.”

China assentiu e correu para o telhado. Poucos instantes depois, Ivan começou a ouvir a voz dele alta e límpida. Aquilo com certeza deixaria os moradores de sobreaviso o suficiente para evitar incidentes.

Prepararam-se até dez minutos antes do horário. A mando de Ivan, todos vestiram roupas militares, inclusive as mulheres. Gisele foi uma das que se queixaram.

— Até eu tenho de usar essa roupa? Ela é quente demais. Precisamos mesmo disso?

Ao ouvi-la, Estela trincou os dentes de irritação. Não tinha paciência com aquela mulher mimada.

— Precisamos, sim. Quem não aceitar pode ficar no shopping, não tem problema. As roupas são importantes para não nos confundirmos durante o combate. Além disso, eu faço questão dos coletes à prova de balas porque podemos acertar uns aos outros por acidente — Ivan respondeu, seco.

Repassaram as últimas instruções. Iriam se espalhar pelo condomínio e matar tudo o que se mexesse. Ivan pediu muito cuidado, para o caso de surgir algum civil, e sob hipótese alguma eles deveriam abrir as portas dos veículos antes que ele ordenasse. Qualquer ação a pé só seria autorizada após Ivan alinhar as informações com todos os motoristas, que seriam os líderes de cada equipe, com exceção do veículo dirigido por Reginaldo, onde estariam Ivan e Estela. Ele era o líder da operação, e ela, a segunda na linha de comando.

— Quando estivermos seguros de que não tem mais atividade inimiga visível, iremos nos reagrupar próximos da entrada do condomínio e organizar patrulhas. Vamos entrar em todas as casas, uma por uma, está claro? Não possuímos um mapa do local, por isso teremos que coordenar nossas ações lá dentro — Ivan falou para o grupo.

— Ivan, acho que eu vou fazer uma pergunta que todos estão loucos para fazer: para que vai servir o ônibus?

— Excelente questão, Estela. Para entrar no condomínio vamos derrubar o portão. Depois, Reginaldo irá manobrar o ônibus exatamente na entrada, fechando-a da mesma forma como nós lacramos a entrada do shopping. O ônibus será uma muralha móvel com várias toneladas. Mesmo que centenas de zumbis venham atrás de nós, atraídos pelos tiros, nunca conseguirão atravessá-la. Assim eles não entram, e só teremos que nos preocupar com os mortos-vivos que já estão lá dentro. — Ivan sorriu. — Reginaldo, depois que você estacionar, vá direto para o meu Urutu. Conforme combinamos, você será o meu motorista enquanto eu e Estela atiramos. Mais alguma dúvida?

— Sim: o que ganho se eu matar mais zumbis do que todos os outros? — Zac quis saber, num dos seus raros momentos de bom humor.

— Ganha um beijo na boca; da Gisele. — Ivan mostrava um sorriso malicioso no rosto.

— Ei, pode parar! — Gisele reclamou enquanto todos riam.

Mas Zac não gostou nada, e Ivan se arrependeu na mesma hora por ter feito aquela brincadeira. Gisele deixou claro, pela sua fisionomia, que estava com nojo da aparência do rapaz ferido.

Entraram nos veículos e saíram. Cada líder tinha um rádio, e estavam todos sintonizados na mesma frequência. Enquanto isso, alguns permaneceram no shopping cuidando das crianças, mas a maioria se postou no telhado. Estavam todos apreensivos, e aquela era a grande chance deles. Muitos rezavam sem parar para que

aquela jogada desse certo.

Exatamente às quatorze horas e sete minutos, os primeiros tiros foram disparados. Chegara a hora da vingança.

* * *

Ivan e Estela estavam no primeiro veículo, seguidos pelos demais. Usaram a mesma distribuição de motoristas e veículos de quando retiraram os Urutus do galpão, assim garantiam que eram as pessoas mais preparadas para conduzir cada carro. Ivan concluía que era melhor ter maus atiradores do que maus motoristas, porque eles até podiam se dar ao luxo de errar alguns tiros, mas não podiam cometer a besteira de estragar um dos tanques.

Assim que entraram no veículo, Ivan pegou o celular e colocou uma música para tocar no MP3 Player.

— Black Sabbath? — Estela perguntou, curiosa.

— Sim. A canção é *The Sign of the Southern Cross*. — Ivan entrou na avenida com o gigante de aço.

— E do que fala essa música? — Estela quis saber.

Ivan sorriu de forma significativa. Depois respondeu:

— Fala que quando surgir um sinal misterioso no céu, a Besta estará livre para vagar sobre a Terra. E os homens terão que se unir para enfrentá-la.

* * *

Foi com estrondo que Ivan derrubou o portão de entrada do condomínio com o tanque de guerra. Imediatamente, algumas pessoas vieram olhar pela janela, apesar dos incessantes avisos de China, que agora não apenas repetia o texto que Ivan escrevera como também narrava os acontecimentos como um locutor de futebol.

— Atenção, todos vocês: a invasão começou. Fiquem longe das janelas, protejam-se em suas casas. Temos quase trinta pessoas armadas participando dessa operação, colaborem conosco. Não saiam de suas casas. Repetindo: fiquem onde estão até nova ordem — China repetia sem cessar.

Os veículos foram entrando um a um no condomínio, atraindo centenas de zumbis que perambulavam pelas ruas em volta. Reginaldo foi o último a entrar com o ônibus; tinha que se apressar para impedir a entrada de outras criaturas.

Os carros se perfilaram na rua principal do condomínio, enquanto centenas de mortos-vivos, que já se encontravam dentro do bairro, aproximavam-se, vindos de todas as direções. Eram muitíssimos, cercando os blindados por todos os lados.

O Condomínio Colinas tinha cerca de um quilômetro de uma ponta a outra, e era composto por diversas ruas e mais de quinhentas casas. Muitas das residências eram

verdadeiras mansões com belos jardins e piscinas. Era um sonho inalcançável para centenas de milhares de pessoas, mas agora era o abrigo de mais de mil e quinhentos zumbis.

Reginaldo manobrou o ônibus e o atravessou em frente à entrada. Fez exatamente como Ivan mandara: encostou a lateral de aço contra o muro, arrancando faíscas enquanto acomodava o veículo, praticamente não deixando frestas. Os mortos-vivos que iam chegando batiam contra a superfície de aço fosco, frustrados.

Quando Reginaldo abriu a porta, Ivan estacionava rente a ele, com a entrada do tanque aberta. Reginaldo entrou imediatamente e trancou a porta, assumindo a direção. Ivan subiu até a torre da metralhadora de 16,7 milímetros, pegou o rádio e deu a ordem:

— Atiradores, assumam suas posições. Disparem à vontade. — Logo em seguida, ele baixou a metralhadora na direção do mar de seres grotescos que os cercavam e apertou o gatilho.

O som da metralhadora encheu o ar, deixando o resto do mundo em silêncio, por instantes. A maioria deles ficou atônita por alguns segundos. Então aquele era o som da guerra? Viram diversos zumbis voar pelos ares com os membros brutalmente amputados, sem cabeça ou até mesmo cortados ao meio, despedaçados pela potência devastadora da metralhadora. De repente, o som parou, e a voz de Ivan encheu os tanques pelo rádio, alta como um trovão:

— O que é que vocês todos estão esperando?! Atirem! Isso é uma ordem! — E tornou a disparar.

Não foi preciso mandar de novo. Numa fração de segundo, dezenas de armas abriram fogo ao mesmo tempo, iniciando um verdadeiro genocídio. Não tinha como errar, havia tantos mortos-vivos aglomerados que cada bala encontrava uma vítima. Foram caindo às dezenas, e depois às centenas. Tombavam como insetos abatidos por uma nuvem de inseticida.

O sangue lavou a entrada do condomínio, bem como as vísceras e os restos mortais das criaturas. Um cheiro acre invadiu as narinas de todos. Era uma mistura de sangue, fluidos corporais e pólvora, uma verdadeira visão do inferno. Os tiros só paravam para recarregar. Os mais experientes ajudavam os novatos a trocar os pentes dos fuzis.

Depois de disparar várias vezes, Ivan passou a lançar granadas. As explosões eram ensurdecedoras. Outros operadores das torres de tiro dos tanques o imitaram, tomando o máximo de cuidado para não arremessar nenhum artefato próximo de algum Urutu.

A cada nova detonação, pedaços de zumbis eram arremessados nas alturas. Uma criatura foi atingida por uma explosão e quase caiu sobre o veículo do cabo Oliveira, espatifando-se no chão. Por todos os lados os gemidos e lamentos das feras

eram ouvidos, mas a ordem de Ivan era clara e implacável: deviam matar até o último desgraçado.

Em pouco mais de cinco minutos, nada mais se mexia perto deles. Porém, vinham mortos-vivos subindo a rua, saindo das casas, de ruelas adjacentes e do centro de convivência próximo da entrada. Tinha mais, muito mais ainda. Ivan apanhou o rádio e deu as próximas ordens:

— Espalhem-se. Oliveira, Arnaldo e Dias, desçam a avenida e virem à direita. Zac, pegue a rua à esquerda. Os demais, venham atrás de nós, vamos para o coração do condomínio. Matem todos, sem exceção.

Os motoristas colocaram as armas de lado e reassumiram a direção, pondo os carros em marcha. À medida que avançavam, ouviam o som grotesco dos ossos sendo esmagados — estavam rodando sobre um tapete de cadáveres. Avançaram lentamente até passar pela massa de seres massacrados, e depois desenvolveram mais velocidade.

À medida que os veículos foram se dispersando, os tiros recomeçaram, agora abatendo as criaturas que se aproximavam. Matar os zumbis era fácil, desde que tivessem os equipamentos adequados. Eles não tinham estratégia nem senso de sobrevivência. Avançavam de peito aberto; bastava esperar que se aproximassem e depois atirar.

Os Urutus avançavam até uma determinada rua e esperavam. Os mortos-vivos chegavam perto, eles matavam todos em volta e avançavam mais uma centena de metros, e depois tornavam a parar. Um verdadeiro balé macabro. Era fácil perceber onde algum veículo havia passado, era só seguir a trilha de corpos. Essa era exatamente a estratégia que Estela e Ivan traçaram no telhado do shopping apenas uma semana antes, e estava funcionando à perfeição.

O carro dos dois líderes avançou até a praça central, um enorme espaço verde que também dispunha de quadras poliesportivas e um lago. Para aquele ponto convergiam algumas ruas, e Ivan foi distribuindo os veículos, mandando cada um tomar um acesso. Entraram também numa pequena rua residencial, infestada de zumbis. Ambos atiravam indiscriminadamente, derrubando tudo o que se mexia. Reginaldo parou o carro e se uniu a Estela, atirando ombro a ombro com ela. Pararam após alguns instantes, e ele não resistiu fazer um comentário, maravilhado:

— Este lugar tem as casas mais lindas que eu já vi na minha vida! São verdadeiras mansões! Nunca pensei que eu fosse conseguir morar numa dessas. Vou escolher uma bem luxuosa para mim, depois! — Sorriu, empolgado.

— É, este é um dos condomínios mais chiques da cidade. Eu e Ivan sonhávamos em vir morar aqui um dia com as crianças, mas não era bem dessa forma que tínhamos em mente. — Estela soltou um suspiro. — Veja, naquela casa morava uma coleguinha de escola de Matheus. Eu mesma o trouxe aqui algumas vezes. —

Apontou uma casa pintada de amarelo.

— Onde será que ela está? Talvez tenha sobrevivido, e esteja lá dentro escondida em algum lugar. — Reginaldo tentava pensar positivo.

— Não, ela não está lá dentro, não. Está caída lá atrás, no começo da rua. Eu mesma a matei. Tinha apenas oito anos, e agora está morta. Estourei seus miolos com um tiro de fuzil. — Estela encarou Reginaldo. — Não se iluda com essas belas casas, meu amigo, nunca seremos plenamente felizes nelas. Porque sempre lembraremos que para consegui-las uma infinidade de pessoas teve que morrer antes.

Reginaldo engoliu em seco e decidiu voltar para a direção do carro. Ainda tinham muito por fazer. Principalmente, tinham ainda muito para matar.

Depois de uma hora e meia de combate, os carros se reagruparam ao lado da praça central. Ivan achou que seria um lugar mais tranquilo, a entrada do condomínio estava intransitável. Todos saíram dos veículos, esticaram as pernas e tomaram um pouco de água. Alguns aproveitaram para acender um cigarro.

— Muito bem, acho que as ruas agora estão limpas, concordam? — Ivan perguntou ao se aproximar, de mãos dadas com Estela.

— Sim, senhor, eu acredito que sim. Dei duas voltas no quarteirão do setor que o senhor designou e não vi mais nenhuma criatura — respondeu o cabo Oliveira.

Os outros assentiram.

— Foi mais fácil do que eu imaginava — Zac comentou, animado. — Desse jeito, acabaremos ainda hoje.

— Vamos com calma, pessoal, agora vem a parte mais complicada — Ivan comentou, sério. — Vamos começar a invadir as casas. Acredito que encontraremos resistência, e não apenas dos mortos-vivos.

— Você acha que os moradores podem oferecer riscos? — Adriana indagou, surpresa.

— Talvez sim, talvez não. Prefiro não arriscar. Primeiro, batam nas portas e mandem as pessoas abrirem. Se não tiverem resposta, invadam, prontos para o confronto. E todos vocês, tomem cuidado para não atirar nos sobreviventes. Esse será nosso maior desafio. Por isso, nos organizaremos em cinco grupos. O cabo Oliveira e os soldados chefiarão uma equipe cada um, e o resto vem comigo, entendido? — Ivan definiu.

Assim, Ivan, Estela, Reginaldo, Zac, Gisele e Sandra formaram um time. Dividiram o condomínio em zonas, e cada time ficou encarregado de verificar um conjunto de casas. Levavam também latas de tinta spray; após verificar uma casa e se certificar de que estava segura, deviam colocar a inscrição “OK” do lado de fora. Assim, todos saberiam quais residências estavam liberadas. Se houvesse sobreviventes, deveria também ser escrito um “S”.

Desceram uma das ruas que circundavam os muros do condomínio e saltaram em frente à primeira casa, enorme, toda pintada de branco, em estilo clássico. Zac teria assobiado se não estivesse com o rosto todo ferido.

— Uau, eu vou ficar com essa! — ele falou, admirado.

— Se não tiver ninguém, é toda sua. Mas lembrem-se: a preferência será dos donos. Ocuparemos apenas casas abandonadas. — Ivan arqueou as sobrancelhas.

Aproximaram-se, e Ivan bateu forte na porta, chamando pelos moradores. Ninguém se manifestou.

— Acho que vai ter que ser da forma difícil. — Ivan meneou a cabeça.

— Deixa comigo! — Zac tomou a dianteira. — Sempre quis fazer isso!

Zac chutou a porta com violência, arrombando-a. Ele até se arrependeu, pois estragara aquela porta tão bonita. Mas pelo menos podiam entrar.

— Eu vou primeiro! — Zac falou, entrando na casa.

Ivan se perguntou se tudo aquilo tinha a ver com o fato de ele ter uma queda por Gisele e estar querendo se exibir.

Assim que entrou na casa, Zac foi agarrado por um homem que se jogou sobre ele. Sua aparência era horrível. Estava todo desfigurado, parecia que ele tinha tentado arrombar a porta com a própria cara. E era enorme, devia pesar uns duzentos quilos.

Zac caiu estatelado no chão, com a criatura esmagando-o. Começou a gritar, tentando manter o zumbi longe do seu rosto. De repente, o estrondo do disparo de um fuzil ecoou pela casa, e o crânio daquele monstro explodiu, fazendo com que desabasse inerte sobre o rapaz assustado.

Ivan e Reginaldo ajudaram-no, virando o zumbi para o lado e deixando-o respirar. Quando Zac finalmente conseguiu se virar, ofegante, olhou para Estela. Ela estava com a arma erguida, com o cano ainda fumegante.

— Obrigado. — Zac se sentou no chão.

— Disponha. Vamos tomar mais cuidado, pessoal, iremos topar com outros desses, podem apostar. — Estela meneou a cabeça.

Continuaram com a busca pela casa até terem certeza de que não havia mais nada com que se preocupar. Marcaram a parede com o sinal combinado e passaram para a próxima. Eliminaram uma, faltavam várias.

O cabo Oliveira já se encontrava na terceira casa; as outras duas estavam vazias, com as portas, inclusive, escancaradas. Ele seguida veloz, arrastando o grupo consigo. O cabo cobrava a velocidade de todos os outros — queria avançar o mais rápido possível. Quando bateu na porta, uma voz feminina respondeu lá de dentro:

— Quem são vocês?

— Sou o cabo Oliveira, do exército. Abra a porta, por favor.

Uma mulher de meia-idade abriu, assustada. Olhou para o grupo, preocupada, mas se sentiu um pouco menos tensa quando viu Adriana. Uma menina tão delicada no

meio daquelas pessoas tinha que ser um bom sinal, não era possível que não fosse. Aquela fora uma estratégia de Ivan: todos os grupos levavam ao menos uma mulher. Isso daria mais confiança para os sobreviventes.

— Você está bem? Tem outras pessoas aí dentro? — o cabo Oliveira perguntou, olhando dentro da casa.

— Estamos eu e a minha filha. Meu marido e meus outros filhos... enlouqueceram junto com os outros. Sobrevivemos por milagre — aquela pobre senhora falou, amarga.

A filha se juntou a ela; deveria ter uns treze anos.

— Nós sentimos muito. Fiquem aqui e mantenham a porta fechada. Voltaremos para buscá-las assim que possível, está bem? — Adriana afirmou, sensibilizada.

— Está bem. Nós não comemos há dias. Vocês têm alguma coisa, pelo amor de Deus? — a mulher, de aparência muito abatida, implorou.

Mal completou a frase e Bob já voltava do Urutu com uma sacola com alguns enlatados. Tinha várias no veículo. Estela organizou para que todas as equipes tivessem alguns kits com pelo menos um pouco de alimento e água para os sobreviventes.

A menina, quando viu aquilo, se jogou nos braços de Bob, abraçando o rapaz por gratidão. Ele ficou completamente sem jeito. Torcia para Adriana não ficar com ciúme.

Despediram-se das duas e continuaram, esperando encontrar mais pessoas.

O soldado Dias e sua equipe ficaram perplexos diante daquela cena: um homem muito idoso e um menino de uns seis anos, deitados numa cama, no segundo andar de uma casa confortável de tijolos aparentes. Seus rostos mostravam-se desconcertantemente serenos, apesar de ambos estarem mortos. Ao ver aquilo, os olhos de uma moça que fazia parte do grupo encheram-se de lágrimas. O idoso abraçava ao menino, como uma criança abraça um ursinho de pelúcia.

O soldado olhou em volta e reparou numa folha de papel dobrada sobre o criado-mudo. Pegou-a e leu as seguintes palavras:

Vou acabar com o nosso sofrimento. Estou entregando a minha vida e a vida do meu bisneto nas mãos de Deus. Que Ele tenha piedade de nossas almas.

São José dos Campos, 25 de Agosto de 2018

Apenas um dia antes. Ivan estava certo, eles não tinham um segundo a perder.

Ivan recebia de tempos em tempos os relatos das equipes, sobretudo quando encontravam sobreviventes. Aos poucos, surgiam pessoas que bravamente conseguiram resistir àquele holocausto. Oito entre cada dez casas estavam vazias ou tinham apenas zumbis, mas a vida parecia disposta a resistir, a qualquer custo.

Homens e mulheres, crianças e idosos, até mesmo alguns animais de estimação. A

praga fora devastadora, mas não suficientemente letal. Não seria dessa vez que a humanidade seria exterminada, disso Ivan tinha cada vez mais certeza.

As buscas prosseguiram madrugada adentro. O grupo continuava o trabalho incansável. Quando começavam a desanimar, eis que milagrosamente encontravam mais alguma pessoa, e enchiam-se de ânimo renovado. Não podiam parar, precisavam ser fortes.

Ivan e sua equipe desciam uma rua a pé — já tinham passado em boa parte das casas — quando ouviram um tiro. Aquele em especial chamou a atenção; não era um disparo efetuado por um fuzil, mas sim de uma arma diferente. Depois ouviram mais dois disparos. Ele pegou o rádio imediatamente.

— O que está acontecendo? Quem está atirando? — Ivan perguntou através da frequência fechada.

— Alguém está atirando em nós, senhor! — o soldado Souza respondeu, nervoso. — Heraldo foi atingido, mas não parece grave, senhor, estamos prontos para revidar.

— Não façam isso! Mantenham-se protegidos e esperem que eu chegue! Você me entendeu, soldado? — Ivan perguntou, sério.

— Sim, senhor! — Souza afirmou, um tanto contrariado.

— Vamos lá resolver isso antes que tenhamos que matar esse imbecil. Eu sabia que isso ia acontecer! — Ivan vociferou, correndo para o Urutu.

Chegaram apressados até a origem dos tiros, encostando o veículo junto ao tanque da equipe que estava sob ataque. Quando saíram, viram Heraldo ao lado de Souza, sentado no chão perto do Urutu, encostado no imenso pneu.

— Como você está, Heraldo? — Ivan indagou, preocupado.

— Estou bem. O desgraçado me deu um tiro no peito! Se não fosse o colete, eu estaria morto agora! — Heraldo se contorceu de dor. O colete resistira à bala, mas o impacto ia lhe render uma mancha roxa do tamanho de uma laranja pelas próximas duas semanas.

— Eu avisei, não foi? Estão felizes por eu ter insistido no uso dos coletes? — Ivan perguntou. — Sandra, examine-o, por favor. Eu vou bater um papo com o nosso amigo atirador.

Ivan largou o fuzil e a pistola que trazia no coldre. Também tirou o capacete e saiu de trás do tanque com as mãos erguidas, em sinal de paz. Estela engoliu em seco com aquela estratégia, mas conhecia o marido, e sabia que ele não ia ferir ninguém sem antes esgotar todos os recursos possíveis.

Ivan andou até o meio do gramado em frente à casa e parou. Ficou ali durante alguns instantes aguardando que algo acontecesse. Após alguns minutos de espera, uma voz grossa de homem se fez ouvir:

— Vão embora! Saiam da minha casa agora! — o homem ordenou, exasperado.

— Senhor, abra a porta, por gentileza, eu só quero conversar — Ivan argumentou.

— Nunca! Ninguém vai entrar aqui, entendeu? — o homem gritou. E parecia estar falando sério.

Sem se mexer, Ivan chamou Estela.

— Amor, largue as armas e venha até aqui com as mãos erguidas, está bem? Venha bem devagar. — Ivan não estava acreditando no que faria, mas tinha um palpite muito bom.

Estela não discutiu, largou as armas e o capacete. Imaginando o que Ivan tinha em mente, soltou os cabelos, deixando-os caídos sobre os ombros como uma cascata negra. Queria ser vista como uma mulher, não como o soldado em que se transformara.

Andou lentamente até parar ao lado do marido. Estava tensa, mas tinham que manter a calma.

— Senhor, esta é a minha esposa, Estela, com a qual sou casado há quase dez anos. Ela é a mãe dos meus dois filhos. Sei por que você está fazendo isso; sua família está aí dentro, certo? Eu garanto, não vamos lhes fazer mal. Estamos aqui para ajudar — Ivan afirmou.

Depois de alguns instantes de indecisão, o homem se pronunciou:

— Como vou saber que estão falando a verdade? — ele perguntou.

— Só tem um jeito de descobrir: o senhor terá de confiar em nós — Ivan respondeu.

Quase três minutos se passaram com Ivan e Estela parados no meio do jardim, aguardando uma definição. Por fim, a porta se abriu, e o homem mandou-os entrar; só os dois. Eles assentiram e entraram na casa, devagar. Logo em seguida, a porta se fechou.

Cerca de cinco minutos depois, o homem saiu, acompanhado de Ivan. Pela porta aberta, o soldado Souza viu Estela conversando com uma mulher aparentando uns quarenta e cinco anos, acompanhada de duas adolescentes. O homem caminhou até Heraldo e pediu desculpas pelo tiro. Essa fora a única exigência que Ivan tinha feito.

Logo após, despediram-se daquela família, pois tinham que seguir em frente.

Numa das casas que Ivan e Estela abordaram tiveram uma incrível surpresa. Quando bateram na porta, uma voz de criança respondeu:

— Quem é? — Era uma menina.

— Meu nome é Estela. Posso falar com a sua mãe, meu anjo?

A criança hesitou durante alguns instantes, depois respondeu:

— Minha mãe não está aqui. Ela e meu pai ficaram muito estranhos, e nunca mais voltaram — disse, com uma inconfundível nota de tristeza na voz.

Estela ficou com o coração apertado.

— Abra a porta, querida, vamos ajudar a achar seus pais, está bem? — Estela falou.

— Vocês não são uma daquelas pessoas más, não é verdade? Elas comeram meu cachorrinho! — a menininha falou, magoada.

— Não meu, amor, nós não somos, não! Prometo que cuidaremos de você. — Estela lutava com as lágrimas.

Ivan olhou para esposa com um nó na garganta.

A menina abriu a porta, e eles ficaram perplexos. Não era apenas uma criança, mas três. Estavam sujas, magérrimas e visivelmente doentes. A garota que falara com eles era a mais velha e não tinha mais do que oito anos de idade. Estava acompanhada de dois meninos, um deles com uns cinco anos, e o outro não tinha mais do que três.

Estela se ajoelhou diante daquela pequena heroína, tão mais valorosa do que todos eles juntos. Abraçou-a como se fosse uma filha.

— Você tomou conta dos seus irmãozinhos esse tempo todo? — Estela perguntou, com uma lágrima caindo nos ombros mirrados da criança.

— Sim, a mamãe sempre falou para eu tomar conta dos meus irmãos — a menina afirmou com toda a simplicidade. Ela suportara o inferno para obedecer a mãe.

— Não se preocupe, meu amor, vocês estão seguros agora. — Estela envolveu os três pequeninos em seus braços.

* * *

Reuniram-se no centro de convivência por volta das quatro horas da tarde. Estavam mortos de cansaço, fazia mais de vinte e quatro horas que tinham começado aquela operação, mas agora terminara. Bruno não fora o único morador a dar trabalho, outros haviam tentado agredir e expulsar os soldados.

Ivan ouviu os relatórios de cada líder, repassando suas anotações. Tinham acabado de rodar todas as ruas do condomínio e não viram mais nenhum zumbi sequer, e todas as casas estavam marcadas. Mais de quinhentas casas no total foram revistadas. Em cerca de cem foram encontrados sobreviventes, mais de cento e cinquenta pessoas ao todo. Um número pequeno para um condomínio que tinha mais de dois mil moradores quando aquela insanidade começou, porém, ainda sim era uma vitória.

Em várias residências foram encontrados zumbis, pessoas que haviam se suicidado, outras que aparentemente haviam morrido de fome; enfim, encontraram de tudo.

Tomaram algumas decisões em conjunto. Precisavam se livrar dos cadáveres; aquilo se transformaria em fonte de doenças logo. Reginaldo, Silas, Arnaldo e o cabo Oliveira e o soldado Silva, junto com mais algumas pessoas armadas, providenciariam caminhões basculantes no aterro sanitário da cidade e fazer um mutirão para recolher os corpos; depois queimariam tudo.

Os demais trariam todos aqueles que ainda estavam no shopping, bem como o máximo possível de alimentos. Ivan decidiu que formariam uma equipe de cozinha e transformar aquele local em um refeitório, assim todos comeriam juntos. Seria a forma ideal de ter contato com os sobreviventes; precisava conhecer uma por uma, tinham muitas ações para tomar juntos. Assim, também controlaria o estoque de alimentos. Mais do que nunca precisavam se organizar.

Realizaram a operação de mudança de todos, trazendo primeiro as crianças. Escolheram uma casa para servir de creche, assim não teriam que se preocupar com os pequeninos andando por aí. Levaria ainda semanas até Ivan se sentir tranquilo para deixá-los passear sozinhos pelo condomínio.

Ao todo foram necessárias ainda mais quarenta e oito horas para, enfim, se transferirem para o condomínio e remover todos os mortos. No fim daquele dia, em que o último caminhão saiu lotado de cadáveres, uma grande tempestade desabou sobre a cidade, lavando parte do sangue e dando para aquele local um ar menos anormal. Finalmente, o Condomínio Colinas começava a parecer de novo um lar.

CAPÍTULO 10

A COMUNIDADE



EXAUSTO, IVAN PRATICAMENTE desmaiou na cama. Foram quatro dias ininterruptos realizando a ocupação do condomínio, quase cem horas de operação. Algumas pessoas já haviam descansado, agora era a vez dele e de Estela, além de alguns outros membros. Estava indo se deitar às quinze horas. As crianças estavam na creche com alguns adultos fazia dois dias, justamente para eles conseguirem dormir, pelo menos algumas horas. Mais tarde seria o primeiro jantar coletivo. Naquela tarde, tinham distribuído a última porção de comida. Dali em diante as refeições se concentrariam no refeitório até conseguirem organizar tudo.

Aliás, organização seria a palavra de ordem para os próximos dias, teriam muito o que preparar. Precisavam fazer um cadastro das pessoas e famílias. Por enquanto, mantinham-se alojados nas casas próximas do refeitório por pura comodidade; depois iriam organizar as moradas definitivas. Ivan queria saber exatamente quem estava onde, quais casas estavam livres, quais tinham condições de serem habitadas e assim por diante. Seria um esforço de gestão monstruoso, mas era a única forma de organizar aquela comunidade.

A casa que habitavam era muito confortável e arejada, e ainda dispunha de água, algo que não era a regra no condomínio. As primeiras informações davam conta de que muitas residências estavam com as torneiras secas. Mais um dos milhares de problemas que eles teriam para resolver, por isso, o jantar seria importante. Ivan queria ter uma conversa bastante franca com todos os moradores, estabelecer regras e metas para que a vida fosse o mais segura e confortável possível.

Ivan só esperava Estela acabar de tomar banho para dormir. Não aguentaria ficar acordado nem mais cinco minutos.

Estava quase pegando no sono quando sentiu a esposa sentando na cama. Abriu os olhos e a viu, enrolada numa toalha e com outra envolvendo os cabelos. Sorria para ele.

— Tudo bem, amor? Você não vai dormir um pouco? — Ivan perguntou, sonolento.

— Vou, sim. Só estava te admirando um instantinho... — Estela lhe lançou um olhar que seria capaz de derreter um *iceberg* inteiro. — Você conseguiu, não é? Você cumpriu sua promessa; salvou todos nós.

— Nós conseguimos. Sozinho eu não teria feito nada — Ivan argumentou. — Até que enfim a vida vai poder seguir em frente.

— Sim, você tem razão. Sabe o que eu mais gostei de ver hoje, o que mais me deu esperança? — Estela perguntou.

— Não faço ideia — Ivan respondeu, sincero.

— As crianças. Eu vi as crianças jogando bola na quadra poliesportiva. Uma cena que, durante nossa reclusão no shopping, eu achei que nunca mais veria na minha vida. Elas estavam sendo vigiadas por Bob e Adriana, cada um com uma metralhadora na mão, mas ainda assim era um sinal de que as coisas podem e vão se normalizar. — Estela suspirou, aliviada. — Isso foi como um sonho realizado, muito obrigada.

— Não precisa agradecer, amor. Não mesmo. — Ivan colocou a mão no rosto da esposa.

Estela sorriu de novo para ele e se levantou da cama, ficando de pé ao lado do marido.

— E por falar em agradecimento... — Estela soltou a toalha e a deixou cair no chão, exibindo seu corpo escultural completamente nu. — Acho que sei uma boa forma de demonstrar minha gratidão.

Ela tirou a toalha da cabeça e sacudiu a imensa cabeleira negra ainda molhada, fazendo os fios caírem ao lado do rosto, pelos ombros, pelas costas e preguiçosamente sobre os seios firmes. Ivan se sentiu desperto como nunca. Estela ficou sobre ele, arrancando sua camisa e passando a mão sobre seu tórax. Virou a cabeça e começou a beijá-lo no pescoço, deixando o cabelo espalhado sobre seu peito. Em seguida, começaram a se beijar com paixão, com uma urgência que beirava o desespero. Ele agarrou os seios dela com as duas mãos, apertando-os com firmeza. Depois, começou a chupá-los, ávido, brincando com os mamilos com a língua. Aquilo deixou Estela simplesmente enlouquecida, era seu ponto fraco.

Ivan virou Estela de costas sobre a cama, beijando-a enquanto acariciava seu sexo. Estavam tão enlouquecidos de desejo que quase não perderam tempo com preliminares. Em poucos minutos ele a penetrava, num vaivém frenético, enquanto ela arranhava suas costas e trançava as duas pernas ao redor dos seus quadris, prendendo-o contra si e levando-o ao orgasmo. Poucos segundos depois, ela também atingiu o clímax, soltando um grito feroz de prazer.

Após terminarem, permaneceram por alguns instantes parados, ele sobre ela. Estavam ofegantes e, com os corações disparados, olharam longamente nos olhos um do outro. Um olhar de cumplicidade, de parceria. Sobretudo, um olhar de amor.

— Eu te amo — Ivan falou, por fim. — Vou te amar para sempre.

— Eu também te amo. — Os olhos de Estela se encheram de lágrimas. — E nada nem ninguém vai me separar de você. Ficarei ao seu lado até o fim, custe o que custar.

Ficaram assim, nus e abraçados, durante algum tempo, entrelaçados na cama, até que pegaram no sono.

* * *

Às dezenove horas, Ivan e Estela entraram no refeitório com seus dez filhos. Estela fez questão de adotar os três órfãos que encontraram dias antes: Mônica, Gustavo e Guilherme. — uma visão impressionante. As crianças se davam muito bem, principalmente porque Matheus era muito conciliador; herdara os dons diplomáticos do pai.

O cheiro da comida era convidativo. Estela organizou, com as mulheres mais velhas, uma equipe de cozinha. Aquela seria a função delas dali em diante: providenciar todas as refeições para o condomínio inteiro, mais de duzentas pessoas. As condições eram precárias, não tinham energia elétrica, e o gás de cozinha era escasso. Retiraram botijões de algumas casas, e o fornecimento de gás encanado também entrara em colapso.

Uma boa variedade de comida fora preparada, entre carnes, arroz, feijão, macarrão e legumes. Também tinham refrigerantes e sucos, e algumas sobremesas. O salão estava todo iluminado por velas e até mesmo alguns lampiões.

Ivan e Estela serviram os filhos, que ficaram juntos a algumas mesas, e depois foram se sentar com Silas, Bob e Adriana, que já estavam comendo. Serviram-se e passaram a conversar, animados. Num determinado momento, Silas chamou a atenção de Ivan para a porta. Os moradores do condomínio vinham, alguns sozinhos, outros acompanhados do que restou de suas famílias. Estavam desconfiados, com o semblante pesado. Pessoas que haviam sofrido demais e que agora, enfim, saíam de suas casas pela primeira vez desde que o mundo enlouquecera.

Ivan e Estela se levantaram, limpando as bocas nos guardanapos, para fazer a recepção dos moradores pessoalmente. Cumprimentavam um por um, apresentando-se e convidando-os a se servir. Aquela gente estava muito sensível, após os horrores que enfrentaram até poucos momentos atrás, e Ivan e Estela sabiam como era difícil confiar em estranhos. Mas pouco a pouco cativaram cada um deles.

Quando o homem que atirou em Heraldo chegou com a mulher e as filhas, Ivan não conseguiu se conter. Chamou Heraldo até eles, passou o braço ao redor dos seus ombros e brincou:

— Meu amigo, da próxima vez que você atirar neste cidadão, pelo amor de Deus, mire na cabeça!

Todos riram da brincadeira, e o homem os cumprimentou, pedindo desculpas para Heraldo novamente. Aproveitou para se apresentar aos demais: seu nome era Bruno, e a esposa chamava-se Sueli. As filhas, Rosana e Elisângela. Era um homem simpático, baixinho e gordinho, com cabelos grisalhos. Mas tinha um olhar inteligente, sagaz. Ivan gostou dele de imediato.

Todos foram se servindo e se acomodando. Os que se conheciam sentavam-se juntos. Aos poucos, a atmosfera ia se tornando menos tensa. Claro que ainda estavam todos com medo, depois de tudo pelo que passaram, mas o condomínio se mantinha sob constante vigilância. Parte dos que participaram da invasão rondavam pelo bairro com os tanques de guerra, patrulhando as ruas.

Cerca de uma hora se passou. Ivan olhou em volta. Praticamente todos deviam estar ali agora, e a maioria já tinha acabado de comer. Chegara o momento de conversarem, pois tinham muitas decisões para tomar juntos. Ele e Estela foram até perto da mesa onde China e Arnaldo haviam instalado o mesmo sistema de som e microfone usado no dia da invasão, ligado de forma improvisada numa bateria de carro. Ivan foi o primeiro a falar:

— Boa noite a todos. Como a maioria de vocês já sabe, meu nome é Ivan, e eu, junto com a minha esposa, Estela, liderei os esforços para libertarmos dos mortos-vivos este condomínio. Mas apenas graças à união de um grupo de pessoas comuns, que se converteram em soldados de uma hora para outra, isso foi possível. E agora estamos razoavelmente seguros. A entrada está bloqueada, e os muros são altos o suficiente para mantê-los fora daqui. Se os zumbis tivessem a inteligência de um humano, não estaríamos tão seguros assim, mas felizmente não é o caso. Por isso, creio que podemos ficar tranquilos por enquanto.

— E se eles descobrirem uma forma de entrar? — uma senhora perguntou.

— Esta sempre será uma possibilidade. Por isso, precisamos ter cuidado e nunca nos esquecermos do perigo que ronda esses muros. Portanto, necessitamos de mais soldados. Somos, hoje, vinte e sete pessoas com habilidades para manter este local em segurança. Acredito que deveríamos ser pelo menos umas setenta pessoas prontas para lutar. E cinquenta que irão se ocupar exclusivamente da segurança e das missões externas, revezando-se em turnos diários. — Ivan olhava em volta. — Então, amigos, quem se voluntaria? Temos armas aos montes, mas faltam mãos suficientes para empunhá-las. Iremos dar treinamento adequado a todos os interessados em se preparar para defender seus lares, suas famílias e seus amigos. Quem se dispuser, por gentileza, levante-se e venha até aqui colocar seu nome e endereço neste caderno.

Ivan ergueu um caderno onde se lia a palavra “Infantaria”, e prosseguiu:

— Informem também se querem ser soldados ou reservistas. No primeiro caso, vocês irão participar das atividades de patrulha e segurança; no segundo, serão

convocados apenas em situações específicas, como missões fora do condomínio ou se sofrermos algum tipo de ataque.

Aos poucos, homens e mulheres se levantavam e iam até eles, escrevendo seus nomes e recebendo os cumprimentos de Ivan e Estela. Apesar da idade, Bruno se voluntariou. Tinha experiência policial e boa pontaria; seria um reforço importante. O casal de adolescentes que avistou do telhado do shopping também se aproximou de mãos dadas, e a moça apresentou-se a Estela:

— Meu nome Amanda, e este é meu namorado, Lucas. Queremos ajudar. Só não sei se sou capaz de fazer o que vocês fizeram.

— Não se preocupe, nenhum de nós imaginava do que seria capaz. Poucos deste grupo chegaram a pegar numa arma antes de isso tudo acontecer. Para isso, todos serão treinados. — Estela sorriu.

— Ótimo. Nosso Comitê de Defesa e Combate está formado, e eu serei o responsável por ele — Ivan informou, animado. — Agora, vamos para a próxima parte. Precisamos de uma equipe técnica para cuidar da manutenção. Quero ver o que conseguimos fazer em termos de fornecimento de água e energia. Temos um gerador a diesel no shopping. É importante saber se seria viável arrancá-lo de lá e adaptá-lo às nossas necessidades. Alguém se habilita? Temos algum engenheiro por aqui? Eletricistas e técnicos em eletrônica também são bem-vindos.

Um homem se adiantou.

— Eu posso ajudar, sou engenheiro em mecatrônica do CTA. Meu nome é Givaldo. Bom, eu costumava ser engenheiro do CTA, agora não sou nada. — Givaldo era moreno-claro, com cabelo escuro encaracolado, magro e com ossos do rosto salientes.

— Discordo. Agora você é o responsável pelo Comitê de Manutenção. Quem pode ajudar Givaldo?

Silas, Arnaldo e Bob se adiantaram. Eram experientes em manutenção de equipamentos. China também, pois era engenheiro mecânico.

— Mas vocês vão continuar como reservistas, não é, seus pilantras? — Ivan perguntou, rindo. — Se acham que vão poder parar de matar zumbis, estão muito enganados!

— Foda-se, Ivan! Se surgir alguma dessas coisas por aqui, e você a matar sem mim, vai ter confusão das grossas! — Silas deu risada. — E nem adianta pedir: do meu fuzil eu não me separo nunca mais.

Várias pessoas deram risada; aqueles dois eram inacreditáveis. Ivan retomou a palavra:

— Outra coisa, e para esse assunto eu já tenho um nome em mente. — Ele se virou para a jovem médica. — Sandra, nós precisamos de um posto de saúde. Mas de preferência um bem completo, que nos permita fazer cirurgias, se necessário.

Dados os perigos que temos que enfrentar, eu acho fundamental.

— Sem problemas, posso cuidar disso. No entanto, serão necessários equipamentos, material cirúrgico, remédios e mais um monte de coisas. Como iremos conseguir tudo isso? — Sandra indagou.

— Do mesmo jeito que iremos conseguir tudo o mais que precisamos: invadindo — Ivan afirmou, com simplicidade.

Sandra sorriu. Pelo visto iriam fazer uma excursão a algum hospital muito em breve. Era melhor ela começar a polir seu fuzil, pois ele teria muito trabalho pela frente de novo. Sandra jamais pensara em erguer um único dedo para outro ser vivo antes de aquilo tudo acontecer. Agora, isso se tornara algo banal. Se as suas contas não estivessem erradas, no dia da invasão ela matara mais de sessenta zumbis.

Alguns se prontificaram a ajudar Sandra na organização do posto de atendimento. Pelo visto, ela era a única com conhecimento médico, ou pelo menos assim parecia. Quando iam iniciar o próximo tópico, o cabo Oliveira se apresentou:

— Tenho conhecimento de primeiros socorros, inclusive já os usei em operações de conflito com traficantes. Posso ajudar você. — Oliveira sorriu para Sandra.

A loira sorriu de volta, e logo se poderia notar uma química entre os dois. Apesar de terem passado alguns dias juntos trancados no quartel, só naquele momento Oliveira e Sandra se deram conta da presença um do outro. Estela percebeu na hora. Ainda estava um pouco sensível após a tarde que passara com o marido e, num movimento involuntário, segurou a mão de Ivan. Ele nem desconfiava, mas seria o primeiro casamento celebrado dentro daquele grupo.

— Temos também a necessidade de estabelecer um sistema de comunicação eficiente, mas o soldado Souza aqui presente será o responsável por essa parte. — Ivan sorriu para o soldado.

— Sim, senhor, eu já sei o que fazer. Será um prazer, senhor, afinal esse sistema de comunicação quase custou a minha vida. — o soldado Souza respondeu, sorrindo também.

Era incrível ele conseguir sorrir ao se lembrar de certos eventos do quartel de Caçapava. Mas Souza era um profissional e fora treinado para superar seus medos.

— Outro assunto que precisamos resolver diz respeito a um desafio grande que teremos pela frente: a alimentação. Por enquanto, temos comida, mas o grupo é grande, e ela não vai durar para sempre. Vamos estocar mais ainda, porém, temos que pensar a longo prazo, em produção de alimentos. Para isso, Estela tem algumas ideias. — E Ivan passou a palavra para a esposa.

— Muito bem, como Ivan disse, vamos tomar algumas providências imediatas. Precisamos aumentar, e muito, nossos estoques, e para isso, basta irmos ao hipermercado. É aqui ao lado, dá para ir a pé. Mas é muito arriscado ficar entrando e saindo de lá, de qualquer jeito. Vou montar uma força de ocupação temporária, até

conseguirmos esvaziar a última prateleira. É preciso fazer o mesmo com o shopping, mas esse já está razoavelmente seguro. — Estela olhou em volta para ver se todos estavam de acordo.

Sim, todos concordavam. De uma vez só os problemas que mais angustiam aqueles indivíduos vinham sendo solucionados.

— Depois iremos repetir a estratégia nos demais supermercados da região, e assim por diante. Reuniremos todos os recursos possíveis, aos montes. Isso nos dará tempo para providenciar nossa própria produção de alimentos — Estela prosseguiu.

— O que você tem em mente? Eu morei na fazenda dos meus pais durante cinquenta anos, posso ajudar — prontificou-se um senhor negro de uns sessenta anos. — Meu nome é Orlando.

— Perfeito, você vai me ajudar, então. Na prática quero aproveitar os espaços verdes para plantar verduras e legumes. E também conseguir matrizes de peixes para enchermos o lago do condomínio. Sei que ele é pequeno, mas será um reforço na despensa. E, sobretudo, quero criar animais. Nem que para isso tenhamos que expandir o espaço do condomínio, mas quero planejar uma forma de criarmos vacas, bois e galinhas.

Aquilo causou assombro.

— Calma aí, Estela, isso não é um exagero? Não quero vacas andando por aqui, enchendo tudo de estrume! — uma senhora reclamou, horrorizada. — Se vamos buscar tanta comida assim nos supermercados e shoppings da cidade, não vejo motivo para fazer tudo isso! Somos apenas duzentas e poucas pessoas pelo que me falaram, pelo amor de Deus!

— Somos duzentas e poucas pessoas, por enquanto — Ivan interrompeu. — Essa é a próxima parte do plano: vamos resgatar mais gente e trazer para cá.

Como ele e Estela previram, aquela notícia desencadeou uma verdadeira confusão. Várias pessoas falavam ao mesmo tempo, reclamando e gesticulando. Algumas se mostravam bastante exaltadas.

— Isso é um absurdo! Por que temos que nos arriscar pelos outros? — um homem reclamou.

— Vai faltar comida para nós se fizermos isso! — uma mulher vociferou.

— Onde essa gente irá morar? Essas casas são propriedades privadas, sabiam? E se os donos aparecerem? Aliás, quem deu o direito a vocês de se instalarem nas casas deste condomínio e sair tomando decisões, posso saber? — uma outra disparou, cruel.

— Silêncio! — Ivan gritou no microfone, tão alto que doeu os ouvidos de todos.

Ficaram todos quietos. Ele estava furioso. Esse era um traço marcante da sua personalidade. Ivan era muito calmo e muito diplomático, mas realmente falava grosso quando ficava irritado. Exatamente como agora.

— Vamos esclarecer algumas coisas a partir deste momento, está bem? — Ivan iniciou, um pouco mais contido. — Ninguém aqui irá questionar a propriedade de ninguém, está claro? Nós não desalojamos pessoa alguma, e estamos ocupando apenas casas que estavam abandonadas. Se algum proprietário surgir, o que eu acho improvável por motivos óbvios, nós devolveremos o imóvel e suas coisas imediatamente, entenderam? Agora, eu realmente sinto muito pelos incomodados, mas não peçam para irmos embora, pois não iremos. Corremos sérios riscos para conseguirmos chegar aqui, não vamos abrir mão de nada.

— É assim? Viramos uma ditadura? Eu comprei minha casa com o meu dinheiro e do meu marido, que Deus o tenha. Pois eu digo que não quero vocês aqui. O que tem a dizer sobre isso? — a mesma mulher argumentou, mordaz.

— Eu digo que se vocês quiserem muito que a gente vá embora, a gente vai — Ivan falou simplesmente.

Estela, Silas, Bob, Adriana, Oliveira e todos os outros do grupo olharam para ele imediatamente, achando que o líder tinha enlouquecido.

— Digo mais: podemos partir amanhã mesmo. É isso o que vocês, moradores e legítimos proprietários deste condomínio, desejam? — Ivan se dirigia àqueles que ajudara a salvar.

Com exceção de umas duas pessoas, ninguém se manifestou a favor daquela injustiça.

— Pois eu digo que vocês devem ir, sim! Não acho que isso é uma questão a ser votada, isso é a lei do país. Invasão de domicílio é crime! — a mulher voltou à carga, colérica.

— Está bem. Você venceu. Meus amigos, preparem os tanques, recolham todas as armas e a comida que trouxemos, pois vamos embora. Reginaldo, o ônibus tem combustível certo? Prepare-o para viajarmos, está bem?

De novo a confusão começou, duas vezes pior. Agora as pessoas não discutiam, gritavam.

— Ei, você não pode fazer isso! Se tirar aquele ônibus, os mortos-vivos vão invadir tudo de novo! Você está louco? — a mulher falou, assustada.

— Desculpe, minha senhora, mas o ônibus e as armas são propriedade nossa, nós roubamos tudo honestamente. E vamos precisar deles para nos instalarmos em algum lugar, portanto... — Ivan iniciou, sendo interrompido por Bruno:

— Eu não quero saber! Eles não vão a lugar nenhum! Sou um dos proprietários mais antigos deste condomínio e já fui síndico várias vezes. Os incomodados que se retirem! Eu voto por jogar a dona Jacira para fora daqui, ela que vá lá para fora discutir seus direitos com as feras! — Bruno bradava, de dedo em riste.

Vários gritaram em apoio. Um, mais afoito, levantou-se e pegou Jacira pelo braço, dando a entender que ia arrastá-la para fora pessoalmente. A mulher gritou,

apavorada.

— Solte-a! Agora! — Estela gritou, dispensando o microfone.

O homem olhou para ela assustado e obedeceu imediatamente, deixando a pobre mulher assustada em paz.

Ivan mandou todos se tranquilizarem, mas demorou um bocado para a calma se estabelecer. Depois de cinco minutos de bate-boca e falatório, os ânimos finalmente arrefeceram.

— Vocês estão entendendo a situação em que nos encontramos agora ou será que vou ter que ser mais claro? — Ivan perguntou, sério. — Nós dependemos de vocês, e vocês dependem de nós. Se permanecermos juntos, continuaremos vivos. Se nos separarmos, morreremos todos, até a última criança e idoso. Essa não é uma decisão difícil de tomar, na realidade é muito simples, porque só existe uma opção inteligente. Ou será que alguém mais acha que eu estou ficando louco? — Ele olhou agora diretamente para Jacira.

— Está bem, Ivan, concordamos que precisamos de vocês, e vocês, de nós. É claro que podem ficar, até porque se vocês não tivessem aparecido eu não sei o que iria acontecer. Fazia três dias que eu e minha família não tínhamos mais comida — Bruno falou. — Mas sou forçado a concordar com alguns dos presentes: por que temos que buscar outras pessoas? Por que temos que nos arriscar lá fora e ainda por cima ter mais bocas para alimentar?

— Bruno, eu poderia dar várias razões. Poderia falar que é a coisa certa, que é imoral deixar nossos semelhantes morrerem de fome e sede ou ficarem à mercê dos mortos-vivos. Poderia inclusive apelar para a Bíblia e dizer que é pecado não estender a mão aos necessitados e, por isso, iremos para o inferno se não ajudarmos. Mas direi o óbvio: não temos gente suficiente para manter este lugar seguro a longo prazo. A cidade de São José dos Campos deve estar infestada por centenas de milhares de zumbis. Centenas de milhares! Vocês fazem ideia do que é isso? Parece lógico para vocês que apenas duzentas pessoas consigam sobreviver a isso? — Ivan encarava um por um.

— Ivan, quanto tempo você espera que fiquemos aqui? — Bruno perguntou.

— Para sempre, se tudo der muito certo. O mundo mudou, meus amigos, e quanto mais nós demormos para aceitar isso, pior será. — Ivan abriu os braços. — Ninguém veio! Nem um avião, helicóptero, nada! Estamos sozinhos, e provavelmente permaneceremos assim para sempre. Se vocês acham que a cavalaria aparecerá a qualquer momento para resolver tudo, aqui vai uma novidade: nós somos a cavalaria!

Ivan meneou a cabeça.

— Quero que olhem para seus filhos e entes queridos, agora! — ele ordenou.

Vários obedeceram.

— Imaginem aqueles que vocês amam sozinhos nesse inferno daqui a vinte ou trinta anos. É o que vai acontecer, somos muito poucos! Em trinta anos, a maioria esmagadora de nós terá partido sei lá para onde, e os que sobrarem terão que se virar. É isso o que vocês querem? Não é o que eu quero para os meus filhos, de jeito nenhum! — Ivan se mostrava agora muito preocupado. — Quero que eles tenham uma vida, e para isso, teremos que ser em um número muito, mas muito maior de pessoas. Vocês estão achando que nossos recursos mais importantes são as nossas armas, os nossos tanques e a comida que estocamos; mas eu digo que nossos principais recursos, nossos principais ativos estão aqui mesmo, sentados nessas cadeiras. — Apontou para o grupo, que ouvia, atento.

Aquelas pessoas finalmente começaram a compreender. A salvação estava no próximo, no outro. Se todas as balas acabassem, ainda assim teriam uma chance se fossem vários.

Jacira quebrou o silêncio:

— Ivan, minha irmã e meus sobrinhos moram no Jardim das Indústrias. Nós poderíamos, por gentileza, começar por lá? — ela pediu.

Outros a imitaram, pois de repente começaram a lembrar que tinham familiares e que eles poderiam estar na mesma situação em que se encontravam apenas alguns dias atrás: famintos, encurralados e apavorados.

Ivan suspirou. Eram pedidos absolutamente razoáveis, tinham que tentar. Pelo menos agora estavam todos na mesma sintonia, e isso era muito bom.

— Muito bem, vamos sortear, ok? Todos que quiserem opinar sobre qual deve ser o próximo lugar que iremos ajudar, venham até aqui e escrevam numa folha, depois iremos sortear e definir uma ordem. Em alguns dias realizaremos nossa primeira excursão, portanto, preparem-se. — E assim Ivan encerrou a primeira assembleia.

* * *

Assim que o dia amanheceu, Ivan e Estela saíram com as crianças. Tomaram café da manhã juntos no refeitório e depois o casal levou os filhos até a creche. E, finalmente, foram até a administração do condomínio, que foi transformada em quartel-general. Definiram que aquele seria o ponto de encontro para o planejamento das atividades do dia, e eles tinham muitas coisas para fazer.

Givaldo, Silas e o resto da equipe de manutenção ficaram de estudar o que poderiam fazer com relação ao gerador, por isso, iriam até o shopping com mais algumas pessoas armadas. Despediram-se levando os rádios; em caso de emergência entrariam em contato.

Ivan pediu para Oliveira, Silva, Souza e Dias iniciarem já o treinamento dos aspirantes a soldados, e distribuiu as tarefas de patrulhamento do bairro. Com isso, estava livre para atacar uma das suas principais prioridades. Chamou Sandra, Zac,

Bob, Adriana, Gisele, Estela e Reginaldo, pois queria um posto de saúde imediatamente.

— Está na hora de visitarmos um hospital. Qual será o escolhido? — Ivan perguntou.

— Acho que o Hospital Vivale é uma boa opção — Estela sugeriu. — Voto por irmos para lá em dois tanques.

Todos concordaram. Tratava-se de um dos maiores hospitais da cidade e ficava perto, pouco mais de um quilômetro de distância. Seria dureza, mas estavam mais preparados do que nunca.

— Então vamos, precisamos tomar alguma providência quanto aos seus ferimentos, estou preocupado. — Ivan se dirigia a Zac.

A aparência dele melhorara, mas estava bem longe do normal. O nariz ficara num ângulo anômalo, bem como o maxilar, e por isso ele emitia um chiado quando respirava. Além disso, saía uma secreção das suas narinas, sem parar. E o corte do rosto estava infeccionado, a dor que ele sentia era absurda. Zac só conseguia permanecer em ação movido pelo imenso ódio pelos zumbis.

— Não precisa se preocupar, chefe! Estou adorando meu novo *look*. Venho fazendo o maior sucesso com a mulherada! — Com isso, Zac deu uma clara alfinetada em Gisele, que agora evitava até ficar perto dele.

— Mas nós vamos resolver isso assim mesmo. Não deixaremos que você fique assim. — E com isso Ivan encerrou o assunto.

Prepararam-se com os armamentos de praxe. Apesar de algumas resistências entre os membros daquele time, para Ivan aquela era a formação ideal, uma equipe focada e feroz na medida certa.

Embarcaram em dois Urutus e deixaram o condomínio. Toda vez que um veículo precisava sair, alguém ficava encarregado de dar marcha a ré no ônibus, e depois o devolvia ao lugar correto. E sempre ficavam alguns soldados vigiando a entrada para impedir que alguma criatura entrasse. Havia muitos mortos-vivos circulando por aquela área, parecia que eles nunca acabariam. Não perderam tempo atirando naqueles seres, precisavam poupar as balas.

— Precisamos invadir outro quartel. Quero mais munição e armamentos, nunca é demais — Ivan comentou casualmente com Estela e Reginaldo; os demais estavam no outro veículo.

— Acho que está cada vez mais fácil fazer isso. Depois do que fizemos no condomínio, não considero mais nada impossível. — Estela checkou a munição.

Ela percebeu que tinha algo incomodando Ivan. Ele estava muito pensativo.

— O que houve? Tem algo errado? — Estela perguntou.

— Não, acho que não. Na realidade, não sei — Ivan comentou, com o olhar distante.

— Dá para ser um pouco mais claro? — Estela sorriu.

— Não sei... é apenas uma sensação ruim. Só não sei o que é — Ivan respondeu.

Estela tranquilizou o marido. Tudo o que eles haviam planejado dera certo. Eles tinham abrigo, comida, armamento e, acima de tudo, perspectivas. O que poderia dar errado?

* * *

A Penitenciária Doutor José Augusto César Salgado ficava na cidade de Taubaté. Era um presídio famoso por ter abrigado alguns dos criminosos mais famosos do Brasil, do megacontrabandista Law King Chong a Marcos Valério Fernandes de Souza, pivô de um dos maiores escândalos de corrupção da história do país, o Mensalão.

Ali ficavam também assassinos famosos, como o Cabo Bruno, Lindemberg Alves, que sequestrou e assassinou a namorada, Eloá, os irmãos Cravinhos, do célebre caso Richthofen, o jornalista e assassino confesso Pimenta Neves, e vários outros “criminosos celebridades”.

Porém, nos últimos cinco anos a penitenciária se transformara no destino preferido da Secretaria de Segurança Pública para os prisioneiros de um grande grupo de extermínio que atuou durante anos no ABC Paulista. O bando fora desmantelado numa ação conjunta da polícia militar, polícia federal e até mesmo do exército brasileiro, e mais de quarenta dos seus membros mais perigosos foram enviados para Taubaté.

Quando explodiu a crise dos mortos-vivos, por uma ironia do destino e desafiando as estatísticas, cerca de metade desse contingente de criminosos permaneceu normal, se é que poderiam ser consideradas pessoas normais pelos critérios psiquiátricos vigentes. Foi a primeira de uma série de terríveis coincidências.

* * *

Ivan invadiu o Hospital Vivale com sua equipe pela entrada principal. Eram duas grandes portas de vidro temperado que davam acesso a uma recepção ampla com diversos assentos. À direita ficavam os sanitários e as salas de triagem, à esquerda, os consultórios e o acesso para os quartos, salas de exames e o centro cirúrgico.

Trancaram as portas, mantendo parte dos zumbis do lado de fora, e começaram a cumprir o ritual de praxe, matando tudo o que se movia. Alguns vinham vestidos de médicos, outros com vestimentas de pacientes. Mas, felizmente, não havia muitos, não mais do que duas dezenas de criaturas. Em pouco tempo, estava tudo calmo.

Pegaram de tudo: gases, ataduras, seringas, esparadrapos, bolsas de soro, bisturis, anestésicos, estetoscópio cardiológico, aventais e máscaras cirúrgicas, termômetros,

monitor de pressão arterial, cilindro de oxigênio, respirador portátil, antitérmicos, antibióticos, anti-inflamatórios e até mesmo três macas desmontáveis.

Retornaram ao condomínio quase três horas depois de saírem, com os veículos abarrotados de materiais. Sandra tinha tudo o que precisava para tentar corrigir os problemas faciais de Zac. Agora vinha a parte mais difícil: a cirurgia propriamente dita. Sandra se ocupou de repassar mentalmente seus conhecimentos sobre aquele tipo de procedimento. Não seria uma tarefa fácil, mas iria tentar assim mesmo.

Quando chegaram, Givaldo e os demais já haviam retornado; estavam agora estudando a central elétrica do condomínio. As notícias eram promissoras.

— Boas novas! O parque de geradores do shopping é enorme, muito potente mesmo. Também não poderia ser diferente, foi feito para manter centenas de lojas funcionando em caso de apagão, não é? Com ele poderemos gerar energia para mais de duzentas casas, porém precisaremos de muito diesel. — Givaldo estava empolgado. Sentia-se útil novamente, e isso lhe injetara um ânimo totalmente novo.

— Sem problemas, iremos até a distribuidora mais próxima e encheremos um caminhão tanque. Mapeie as casas e verifique quais irão receber energia e quais estão vazias e permanecerão desligadas. Na realidade, podemos manter todas desligadas durante o dia e ligarmos à noite, certo? — Ivan também se empolgou com a notícia. — De quanto tempo vocês vão precisar?

— Será preciso um guindaste para erguer aquele monstro, vamos providenciar um primeiro — Givaldo falou, pensativo.

— Uma empilhadeira resolveria? — Ivan sugeriu.

— Creio que sim. Você sabe onde podemos arrumar uma?

— Pode apostar, Givaldo! — Logo em seguida Ivan reuniu a equipe de ataque; estava na hora de invadirem o hipermercado.

A operação para tomar o Extra Hipermercado foi bastante complicada. Já no estacionamento tiveram que matar várias criaturas até conseguirem acessar uma entrada próxima aos caixas eletrônicos. Enfiaram os três Urutus dentro do prédio, perto de uma lotérica, uma agência de viagens e uma lavanderia. Por pouco os três carros não couberam. Depois disso, fecharam as portas de vidro, ficando trancados por dentro.

Aquela era a principal estratégia que Ivan e Estela tinham criado e que eles vinham repetindo à exaustão. A melhor forma de lidar com os zumbis era invadir o local desejado e se trancar lá dentro, para que eles nunca precisassem se preocupar caso outras criaturas chegassem para atrapalhar.

No piso térreo do hipermercado havia algumas poucas lojas diversas, nas quais encontraram alguns mortos-vivos. Mataram todos rapidamente e seguiram para o piso superior.

Subiram as esteiras rolantes de armas em punho e arrasaram o local. Abateram

muitas criaturas, uma a uma. Dividiram-se em grupos passando um corredor de cada vez.

Com a falta de energia elétrica muitos alimentos, como carnes e frutas, tinham apodrecido, e o lugar estava cheio de moscas e baratas. O cheiro também era horrível.

Num dos carrinhos tinha até mesmo um recém-nascido que fora acomodado num bebê-conforto, e agora se debatia, transformado em um minúsculo zumbi. Ivan olhou para aquilo, chocado, e o matou rápido. Depois empurrou o carrinho para um canto. Não queria que Estela visse aquilo.

Invadiram o frigorífico, o estoque e até mesmo as salas de administração. Precisavam ter certeza absoluta de que o lugar estava realmente livre. Não queriam ter que se preocupar com zumbis no momento em que estivessem carregando alimentos ou produtos de limpeza.

Eram quase cinco horas da tarde quando finalmente pararam para descansar, exaustos. Mas estava tudo bem, mais uma missão fora cumprida. Deram cabo de mais de cem zumbis, e estava tudo limpo. Ou quase tudo.

Estela reparou numa porta que permanecia fechada. Nela havia uma placa em que estava escrito “Refeitório”.

— Alguém entrou ali? — Estela franziu a testa.

— Acho que não, faltou essa. — E Ivan foi em direção à porta.

Tentou abrir, mas não conseguiu, estava trancada. Ele deu um passo para trás e chutou a porta com violência. Derrubou-a no terceiro chute, com o resto do grupo pronto para entrar atirando. Quando entraram, porém, encontraram um pequeno grupo de mulheres apavoradas, encolhidas dentro da cozinha contínua ao refeitório.

O grupo se aproximou delas com calma, não queria piorar as coisas. Após a experiência do condomínio, eles sabiam o quanto algumas pessoas ficavam neuróticas de tanto estresse e podiam se tornar violentas.

Estela se apresentou e conversou com elas, tranquilizando-as. Eram sete mulheres ao todo que trabalhavam no hipermercado e se trancaram no refeitório para se salvar. Elas vinham, esse tempo todo, sobrevivendo com a comida estocada na cozinha, que por sinal já estava acabando.

Depois de alguns instantes, desceram com elas até um dos blindados, onde as mulheres ficaram sob a proteção de Estela e Adriana. Os outros providenciaram o que foram buscar, no caso, duas empilhadeiras com capacidade para erguer duas toneladas e meia cada uma, o suficiente para erguer o gerador e colocá-lo sobre o caminhão.

Deixaram o Extra já de noite, mas com planos para voltar no dia seguinte, quando iniciaram o processo de transporte de comida e outros produtos. Eles voltaram para o condomínio trazendo consigo as sete sobreviventes. Aquele seria o novo lar delas.

Quando chegaram, Ivan e Estela foram direto conversar com Sandra, que ficara de montar o posto de saúde numa das casas. Eles gostaram bastante do que viram. Prateleiras cheias de medicamentos diversos, equipamentos já em processo de esterilização. Dois quartos da casa já haviam sido transformados em dormitórios hospitalares improvisados. Estavam preparando um minicentro cirúrgico, diversas pessoas se empenhavam em desinfetar a casa toda. Obviamente, trabalhavam à luz de velas, mas em alguns dias isso também seria sanado.

— Acho que estamos indo bem, certo? — Ivan perguntou, admirado.

— Sim, estamos mesmo! Eu já me lembrei de mais algumas coisas que estou precisando, quero voltar ao hospital amanhã, pode ser? — Sandra respondeu, empolgada.

Mal podia se conter de felicidade. Depois de tantos anos frequentando a faculdade de medicina uma das coisas mais frustrantes que ela sentia era justamente não poder exercer a profissão para a qual se preparara a vida toda.

— Considere feito. Juntaremos a mesma equipe e voltaremos amanhã. — E Ivan se afastou.

Quando olhou para trás, ele viu o cabo Oliveira indo puxar conversa com a moça que ficava toda sorridente perto dele. Ivan sorriu também; achava que eles combinavam.

Ivan e Estela conversaram com Givaldo, que providenciaram também um caminhão-tanque de diesel numa refinaria de combustível que ficava na região norte da cidade. Difícil mesmo fora colocar a monstruosidade para dentro do condomínio, com tantos mortos-vivos à espreita.

— Precisamos afastá-los, Ivan. Todas as vezes que saímos tivemos que abater um monte deles na volta. Eles nunca acabam, são como uma praga — Givaldo falou, com uma das mãos apoiada no caminhão-tanque, como se fosse um prêmio.

— Eu sei, eu sei. Trouxemos lança-chamas de Caçapava, quero fazer uma experiência. Talvez se torrarmos os desgraçados eles aprendam a manter distância. — Ivan ficou pensativo, pois, ao invadir o condomínio, os milhares de disparos atraíram uma quantidade incalculável de zumbis, e eles não se dispersavam de jeito nenhum. — Por quanto tempo esse diesel será capaz de alimentar o gerador?

— Não sei ao certo. Acredito que será suficiente para uns dois meses, se não gastarmos muito. O gerador é regulável, podemos fazê-lo gerar mais ou menos energia, de acordo com a necessidade — Givaldo respondeu. — Depois de amanhã descobriremos qual vai ser nossa demanda, aí dará para calcular melhor.

— E quanto de diesel tinha na refinaria? — Ivan quis saber.

— Deve ter milhões de litros estocados lá, é o suficiente para anos de operação, fique tranquilo. — Givaldo sorriu.

Ivan também se informou sobre o andamento do treino dos novos soldados.

Aparentemente, estava correndo tudo bem; em breve poderiam ser utilizados em uma missão externa ou pelo menos ajudar na patrulha. Precisavam de mais pessoas para se revezar na segurança.

Estela aproveitou aquele momento e pediu para Ivan não sair dali, pois ela já voltaria. Em alguns minutos ela apareceu com o fuzil. Estava com uma dúvida que só o marido poderia sanar.

— Você era um exímio atirador na época do exército, certo? — Estela perguntou, destravando o fuzil.

— Sim, fui o campeão de tiro da minha turma. E sou bom ainda. Pelo que descobri, isso é como andar de bicicleta — Ivan respondeu, sorrindo.

— Sim, tenho certeza de que é exatamente igual... — Estela comentou distraída, conferindo a munição. — Na realidade, eu queria umas dicas de tiro.

— Não vejo necessidade, você é excelente. De longe é uma das melhores do grupo — Ivan falou com uma pitada de orgulho na voz.

— Eu sei disso, também estou feliz com meu desempenho. Mas quero mais. Quero ser capaz de matar uma dessas coisas a centenas de metros de distância.

— Não quero te desanimar, mas acima de cem metros nem eu consigo — Ivan afirmou, pensativo.

— Isso não significa que seja impossível, certo? — Estela ponderou.

— Não, não é impossível mesmo.

— Então? — Estela perguntou.

— Ok, você venceu. A primeira coisa que precisa saber é que a bala não voa indefinidamente. Na prática, uma bala de fuzil não permanece em voo por mais do que uns quatro segundos, isso dependendo do modelo.

— Só isso? Tem certeza? — Estela indagou, surpresa.

— Sim, é tudo uma questão de pura matemática. Tente mirar naquele alvo. — Ivan apontou para uma parede onde os soldados tinham improvisado um alvo pintado para as aulas de tiro.

O alvo estava muito longe, talvez a uns duzentos metros de distância.

Estela olhou aquilo e engoliu em seco; era distante demais. Mas tentaria assim mesmo. Apontou o fuzil, prendeu a respiração e não puxou o gatilho, mas apertou-o exatamente como o pai lhe ensinara.

Apesar da postura perfeita de Estela e da precisão da arma, a bala atingiu o muro rente ao chão e dois metros à esquerda. Não fora tão ruim, mas definitivamente ela não teria matado um atacante com aquele disparo.

— Como pode? Tenho certeza de que apontei bem no centro! — Estela reclamou, chateada.

— Simples. Essa arma tem alcance de novecentos metros. Isso significa que se você dispará-la para a frente, novecentos metros à frente a bala vai tocar no chão.

Mas isso não significa que ela vai cair de uma vez, ela segue uma trajetória de queda gradual — Ivan explicou. — Portanto, considerando uma pessoa com uma altura média de um metro e setenta, podemos concluir que a bala cairá um metro e setenta num espaço de novecentos metros. Isso dá quanto a cada, digamos, cinquenta metros?

— Cerca de dez centímetros — Estela respondeu rápido, fazendo a conta de cabeça.

Nesses momentos era uma vantagem ser uma analista de sistemas sênior que vivia cercada de números todos os dias.

— E a quantos metros estamos do alvo? — Ivan indagou.

— Não faço a menor ideia! — Estela foi sincera.

— Busque pontos de referência, olhe em volta. Se for o caso, calcule a distância até algum ponto próximo, e depois imagine quantas vezes você consegue inserir essa distância no espaço entre você e o alvo. — Ivan sorriu.

Estela olhou os postes de iluminação. Imaginou um homem caminhando entre um poste e outro, e assim concluiu a distância. Depois contou o total de vãos. Era tudo aproximado, mas ela chegou a um resultado.

— Cerca de duzentos metros. Nossa, parecia muito mais! — Estela comentou, admirada.

— Maravilha. Isso significa que sua bala vai cair quantos centímetros daqui até lá?

— Quarenta centímetros! Que coisa, foi mais ou menos isso mesmo que aconteceu. Mas a bala atingiu à esquerda do alvo, o que houve, Ivan? — Estela se sentia empolgada.

— O vento. O vento está soprando da direita para a esquerda. Lembre-se disso: quanto mais vento, mais deslocamento. Só depois de muito treino que você aprenderá qual a taxa de deslocamento que seu fuzil sofre a cada velocidade do vento. Portanto, tenha sempre em mente que a longa distância mirar no centro do alvo é perda de tempo.

— Então eu deveria ter mirado quarenta centímetros acima, e isso é relativamente fixo a essa distância. E também deveria ter mirado à direita do alvo, porque o vento empurrou minha bala para a esquerda?

— Basicamente é isso. Venha aqui, experimente isso. — Ivan puxou Estela pela cintura e posicionou-a na sua frente. Ele encostou seu corpo ao dela de uma forma maliciosa.

— Tem certeza de que isso faz parte da aula?

— Claro que sim!

— Entendi! Então seu instrutor te ensinou assim? — Estela perguntou, cruel.

— Muito engraçado. Levante a arma e mire. — Ivan colou o rosto no de Estela,

para ter a mesma visão que ela.

Ivan olhou junto com Estela por um instante. Ela tentava fazer o que ele pediu: mirava firme acima do alvo e à direita. Mas tinha um vício, estava com um dos olhos fechados.

— Abra bem os dois olhos, apenas um vai trair você — Ivan falou suavemente, próximo ao ouvido de Estela.

Ela se arrepiou inteira, mas manteve-se firme, apesar do sorriso no rosto.

— Assim está perfeito. — Ivan ainda a segurava pela cintura, colada ao seu corpo. — Quando você estiver pronta, pode atirar.

— Você tem duas horas para sair daí... — Estela brincou, tentando manter o foco no alvo, lutando contra a provocação deliciosa do marido.

Quando apertou o gatilho, a bala emitiu um assobio, atingindo praticamente o centro do alvo. Ivan e Estela piscaram diante daquela cena improvável.

— Eu consegui... — Estela comentou, perplexa.

— Meu Deus, você quer casar comigo? — Ivan se virou lentamente para a esposa.

— Já fiz isso faz tempo...

Os dois se olharam nos olhos e depois se beijaram. Naquela noite, acabariam fazendo amor de novo.

Combinaram tirar alguns minutos todos os dias para treinar aquele fundamento com diversas armas diferentes.

Ivan passou o resto da noite distribuindo ordens e recomendações. Fez uma reunião com Estela e Orlando; queria saber o que eles planejavam quanto à produção de alimentos.

— Conheço muitas fazendas na região. Podemos tentar conseguir alguns animais, além de sementes e mudas; o que vocês acham? — Orlando iniciou.

— Acho ótimo, só não sei se temos espaço suficiente. — Estela ficou pensativa. — Creio que teremos que invadir o espaço atrás do condomínio, que pertence ao Clube Thermas do Vale. Poderemos transformá-lo numa fazenda.

— Boa ideia! O clube tem apenas uma entrada protegida por um portão. Reforçamos essa entrada, colocamos alguns guardas e teremos espaço de sobra para criar animais e plantar. Lá tem muitas áreas verdes, e ainda por cima deixaremos os moradores mais felizes, sem vacas circulando entre as casas — Orlando comentou, sorrindo.

Nos dias seguintes, diversos assuntos foram abordados ao mesmo tempo. Eles melhoraram a distribuição das tarefas de vigilância, o que deu mais tranquilidade para missões externas. Em alguns momentos chegavam a sair com todos os Urutus simultaneamente para ganhar mais tempo.

Exatamente como previram, eles conseguiram fazer o gerador funcionar, o que

devolveu a energia elétrica para o condomínio. Foi uma grande festa não precisar mais tomar banhos frios e viver à luz de velas.

Um grupo de combate tomou de assalto o Clube Thermas do Vale de forma muito similar ao que fizeram com o Condomínio Colinas, numa operação que levou dois dias entre matar zumbis e se livrar dos cadáveres. Com isso, o espaço físico aumentou muito. Como o condomínio e o clube eram separados apenas por um muro, bastou abrir uma passagem interligando ambos e o acesso estava garantido.

O Clube Thermas do Vale tinha um espaço físico considerável, eram milhares de metros quadrados de área verde, além de inúmeras piscinas. Também contava com um pequeno zoológico, mas os animais estavam todos mortos, muitos devorados pelos zumbis que vagavam pelo local. E agora pertencia à comunidade.

Conseguiram pôr o posto de saúde para funcionar também, e o primeiro paciente da doutora Sandra foi Zac. Médica e paciente conversaram juntos com Ivan sobre os procedimentos que seriam adotados.

— Seu problema, Zac, chama-se D-ATM, ou disfunção da articulação temporomandibular — Sandra explicou. — Em termos leigos, é como se sua mandíbula estivesse desencaixada, por isso, estala quando você fala e está causando tanta dor no rosto e na cabeça. Você também deve estar sentindo que os seus dentes não estão alinhados corretamente, acertei?

— Exato, meus dentes de baixo estão para a frente. — Zac levou a mão à boca.

— Sim, e seu nariz está fraturado, e agora a cartilagem já está se recompondo fora do lugar, o que é muito comum cerca de dez dias após o trauma. Por isso, seu nariz escorre sem parar e sangra — Sandra continuou.

— E como nós consertaremos isso? — Zac perguntou, preocupado.

— Teremos que quebrar seu nariz de novo e recolocá-lo no lugar correto para que se recomponha da forma certa. Quanto à mandíbula, teremos que devolvê-la à posição correta. Não estou certa se tem alguma fratura, infelizmente não disponho de um raio X, e o do hospital não está funcionando. Vou abrir e avaliar — Sandra respondeu com toda a sinceridade.

— Vou tomar anestesia? — Zac estava ficando apreensivo com aquela história toda.

— Sim, anestesia geral — Sandra garantiu, deixando-o mais tranquilo. — Não se preocupe, porque você não vai ver nem sentir nada.

— E o resto do meu rosto? O corte foi muito grande, tem algo que possamos fazer? — Zac soltou parte do curativo e mostrou de novo para Sandra.

— Não posso te prometer nada com relação a cicatrizes. É muito provável que o seu rosto fique marcado para sempre. Quanto a isso eu lamento muito Zac. — Sandra se sentia mal por não ajudar mais.

— Tudo bem, fica tranquila. Não dá para fazer milagre, certo? — Zac falou, por

fim. — Amanhã vai ser o grande dia, então?

— Sim, começaremos logo cedo.

No dia seguinte, Zac enfrentou o centro cirúrgico improvisado. Ivan e Estela o acompanharam até o momento de ele entrar na cozinha adaptada. Aquele cômodo não fora projetado para aquilo, mas era todo azulejado e foi completamente desinfetado. Portanto, era a melhor opção de que dispunham. Colocaram iluminação extra bastante potente, cilindros de oxigênio e até mesmo um cardiógrafo para acompanhar a frequência cardíaca.

— É isso aí, pessoal. Vai começar a festa! — Zac falou para Ivan e Estela, tentando manter-se calmo.

— É isso aí, vai lá e vê se não apronta. — Ivan sorriu. — Não é para mexer nos equipamentos de Sandra.

— Nem um pouco? — Zac piscou, levando um tapa de Sandra no ombro.

Quando estavam na porta, Zac se virou para Ivan e Estela.

— Ivan, me desculpa por todas as besteiras que eu te falei, está bem? Vocês conseguiram botar a gente no caminho certo, entende? Se não fosse por vocês dois, aposto que todos nós teríamos morrido... Eu só queria te agradecer... — Zac falou, sem jeito.

— Fica tranquilo, meu irmão, está tudo bem. Não pensa mais nisso, não, se concentra em ficar bom, viu? — Ivan segurou a mão de Zac.

— Só mais uma pergunta: Gisele falou alguma coisa? Ela vem me ver? — Zac indagou, esperançoso.

Ivan e Estela ficaram sem graça. Estela tentara convencer a jovem a ir com eles para dar apoio moral, mas não houve acordo. Gisele gostava de aparência, e a de Zac naquele momento deixava muito a desejar.

— Não, Zac, ela está muito ocupada hoje, sabe? Eu passei várias tarefas para Gisele resolver. Desculpe-me, responsabilidade minha. — Ivan tentava poupar os sentimentos do pobre rapaz.

— Sim, claro, sem problemas. — Zac ficou magoado. — Bom, vamos lá, está na hora do show!

Em seguida, Zac, Sandra e Oliveira, que atuaria como assistente, entraram no corredor que levava ao centro cirúrgico, fechando a porta. Ivan e Estela ficaram do lado de fora, de mãos dadas. Não sairiam dali até receberem alguma notícia.

O procedimento levou mais de três horas. Depois deixaram-no descansar um pouco.

Em seguida, Zac foi levado para o quarto. Estava com o rosto todo enfaixado. Sandra amarrara a gaze prendendo o queixo dele no lugar correto. Zac não conseguiria falar por alguns dias, e teria que viver na base da sopa por um tempo, mas o fato era que a cirurgia correria muito bem.

— Perfeito, Sandra, meus parabéns! — Ivan a cumprimentou entusiasmado. — Viu só, grandão? Em alguns dias vai ser vida nova, certo?

Zac fez sinal de positivo com a mão. Mas ele não parecia muito feliz; muito pelo contrário. Estava triste.

Ivan e Estela entendiam perfeitamente por que Zac estava daquele jeito, e não havia nada que pudessem fazer a respeito. Não podiam obrigar Gisele a gostar dele. Pelo visto, ela era superficial demais para se importar.

Despediram-se de Zac prometendo que voltariam no mesmo dia para visitá-lo e foram se reunir com o resto da equipe. Givaldo estava quebrando a cabeça sobre como resolver a falta de água em várias casas. A água não tinha pressão suficiente para chegar até todo o condomínio, e na prática ele tinha certeza de que era uma mera questão de tempo para acabar por completo.

— Furem um poço artesiano — Ivan sugeriu. — Podemos montar uma caixa d'água em algum ponto elevado e bombeamos a água do poço até em cima, e de lá distribuimos para todo o condomínio. Que tal?

— Vai ser o jeito. Tem uma empresa especializada nisso lá no Jardim Imperatriz. Vejamos o que tem de equipamento lá para nós usarmos. — Givaldo deu de ombros. — Deixa comigo chefe, vamos transformar este condomínio num verdadeiro *resort*.

— Acho que está mais para um hotel fazenda — Orlando brincou. — Está chegando a hora da operação de invasão da fazenda para podermos trazer os primeiros animais. Estamos pensando inclusive em fazer um churrasco de comemoração, não é, Estela? — Ele piscou para a amiga, que sorriu de volta.

Estela simpatizou com aquele senhor, ele era muito bem-humorado.

Os dias voavam, e Ivan não parava de repassar suas anotações. Já tinham atendimento médico, o estoque de comida estava assegurado por bastante tempo, agora que o hipermercado fora tomado, tinham espaço para produzir alimentos, a força de combate e defesa deles aumentaram, havia energia elétrica, e ele acreditava que resolver a questão da água era mera questão de tempo. Tudo isso em algumas semanas. Estavam indo muito bem.

— Certo, pessoal, chegou o momento de passarmos para a próxima fase, que todos vocês já sabem qual é. Vamos buscar mais sobreviventes; já passou da hora — Ivan falou.

CAPÍTULO 11

SOBREVIVENTES



QUANDO ESTIVERAM EM CAÇAPAVA, Ivan decidira que havia um item que eles precisavam providenciar de qualquer jeito, e isso quase custara a vida de um dos membros do grupo.

O que ele queria ficava no extremo oposto do quartel, e era algo do qual ele só tinha ouvido falar e queria muito conseguir, e que atendia pelo nome de GMR.

A sigla em inglês GMR significava rádio móvel terrestre. Tratava-se de um sistema de comunicação que combinava diversos recursos, desde ondas de rádio convencional até comunicação via satélite. Ele era capaz de varrer todas as frequências possíveis, e fora criado para possibilitar a comunicação com qualquer lugar do Brasil e do mundo.

Esse projeto havia sido desenvolvido justamente com o intuito de resolver o problema de comunicação tática, pois os rádios convencionais serviam apenas para comunicação entre tropas, e os mais potentes no máximo interligavam as unidades aos seus respectivos quartéis. Também havia a comunicação via satélite, muito conveniente em regiões montanhosas. O problema era que esses sistemas não se comunicavam entre si, o que causava uma verdadeira bagunça dependendo do tipo de comunicação que se pretendia estabelecer.

Por isso, foi criado o programa JTRS, ou sistema de rádio tático em conjunto, que visava desenvolver as tecnologias necessárias para que o GMR fosse viável. O projeto foi desenvolvido por empresas norte-americanas especializadas em comunicação militar, demorou quinze anos para ser finalizado e consumiu seis bilhões de dólares dos cofres públicos. Infelizmente, o GMR foi uma boa ideia que não vingou. Por uma série de fatores, o produto final foi um sistema de rádio potente e capaz de interligar seus usuários com qualquer lugar do planeta, mas de móvel ele não tinha nada, pois pesava noventa e três quilos. Quando contou essa parte para Estela no dia em que planejaram a invasão do condomínio no telhado do shopping, ela precisou se controlar muito para não dar risada. Nessas horas sentia vergonha de ser brasileira.

Assim, o GMR entrou para a grande galeria de projetos que gastaram muito e que não tiveram resultados práticos. Houve um consenso de que ele poderia ser um ótimo rádio fixo, mas jamais seria uma unidade móvel eficiente. Ou seja, era uma péssima opção para os militares. Mas perfeito para as intenções de Ivan.

Por isso, eles reviraram o prédio onde se concentravam as tarefas administrativas à procura do GMR. Ivan o queria a qualquer custo.

Entraram por corredores, invadiram salas, derrubaram portas e mataram muitos zumbis, mas parecia que não encontrariam o maldito rádio.

De repente, o soldado Souza teve uma ideia. Ele ouvira falar, certa vez, que o último andar do prédio passara por uma grande reforma antes de o GMR entrar em operação, em 2012. Decerto as mudanças foram realizadas justamente para acomodar o novo sistema.

Conversou com Ivan e expôs seu palpite. Ele gostou do que ouviu. Era mesmo um bom ponto de partida. Por isso, subiram as escadas, tentando alcançar o último pavimento do edifício.

Quando chegaram ao último andar, revistaram um conjunto de salas vazias, até chegarem a uma com uma placa de aço escovado onde se liam as palavras “Comunicações Táticas”.

Empolgado, o soldado Souza tentou abrir a porta, e, como não conseguiu, pegou distância e a arrombou com o ombro. Chegou a escutar Ivan gritando para ele não fazer aquilo, mas era tarde demais.

Ivan já havia aprendido uma lição sobre lugares fechados. Lembrava-se muito bem dos prédios pelos quais ele e sua família passaram procurando ajuda, no dia do grande fenômeno. Dentro deles quase sempre havia mortos-vivos. Era a lógica, uma proporção enorme de pessoas se transformara; e, se uma porta estava trancada, ou alguém se trancou lá dentro para se proteger ou os zumbis não tinham conseguido sair e estavam apenas aguardando que alguém os libertasse. Exatamente como Souza acabara de fazer.

E como os mortos-vivos ouviram o barulho dos tiros, estavam todos de pé e próximos à porta. Todos os dez.

Souza caiu no meio dos zumbis. Eles o agarraram por todos os lados, tentando mordê-lo enquanto ele se debatia, desesperado, procurando se soltar. Ao ver aquilo, os demais combatentes ficaram todos sem ação por um instante. Ou melhor, *quase* todos ficaram sem ação. Ivan largou o fuzil e sacou a pistola do coldre — era necessária precisão naquele momento, atirar com o fuzil mataria Souza crivado de balas.

Ivan explodiu a cabeça do zumbi mais próximo de Souza com um tiro, e ele caiu sobre o pobre soldado, lavando-o de sangue e miolos. O zumbi era grandalhão, um ex-soldado de mais de cento e vinte quilos, e por isso mesmo salvou a vida do

rapaz: o corpanzil do zumbi cobriu Souza, protegendo-o mesmo que parcialmente das outras criaturas.

Os demais imitaram Ivan e sacaram as pistolas, atirando para todos os lados. Mais dois mortos-vivos tombaram sobre Souza também, quase esmagando-o sob tanto peso. O infeliz não conseguia respirar — estava sufocando com o sangue sobre o rosto, não tinha uma única mão livre para desobstruir as narinas e mais de duzentos quilos de carne inerte esmagavam seu peito.

Souza sentiu que ia desfalecer. Ouvia um zumbido dentro da cabeça, e os sons iam ficando cada vez mais longínquos, os estampidos das armas iam desaparecendo até tudo ficar num silêncio total. Pensou na sua família, na sua mãe e na ex-namorada para a qual ele tanto sonhara em pedir desculpas e reatar o namoro. Mas tudo isso ia desaparecendo, à medida que ele mergulhava rumo ao abismo da inconsciência.

Foi nesse momento que sentiu o peso aliviar e, enfim, conseguiu puxar um pouco de ar pela boca. Depois o peso diminuiu mais um pouco e então se sentiu livre, conseguindo encher os pulmões do valioso oxigênio de que tanto precisava. Quando abriu os olhos viu Ivan e Estela debruçados sobre ele, olhando-o com preocupação.

— Você está bem? — Ivan perguntou para Souza, puxando-o pelo braço e forçando-o a se sentar.

Souza demorou alguns instantes para responder. Usou as mãos para limpar o rosto de todo o sangue e restos de massa encefálica. Em seguida, se ateve a fazer um sinal de positivo com o dedão. Ivan suspirou, aliviado.

Esperaram alguns instantes até o soldado se recompor, e depois entraram na sala, não sem antes ouvirem um sermão de Ivan sobre quais seriam os procedimentos para arrombar outras portas, se necessário.

A sala era ampla e arejada, e tinha uma ampla mesa de comunicação, ligada a diversos computadores. Numa pequena sala contígua, similar a um almoxarifado, encontraram o que eles queriam: duas unidades GMR, cada uma instalada em uma pequena mesa de madeira feita sob medida com rodinhas para facilitar a movimentação. Colocaram as duas unidades no bagageiro do ônibus e prosseguiram com a missão.

Agora estava na hora de utilizar o GMR, por isso Ivan pediu para Souza preparar uma pequena sala no QG deles, que serviria de central de comunicações. Como ele era um soldado experimentado, não fazia sentido utilizá-lo para uma tarefa tão operacional, por isso, Ivan treinou uma mulher chamada Ariadne dentre as moradoras do condomínio para operá-lo.

A ordem de Ivan era simples, porém bastante chata de executar. Ariadne deveria varrer sistematicamente diversas frequências, tentando estabelecer contato com sobreviventes e outras unidades militares. Todos os dias, o dia todo, simples assim.

A pobre mulher suspirou com a tarefa, que parecia monótona demais, mas acatou as ordens. Afinal, todos tinham que ajudar, e ela não seria exceção.

E, assim, começou a procura por outras pessoas que poderiam estar precisando de ajuda em algum lugar. Com aparelhos desde PX até *walkie-talkies*, eles teriam condições de encontrar todos, uma vez que tivessem a sorte de ter alguém transmitindo.

Enquanto Ariadne fazia suas buscas por sobreviventes, Ivan e Estela começaram a organizar a primeira investida de resgate. O escolhido pelo sorteio foi o Condomínio Aquarius II.

Ivan gostou da escolha. Em comparação ao Condomínio Colinas aquilo seria um passeio no parque, pois o Condomínio Aquarius II era muito menor. Não devia ter nem cem casas, e dispunha de uma única entrada, pelo que Ivan era capaz de lembrar, o que facilitava a sempre tão importante manobra de contenção dos zumbis do lado de fora.

Por ser um condomínio muito pequeno, pretendiam realizar toda a ação, resgatar os sobreviventes e removê-los de lá, trazendo-os para o Condomínio Colinas. Não fazia sentido criar um plano para manter as pessoas em suas casas sendo que dispunham de espaço de sobra.

Assim, logo cedo saíram para a missão de resgate, vinte e quatro pessoas distribuídas em seis veículos. Instalaram o sistema de som em um dos Urutus para poder avisar os moradores. E Ivan estava certo de que encontrariam alguém, tinha um forte pressentimento.

Subiram a avenida São João e depois entraram com os blindados na rua do condomínio, a mesma pela qual Ivan, Estela e as crianças subiram no dia em que o mundo inteiro enlouqueceu. Quando passaram por lá naquela noite, havia vários mortos-vivos trancados pelo lado de dentro, socando os portões e tentando sair.

Havia zumbis pela rua que tentavam alcançar os veículos, mas Ivan e seus homens os ignoraram. Os blindados pararam em frente ao condomínio, e China começou a falar ao microfone. Avisava para os sobreviventes manterem-se abrigados e longe de portas e janelas, pois o resgate estava a caminho. Enquanto isso, os zumbis se acumulavam no portão do condomínio e cercavam os tanques da mesma forma como acontecera durante a invasão do Condomínio Colinas.

Depois de aguardarem alguns minutos para que eventuais sobreviventes se preparassem, Ivan e seus soldados abriram fogo. Massacraram primeiro os zumbis do lado de fora, até não sobrar nenhum. Em seguida, Reginaldo avançou com o Urutu, arrombando o portão e invadindo o condomínio. Quatro carros entraram e dois ficaram parados na entrada. Juntos praticamente obstruíam a passagem, mas estavam equipados com algumas armas extras que ajudariam a manter demais mortos-vivos distantes.

Quando as criaturas começaram a surgir, atraídas pelos tiros, os soldados Oliveira e Silva prepararam-se. Subiram até o topo dos Urutus, cada com uma mochila metálica nas costas conectada através de um tubo flexível de metal até hastes metálicas de cerca um metro e meio cada uma, que por sua vez acabavam num bocal mais largo.

Quando o primeiro grupo de zumbis chegou a cerca de três metros de distância, os soldados acionaram os gatilhos dos lança-chamas, que cuspiram uma verdadeira onda de fogo sobre as criaturas. Imediatamente uma dúzia de mortos-vivos começou a correr desorientada, batendo em outros seres que também pegavam fogo. O caos se instalou; ficaram se batendo uns nos outros iguais a baratas atordoadas. Os soldados pararam de disparar; a missão deles era manter a entrada segura enquanto os outros limpavam o condomínio, e aquilo deveria ser o suficiente por enquanto. Por fim, descobriram um tipo de arma capaz de dispersar aquelas criaturas, que pareciam nunca se intimidar com nada.

Dentro do condomínio, Ivan, Estela, Herald, Bob, Adriana, Gisele e diversos outros trabalhavam naquilo que faziam de melhor: matar zumbis. Trucidaram todos os que avistavam, lavando as ruas de sangue. Encerraram a operação em cerca de uma hora; de fato o condomínio era muito pequeno.

China voltou a falar nos alto-falantes, avisando que quem estivesse dentro das casas poderia sair, pois não havia mais perigo. E mais uma vez sobreviventes foram surgindo. Alguns traziam as mãos cobrindo os olhos, por terem dificuldade em enfrentar a luz do sol, após dois meses de confinamento. Muitos vinham visivelmente doentes e desnutridos, similares a prisioneiros libertos de um campo de concentração.

O grupo conduziu as pessoas para dentro dos Urutus, enquanto Ivan fazia a contagem. Ao todo, cerca de trinta indivíduos deixaram as casas. Ivan pediu para China repetir a mensagem por mais uma hora. Depois emitiram os últimos avisos e, por fim, ele ordenou a retirada. Não invadiriam casa por casa, não fazia sentido correr tanto risco por um lugar que não pretendiam ocupar.

Retornaram antes das onze horas; fora muito mais fácil do que esperavam. Estacionaram os veículos e deixaram os socorridos a cargo de Sandra e de outras pessoas; eles precisavam de comida e cuidados médicos urgentes. Enquanto isso, Ivan e o grupo descansavam um pouco.

— Vamos arrebentar outro? — Ivan perguntou para Estela, bebendo um copo de água.

— Dois num dia? Gostei disso, eu topo — ela respondeu.

Naquele momento, Zac chegou juntando-se a eles. Ainda trazia o rosto cheio de curativos e vinha caminhando devagar, amparado por Marina, a nova voluntária do posto de saúde, uma bela moça ruiva de cerca de vinte e cinco anos. A cirurgia fora

bastante invasiva, em parte pela extensão das lesões e em parte pela falta de prática de Sandra naquele tipo de procedimento. Por isso, ele estava guardando o máximo de repouso possível.

— E aí, grandão, tudo bem? Como está se sentindo hoje? — Ivan indagou, sorridente.

— Bem chefe, bem. Um dia de cada vez, certo? — Zac esboçou algo que lembrava um sorriso. Já conseguia falar, mas com muita dificuldade.

Mal ele se aproximou, e Gisele levantou-se, indo embora. Ivan e Estela se entreolharam. Desde o acidente ela ignorava Zac, e agora parecia estar piorando.

— Ela está brava comigo porque eu dei uma intimada nela — Zac falou, com um olhar pensativo.

— O que foi que você disse para Gisele? — Estela quis saber.

— Perguntei até quando ela ia me ignorar. Falei também que se eu não estivesse com a cara toda ferrada ela não ia me tratar assim. — Zac baixou os olhos, triste.

— O que ela respondeu? — Estela temeu estar sendo inconveniente.

— Não falou nada, se levantou e saiu, puta da vida. — Zac deu de ombros.

Não fora só isso o que Gisele dissera, mas Zac não queria lembrar todos os detalhes da conversa.

Ivan e Estela não sabiam o que dizer. Estela não queria que Zac soubesse o que ela pensava de Gisele e suas intenções com relação a Ivan; aí sim ele ficaria magoado de verdade. Mas ele já sabia. Tinha sido um dos tópicos da conversa dele com a *personal trainer*.

Zac ficou mais alguns instantes com eles, e então Marina o incentivou a voltar para a cama. Ele ainda não estava em condições de ficar andando por aí. Ivan e Estela se despediram de Zac e voltaram para falar com o grupo sobre a possibilidade de realizarem mais uma missão de resgate naquela tarde.

Consultaram os demais, e todos afirmaram sua disposição para repetir a dose. Por isso, pegaram mais munição e tornaram a sair, dessa vez com destino ao Jardim das Indústrias.

Ao rumar para sua próxima missão, Ivan parou por um instante e deu-se conta da sorte que tivera; quase ninguém teve sua família poupada como a dele. Praticamente todas aquelas pessoas carregavam nas costas o peso da morte dos seus entes queridos mais próximos, menos ele e Estela. Óbvio que pensava nos pais às vezes, mas eles moravam em São Paulo, e não tinha como ir atrás deles. No entanto, sua esposa e seus filhos foram poupados, e aquilo era uma sorte indiscutível. No entanto, Ivan não acreditava em acaso. Um dia descobriria os motivos que fizeram com que ficassem a salvo.

Dessa vez, lutariam num bairro aberto, o que era bem mais complicado. Precisariam ser muito rápidos, pois os mortos-vivos não parariam de vir. Mas Estela

teve uma boa ideia para tornar tudo mais fácil.

— O veículo do soldado Oliveira seguirá à frente até o fim da rua e irá parar, fechando a passagem. O carro do soldado Silva será o último, e também fechará a passagem, impedindo o avanço dos zumbis. Nós ficaremos no meio e tentaremos encontrar alguém. Vamos repetir essa manobra quarteirão por quarteirão — Estela sentenciou.

Todos aprovaram; ela estava se tornando uma estrategista melhor do que Ivan.

O Jardim das Indústrias era um bairro residencial bastante calmo, com ruas estreitas e poucos prédios, a maioria pequenos edifícios de quatro ou cinco andares. Pelas ruas havia poucos estabelecimentos comerciais, como padarias e açougues. Era um bairro de classe média baixa, uma opção mais acessível aos caríssimos condomínios que tanto faziam sucesso em São José dos Campos.

E assim, eles trabalharam a tarde toda. Por sorte encontraram poucos zumbis. Por se tratar de um espaço aberto Ivan imaginou que as criaturas talvez estivessem dispersas.

E também conseguiram encontrar mais gente viva. Aquela estava se tornando uma rotina gratificante. À medida que encontravam sobreviventes, colocavam-nos nos veículos. Alguns queriam levar malas, utensílios, fotos, documentos e todo tipo de tralha, mas os soldados os proibiam; não tinham tempo a perder.

Em uma das ruas enfim toparam com um problema de difícil solução. Havia um prédio de cinco andares diante do qual pararam. Assim que China começou a falar ao microfone, dezenas de mortos-vivos saíram do prédio e se acotovelaram no portão, tentando sair para alcançar os soldados. Eles observaram aquilo com serenidade; não era a primeira e decerto não seria a última vez que topariam com uma cena daquela.

Mas quando fizeram menção de seguir em frente, começaram a ouvir gritos pedindo socorro. Ivan procurou a origem do som, e viu que se tratava de uma senhora aparentando uns setenta anos que estava na sacada de um apartamento no último andar, acenando, desesperada. Os zumbis também ouviram os gritos e começaram a entrar de novo. Tinham acabado de encontrar comida mais acessível. Quando ela viu que as criaturas estavam voltando para dentro, para ir atrás dela, começou a gritar mais alto e soluçar.

— Pelo amor de Deus, me ajudem! Eles estão vindo! Não quero morrer, por favor! — a infeliz implorava; ao pedir ajuda revelara seu esconderijo.

Ivan chamou Estela. Consultou também Souza. Aquela seria uma jogada perigosa.

— Senhor, é loucura. Matar zumbis atirando de dentro de um tanque é uma coisa. Agora, invadir um prédio pequeno, com corredores apertados e escuros, cheio de feras é algo completamente diferente, concorda? — Souza afirmou, sério.

— Não podemos deixá-la lá dentro, é culpa nossa ela ter se revelado. Se ela

morrer, a responsabilidade será toda nossa — Ivan respondeu, resoluto.

— Senhor, todos os manuais de combate dizem que missões de alto risco devem ser decididas de acordo com o custo benefício. E o custo pode ser alto; podemos perder vários soldados e armas para resgatar uma civil. Lembre-se do que o senhor aprendeu no exército — Souza argumentou.

— Meu amigo, será que você me odiaria muito se eu te fizesse uma revelação? — Ivan perguntou pelo rádio.

— Ivan, eu sei o que você vai dizer. Você não é e nunca foi sargento, certo? — Souza perguntou.

— Exatamente. E por isso mesmo não sigo as regras das forças armadas — Ivan revelou com toda sinceridade.

Souza suspirou. Não ia ter acordo.

— Eu sei, Ivan, foi por isso mesmo que nós o seguimos, mesmo sabendo que você estava mentindo — Souza também sincero. — Que se foda, então, vamos buscar aquela pobre coitada.

Ivan, Estela, Souza e mais três soldados desembarcaram. Ivan ordenou que tanto Oliveira quanto Silva mantivessem os mortos-vivos distantes com os lança-chamas pelo maior tempo possível. Não fazia ideia de quanto duraria aquela manobra.

— Nunca fizemos isso antes — Estela comentou, preocupada.

— Para tudo na vida existe uma primeira vez, certo?

— Sim, Ivan — Estela concordou. — Inclusive morrer.

— Ninguém vai morrer hoje. Eu garanto. — Ivan mostrava um olhar sinistro.

Com tiros de fuzil Ivan estraçalhou a trava do portão, abrindo-o. Entrou na frente, seguido de perto pelos outros. Ouviu um barulho já conhecido: Silva estava disparando com o lança-chamas no final da rua. Isso significava que eles tinham pouco tempo, os zumbis já estavam a caminho.

Avançaram pelo pequeno hall de entrada, onde à esquerda havia um elevador, e à direita, uma escada. Seria por ali que eles subiriam. Não viam nenhum sinal dos mortos-vivos, porque todos subiram.

Subiram a escada com cuidado. A escuridão não era total porque havia pequenas janelas no meio de cada lance de escadas, mas cada hall estava completamente escuro. Como os fuzis tinham pequenas lanternas na parte superior, eles iluminavam o caminho com elas, mas não chegava a resolver o problema, pois havia sombras por todos os cantos.

Atingiram o primeiro hall de apartamentos onde viam quatro portas, duas abertas e duas fechadas. Ivan ficou na dúvida se deveriam vasculhar os apartamentos. Tinha medo de serem pegos pelas costas.

— Estela, proteja a retaguarda, está bem? — Ivan falou para a esposa, que ficou no fim do grupo, sempre atenta.

Estavam no meio do segundo lance de escadas quando Estela disparou, e ouviram um som de um corpo batendo no chão. Ivan e os demais olharam para trás assustados, mas ela tranquilizou todos:

— Está tudo bem, eu o peguei. Prestem atenção aí na frente, os tiros vão atrair outros.

E Estela tinha razão. Saíram mais quatro zumbis dos apartamentos do primeiro andar, e vários outros começaram a descer pelas escadas na direção deles. Estela abriu fogo, sem preâmbulos, derrubando o primeiro zumbi. O próximo tentava passar por sobre o cadáver do primeiro atacante, que ficou atravessado na escada, mas ela não deu nenhuma chance: a rajada de tiros seguinte abriu uma trilha de buracos na parede até atingir e arrancar o topo do crânio da criatura, que caiu para trás.

Os corpos dificultavam o avanço dos mortos-vivos que vinham atrás, mas da mesma forma eles também iriam obstruir a passagem na volta. Porém, não adiantava pensar naquilo agora, tinham que avançar.

— Pegou todos? — Ivan perguntou, sempre avançando.

— Não, faltam dois que ficaram para trás. Vamos em frente, eu os acerto na volta — Estela respondeu, limpando o suor do rosto com a manga do uniforme.

Chegaram ao segundo andar atirando, outras criaturas os aguardavam. Surgiam do nada, das sombras, pareciam se materializar como num passe de mágica.

Um zumbi apareceu de repente e agarrou Souza pelo braço, mordendo-o logo em seguida. Por sorte, o tecido do uniforme era muito grosso, e ele não atingiu sua carne. Mas, ao tentar se desvencilhar da fera, Souza se desequilibrou e rolou as escadas, passando no meio do grupo, atracado com o zumbi que rosnava enfurecido. O fuzil dele ficou caído no meio do hall. O soldado lutava com a criatura caído no meio do lance de escadas quando percebeu a movimentação ao seu lado. Os dois zumbis que Estela deixara para trás estavam subindo em sua direção; tinham conseguido passar pelos corpos que Estela havia deixado para trás.

Estela desceu rápido, colocando-se entre o soldado e os dois mortos-vivos, e abriu fogo, crivando ambos de balas. Nesse meio tempo, Souza virou seu oponente, derrubando-o com as costas contra o chão. Ato contínuo, sacou a faca que trazia na cintura e enfiou-a no olho do ser, esmagando o globo ocular e penetrando até o fundo da caixa craniana. Com um pouco mais de força ele teria partido a cabeça do zumbi ao meio. Ao fundo, continuavam ouvindo os tiros disparados no segundo andar, Ivan e os demais não tinham voltado também para ajudar porque estavam ocupados demais naquele momento.

Estela estendeu a mão para ele e ajudou-o a se erguer. O soldado estava pálido de tensão, pois pensou realmente que fosse morrer.

— Mil perdões, a culpa foi minha! — Estela falou, arrependida. — Eu devia ter matado aqueles dois antes.

— Sem problemas, está tudo bem. Obrigado por me ajudar. — Souza recolocou a faca na cintura e sacou uma pistola Beretta; agora precisava recuperar seu fuzil. — Já é a segunda vez que eu quase morro, estou muito azarado!

Juntaram-se ao resto do grupo, que acabara com a última fera. Havia oito caídos no hall. Souza procurou seu fuzil, mas não o encontrou.

— Deve ter ficado debaixo de um dos zumbis, acho melhor deixar para lá. Temos mais armas nos tanques — Ivan falou.

— Eu sei, estou mais preocupado é com o agora. — Souza ergueu a pistola à frente, na altura dos olhos.

Seguiram em frente vencendo mais dois lances de escada, ouvindo sempre os gemidos e lamentos dos mortos-vivos, que pareciam vir de todas as direções. A cada novo avanço, que era sempre muito cauteloso, mais zumbis tombavam. Do lado de fora começaram a ouvir as metralhadoras de 12,7 milímetros; aquilo era um mau sinal.

— Os lança-chamas não estão sendo suficientes, precisamos encerrar por aqui logo — Ivan apressou os companheiros.

Quando chegaram ao último lance, o grupo de zumbis contra a porta da senhora que havia pedido socorro era tão numeroso que ocupava todo o hall e também parte da escada. Estavam tão concentrados em tentar abrir a porta que nem perceberam a aproximação do grupo de soldados.

De uma só vez, abriram fogo, matando as primeiras criaturas pelas costas. Quando os demais mortos-vivos avistaram-nos, abandonaram a porta e começaram a descer as escadas, pisando, tropeçando e até mesmo rolando sobre os cadáveres dos zumbis abatidos apenas alguns segundos antes.

Ivan e os outros continuaram atirando, matando tudo o que tentava se aproximar deles e recuando à medida que a massa de feras avançava. Retrocederam até o quarto andar, quando enfim Souza arrebentou a cabeça do último zumbi. Depois disso, o prédio inteiro ficou silencioso.

— Acho que acabou. — Ivan tirou o capacete por um instante para secar o suor da testa. — Vamos lá, vamos buscar aquela mulher.

Bateram na porta, chamando pela senhora que tinham ido buscar. Ela abriu a porta, assustada, segurando um terço.

— Eu sabia que vocês viriam, eu pedi para Deus, e ele atendeu minhas preces — ela falou com lágrimas nos olhos.

Ivan sorriu e pegou-a pela mão, apresentando a si mesmo e o resto do grupo. Quando fizeram menção de descer, a mulher parou e voltou para dentro do apartamento. Todos protestaram imediatamente, mas ela retornou rápido. Trazia uma caixa cheia de cachorrinhos.

— Por favor, deixem-me levá-los. São apenas filhotes! — ela suplicou.

— Só deixo se a senhora der um para uma menininha muito valente cujo cachorrinho foi morto por uma dessas coisas — Ivan respondeu, sorrindo.

— Sem problemas, dou sim! — ela respondeu, feliz.

Ivan se virou para Estela e falou, brincando:

— Viu só como valeu a pena virmos? Ganhamos um cachorro! — comentou, sorrindo.

Em seguida, saíram do prédio e voltaram aos tanques, indo finalmente embora para casa.

* * *

Quando chegaram ao condomínio, dona Jacira os esperava perto da entrada, impaciente. E quando o tanque de Ivan abriu a porta e a senhora que eles tinham resgatado saiu, Jacira explodiu de alegria.

— Alcione! Minha irmã, graças a Deus você está viva! — Jacira correu para abraçar a irmã mais velha.

Ficaram ali, juntas, com as lágrimas se misturando, de rostos colados.

— Achei que nunca mais veria você, Alcione!

— Você tinha razão, amor, realmente valeu a pena. — Estela olhou para Ivan, enquanto acariciava a cadelinha que pretendia levar para Mônica, sua nova filha adotiva. E já tinha uma sugestão de nome para aquele bichinho: Esperança.

* * *

Na cidade ao lado também ocorria muita movimentação. Uma coincidência terrível que acontecera em Taubaté foi a quantidade de prisioneiros que não viraram zumbis. De um total de quase quatrocentos encarcerados, cerca de cem não se transformaram. A maioria era de prisioneiros de alta periculosidade, alguns com penas superiores a duzentos anos.

Juntos, eles conseguiram dar conta da maior parte dos mortos-vivos e trancaram os que sobraram no pátio que usavam para o banho de sol, e depois mataram os poucos guardas que sobraram, com exceção de um. O chefe dos carcereiros foi mantido vivo, pois era de uma utilidade toda especial.

Eles obrigaram o pobre homem, um senhor de quase sessenta anos que estava em vias de se aposentar, a levá-los até o arsenal da prisão. Lá, fizeram uma festa, pois havia mais de vinte escopetas calibre .12 e diversos revólveres Taurus calibre .38. Quase metade deles tinha armas agora, os outros se armaram com estiletes e pedaços de pau.

Antes de escaparem da prisão, alguém deu uma sugestão macabra, que foi apoiada pela maioria. Jogaram o chefe dos carcereiros no meio do pátio, junto com

os zumbis.

O grupo aplaudiu e vibrou quando o homem travou a boa luta e resistiu quase cinco minutos, até finalmente ser subjugado e dilacerado vivo pelas criaturas. Depois disso abriram os portões e saíram para a rua.

* * *

Pouco mais de trinta dias se passaram e as coisas no condomínio caminhavam muito bem. Givaldo e os demais conseguiram finalmente furar o poço artesiano, fazendo a água brotar da terra. Depois, construíram uma grande estrutura com uma caixa d'água de grande porte que conseguiram numa loja de materiais para construção, além de bombas elétricas para puxar a água.

Levaram quinze dias, mas ao final conseguiram atingir o objetivo. Foi uma grande alegria quando as pessoas abriram as torneiras de suas casas e a água jorrou com abundância. Alguns fizeram questão de tomar banhos superdemorados, o que até causou uma falta de água momentânea. Ivan deu risada, mas depois advertiu a todos.

— Precisamos economizar, está bem, pessoal? Sei que todos estão felizes, e eu também estou, mas ainda não temos capacidade suficiente para servir todas as casas com um consumo muito alto. Givaldo e os outros vão providenciar mais caixas d'água, e as coisas vão melhorar, mas por enquanto vamos nos conter, ok? — Ivan fez o pedido, mas feliz por tudo estar dando tão certo.

Outra frente que avançava rápido era a produção de alimentos. Estela organizou uma missão gigantesca, com cinco caminhões e vários blindados com o intuito de trazer animais para serem criados no espaço que invadiram do Clube Thermas do Vale.

Antes disso, liberaram muito espaço. Transformaram as piscinas em tanques de criação de peixes e destruíram tudo o que não tinha utilidade prática. Limparam grandes porções de terra para plantio e deixaram tantas outras com vegetação para os animais pastarem.

No dia planejado, rumaram para Jacaréí. Já tinham feito uma excursão de reconhecimento até a fazenda, e Ivan constatou que Orlando tinha razão. A fazenda era gigantesca, tinha muitas cabeças de gado, galinhas e outros animais. Contava com diversos lagos abarrotados de peixes. E havia ali também centenas de zumbis, que já haviam matado inúmeros animais.

— Perfeito, Orlando, é exatamente disso que nós precisamos. Vamos levar tudo o que pudermos, mesmo que precisemos ir e voltar várias vezes. — Estela estava radiante. — Só precisamos nos apressar antes que os mortos-vivos acabem com todos os animais.

A invasão ocorreu sem maiores problemas. Agiram dessa vez com uma equipe de cinquenta soldados, muito mais do que dispunham quando invadiram o Condomínio

Colinas. Naquele espaço tão amplo, eliminar os zumbis foi relativamente fácil. O mais complicado foi capturar os animais, apavorados com o barulho dos tiros, e para isso foi preciso uma dose imensa de paciência. Seria um trabalho de longa duração, mas que renderia muitos frutos para o futuro.

As equipes saíam todos os dias providenciando o que fosse necessário. Conseguiram sementes para plantar verduras e legumes, máquinas para arar a terra, equipamentos pesados como tratores e escavadeiras.

Também estocavam comida e produtos de primeira necessidade aos montes, retirando tudo o que podiam de todos os hipermercados. As frentes de trabalho aumentavam vertiginosamente, e ninguém ficava parado; era um esforço constante, frenético.

O posto de saúde improvisado ganhava contornos de um pequeno hospital, com equipamentos variados. Sandra foi conseguindo voluntários. Inclusive resgataram uma dentista que queria cuidar da saúde bucal das pessoas. Ela e Givaldo estudavam como poderiam levar uma cadeira de ortodontista para o condomínio.

Toda aquela pressa, aquele esforço desmedido, tinha um motivo muito simples: a explosão populacional. Ao longo de trinta dias, Ivan e seus soldados resgataram mais de mil pessoas dos pontos mais variados da cidade. O Condomínio Colinas caminhava para voltar a ter a população de outrora, com a diferença de que agora tinha novos moradores.

No dia em que chegaram com as primeiras cabeças de gado retiradas da fazenda em Jacareí fizeram uma grande festa, com direito a um grande churrasco que varou a noite, regado a muita cerveja. Mais do que uma comemoração por conta do gado, aquela era uma forma de tentar deixar para trás os traumas do passado recente. Era o modo de continuar com uma vida minimamente normal.

Outra novidade que Ivan implantou foi com relação à segurança. Eles tinham suspenso as patrulhas no condomínio, mas Ivan não gostava da ideia de não conseguir monitorar corretamente o que acontecia na rua. Queria uma forma de vigilância mais eficiente. Por isso, chamou Givaldo e China para uma conversa.

— Guaritas? Você quer que construamos guaritas? — Givaldo perguntou, perplexo. — Não acha isso um exagero?

— Na realidade, não. Com guaritas ficaríamos muito mais seguros. Nós poderíamos antecipar eventuais ataques se mantivéssemos sempre algumas pessoas vigiando os arredores — Ivan falou, seguro de si.

— Tudo bem, Ivan, se você quiser, eu faço. Mas não vejo necessidade. Os mortos-vivos nunca vão conseguir invadir este condomínio. A sua invenção do ônibus funciona perfeitamente bem, é uma missão impossível passar por aquela monstruosidade. — Givaldo apontou para o ônibus metade blindado.

— Concorde, mas esse lugar é muito grande. Não custa tentar, segurança nunca é

demais — Ivan argumentou.

Givaldo cedeu. Mal definitivamente não ia fazer. Começou a desenhar um projeto com China. Precisariam buscar mais material de construção, pois o que tinham não seria suficiente. Ivan depois ainda complementou o pedido:

— Façam de forma que os zumbis não vejam quem está dentro da guarita, está bem? Se o vigilante ficar visível, vai atiçá-los mais ainda; e a ideia é vigiá-los, e não incentivá-los a nos atacar.

— Você manda, chefe. Vamos fazer e depois você paga as horas extras, combinado? — Givaldo brincou.

Ivan sorriu e se afastou. Precisava comer algo, estava morrendo de fome, e já estava chegando a hora do jantar. Não fazia ideia de que, em breve, aquela comunidade que eles estavam construindo iria sofrer grandes abalos.

* * *

Gisele vinha caminhando tranquilamente por uma das ruas do condomínio. Seguia para o refeitório, como fazia todas as noites, depois de ter tomado um bom banho quente. Usava bermuda jeans e miniblusa, e um tamanco de salto alto.

Gostava da sensação de entrar no refeitório e perceber os olhares de admiração que lhe eram dirigidos. Mas apenas um realmente importava, e esse fazia questão de não notar sua presença, o que a irritava.

Ivan falava com Gisele mil vezes quando estavam em alguma missão, enquanto calçavam coturno, usavam farda do exército e colete à prova de balas, mas ele nunca chegava perto quando ela estava usando todo seu arsenal de sedução. Aquilo lhe parecia muito injusto.

Gisele tentava entender exatamente o que sentia por Ivan. Às vezes achava que estava apaixonada, mas, no fundo, sentia que era algo diferente. Talvez por ser o único homem que não a secava com o olhar; não sabia dizer. Tudo bem que ele era bem casado, mas mesmo assim, soava absurdo tamanha indiferença. Que tipo de homem era aquele?

Estava assim, entregue aos seus pensamentos, quando notou uma movimentação à sua frente. No meio da praça viu um vulto, mas a iluminação era muito fraca. Givaldo reduzira as lâmpadas para economizar a energia elétrica, que era muito limitada.

Gisele parou por um instante. Seria um zumbi? Dentro do condomínio? Não era possível, tinham conseguido garantir a segurança daquele lugar. Por via das dúvidas, sacou a pistola que sempre trazia consigo; se fosse um zumbi iria crivá-lo de balas. Avançou devagar, entrando na praça e mergulhando na escuridão.

* * *

No dia seguinte, Ivan e Estela tomavam café junto com outros membros da equipe de segurança. Dessa vez, Zac uniu-se a eles. Finalmente já estava conseguindo comer alimentos mais sólidos. Ele passou muito tempo tomando apenas sopas e líquidos. Também retornara ao trabalho, mas apenas como vigilante. Ainda não estava em condições de participar de nenhuma missão.

— E então, grandão, pronto para voltar à ativa? As ruas pedem a sua presença! — Ivan perguntou, feliz por ver o rapaz recuperado.

Zac ficara com três cicatrizes grandes no rosto, mas pelo menos o nariz e o queixo voltaram ao normal. Ele também emagrecera muito, perdera uma parte significativa da massa muscular, mas seria uma questão de tempo para retomar o porte de outrora.

De repente, Silas entrou correndo no refeitório. Sua pele escura estava cinza, seus olhos, arregalados, cheios de urgência. Ele avistou Ivan à mesa ao fundo e avançou na sua direção. Ivan e Estela perceberam imediatamente que tinha algo muito errado.

— O que houve? — Ivan ficou de pé num salto.

— Venha comigo, temos um problema — Silas falou, nervoso.

— De que tipo? — Ivan insistiu.

— É melhor que veja com seus próprios olhos — Silas respondeu.

Em instantes, Ivan, Estela, Zac, Herald, China e vários outros membros do primeiro escalão do condomínio olhavam para a cena no meio da praça. Não podiam acreditar. Como aquilo tinha acontecido?

Ivan se abaixou e pegou com a ponta dos dedos a miniblusa de Gisele. Tinha sido rasgada com violência e estava manchada de sangue seco.

— Amor, você tem certeza de que essa roupa era da Gisele? — Ivan perguntou para Estela.

— Absoluta. Eu sempre prestava atenção a ela pelos motivos que você já conhece — Estela afirmou, em voz baixa. — Não há dúvida, eu já a tinha visto usando isso.

Ivan também recolheu a pistola caída, do mesmo modo manchada de sangue. Mostrou para Bruno. Ele fora delegado de polícia durante anos, tinha experiência no assunto.

— Eu realmente não sei dizer o que aconteceu aqui, Ivan. Pensei de imediato que ela poderia ter sido vítima de um zumbi, mas... — Bruno parou de falar e meneou a cabeça.

— Mas algo não se encaixa, não é? — Ivan perguntou.

A parte que não estava se encaixando era óbvia, mas ele não queria tirar conclusões precipitadas.

— Exato. Onde está o corpo? Ou melhor, onde está o zumbi Gisele? Se ela tivesse sido atacada, deveria ter se transformado, certo? E se por algum motivo muito estranho ela não se transformou, onde estão seus restos mortais? Sobretudo,

onde está o atacante, o responsável por isso tudo? — Bruno questionou, criando conjecturas.

— Pois essas são as perguntas que estou me fazendo também. Quando soube do ocorrido, pensei logo que tinha sido obra de um ou mais zumbis, mas agora confesso que já mudei de opinião. Creio que temos em mãos algo completamente diferente. — Ivan enfiou os dedos no cabelo, pensativo.

— E o que você acha que aconteceu? — Bruno perguntou só para constar, pois já imaginava qual seria a resposta.

— Em minha opinião, ela foi atacada por alguém do condomínio. — Ivan não conseguiu esconder a decepção.

* * *

Reuniram todos os moradores na praça. Ligaram o sistema de alto-falantes e Ivan começou a falar, sem preâmbulos:

— Meus amigos, temos uma triste notícia para compartilhar. Uma das nossas moradoras desapareceu, e é provável que esteja morta. Estou falando de Gisele, uma das primeiras pessoas a participar deste grupo e peça fundamental para a criação desta comunidade. — Ele apertou o microfone com tanta força que chegou a estalar.

Os moradores ouviam aquilo com as mais diversas reações, algumas de pesar, outras de medo, e tantas outras de desconfiança. Ivan prosseguiu:

— Ignoro o que aconteceu, mas o sei que dificilmente ela saiu deste condomínio. As entradas são poucas e estão sob vigilância vinte e quatro horas por dia. Mas admito que nossa segurança interna está bastante precária, porque já faz algum tempo que suspendemos as rondas por acharmos que havíamos criado um ambiente seguro para todos nós.

À medida que falava Ivan tentava decifrar o que se passava na cabeça de cada um daqueles indivíduos. Sabia que no meio daquele grupo estava o culpado, só precisava conseguir uma forma de desmascarar o autor daquele crime.

— Por esse motivo iremos vasculhar todas as casas à procura de algum indício, alguma pista que possa nos ajudar a descobrir a verdade — Ivan sentenciou.

Muitos resmungaram e reclamaram, mas a maioria concordou com aquilo. Zac estava logo à frente e se manifestou, com um olhar estranho:

— Ivan, não é mais provável que ela tenha sido atacada por um zumbi? Será que não é o caso de aumentarmos a segurança?

— Faremos isso, pode ficar tranquilo. Voltaremos a patrulhar as ruas, como antes. Também estou impondo o toque de recolher a partir das vinte horas. Após esse horário não quero ninguém além das patrulhas nas ruas, fui claro? — Ivan perguntou com muita autoridade.

Ivan proibiu todos de voltarem para suas casas até segunda ordem. Ele também

fez questão de montar pessoalmente os grupos que iriam se dividir na tarefa de busca, bem como a definição de em quais lugares cada grupo iria procurar. Demorou um pouco para fazer a lista, mas quando ele passou a tarefa de cada grupo ficou clara a sua intenção. Ivan organizou tudo de forma que ninguém procurasse em sua própria casa.

— Você está mesmo desconfiando de nós, Ivan?

— Desculpe, Bob, mas o que está acontecendo aqui era algo fora de cogitação para mim até hoje de manhã. Não posso arriscar, preciso cercar todas as possibilidades. Até segunda ordem, somos todos suspeitos — Ivan afirmou, sem hesitação. Bruno, na sua experiência como policial, quanto tempo se costuma ter para encontrar ainda com vida uma pessoa que foi agredida e sequestrada?

— Em geral, as primeiras quarenta e oito horas são essenciais, sobretudo em casos de crimes sem motivação financeira, como esse. Depois desse prazo, em mais de noventa por cento dos casos só se encontra o cadáver, ou muitas vezes nem isso.

— Quarenta e oito horas. Significa que temos pouco mais de trinta horas, considerando a última vez em que ela foi vista. Muito bem, precisamos nos apressar.

— Ivan pendurou o fuzil no ombro, e se pôs a caminhar junto com seu time de busca.

Passaram horas revistando casa por casa. Abriram armários, guarda-roupas, banheiros, garagens e até mesmo caixas de grande porte. Tiraram as tampas de todas as caixas d'água, e até entraram nos forros dos telhados. Nada.

Foram até o Clube Thermas do Vale, que cada vez mais se parecia com uma fazenda, e também não acharam vestígios. Revistaram até mesmo os tanques e caminhões, sem sucesso. Gisele parecia ter sido tragada pela terra.

Olharam por último no lago. As águas estavam turvas, e, por isso, tiveram que entrar e vasculhar o fundo. No entanto, também não conseguiram nenhuma pista. Estava quase anoitecendo quando Ivan suspendeu as buscas e liberou os moradores para que voltassem para suas moradias.

— Amor, e se a pessoa que fez isso a matou e jogou para os zumbis? — Estela se arrepiou só de imaginar.

— Não teria como fazer isso, as saídas estão sempre vigiadas por três pessoas, vinte e quatro horas por dia — Ivan argumentou.

— Sim; e se as três pessoas fossem cúmplices? Poderiam ter se unido para atacá-la, e depois se livraram do corpo de uma forma que nunca iríamos descobrir, porque os mortos-vivos não deixariam vestígios, certo?

Ivan pesou aquilo por um instante. Não conseguia imaginar por que três pessoas se uniriam para matar Gisele, mas era uma possibilidade plausível, tinha que admitir.

Ivan consultou sua agenda, onde ele organizava toda a escalação dos seguranças dos portões. Tinha até medo de ver quem estava de guarda naquela noite. Havia em

sua mente o nome de apenas uma pessoa que talvez pudesse ter feito alguma coisa contra aquela moça. Apenas uma pessoa que talvez tivesse algo parecido com um motivo.

— Quem estava de plantão ontem era o soldado Oliveira, China e ...Zac — Ivan falou, por fim. Era exatamente o que ele temia.

* * *

Ivan, Estela e Bruno estavam sentados cada um em uma poltrona quando Zac chegou. Vinha escoltado pelos soldados Dias e Silva, ambos armados. Zac olhou feio para Ivan, mas nada disse. Limitou-se a se sentar na poltrona que estava virada de frente para eles.

— E aí, Sherlock, já achou seu culpado então? — Zac indagou, sarcástico.

— Não sei, Zac. Achei? — Ivan perguntou com suavidade.

— Imagino que a minha opinião não vai fazer diferença agora, não é? — Zac devolveu. — Ao que me consta, a única opinião que realmente importa por aqui é a sua, não é mesmo?

— A minha opinião não importa de modo algum. O que importa neste caso é Gisele. — Ivan não ia entrar no joguinho dele.

— Ela ia adorar ouvir você falando isso, sabia? — Zac alfinetou, cruel. — Repita isso, agora mais alto. É capaz de Gisele vir correndo.

Ao ouvir aquilo, Estela respirou fundo. Pelo visto, ela não era a única que notara a quedinha de Gisele por Ivan.

— Diga-me uma coisa: será que você por acaso não percebeu? Talvez você não seja tão cego assim, afinal... — Zac continuou falando, estava disposto a irritar Ivan.

— O que está querendo insinuar? — Ivan cruzou os braços e se recostou na poltrona.

— Não sei, Ivan, não sou inteligente como você! — Zac deu risada, jogando as mãos para cima. — Só posso fazer meras suposições, sabe?

— Você não gostaria de dividir conosco suas suposições? — Ivan perguntou, sério.

— Ora bolas, sei lá! Veja bem, Gisele era um mulherão, concorda?

— *Era* um mulherão? Quer dizer que ela está morta? — Ivan perguntou.

— *Touché!* Estou falando, cara, você não deixa escapar nada! Mas permita-me fazer uma correção, então: Gisele *é* um mulherão! Estamos de acordo nesse ponto? — Zac parecia estar se divertindo.

— Estamos de pleno acordo. Continue.

— Fique de olho nesse cara, Estela! Ele fica reparando nas gostosonas, você vai acabar se arrependendo! — Zac falou novamente, em tom de zombaria. — Deixe-me ver. onde eu estava mesmo? Ah, sim, lembrei! Falávamos sobre o fato de que a

Gisele é a mulher mais bonita e mais gostosa que eu já conheci na minha vida, e ela estava louca de vontade de dar pra você!

Ivan não esboçou reação. Bruno se mexeu na poltrona, desconfortável. Estela mordeu o lábio inferior, mas não moveu um músculo. Zac continuou seu pequeno discurso:

— Então, Ivan, acompanhe meu raciocínio. Perdoe-me por eu não ser um cara esperto como você, mas vou me esforçar. Gisele, no último passa-fora que me deu, me falou que o único homem que mexia com ela de verdade era você! Bom, eu não me surpreenderia se ela tivesse contado tudo para você. Aliás, não me surpreenderia se ela tivesse tentado seduzi-lo. Diga-me, Ivan, você é fiel? Você resistiria a uma deusa como aquela? — Zac falava agora com uma raiva mal contida.

— Não lhe devo satisfações da minha vida; mas sim, eu resistiria. Sou muito fiel à minha mulher — Ivan respondeu, com toda a calma.

— Para a maioria das pessoas deste condomínio, para os seus súditos neste seu pequeno reino particular essa explicação realmente serviria para encerrar o assunto. Mas sabe de uma coisa? Eu ainda me sinto um pouco desconfortável com isso tudo, sabe? Acho de verdade que Gisele pode ter te procurado e contou sobre as fantasias sexuais que tinha com você — Zac cuspiu as palavras em voz alta. — Eu lhe digo mais, paulista! Acho que ela pode ter contado isso e sentado no seu colo, esfregando aqueles peitos cheios de silicone em você! E aposto que se ela fez isso, você passou a vara na perigete, está me entendendo? — Apontou o dedo para Ivan. — E aí, sei lá, talvez você tenha se arrependido. Afinal de contas, um líder como você, casado, pai de uma montanha de crianças, não pode ficar andando por aí traçando as ninfetas. Pega mal, não é verdade? Sinceramente, Ivan, acho que você é tão suspeito quanto eu, está entendendo?

Zac o encarava com puro ódio.

Ficaram em silêncio por alguns instantes. De repente, Zac teve mais uma ideia:

— Ou talvez tenha sido Estela! Vai ver você, Ivan, traçou Gisele, e a sua mulher descobriu e encheu a infeliz de bala! Que tal, Estela? Essa é uma boa teoria também, o que acha? — Zac perguntou direcionando seu veneno para a esposa de Ivan.

Ela, entretanto, não falou nada.

— Entendi, Zac. E será que foi por isso que você a matou? Ficou imaginando se eu estava comendo a gostosona pela qual você se apaixonou e decidiu acabar com a raça dela? — Ivan devolveu. — Você gostava dela, certo? Todo o mundo sabia disso. E, de repente, Gisele falou que estava apaixonada por outro cara, o líder do grupo. Enquanto você... bom, desculpe a franqueza, já não está com essa bola toda. Depois do acidente, sua cara não é mais a mesma de antes.

Zac ficou de pé de um salto e agarrou Ivan pelo pescoço, empurrando-o contra a parede. Ele tinha a força de um touro, e a mão, que parecia feita de ferro, estava

quase esmagando a traqueia dele.

— Seu filho da puta! Vou te matar, seu desgraçado! — Zac gritava, furioso.

Os soldados avançaram sobre ele, agarrando-o pelos braços, que mais pareciam troncos de árvore, e fizeram-no soltar Ivan, que precisou de alguns instantes para recuperar o fôlego. Estela ficou entre os dois e sacou a pistola, apontando-a para Zac. Se tentasse outra gracinha daquelas, ele seria um homem morto.

— Eu não matei ninguém porra! Soltem-me, seus viados! — Zac se debatia, tentando escapar em vão.

— Tirem-no daqui, tranquem-no em algum lugar de onde não possa escapar e coloquem alguém de vigia, entendido? — Ivan ordenou, e foi até a janela tomar um pouco de ar.

Estela o acompanhou. Bruno seguiu com os soldados que levavam Zac, iria continuar com o plano que ele e Ivan haviam traçado mais cedo.

— Você está bem, querido? Quer que eu chame Sandra?

Ivan se ateve a balançar a cabeça em negativa.

— Bom, pelo menos eu não estou louca... — Estela esfregava as têmporas, como se tentasse apagar tudo o que acabara de ver e ouvir. — Ela realmente estava interessada em você.

— Sim, você tinha razão. Nunca mais vou duvidar do que diz — Ivan garantiu, um pouco mais composto.

Eles aguardaram mais de uma hora até Bruno voltar, pois combinaram que Ivan iria irritar Zac ao extremo para que ele se sentisse pressionado, e depois Bruno continuaria com o interrogatório numa linha mais calma e serena, levantando possíveis cenários de um possível motivo, tentando envolver o rapaz. Era a clássica estratégia do policial bom e do policial mau. Mas, quando Bruno voltou, as notícias não eram muito conclusivas.

— Nada feito. Ele não confessou nada, e na prática acho que ele está falando a verdade. Não acredito que Zac seja o culpado. Ele não apresentou nenhum dos sinais clássicos de quem está inventando uma história. — Bruno foi categórico. — E agora, o que faremos? Não temos corpo, não temos testemunhas, e tampouco uma confissão. Você foi bem, desestabilizou-o exatamente como tínhamos combinado, mas mesmo assim, Zac não falou nada que o comprometesse.

— Igual a China e Oliveira. E de fato não consigo imaginar os dois se juntando a Zac para cometer um crime. — Ivan meneou a cabeça. — E sem ajuda ele não iria conseguir.

— Mas isso não o descarta, certo? Ele assumiu o plantão às dez da noite, dava tempo de tê-la atacado — Estela ponderou.

— Sim, mas não explica o desaparecimento do corpo. A única teoria que tínhamos era justamente um conluio dos três para se livrar do cadáver juntos. — Ivan ficou

desanimado.

— E, na minha opinião, nós não temos nenhuma base para manter Zac preso. Por esta noite, tudo bem; afinal de contas, ele está muito exaltado, é até melhor que ele e você não se cruzem, Ivan. Mas não vejo motivo para mantê-lo encarcerado durante muito tempo — Bruno opinou.

Ivan pensou a respeito por um instante e concordou com Bruno. Tinham que usar o bom senso. Mandou os soldados soltarem Zac no dia seguinte logo cedo.

Assim, os dias foram passando e nem sinal de Gisele. Revistaram todas as casas novamente, e nada, nem uma única pista. Procuraram nas plantações, olharam onde os animais ficavam e até mesmo nas caixas d'água. Chegaram ao ponto de checar jardim por jardim, na esperança de encontrar alguma cova clandestina, mas não encontraram nada. Gisele evaporara.

— Meu Deus do céu, onde você foi parar, menina? O que fizeram com você? — Ivan se perguntou ao fim de mais um extenuante dia de buscas.

No dia seguinte, ordenou que as buscas fossem, enfim, encerradas. Foi com muito pesar que Ivan declarou Gisele oficialmente morta.

CAPÍTULO 12

INVASÃO



ESTELA ACORDOU E LEVANTOU-SE, estranhando o fato de Ivan não estar ao seu lado, na cama. Vestiu um robe branco grosso e saiu do quarto, aproveitando para passar pelos aposentos das crianças, como fazia todos os dias. Com dez crianças dormindo naquela casa gigantesca, era muito comum haver pelo menos uma descoberta, e as manhãs daquele mês de novembro ainda estavam um pouco frias.

Desceu as escadas até chegar à sala. Esperava encontrar Ivan lá, mas a achou vazia. Foi até a cozinha, e também não o encontrou. Estranhou um pouco aquilo, não era do feitio dele sair sem se despedir.

Quando olhou pela janela, avistou-o sentado no sofá de vime da varanda. Estela olhou para o calendário que ficava pendurado ao lado da geladeira e deduziu do que se tratava. Adivinhou o que perturbava seu marido.

Estela abriu a porta da sala e saiu, sentando-se ao lado de Ivan, que nada disse. Ficaram alguns minutos daquele jeito, em silêncio, olhando o jardim. Ivan tinha descoberto que a vocação para jardineiro e cuidar das plantas lhe servia como terapia.

— Não foi culpa sua — Estela por fim quebrou o silêncio.

— Foi, sim — Ivan contrapôs.

— Hoje faz um mês, certo? — Estela perguntou.

— Exatamente — Ivan concordou.

Ficaram mais alguns instantes calados. Estela não sabia mais o que dizer. Não tinha argumento que fizesse o marido recuperar o ânimo; ele parecia estar sofrendo algum tipo de depressão. Ivan se culpava pela morte de Gisele, e ninguém conseguia convencê-lo do contrário.

Ela esfregou o rosto com as mãos, precisava pensar em alguma forma de ajudar o marido.

— Por que está fazendo isso consigo mesmo, Ivan? Por que você está carregando essa cruz tão pesada?

— Porque é a coisa certa a se fazer.

— Não concordo. E Gisele também não concordaria se estivesse aqui — Estela afirmou.

— Gisele não está aqui. Está morta — Ivan falou, com uma ponta de irritação.

Estela decidiu apertar um pouco mais os parafusos.

— Eu sei que ela não está aqui. Mas era uma mulher adulta, sabia se cuidar. Seja lá o que for que aconteceu, foi culpa de Gisele, não sua. — Estela esperava não ter exagerado na dose.

— Calma aí. Do que você está falando? — Ivan indagou, zangado. — Está querendo dizer o que com isso?

— Estou falando duas coisas óbvias. Gisele vivia provocando os homens deste lugar, e muitos deles não tinham uma mulher havia meses. É provável que alguns deles não tenha resistido mais e decidido tomá-la a força.

— Não é possível, eu não estou ouvindo isso. — Ivan estava a um passo de explodir.

— Além do mais, ela era um soldado e estava armada. Qualquer um com um mínimo de competência seria capaz de se proteger e... — Estela não conseguiu acabar a frase.

— Estela, você está falando besteira! — ele gritou, pois ela conseguira fazê-lo finalmente estourar. — Essa é a coisa mais revoltante, mais idiota que já ouvi na minha vida, entendeu? Você está culpando a vítima? O que está dizendo, que se Gisele fosse menos bonita, ou usasse roupas menos curtas, ela agora estaria viva? É isso o que você está falando?!

Ivan estava uma fera.

— Muito me espanta você, justamente você, falar uma imbecilidade dessas! Você está sempre de vestido, de salto alto, toda produzida, faça-me o favor! Já parou para pensar que poderia ter sido você, Estela? Já que estamos falando de um crime com motivações sexuais, já passou pela sua cabeça que se você tivesse saído sozinha naquela noite, talvez eu estivesse de luto agora? — Ivan falou com uma pitada de crueldade e um pouco de medo também, pois não conseguia se imaginar vivendo uma situação daquelas.

Ivan se levantou e chutou uma cadeira, com violência. Depois pegou a mesma cadeira e a arrebentou no chão de tanto ódio. Estava mais do que irritado, e finalmente extravasava sua frustração.

Estela conseguira o que queria. Ela sabia que o marido precisava desabafar, pôr a raiva para fora, quebrar alguma coisa... enfim, qualquer coisa que o ajudasse a tirar a fúria de dentro do peito.

Ele parou e levou as mãos à cabeça. A esposa ficou de pé e o abraçou por trás, colocando as duas mãos no seu tórax.

— Amor, por que eu fiz isso? Por que fui tão idiota a ponto de suspender as

patrulhas? Como eu pude ser tão cego? — Uma lágrima teimosa lutava para escorrer do olho de Ivan.

— Querido, não faça isso... — Estela pediu, com suavidade.

— Minha culpa! Sou responsável por essas pessoas, cada uma delas, cada alma dentro destes muros, e eu falhei! — Ivan se entregou de vez ao desespero, mortificado. — Eu nunca devia ter pensado que só porque estamos em guerra as pessoas se tornariam melhores. No meu delírio, nós todos formávamos uma grande família, que iria se proteger, se ajudar e se apoiar, para, assim, garantirmos o futuro dos nossos filhos. Meu Deus, como fui burro! Eu devia ter imaginado que algo assim poderia acontecer! Estava na minha cara o tempo todo. Faz tempo que olho nos semblantes das pessoas e não vejo alegria, apenas tristeza, desânimo e dor. Este lugar é uma panela de pressão, uma bomba relógio pronta para explodir.

Ivan se sentia perdido no meio da escuridão.

— Meu amor, não se culpe! Você tem razão, a culpa não foi dela! Gisele tinha seus defeitos, como todos nós, mas não era má pessoa. Pelo contrário, tinha muito valor, porque lutava para ajudar indivíduos cujos nomes ela nem conhecia. Foi uma grande perda.

— Então por que você disse...

Mas Estela o interrompeu:

— Eu falei o que você precisava ouvir. Para que finalmente enxergasse o óbvio. Você está fazendo a sua parte. Nós demos abrigo, segurança, comida e, acima de tudo, esperança para essas pessoas. Agora, elas fazerem a coisa certa é algo que não cabe a nós, entende? Não adianta, Ivan, você não tem como mudar o coração de alguém apenas com boas intenções e ações! Se alguém decidiu ser cruel com outro indivíduo, a culpa é desse alguém! Só dele! A culpa não é sua, nem de Gisele, nem minha, nem de mais ninguém. A culpa é do filho da puta que atacou aquela pobre moça naquela praça, seja lá quem for. Se eu encontrar esse puto, eu mesma vou enfiar uma bala na cabeça dele, eu prometo.

— Não. Ele é meu. — Ivan enxugou as lágrimas com as costas das mãos.

Finalmente, ele se sentia melhor. Pois agora tinha alguém para odiar mais do que odiava a si mesmo.

* * *

Naquele mesmo dia, Ivan convocou uma nova reunião para fazer alguns anúncios. A segurança, que já tinha sido melhorada, agora seria dobrada. O toque de recolher seria prorrogado por tempo indeterminado. Todas as casas, sem exceção, deveriam permanecer trancadas durante o dia e à noite também, e diariamente seria verificado se todos estavam presentes na hora do café da manhã.

— O fato, meus amigos, é que temos um assassino entre nós. Não sei se ele agiu

sozinho ou se contou com alguma ajuda, mas está por aqui. Um covarde que feriu uma mulher e que depois fez sabe Deus o que com ela. — Ivan, muito sério, olhava no rosto de cada um dos presentes. — Eu prometo duas coisas. Se o culpado se apresentar e confessar o que fez com Gisele, seremos justos e misericordiosos quanto à punição. Agora, se não se apresentar, ele que reze para que eu nunca descubra sua identidade, pois juro por Deus que acabarei com a sua raça. Fui claro?

Ao ouvir aquilo, todos se entreolharam, um pouco aflitos.

Ivan dispensou o grupo e retornou para seus afazeres. Tinha muito trabalho a realizar, não podia mais viver em função de encontrar Gisele, viva ou morta. O fato era que não sabia mais onde procurar, não tinha mais ideias.

Passaram-se alguns dias, e a vida no condomínio começava a voltar ao ritmo normal. Todos tentavam não comentar o assunto do desaparecimento, aquilo ainda era uma ferida aberta no peito dos moradores.

Ivan pediu para alguns do grupo ficarem de olho em Zac, apesar de ele mesmo não acreditar muito na tese de que Zac era o responsável pelo desaparecimento. Sempre pensou naquele garoto como um valentão metido, mas não achava que fosse capaz de fazer mal a alguém dessa forma, ainda mais uma menina de quem ele gostava.

Um dia, um homem chamado João o procurou. Ele era pastor evangélico e queria ajudar de uma forma completamente diferente.

— Eu gostaria de organizar um culto de louvor ao Senhor — João falou, sem preâmbulos.

Ao olhar para ele, Ivan simpatizou de imediato. Lembrava-se de tê-lo resgatado no Jardim Satélite, um dos muitos bairros de São José dos Campos que visitaram, mas na época não tiveram oportunidade de conversar. Recordava bem que se tratava de um homem dilacerado pela tragédia, porque a sua mulher e seus filhos tinham sido afetados pela praga, e todos foram mortos por João, com suas próprias mãos.

— Acho uma ótima ideia, João. Já pensou onde você gostaria de realizar o seu culto?

— Sim, Ivan, tem uma casa pequena que está desocupada; penso que seria o lugar ideal. Bastaria colocar algumas cadeiras, e já seria o suficiente. — João ficou empolgado, pois não esperava que Ivan concordasse tão rápido.

— Então, fique à vontade. Acho ótimo que você queira fazer isso, porque acredito de verdade que estamos precisando de um pouco de fé por aqui. — Ivan soltou um suspiro de desânimo.

João olhou para Ivan, ponderando por alguns instantes, como se o estivesse avaliando. Aquilo o deixou um tanto desconfortável.

— Você não é uma pessoa muito religiosa, imagino — João arriscou.

— Não sou de frequentar os cultos, mas tenho minhas convicções sim. Sou espírita — Ivan respondeu um pouco inibido.

— Espírita? Que bom, isso é ótimo. Mas sinto que você está um pouco sem graça, o que houve? — João estranhava o mal-estar do seu líder.

Ivan ficou um pouco sem jeito. Não estava preparado, e tampouco no clima, para uma conversa sobre religião. Mas agora não tinha escolha; assim, decidiu que precisava responder:

— Desculpe a franqueza, pastor, mas não me sinto com vontade de louvar nada. Louvar para mim é algo que fazemos quando desejamos agradecer algo, e, para ser sincero, não sei se quero agradecer pela situação atual.

— Você não se considera afortunado por estar vivo junto com sua mulher e seus filhos? — João perguntou, com simplicidade.

— Eu sabia que esse seria seu primeiro argumento, e a resposta é sim. Mas me refiro à raiz disso tudo. Estou vivo e com saúde, mas entendo que eu nem devia estar aqui, para começo de conversa. — Ivan meneou a cabeça. — Meu lugar não é aqui, entre estes muros. Eu devia estar na minha casa, com a minha família. Tenho dez crianças para tomar conta todas as noites, e faço isso com o maior prazer, mas acho que seria muito melhor se elas estivessem em suas casas, com seus pais, concorda? — Ivan perguntou com delicadeza; não queria ser desagradável.

— Concordo plenamente com isso. E acredito que Deus também.

— Pelo visto, não concorda, não. Ele nos colocou nessa situação, não é?

— Não, nada disso. Você está enganado, Ivan.

— Como não? Então, Deus não existe. Afinal, como Ele permitiu que uma coisa dessas acontecesse? Não faz sentido nenhum. Ou Deus não existe ou Ele deixou acontecer tudo isso — Ivan insistiu.

— Você está enxergando as coisas pela óptica errada. Uma interpretação errada de tudo aquilo que você aprendeu — João afirmou, com simplicidade.

— Lembro-me perfeitamente de uma passagem que dizia que Deus não é indiferente à morte de um pardal. Isso para mim é uma evidência de que Ele tudo sabe e tudo vê, certo? — Ivan argumentou.

— Mas não concorda com tudo. Essa é a questão central, a onipresença de Deus não significa que Ele esteja mexendo as cordas o tempo todo. Esse é o motivo do seu erro.

— João, eu sei aonde você quer chegar, mas acho difícil que consiga me convencer. Eu acredito no livre-arbítrio. Não tenho a convicção de que tudo o que acontece seja obra e desejo de Deus. Não acho que quando um homem sai de um bar depois de ter enchido a cara e atropela uma criança isso aconteceu porque Deus quis. Acho que isso aconteceu porque o sujeito estava bêbado, simples assim. Mas vamos concordar que estamos falando aqui de uma catástrofe em escala global. Não acho que Deus se ocupe de cada uma das muitas situações trágicas que acometem a humanidade, mas por que será que Ele não se ocupou da maior de todas? — Ivan,

enfim, chegou ao ponto que mais o incomodava.

— E por que Ele faria isso, Ivan? Qual seria o sentido de colocar a perder milênios de trabalho duro? Se Deus não interfere no rumo das coisas, por que agora seria diferente?

— Não sei! Talvez Ele quisesse castigar todos nós. Talvez a ideia Dele fosse separar os bons dos maus. Havia uma teoria do espiritismo que dizia que um dia um planeta se aproximaria da Terra, o famoso Planeta X, e ele levaria embora os espíritos atrasados. Talvez tenha sido isso, sei lá! — Ivan respondeu, um pouco impaciente.

— Mas você não acredita que foi isso o que aconteceu, não é? Se acreditasse, não estaria confuso, pois teria visto um sentido no plano de Deus. E é exatamente esse o problema, você não enxerga uma razão para tudo isso — João argumentou.

— Exato! Eu queria acreditar que era isso! Droga, cheguei a me sentir orgulhoso! Pensei que eu tinha sido um dos eleitos. Afinal de contas, sobrevivi, e de quebra fiquei com a minha família. Mas depois... — Ivan não concluiu o raciocínio, não queria voltar ao assunto que tanto o incomodava.

— Depois aquela moça chamada Gisele desapareceu, e você se deu conta de que nem todos os que ficaram aqui são tão bons assim. Por isso, todo o plano de Deus passou a não fazer mais nenhum sentido — João completou, atingindo um nervo exposto.

— Isso mesmo. Como você explica tal coisa? — Ivan perguntou, incisivo. Precisava de uma explicação urgentemente.

— A explicação está no simples fato de que Deus não planejou nada disso — João afirmou, com tranquilidade.

— E onde está a tal falada onipresença? A infalibilidade de Deus? — Ivan disparou, agora disposto a ganhar aquela discussão.

João olhou para o homem diante de si, ao qual devia a própria vida, e viu um mundo de dúvidas. Não sabia se estava preparado para iluminar o caminho do líder de toda resistência humana no Vale do Paraíba, mas se essa era a sua tarefa, iria aceitá-la de bom grado.

— Imagine um jardineiro, Ivan. Quando ele planta um jardim, pensa se alguma tempestade poderá destruí-lo?

— Acredito que sim — Ivan respondeu.

— E mesmo assim, deixa de plantá-lo? — João tornou a perguntar.

— Claro que não! Ele procura prever os riscos e enfrenta aqueles que julga aceitáveis. — Ivan imaginava aonde João queria chegar.

— Sim. E quando uma tempestade chega? Foi o jardineiro que a planejou?

— Se esse jardineiro for Deus, creio que sim. — Para Ivan, ele acabara de vencer a discussão.

— Não. Esse é o ponto. Uma tempestade é um conjunto de milhões, às vezes bilhões de variáveis que geram um resultado. Essas variáveis combinadas causam um efeito, o que nos leva a crer que, se o jardineiro fosse impedir a tempestade, teria de influenciar bilhões de agentes diferentes, mudando toda uma estrutura que poderia alterar não só a tempestade, mas uma infinidade de outras coisas. É por isso que eu acredito que Deus pode prever certas tempestades, mas não as impede. Pois elas são o resultado de inúmeras variáveis que são nada mais nada menos do que o subproduto de toda a Sua vasta obra.

Ivan olhou para João, tentando entender o ponto aonde ele estava chegando. Agora iria até o fim, e isso significava expor sua teoria mais íntima.

— Eu acho de verdade que esse maldito planeta foi o responsável por tudo isso. — Ivan apontou para o céu.

Mas se deu conta de que Absinto não estava mais visível. Os últimos meses foram tão alucinantes que ele nem percebeu que aquele misterioso planeta tinha sumido dos céus.

— Eu também acho, para ser sincero. Não sei o porquê, mas acho. E, supondo que isso seja verdade, devemos nos perguntar o seguinte: se esse planeta existe há bilhões de anos, e desde eras incontáveis está vagando pelo espaço, até finalmente se aproximar da Terra e por alguma razão fantástica causar tudo isso, me diga: por que Deus deveria ter mudado a sua rota justo agora? Por que depois de bilhões de anos, Deus decidiria justo agora intervir?

— Para nos salvar, droga! Pelo motivo mais óbvio, se Deus existe e nós somos a Sua criação, por que diabos Ele não fez nada?! — Ivan perguntou, impaciente.

— Nós somos apenas uma parte dessa criação. Não somos nem a maior parte, nem a mais importante. Alterar a rota de um planeta talvez tivesse causado mais estragos do que benefícios, ou talvez Deus simplesmente tenha deixado o jogo seguir em frente. Os dinossauros tiveram o seu tempo, e num determinado momento o ciclo seguiu em frente e eles foram embora, sendo substituídos por outras peças da criação. E nós tivemos o nosso momento, mas agora uma nova raça surgiu. E tudo continua em constante mudança. — João encarava o olhar de assombro de Ivan. — Da mesma forma que pelo ponto de vista dos dinossauros não foi nada justo quando aquele cometa incinerou a Terra, pode não parecer nada justo para nós o que está acontecendo. Mas estamos apenas vivendo uma pequena parte de um ciclo infinito que se iniciou bilhões de anos atrás, quando nosso pequeno lar se formou, bem como o nosso gigantesco visitante, que de uma forma ou de outra aparentemente deflagrou tudo isso. E talvez as futuras gerações não se refiram a este evento com o mesmo pesar que nós. Seremos apenas parte de um capítulo dramático da nossa história, que irá deixar inúmeros ensinamentos e questionamentos para que os homens de amanhã pensem de forma diferente as suas relações. Entre eles mesmos e com Deus.

— Você acha, de verdade, que no futuro nós não iremos nos revoltar com tudo isso? — Ivan indagou, cético. — Acha que iremos aceitar essa catástrofe como uma simples parte do projeto de Deus?

— Ivan, nós fazemos isso o tempo todo! Veja o caso do Holocausto! Para os judeus foi uma provação sem limites. Muitos deles viram aquilo como o apocalipse. Aliás, se eles pudessem ter escolhido entre os zumbis e os nazistas, o que você acha que os judeus nos campos de concentração teriam escolhido?

— Creio que os judeus teriam tido mais chances com os mortos-vivos — Ivan respondeu, sincero.

— Pois é. Irônico, não? Estamos diante de uma ameaça aparentemente enlouquecedora e esquecemos que as grandes ameaças têm sido uma constante na história da humanidade. E a cada novo desafio, muitas vezes as pessoas perdem a esperança. Mas nós sempre seguimos em frente, e basta uma ou duas gerações para pormos nossa revolta e tristeza de lado e ficarmos apenas com os ensinamentos deixados pelas nossas crises — João argumentou. — Garanto que desta vez não será diferente. Por isso que eu te digo: Deus não causou nada disso, e não impediu que acontecesse pelo mesmo motivo que não impediu nenhum dos outros inúmeros episódios dramáticos de nossa história. Deus cuida da sua obra, mas não muda o universo, nem quebra as regras para protegê-la pelo simples fato de que ela é vasta demais, e não se restringe apenas à humanidade.

Ivan ficou em silêncio por alguns instantes. Era difícil digerir, mas era ao menos reconfortante pensar que tudo aquilo tinha sido apenas o resultado final de uma conjunção de fatores, e não uma jogada cruel de um Deus raivoso e impiedoso, que era como ele vinha enxergando as coisas até então. Talvez ele estivesse enganado. Talvez estivesse sendo duro demais com Deus.

Ivan e João se despediram, e ele prometeu que iria com Estela participar do primeiro culto.

Dois dias depois, um culto religioso foi realizado dentro do Condomínio Colinas. Faltaram cadeiras, a adesão foi muito maior do que podiam esperar, e várias pessoas ficaram do lado de fora. O pastor João precisou praticamente gritar ao microfone. Foi uma bela pregação; ele era um homem de ideias claras e objetivas, que sabia transmitir seus ensinamentos com uma simplicidade inigualável.

Ivan e Estela chegaram antes de todos, com as crianças, e sentaram-se bem na frente. O culto representou algo muito bom. João seria dali em diante um alicerce para aquelas pessoas, que estavam muito cansadas de tanto sofrimento, cheias de feridas mal cicatrizadas. Encerrou falando de Gisele, pedindo as orações de todos por ela, uma pessoa que havia dedicado os últimos dias de sua vida a socorrer os necessitados.

Ao final da pregação, vários moradores cumprimentaram o pastor e prometeram

retornar. Ivan e Estela também se aproximaram e prometeram ajudar com o que estivesse ao seu alcance, para que aquilo se tornasse uma prática rotineira.

Estavam quase saindo do templo improvisado quando Bob entrou apressado, procurando Ivan, ofegante de tanto correr, falando e gesticulando de forma atrapalhada. Estela e o marido procuraram acalmá-lo, pedindo-lhe que falasse devagar, pois não estavam entendendo nada.

— Meus amigos, trago péssimas notícias. Aconteceu de novo: mais uma mulher foi atacada — Bob falou, por fim.

Ivan e Estela se entreolharam, simplesmente não podiam acreditar. Não era possível que aquele pesadelo fosse se repetir.

— Vocês têm certeza? Nenhuma chance de ser um engano? — A cabeça de Ivan já começava a doer.

— Temos certeza, desta vez há um cadáver — Bob afirmou, com pesar.

O casal pediu para algumas das mulheres responsáveis pela creche levarem as crianças, e seguiu Bob, apressado, mal conseguindo acreditar.

Perto do lago, alguns soldados e curiosos olhavam para o cadáver no chão. Sandra estava entre eles, e chorava muito, amparada por Oliveira.

Eles se aproximaram e reconheceram Marina, a voluntária que ajudava Sandra no posto de saúde. Estava nua e deitada de bruços, com o rosto no solo. Tinha ferimentos nas pernas, costas e nádegas. Ao ver aquela cena, Estela levou a mão ao rosto, não podia acreditar naquilo. Bruno já tinha chegado e examinava a cena do crime. O uniforme que Marina usava jazia rasgado próximo do corpo.

Ivan andou em volta daquele cenário de horror com a cabeça a mil. Precisava achar o desgraçado que vinha fazendo aquilo a qualquer custo; agora era uma questão de honra.

— Esse infeliz deixou alguma pista? — Ivan perguntou, por fim.

— Acredito que tenha deixado várias, mas não temos equipamentos a nossa disposição. Existem sinais claros de violência sexual, mas de nada adiantam se não podemos fazer um exame de DNA — Bruno falou, frustrado.

Isolaram toda a área e reviraram cada palmo de chão à procura de alguma evidência que pudessem analisar com seus recursos limitados, mas foi inútil. Decidiram levar o cadáver até o posto de saúde para examiná-lo com mais cuidado. Não fazia sentido atrair ainda mais a atenção, e aquela cena estava deixando todos assustados.

No posto, colocaram o cadáver de Marina sobre uma maca. Com iluminação mais potente foi possível avaliar melhor a extensão dos ferimentos. Se Ivan tinha alguma dúvida antes, agora não havia mais nenhuma. Estavam lidando com um maníaco, um psicopata sádico.

— Sandra, você é a médica. Preciso que se acalme e diga qual foi a causa da

morte — Ivan pediu.

Sandra limpou as lágrimas com as mãos e se aproximou. Não podia acreditar naquilo. Apenas duas horas antes ela e Marina estavam juntas. A moça saía do posto de saúde justamente para ir até o culto. Ia apenas passar em casa antes e trocar de roupa. E agora estava morta. Aquilo era muito injusto.

Com delicadeza, ela começou a manipular o corpo. Não foi difícil realizar um diagnóstico. Assim que mexeu com a cabeça, ela percebeu o que acontecera. Pegou um gravador e começou a registrar suas impressões, pois sabia que no futuro podiam precisar dos detalhes do que tinha ocorrido.

— A causa da morte foi uma fratura no pescoço, causada por uma torção realizada por alguém muito forte. Mas antes de morrer ela foi seriamente agredida, o assassino a espancou com ferocidade. — Sandra sentiu um nó crescer na garganta. — O nariz está quebrado, bem como o maxilar. Pelas escoriações no rosto, ele a esmurrou diversas vezes. A julgar pelos ferimentos no tronco, ele deve tê-la chutado também; acredito que algumas das costelas foram fraturadas. Tem uma mancha vermelha arroxeada do lado direito do corpo da vítima que dá a entender que os órgãos internos foram lesados, e ela sofreu hemorragia interna. Provavelmente, ela teria morrido de qualquer jeito. — A voz de Sandra falhou, enquanto as lágrimas voltaram a cair.

Tentando se controlar, Sandra examinou a genitália do cadáver. Infelizmente essa parte era essencial. Foi fácil constatar o óbvio.

— Ele a estuprou, com toda a certeza. A vagina está lacerada e existem vestígios de sangue e espermatozoides. — Sandra sentia o ódio crescer dentro do peito.

— Acho que sei por que ele bateu tanto nela; acredito que a esmurrou até deixá-la inconsciente — Bruno falou.

— Por que você acha isso? — Ivan quis saber.

— Porque ela não tem nenhum sinal de pele sob as unhas, o que indica que praticamente não reagiu. Este é um indício de que Marina deve ter estado inconsciente boa parte do tempo. — Bruno examinava as mãos da vítima.

Sandra examinou o cadáver por mais algum tempo, enquanto Ivan, Estela, Bruno e Oliveira assistiam. Era uma lista de ferimentos inacreditável. Quem fez aquilo devia estar com muita raiva. Marina tinha escoriações praticamente no corpo todo.

Após trinta minutos, encerraram o exame. Fazer uma autópsia era desnecessário e pouco esclarecedor em função de todas as limitações que eles possuíam. Algumas pessoas se prontificaram a preparar o corpo para o velório, enquanto os cinco amigos saíam do local e se jogavam nos sofás da pequena sala de espera improvisada. O sangue de Ivan fervia; adoraria matar o responsável por aquele crime hediondo.

De repente, Zac surgiu na sala. Ao vê-lo, Sandra se enfureceu, levantou-se e

começou a esbofetear o rapaz, que tentava se proteger com os braços.

— O que você quer aqui, Zac? Veio ver o resultado do que você fez? Veio conferir sua obra de arte? Covarde! Assassino! — Sandra gritava, sem parar de bater nele.

— Você enlouqueceu? Eu não fiz nada! — Zac se afastou de Sandra.

Oliveira segurou a moça, levando-a para o outro lado da sala.

— Você não me engana! Primeiro, Gisele, por quem todo o mundo fala que você era apaixonado! Agora, Marina. Eu via vocês o tempo todo juntos! — Sandra falou aos gritos.

— Ela ficou muito tempo comigo porque eu estava me recuperando, sua louca! Marina era minha amiga! — Zac afirmou, irritado.

— Claro que era sua amiga, ela era amiga de todo mundo, seu desgraçado! Esse é seu problema, toda mulher que se aproxima de você e te dá um pouco de atenção você quer matar! Monstro! — Sandra urrou, enlouquecida. Se estivesse com seu fuzil à mão, Zac seria um homem morto.

Ivan observou aquela cena em silêncio. Estela se dirigiu a Zac:

— É melhor você sair, sua presença aqui está piorando as coisas.

— Eu não vou sair droga nenhuma! Não fiz nada e não vou embora enquanto não puder ver Marina! — Zac ia elevando a voz, e chegou a apenas um palmo de distância de Estela. Estava prestes a cruzar uma linha perigosíssima.

— Zac, eu não estou pedindo. Saia agora! — Estela ordenou, irritada, apontando a saída.

Tudo aconteceu muito rápido. Zac empurrou Estela, que caiu sentada no sofá. Na prática, não foi nada de mais, pois ela não se machucou. Mas isso foi o suficiente para enlouquecer Ivan, e essa sempre era uma péssima ideia. Ivan caiu sobre Zac como um raio, empurrando o rapaz contra a parede. Antes que Zac pudesse esboçar uma reação, Ivan desferiu um murro certo no queixo do valentão. A onda de choque se propagou até o tronco cerebral, responsável pela consciência, o que deixou Zac zozinho imediatamente. Zac estava nocauteado, em pé, quando Ivan deu o segundo soco, que explodiu sobre a maçã do seu rosto e fez o grandalhão desabar de costas no chão.

Bruno, Oliveira e Estela agarraram Ivan e o puxaram para longe, antes que ele fizesse algo de que fosse se arrepender depois. Sandra esqueceu a raiva e foi examinar Zac, que já começava a se recuperar. Ele se sentou no chão, atordoado, enquanto a médica examinava suas pupilas. Apesar do golpe aplicado, cirurgicamente o rapaz estava bem. E assim que o torpor começou a diminuir, ele ficou louco.

— Eu vou te matar, Ivan! Vou arrancar sua cabeça fora! — Zac gritava, fazendo menção de avançar sobre seu adversário, que dava sinais de estar pronto pra brigar.

Felizmente, Heraldo, Dias e Silva chegaram e ajudaram a apartar a briga.

— Se você erguer um dedo para a minha mulher de novo, eu juro por Deus que te enterro vivo, está me entendendo? Eu deixei passar quando você me pegou pelo colarinho e até mesmo quando você me agarrou pelo pescoço, mas isso eu não vou admitir, moleque do caralho! — Ivan falou aos gritos, com o dedo em riste.

Enfim, tiraram Zac de perto, enquanto Estela acalmava Ivan. Ele estava transtornado, e ela possuía o poder mágico de fazê-lo voltar ao normal.

— Você exagerou, não acha? Foi só um empurrão, estamos todos com a cabeça quente — Estela ponderou, afagando os cabelos do marido.

— Ninguém se mete com você na minha frente — Ivan afirmou, sombrio.

— Tudo bem, eu sei. Mas não vamos piorar as coisas, está bem? Todos nós precisamos que você se mantenha calmo e raciocine com clareza — Estela falou com suavidade, próximo do ouvido de Ivan.

Poucos instantes depois ele já tinha se acalmado.

Uma hora depois, saíram com o cadáver até o templo improvisado, onde havia ocorrido a pregação mais cedo. João presidiu os trabalhos, pedindo pela alma da falecida, que se dedicara a aliviar o sofrimento dos enfermos. Ivan e Estela ouviram em silêncio. Do outro lado da sala, Zac observava tudo, às vezes fitando para o cadáver de Marina, às vezes fuzilando Ivan com o olhar.

Tudo em que Ivan pensava era que precisavam resolver aquele mistério. Primeiro, Gisele, e agora, Marina. Ambas estavam mortas, e ele não sabia o que fazer. Fosse quem fosse o autor daquelas atrocidades era mesmo destemido, e Ivan acreditava que não tardaria para o assassino agir novamente. Algo teria que acontecer, alguma coisa teria que mudar. Precisavam de um milagre ou algo parecido. Era uma sensação no ar...

E algumas noites depois, no horário do jantar, algo surgiu. E muitas pessoas morreriam por causa disso.

* * *

Gisele acordou sufocando novamente. Demorou algum tempo para ela se acalmar. Várias vezes, quando despertava, a reação era a mesma: sentia que estava morrendo. Não tinha como ser diferente, fazia um mês que não via a luz do dia, estava constantemente mergulhada nas trevas. Tentou se ajeitar, talvez conseguir uma posição mais cômoda, mas era muito difícil. O lugar onde se encontrava presa não tinha nem um metro de altura, não havia espaço nem para ficar sentada.

Nos primeiros dias, demorou a entender onde estava, pois, ele a mantinha sempre algemada com as mãos às costas, e suas correntes eram presas a uma viga, o que limitava muito seus movimentos. Ele fizera o mesmo com seus pés. Ela não conseguia ter certeza nem das dimensões do seu cativeiro. Além disso, Gisele era

mantida amordaçada o tempo todo, e com uma espécie de touca grossa que cobria todo o rosto, deixando apenas o nariz livre para respirar.

Era uma sensação de claustrofobia constante, mergulhada na escuridão, mal conseguindo se mexer e sem conseguir falar, gritar ou simplesmente soluçar nas mil vezes em que chorara. O calor sufocante e o cheiro de pó causavam-lhe náuseas, o corpo e a cabeça doíam o tempo todo. Ele a mantinha nua, o que fazia a sujeira grudar em seu corpo ao longo do dia.

Depois de um tempo ouvindo os barulhos de passos acima de sua cabeça, Gisele se deu conta de que estava em algum lugar embaixo da casa. Ele arrumara uma forma engenhosa de escondê-la sob o piso de madeira, de forma que ela não sufocasse, mas também nunca fosse encontrada.

Em duas ocasiões Gisele percebeu a movimentação logo acima e teve certeza de que a procuravam. Ela gemeu, resmungou, mas não tinha como gritar, a mordaca tinha uma bola de plástico no meio que ficava enfiada dentro da boca. Aquilo era sufocante, e impedia-a de emitir qualquer ruído.

Quando entrou naquela maldita praça naquela noite fatídica, Gisele cometeu um erro fatal: relaxou ao ver um rosto conhecido. Estava preparada para enfrentar um zumbi, não um amigo. Quando viu quem era, baixou imediatamente a arma, sem jeito, com medo de ser indelicada ou pior ainda: causar um incidente por causa de um mal-entendido. Todo o resto aconteceu muito rápido.

Gisele foi golpeada no rosto, e deixou a arma cair. Em seguida, apanhou com a própria pistola, levando diversas coronhadas. Tentou gritar, mas uma pesada mão cobriu sua boca, enquanto a outra apalpava com grosseria seus seios, suas coxas e seu sexo, finalmente arrancando sua blusa com violência, deixando seus seios expostos.

Por fim, um último golpe deixou-a praticamente desacordada, o que permitiu àquele monstro violá-la ali mesmo, no meio da praça. Mesmo grogue, foi a experiência mais dolorosa de toda a sua vida. A primeira de muitas.

Desde aquela noite, a rotina se repetia, cruel e implacável. Ele chegava em casa e, depois de alguns instantes, retirava-a do seu cativeiro. Deitava-a nua numa cama e limpava seu corpo com um pano úmido, tirando o pó misturado com suor. Depois, ele a possuía, como se fosse uma boneca que estava à sua disposição quando quisesse.

Ela resistia no começo, esperneava, chutava, tentava se virar, fazia de tudo para impedir. Mas era pior, quando fazia isso ele batia nela até cansar, e quando ela não tinha mais forças para resistir, ele consumava o ato repugnante. Era a forma de ele dizer que resistir era um erro e uma grande perda de tempo.

Por isso, passadas algumas semanas dessa rotina, Gisele se entregou. Quando ele a retirava da sua cela improvisada, ela se odiava ao se sentir grata por aquilo. Sair

daquele lugar sufocante, ser deitada numa cama macia, ter seu corpo lavado, comer alguns pedaços de pão ou um sanduíche e tomar água... Tudo isso era um alívio tão grande... Mesmo que nesses momentos ele mantivesse uma arma encostada na sua nuca o tempo todo, ela já não ligava por ser estuprada.

Gisele estava sofrendo da Síndrome de Estocolmo — situação em que a vítima começa a se tornar dependente do seu algoz, por mais terrível que ele seja. E esperava ansiosa que ele chegasse logo em casa para que seu sofrimento fosse aliviado por uma hora ou duas.

Naquela noite não foi diferente. Ele chegou, retirou-a do seu buraco, preparou-a com aquele pequeno ritual de limpeza, e como das outras vezes, borrifou um pouco de perfume nela, uma enjoativa fragrância floral; e depois usou seu corpo dolorosamente.

Nesses momentos, Gisele se transportava para outro lugar. Ela se imaginava numa casa bonita, com uma varanda aconchegante e um belo quintal gramado. Via algumas crianças brincando também, os filhos que ela cada vez mais achava que nunca ia ter. Imaginava também um cachorro ou um gato correndo de um lado para o outro, e um belo pôr do sol no horizonte. Naquele pequeno mundo perfeito, ela se imaginava segura, protegida e amada.

Mas Gisele nunca imaginava nenhum homem; homens eram proibidos no seu mundo ideal. Ela jurou para si mesma que se saísse daquela situação nunca mais nenhum homem encostaria um único dedo nela.

Por fim, ele a levou de volta para seu esconderijo, sem que ela oferecesse resistência. Gisele não conseguiria lutar nem se quisesse; estava fraca demais, com o corpo rígido pelo excesso de tempo imóvel. Mesmo que ele lhe desse uma chance de fugir, Gisele sabia que não conseguiria. Trinta dias sem praticamente nenhuma atividade física a deixaram debilitada. Algumas vezes ele a arrastava de volta para o cativeiro, pelo simples fato de ela não conseguir andar de fraqueza, e pela dor por conta dos abusos diários.

Quando ele fechou o alçapão, trancando-a de novo, Gisele chorou mais uma vez. Chorou de medo, de tristeza, de raiva. Queria ter feito muitas coisas diferentes, queria ter tomado atitudes diferentes. E agora era tarde demais, nunca mais teria a chance de realizar o que agora era seu maior desejo: ter uma última conversa com um homem muito importante.

Até a noite em que foi transformada em um mero brinquedo sexual, Gisele estava muito confusa quanto aos seus sentimentos, mas finalmente ela via tudo com muita clareza. Se Deus ouvisse suas preces, se ela tivesse mais uma chance...

Gisele nem se deu conta de quando pegou no sono, e acordou assustada quando mãos pesadas mexeram com ela. O que era aquilo? Seu raptor queria se divertir mais? Ou será que ele mudara de planos? Libertá-la era algo que ele nunca faria,

porque ela conhecia sua identidade fazia muito tempo, desde que ele chegara naquele caminhão do Rio de Janeiro.

Gisele entrou em pânico. A forma urgente com que ele mexia nela mostrava que estava nervoso. Será que iria matá-la? Ela sentiu o coração disparar; apesar de tudo, não queria morrer, não estava preparada para deixar este mundo, ainda mais com tantas coisas para fazer e falar.

De repente, ele arrancou a touca da sua cabeça, e ela pôde finalmente voltar a enxergar. Num primeiro momento, a luz ofuscou seus olhos havia tanto tempo desacostumados com a claridade. Mas depois, ela conseguiu enxergar o rosto do homem à sua frente.

Ela por fim enxergou o rosto de Zac. E ele estava completamente transtornado.

* * *

Na noite em que Marina morreu, uma luz se acendeu na cabeça de Ivan, e ele decidiu dividir com Estela uma teoria. Muito básica, era verdade, mas que fazia sentido.

— Estela, eu acho que Gisele está viva — Ivan falou sem rodeios.

A resposta de Estela incrivelmente também não chegou a ser uma surpresa:

— Eu também acho. Você está pensando o mesmo que eu?

— Creio que sim. Você está estranhando o fato de termos achado um corpo desta vez, certo? — Ivan perguntou.

— Exato. Há quanto tempo Sandra não via Marina?

— Duas horas. E o corpo foi achado próximo do uniforme, o que significa que ela não chegou em casa. Muito bem. Sendo assim, podemos supor que de fato ela foi morta pouco tempo depois de sair do posto de saúde. Isso significa somente uma coisa. — Ivan tentava organizar as ideias.

— Significa que nós demoramos no mínimo uma hora para achar o cadáver. O que se explica facilmente porque é raro as pessoas circularem próximas ao lago à noite, não tem nada lá — Estela completou, acompanhando Ivan.

— Disso tudo nós podemos tirar uma conclusão bem simples. Nosso amigo misterioso não foi interrompido ou ameaçado de forma alguma. Ele teve tempo para agir, e depois deliberadamente abandonou o corpo. Ele queria que nós a achássemos, não fez a menor questão de esconder o crime, e não está preocupado em ser descoberto. Ou simplesmente não dá a mínima para se isso acontecer.

— Eu concordo. Portanto, se essa é a forma dele de agir, teoricamente ele deveria ter feito a mesma coisa com Gisele. Matar uma pessoa e abandonar o corpo é muito mais fácil e rápido do que ocultar o cadáver. Claro que largar o corpo para trás acarreta riscos, mas nas condições precárias em que estamos qualquer um sabe que ter o cadáver não facilita tanto assim a investigação — Estela ponderou.

— Agora, se Gisele estiver viva, algo que nós não consideramos até este momento, isso explica por que não achamos o cadáver.

Ficaram em silêncio por alguns instantes. Se Gisele estivesse viva, tinham alguns pontos a explorar. Possibilidades que não consideraram até então. E uma era a mais básica de todas.

— Como raios ele a está mantendo viva? — Estela perguntou, por fim.

Daquele dia em diante, Ivan e Estela passaram a observar todas as pessoas no refeitório. Chegavam antes de todos e sentavam-se com as crianças, isolados dos demais. E observavam um a um discretamente. Às vezes, fingiam estar conversando, mas na realidade estavam vigiando. Esperavam ver algo inusitado. E, finalmente, conseguiram captar algo que chamou a atenção. Algo que começaram a ver diversas vezes todas as noites. Poderiam até estar enganados, mas Ivan e Estela estavam praticamente convencidos de que haviam encontrado o assassino. Chegara a hora de terem uma conversa séria com Zac.

* * *

Gisele arregalou os olhos quando viu Zac, que trazia uma pistola na mão. Com um único puxão ele arrancou sua mordança fora. Mas antes que ela pudesse dizer algo, um tiro de pistola rompeu o silêncio, fazendo tudo tremer. Gisele soltou um único grito.

* * *

Como fazia todas as noites, Zac acabou seu turno de vigilância e foi para casa tomar banho e trocar de roupa. Depois, dirigiu-se ao refeitório, não sem antes verificar a pistola e enfiá-la na cintura. Sentia que mais cedo ou mais tarde precisaria dela.

Na prática, todas as noites percebia Ivan e Estela observando-o, o que o deixava nervoso. Não sabia o que aquilo significava, mas sentia que não era boa coisa. Por isso, estava mantendo-se alerta.

Zac acabara de sair do refeitório quando o casal o abordou. Desde a morte de Marina ele fazia todas as suas refeições sozinho, e não falava com praticamente ninguém, muito menos com os dois líderes do condomínio. Por isso, ficou surpreso quando os dois se aproximaram dele. Estavam sozinhos e escolheram um lugar completamente deserto para fazer aquilo, por isso, o rapaz se apavorou na hora.

Ele olhou com ódio para os dois e levou a mão à cintura, pronto para sacar a pistola. Mas Estela apontou a arma para ele; já esperava aquela reação. Zac ficou petrificado. Não podia acreditar que fora emboscado tão facilmente. Fazia muito tempo que ele achava que aquele dia iria chegar. Pensou em arriscar tudo e sacar a

arma, mas Ivan também apontou uma Glock para a sua cabeça.

— Nem pense nisso, Zac, não seja idiota — Ivan avisou.

— E agora? Vocês vão me matar? — Zac esboçava um sorriso tenso.

* * *

Gisele gritou após o tiro, mas não se atreveu a gritar de novo, porque estava com uma arma apontada para a sua cabeça. A mesma arma que disparara um instante antes, e ainda saía fumaça do cano. Ela achou que finalmente chegara o momento; agora morreria.

De repente, a porta foi arrombada com violência, e Ivan invadiu a casa, trazendo um fuzil nas mãos e acompanhado por Estela e mais alguns soldados, todos armados de fuzis. Chegaram à sala de televisão seguindo o som do tiro e encontraram Gisele e seu captor.

Ela sentiu o corpo flutuar no ar quando foi erguida com violência, sentindo a pistola ainda quente sendo encostada contra a sua têmpora. Seu captor a usava como escudo humano e ameaçava matá-la ali mesmo, na frente de todos. Ela começou a chorar de novo, sobretudo quando olhou para o corpo de Zac caído na sua frente.

* * *

— Acalme-se, ninguém vai te matar — Estela falou para Zac, sempre apontando a arma para ele.

Zac olhava desconfiado para os dois, mas viu que não tinha muita escolha. Lentamente, soltou a pistola, que ainda estava pendurada na cintura, e ergueu as mãos.

— Tenho percebido vocês me observando todas as noites — Zac falou. — Sei que estão tramando algo.

— Estávamos esperando o momento certo para falar com você. Queríamos ter certeza de que você não estava colaborando com uma determinada pessoa — Ivan disse. — Também precisávamos dar exatamente essa impressão: de que o estávamos perseguindo.

— E quem seria essa pessoa com a qual eu poderia estar colaborando? — Zac quis saber.

— O homem que nós acreditamos que matou Marina e sequestrou Gisele — Estela respondeu.

— Você quer dizer o filho da puta que matou minha Gisele, certo? — Zac sentia um imenso ódio só de pensar no que poderia ter acontecido com sua amada. Vivia se perguntando se ela sofrera como Marina ou se pelo menos o infeliz que realizara aquela atrocidade com a sua amiga tivera um pouco mais de misericórdia pela

mulher que ele amava mais do que tudo na vida.

— Não, Zac. Nós achamos que Gisele está viva. Estamos indo para a casa do desgraçado, e precisamos da sua ajuda. — Ivan, por fim, baixou a arma.

* * *

Quando chegaram à casa do suspeito, Zac olhou para Ivan e para os outros. Diversos membros da equipe participariam da operação. Ivan e Estela observaram cuidadosamente um por um, não podiam correr o risco de que o assassino tivesse um cúmplice.

— Só uma pergunta: por que eu devo entrar primeiro? — Zac perguntou.

— Diga que precisa de um conselho, pois sabe que você é o principal suspeito das mortes e quer conversar com alguém. Diga que eu te odeio e que você acha, inclusive, que eu estou querendo te matar. Não se preocupe, ele vai acreditar. Muita gente acha mesmo que estou de olho em você. Até você acreditou que eu ia te emboscar a qualquer momento, certo?

— Sim, estava percebendo você me cercando, já tinha conversado com outras pessoas sobre isso. Mas falaram que eu era louco. — Zac meneou a cabeça.

— Exatamente. Vá e fale isso. Fale que quer conversar em algum lugar reservado porque acha que tem alguém te seguindo. Qualquer lugar serve, só tire-o da sala. Quando eu bater na porta, peça para ele te esconder, diga que estou atrás de você. Se for esperto ele vai te ajudar, fingirá que é seu amigo. No fundo, ele estará rindo por dentro com a possibilidade de eu estar caçando você pelos crimes que ele cometeu — Ivan falou.

— E enquanto ele finge despistar você, eu procuro Gisele?

— Isso mesmo, Zac.

— E por que vocês simplesmente não invadem e procuram? — Zac indagou.

— Já tentamos fazer isso, mas ele está mantendo tudo trancado todos os dias, e não conseguimos nenhuma forma de entrar sem despertar suspeitas. Se arrombarmos a porta e não a encontrarmos, temos certeza de que ele vai matá-la. E acho que tem uma chance de você não encontrar Gisele, essa casa já foi revistada antes — Ivan respondeu sem tirar os olhos da casa. — Mas temos que tentar, com muito o cuidado. Lembre-se de que basta que ele nunca mais vá até o esconderijo dela para matá-la. Ele não precisa fazer nada que chame a atenção. E ele é muito discreto, faz uma semana que mantemos essa casa em observação constante e não conseguimos ver nada de concreto, apesar de termos colhido alguns dados significativos. Por isso estou trazendo você. Precisamos de um plano diferente. E tenho um palpite de que agora é o momento ideal.

Zac acenou com a cabeça, sentindo o coração disparado dentro do peito. Se houvesse alguma chance, por menor que fosse, de encontrar Gisele, ele iria achá-la.

— Ivan, sem querer ser pessimista, se você acha que ela está tão bem escondida assim, como é que eu vou encontrá-la? E por que você acha que agora é o momento certo? — Zac ainda se mostrava um pouco cético.

— Porque eu tenho um palpite. Preste atenção ao que vou dizer, e acho que as suas chances de encontrá-la agora serão enormes. — Logo em seguida, Ivan explicou algo que observara nos últimos dias e menos de uma hora antes.

Zac ouviu, atento. Agora estava entendendo a insistência de Ivan de realizarem aquela jogada exatamente naquele momento.

Conferiu a arma na cintura e dirigiu-se até a entrada. Depois de um instante de hesitação, Zac bateu na porta.

Aquela era a casa de Heraldo.

* * *

— Solte-a, Heraldo! Isso é uma ordem! Eu te mato se você a machucar! — Ivan gritou.

Heraldo tremia ao segurar Gisele pela cintura, mantendo a arma encostada em sua cabeça. Não podia acreditar que Zac o enganara com aquela conversa fiada de ajuda, conselho e perseguição.

Devia ter desconfiado quando Ivan bateu na sua porta perguntando sobre Zac, se ele estava lá dentro e tudo o mais. Heraldo chegou a ficar preocupado. Agora que tivera a chance ideal de jogar toda a responsabilidade em cima de Zac de uma vez por todas, Ivan resolvera aparecer na sua porta fazendo perguntas. Foi um alívio quando ele foi embora, depois de alguns minutos falando sobre suas desconfianças quanto a Zac.

Heraldo já estava até arquitetando o que faria. Ia convencer Zac a fugir do condomínio. Ia até ajudá-lo. Isso seria uma confissão de culpa, e Ivan iria caçá-lo até o fim do mundo. Se o encontrasse, acabaria por matá-lo; caso contrário, a busca nunca teria fim e aquele seria um crime sem solução. Era perfeito. Heraldo escolheu Marina justamente por ser alguém próxima de Zac, assim como Gisele. Com aquilo, tudo se encaixaria — Zac não seria mais um suspeito, seria considerado o grande culpado.

No final das contas, deu tudo errado. Quando voltou, Heraldo não encontrou Zac na cozinha, onde o havia deixado. Desconfiado, ele sacou a arma e o encontrou na sala de televisão.

Heraldo flagrou Zac no momento exato em que ele descobrira Gisele. Pelo menos ele tinha acertado um tiro bem no peito daquele moleque intrometido. Ele poderia até se dar mal, mas o grandão não viveria para ver o desfecho daquela história.

* * *

— Eu quero que vocês saiam agora, senão eu irei matá-la! Estou falando sério! — Heraldo rosnou, olhando de um lado para o outro, muito nervoso.

Ivan, Gisele, Bob, Reginaldo, Silas e Adriana apontavam seus fuzis para ele, prontos para atirar a qualquer momento.

— Não faça isso, Heraldo, acabou! Deixe-a livre e eu prometo que ninguém vai machucá-lo, e que você terá um julgamento justo! — Ivan falou, tenso. Sentia que a qualquer momento aquele traidor faria algum movimento desesperado e tudo estaria perdido.

— Nunca vou me entregar, entendeu? Nunca! Já estive nessa situação antes, Ivan! Foi por isso que fugi para o Rio de Janeiro! E não cheguei tão longe para me entregar, eu prefiro matar esta vadia e morrer junto com ela, fui claro? — Heraldo gritava, com suor escorrendo pela testa.

Ivan avaliava aquela situação e concluiu que não acabaria bem. Por isso, tomou uma decisão difícil, mas não viu alternativa. Ele baixou o fuzil e mandou todos baixarem as armas. Todos menos Estela.

— Amor, você está com ele na mira? — Ivan perguntou com naturalidade para Estela enquanto todos engoliam em seco.

Heraldo olhou para ele e depois para ela; não podia acreditar que Ivan falava sério. Gisele fechou os olhos e começou a rezar.

— “Pai nosso que estais no céu, santificado seja o Vosso nome...”

— Pode apostar que sim — Estela respondeu. Estava imóvel como uma rocha, com os olhos vidrados em Heraldo.

— “...venha a nós o Vosso reino, seja feita a Vossa vontade...”

— Estou avisando que vou matá-la! Eu estou falando sério, Ivan! — Heraldo gritou.

— Quando você quiser, Estela. Cumpra a sua promessa e enfie uma bala na cabeça desse cretino — Ivan autorizou.

— “...assim na Terra como no Céu.”

— Estou avisando para você... — Heraldo começou a falar, mas não conseguiu terminar a frase.

Estela apertou o gatilho, e uma bala solitária voou mais rápido que a velocidade do som pela sala. Na lateral do projétil estavam sete letras, escritas por ela mais cedo — HERALDO. A bala raspou o rosto de Heraldo abrindo um sulco na pele e fazendo o sangue jorrar, e por fim arrancou a orelha esquerda dele.

Cego pela dor, Heraldo jogou Gisele para a frente, no meio da linha de tiro, e começou a disparar indiscriminadamente. Uma das balas atingiu a parte posterior do braço direito da pobre moça, que sentiu uma explosão de dor.

Ivan agarrou Gisele e a jogou no chão, cobrindo seu corpo nu com seu próprio corpo. Heraldo disparou na direção dela, mas atingiu as costas de Ivan que sentiu a

pele queimar debaixo do colete à prova de balas. Enquanto isso, Silas agarrou Zac, que estava inerte no chão, e o puxou para trás, tentando afastá-lo dos disparos.

Os demais soldados dispararam quase ao mesmo tempo, transformando a sala numa praça de guerra. Mas Heraldo conseguira ganhar tempo suficiente para correr para o corredor, fora do alcance dos tiros. Ivan puxou Gisele para trás de um sofá, dando ordem de cessar-fogo.

— Parem de atirar! — Ivan gritou, fazendo sua voz subir um tom acima do barulho dos disparos. Sentia uma dor terrível; o colete impediu a bala de entrar, mas não amorteceu completamente o impacto. Ele sentia como se tivessem enfiado um ferro em brasa nas suas costas.

De repente, ouviram um barulho de algo metálico batendo e rolando pelo chão. Estela arregalou os olhos, Heraldo jogara uma granada de mão no meio da sala.

— Granada! Protejam-se! — Estela gritou e se jogou no chão atrás do sofá, no que foi imitada pelos outros.

Naquele espaço apertado a explosão foi ensurdecadora. O deslocamento de ar jogou aquelas pessoas para todos os lados, e todos os vidros da janela se estilhaçaram com a onda de choque. Até mesmo as lâmpadas explodiram, deixando a sala às escuras.

Ivan tentava se erguer, desorientado. Agora não eram apenas as costas que doíam, mas o corpo todo. Estava assustado também. Temia que algo tivesse acontecido com Estela ou com os demais.

Ficou aliviado ao avistar os amigos começarem a se levantar devagar. Era uma granada de carga leve, e eles estavam atrás do sofá, por isso ninguém morreu.

Ivan lutava para conseguir colocar as coisas em foco quando ouviu o som inconfundível do Urutu sendo ligado do lado de fora. Heraldo tentava fugir usando um dos tanques.

Ivan saiu correndo à frente dos demais, que ainda tentavam se recuperar. Ele não ia deixar Heraldo escapar, faria o que fosse preciso para impedir. Ao sair para a rua, viu o Urutu descendo em alta velocidade, na direção das plantações no clube Thermas do Vale. Ele mirou com o fuzil e disparou nos pneus; sabia que atirar na lataria do blindado não surtiria efeito nenhum.

O veículo já estava a quase setenta quilômetros por hora quando os pneus do lado esquerdo se despedaçaram e o Urutu perdeu o controle, se espatifando contra o muro do condomínio. Ivan viu aquela cena em câmera lenta — o blindado de treze toneladas bateu e capotou, abrindo um rombo na muralha e fazendo mais de dez metros de parede desabar.

— Meu Deus, o que foi que eu fiz? — Ivan se perguntou quando viu os milhares de zumbis olhando-o pelo buraco que se abriu.

Quando Estela e os outros saíram, viram as primeiras criaturas invadirem o condomínio. Vários outros soldados e reservistas vinham correndo de várias direções, armados com escopetas, fuzis e pistolas. Tinham sido atraídos pelos tiros, pela explosão e pelo barulho ensurdecedor da batida do tanque. E agora estavam todos diante de um pesadelo de enormes proporções.

Ivan tomou a frente e começou a atirar, derrubando os mortos-vivos aos montes, enquanto Estela e os outros o imitaram. Aquele seria o maior desafio daquela equipe tão acostumada a lidar com adversidades. Estavam em terreno aberto, em um número muito menor e a pé, sem a vantagem dos blindados.

Mais de quinhentos zumbis entraram em questão de minutos. Ivan e seu grupo de setenta soldados fizeram uma grande linha defensiva, tentando mantê-los encurralados.

— Não deixem a linha se romper! Protejam as laterais. Se eles passarem por nós, irão nos cercar! — Ivan gritava, atirando sempre. — Oliveira, Dias e Silva, busquem os blindados, não vamos conseguir segurá-los por muito tempo!

A infantaria encarregada de proteger o Condomínio Colinas descarregava suas armas contra a multidão de feras, que avançava destemida, sem temer nada.

Mesmo com um grosso poder de fogo os soldados não conseguiram manter os zumbis afastados o suficiente, e as primeiras criaturas começaram a se atracar com os combatentes. Membros da equipe eram agarrados e arrastados para dentro do enxame, desaparecendo no meio daquele inferno. Quando um caía, aqueles que estavam em volta atiravam ainda mais.

Homens e mulheres passaram a ser massacrados indistintamente, dilacerados por aqueles seres infernais.

Municiadores eram trocados em velocidade frenética. À medida que os fuzis ficavam sem balas os soldados sacavam suas pistolas e começavam a atirar. Tinham munição aos montes no arsenal, mas todos haviam sido pegos de surpresa e não estavam preparados para um ataque daquela magnitude.

Adriana gritou de desespero quando Bob foi agarrado e arrastado por um grupo de mortos-vivos. Ela atirou contra o bando, mas não conseguiu detê-los, e Bob sumiu por completo. Ela gritava, e fez menção de deixar a linha de tiro e tentar buscá-lo, mas Reginaldo a impediu; era tarde demais. Em seguida, mais pessoas foram arrastadas, os zumbis estavam vencendo a derradeira batalha. Naquele caso, a astúcia e a habilidade não tinham como fazer frente à força bruta.

As balas do fuzil de Estela acabaram, e ela começou a disparar com a pistola. Mas tinha apenas um pente de balas; em breve teria que lutar usando o fuzil como porrete. Ivan, ao seu lado, também atirava com a pistola. Entreolharam-se por um instante fugaz e finalmente um zumbi conseguiu agarrar Ivan, puxando-o.

Ele se desequilibrou e caiu com a criatura sobre si, uma mulher muito forte. Ivan a agarrou pelo pescoço, empurrando-a para cima enquanto outras feras o cercavam.

Ivan pensou na esposa e nos filhos. Pensou no pequeno mundo seguro que eles quase conseguiram construir. Lamentou não ter sido capaz de fazer mais, queria ter tido mais tempo.

O que seria dos seus filhos? Será que conseguiriam escapar? Esperava do fundo do coração que alguém os protegesse e fosse mais eficiente do que ele.

De repente, a cabeça da mulher explodiu: o tiro de Estela entrou pela sua nuca e saiu entre seus olhos. Ela deixou a linha e entrou no meio dos mortos-vivos; não deixaria o marido morrer. Se isso fosse acontecer, ela iria junto com ele, fosse para o Céu ou o Inferno.

Estela abriu caminho à bala, gastando o último projétil num homem que se abaixara ao lado de Ivan para mordê-lo. Ivan empurrou a criatura morta e começou a atirar a partir do chão mesmo, de baixo para cima.

Estela passou a bater com o fuzil, num último esforço desesperado de alcançar Ivan, que era agarrado novamente toda vez que tentava se erguer. Ao redor deles, dezenas de armas disparavam em todas as direções enquanto zumbis e homens tombavam.

Ivan viu alguns dos seus melhores companheiros sendo trucidados perto de si sem poder fazer nada, pois tentava ele mesmo sair daquela armadilha letal. Os gritos dos seus amigos pedindo para que continuassem atirando mesmo enquanto estavam sendo mortos a dentadas faziam sua cabeça girar de desespero e ódio.

Por fim, Estela conseguiu abrir uma mínima passagem pelo cerco de feras que tentavam agarrar Ivan. Ele não se rendia. Quando suas balas acabaram, começou a chutar, esmurrar e dar coronhadas. No meio do caos, sentiu uma mão macia e suada agarrar a sua, e soube que era sua companheira.

Estela o puxou usando todo o peso do seu corpo, finalmente colocando o marido de pé outra vez. Ivan aplicou um golpe de perna no peito de um zumbi, derrubando-o, bem como um pequeno grupo logo atrás.

Ao se virar, Ivan encontrou Estela caída — uma das criaturas a havia derrubado e mordida seu braço inutilmente, pois estava protegido pela grossa farda do exército. Ivan puxou uma granada da cintura e arrancou o pino, deixando-a cair no chão. Depois, deu três passos, puxou para trás o zumbi que estava sobre Estela e o arremessou no solo, jogando-se sobre a granada um segundo antes de o artefato explodir atrás de si.

A onda de choque derrubou mortos-vivos e soldados indistintamente, e por muito pouco não partiu a espinha de Ivan. Como os dois eram os mais próximos, receberam toda a violência do impacto. Várias costelas de Estela se quebraram naquele momento.

Ivan ficou caído sobre a esposa, com o rosto colado ao dela. Seu corpo inteiro doía pela violência da explosão e pelo tiro que levava pouco antes. Ivan levantou a cabeça e olhou para a sua amada; não conseguia mais lutar. Havia atingido o limite das suas forças, e as criaturas ao redor já começavam a se recuperar.

— Eu te amo, meu anjo. Espero te encontrar em um lugar melhor — Ivan falou, ouvindo os gemidos dos zumbis que se preparavam para cercá-los novamente.

— Eu também te amo. Sinto muito por tudo, me desculpe por ter falhado. — Estela suspirou, esgotada.

De repente, ouviram o som ensurdecedor do motor de um Urutu que entrou no meio da massa de mortos-vivos, trucidando as criaturas com suas rodas imensas. Dois veículos entraram bem no meio da batalha, fazendo os soldados que haviam sobrado recuar por um instante. Dias e Silva estavam sobre os carros e dispararam as metralhadoras de grosso calibre que ficavam sobre os veículos, dilacerando as feras às dezenas. Um dos carros entrou exatamente entre Ivan e Estela e a turba enfurecida, fazendo os monstros recuarem.

Silas agarrou Ivan e puxou-o para trás, levando-o para longe daquele inferno. Reginaldo fez o mesmo com Estela, que berrou de dor quando o amigo a colocou sobre os ombros e a removeu dali.

Outros Urutus finalmente se aproximaram, fechando o cerco em torno do rombo na parede, empurrando os zumbis para trás. Em seguida, acionaram os lança-chamas, torrando várias criaturas ali mesmo. Mais granadas foram lançadas no coração da multidão que se espremia pelo buraco, fazendo pedaços de mortos-vivos voarem pelos ares. Por fim, as feras estavam todas do lado de fora. Ainda tentavam entrar, mas eram tantos corpos pegando fogo obstruindo a passagem que não conseguiam penetrar no condomínio.

Por fim, a batalha dava sinais de que seria vencida pelos humanos, apesar do início catastrófico.

Ivan e Estela ficaram sentados, encostados na parede de uma casa. Estavam feridos e exauridos, mas ainda vivos. Oliveira e Sandra se aproximaram; estavam um bagaço também. O jovem cabo fora ferido por um estilhaço de granada. Sandra fez um rápido exame em Estela e afirmou que ela precisaria ir para o posto de saúde imediatamente.

— Oliveira, tem alguma ideia de quantas baixas sofremos? — Ivan perguntou, olhando o cenário de desolação a sua frente, onde centenas de zumbis jaziam caídos no chão.

— Não sei, Ivan. Acho que pelo menos trinta pessoas morreram. Bob, China, Arnaldo, Bruno e vários outros estão mortos. Eu realmente sinto muito, meu amigo — Oliveira disse, com pesar.

Ivan não falou nada. Segurou a mão de Estela com força. Eles se olharam

novamente, e em segundos experimentaram mil sentimentos. Uma mistura de dor, felicidade por estarem vivos, vergonha pelos que morreram e uma imensa sensação de dever não cumprido. Aquela seria uma das muitas lições que eles iriam tirar daquele episódio: a sensação de impotência e culpa, quando se perde seus comandados.

Para surpresa de todos, Gisele surgiu entre eles. Vinha mancando e com o braço ensanguentado, vestindo uma roupa masculina que conseguira na casa de Heraldo, e estava desesperada. Procurava Sandra.

— Venha rápido, preciso da sua ajuda! — Gisele pediu, ignorando o fato de que Sandra estava atendendo Estela.

— Por quê? O que houve, Gisele? — Sandra indagou, assustada. Não sabia se aguentava mais emoções naquela noite infernal.

— É Zac! Ele está vivo!

CAPÍTULO 13

FRENTE A FRENTE



GISELE VINHA CAMINHANDO lentamente pelo condomínio, apreciando a bela manhã de sol. O ar era puro, agora em São José dos Campos, depois que milhares de carros pararam de circular pelas ruas. Ela agora enxergava as coisas de uma forma diferente, gostava de curtir pequenos momentos como aquele. O sol aquecendo a pele, o vento fazendo os cabelos voarem, todas essas coisas banais das quais esteve privada por tanto tempo. Nem mesmo a leve dor no braço por causa do tiro de Heraldo a incomodava naquele momento.

Entrou no posto de saúde cumprimentando a todos. O posto estava sempre cercado de soldados armados, porque tinha uma hóspede ilustre agora: Estela estava internada ainda, e deveria permanecer por lá mais uma semana no mínimo, ainda se recuperando dos vários ferimentos que sofrera.

Gisele chegou até a porta do quarto dela, onde Silas fazia a segurança como um cão de guarda. Silas só aceitava ser rendido por Reginaldo. Sabia do valor da mulher que estava dentro daquelas paredes. Vendo Gisele na sua frente, ele sorriu para a companheira de armas. Ela continuava linda, apesar do inferno que tinha passado. Estava vários quilos mais magra, mas já se mostrava muito melhor do que uma semana antes.

— Bom dia, minha irmã, tudo bem? — Silas perguntou.

— Tudo bem, melhor impossível. Ela está acordada? — Gisele quis saber.

— Sim, está tomando café. Pode entrar, Ivan está lá dentro.

Gisele respirou fundo ao girar a maçaneta do quarto. Chegara a hora de conversar com a mulher que salvara a sua vida.

Quando entrou, Gisele viu Ivan sentado na cama junto com a esposa. Ele tirara as botas e cruzara as pernas sobre a cama, e assim o casal conversava tranquilo enquanto Estela bebericava uma xícara de chá. Ela estava bem, confortavelmente reclinada na cama, apesar do tronco todo enfaixado em função das costelas quebradas.

— Bom dia! Tudo bom com você? — Estela perguntou, simpática.

Ivan também a cumprimentou.

— Tudo bom, cada dia melhor. — Gisele sorriu. — Posso conversar com você um minuto?

Estela e Ivan se entreolharam. Ele precisava mesmo sair, tinha que cumprir uma promessa, e também queria conversar com alguém muito especial. Beijou a esposa na testa e saiu. Pensou em dar um abraço em Gisele, mas se conteve. Sabia que ela não ia aceitar.

Gisele se sentou na cama próxima a Estela. Ambas se olharam por alguns instantes. Estela sabia o que aquela moça tão tenaz viera fazer e não apressaria as coisas, daria o tempo que ela precisasse.

— Me desculpe — Gisele falou, por fim. — Eu não sei nem como falar.

— Está tudo bem. Você não é a primeira mulher a se apaixonar por um homem casado. — Estela piscou um olho.

— Eu sei. Mas quero dizer que não aconteceu nada. Ele nunca me deu nenhuma chance. — Gisele ficou vermelha de vergonha.

— Sei disso. Não precisa ficar assim, são águas passadas. — Estela mostrava um sorriso suave no rosto.

— Estela, preciso colocar para fora, estou me sentindo muito culpada. Eu me conheço. Se ele tivesse entrado na minha, eu não teria hesitado, você sabe disso, não é?

— Eu sei, Gisele. Eu sei.

— Então, você sabia que se eu sobrevivesse poderia ser uma ameaça para seu casamento, e mesmo assim você deu aquele tiro. Mesmo assim salvou a minha vida. Não sei como te agradecer... — Gisele cobriu o rosto com as mãos.

— Eu salvei você porque era a coisa certa a se fazer. E fique tranquila, por mais que você esteja se condenando agora, tenho certeza de que teria feito a mesma coisa.

— Estela esticou o braço e tocou o ombro daquela moça. — Só lamento não ter acertado aquele tiro dois dedos mais para a esquerda. Não teríamos tido trinta e um velórios.

— Sim, e o pior é que ainda falta um — Gisele falou com pesar. Sentia muito por Adriana, não imaginava como a amiga estava lidando com aquilo tudo. — Mas tem algumas coisas que ainda não entendi. Como foi que vocês descobriram que Heraldo era o culpado? E como foi que Zac me encontrou, quando ninguém mais conseguiu? Aquela casa já tinha sido revistada, eu tenho certeza. E aquele esconderijo que Heraldo havia preparado era horivelmente perfeito!

— Olhando hoje, foi simples, na realidade. Nós pensávamos que você estava morta e, por isso, tínhamos raciocinado do jeito errado. Quando Marina apareceu assassinada, começamos a pensar na possibilidade de você estar viva e criamos hipóteses partindo do princípio básico: ele tinha que estar alimentando você de

alguma forma; ninguém neste lugar cozinha em casa, portanto, ele tinha que estar levando comida para você do refeitório.

Gisele assentiu.

— Com isso em mente, eu e Ivan ficamos dias vigiando todos durante as refeições. Algumas pessoas costumam às vezes levar comida para casa, isso é normal. Mas Heraldo levava sempre, todos os dias, sem exceção. Isso o colocou imediatamente na lista de suspeitos, pois tinha o perfil que procurávamos. Homem, forte e morava sozinho — Estela completou.

— Entendi. Mas como Zac me achou? — Essa era a parte que mais a intrigava Gisele.

— Pelo mesmo motivo pelo qual tivemos certeza de que Heraldo era o culpado: o perfume. Ele nunca era visto com mulher nenhuma. Nós vigiamos a casa dele para ver se ele tinha uma amante, e nunca vimos nenhuma mulher entrar ou sair de lá. Mas todos os dias Heraldo aparecia cheirando um perfume feminino. Muito sutil, dando a entender que esse cheiro estava impregnado nele vindo do corpo de outra pessoa. Podíamos jurar que ele estava tendo alguma relação muito próxima com alguma mulher que nunca saía da casa dele. Por isso, quando Ivan falou com Zac, ele foi taxativo: meu marido mandou-o seguir o perfume. Foi assim que ele te achou. Zac te rastreou igual a um cão perdigueiro. Nós mesmos sentimos o cheiro enjoativo daquela fragrância quando entramos — Estela falou por fim. — Quando a casa foi revistada antes, ninguém sabia que tinha que seguir cheiro nenhum; naquele momento, Heraldo não era suspeito ainda.

Gisele começou a relembrar os momentos de terror vividos. Aquele cheiro nojento que ele adorava sentir nela antes de tratá-la como um objeto. Como odiava aquele homem!

Estela viu que aquela conversa estava fazendo mal para aquela moça e se arrependeu de ter passado tantos detalhes. Ficava se perguntando se Gisele conseguiria superar aquilo tudo um dia. Esperava sinceramente que sim.

Estela se animou, de repente. Olhou para Gisele e decidiu dar uma boa notícia para ela.

— Você está sabendo da novidade? — Estela mostrava um brilho significativo no olhar.

Gisele entendeu logo, um sorriso iluminou seu rosto perfeito, e ela perguntou:

— Ele acordou?

Estela confirmou com a cabeça, e as duas mulheres se abraçaram. Até que enfim tinham algo para comemorar.

* * *

Ivan caminhava abraçado com Adriana; tentava amparar a amiga naquele momento

tão difícil. Ele havia feito uma promessa para ela, e estava na hora de cumprir.

— Você tem certeza de que quer ir também? Não precisa ver isso, Adriana, nós podemos resolver tudo — Ivan afirmou.

— Eu preciso ir. Tenho de seguir em frente, e essa é a única forma. — Adriana pousou a mão na barriga, acariciando o ventre, onde o filho de Bob crescia tranquilamente, alheio ao sofrimento da mãe.

Ivan e Adriana entraram num dos tanques. Reginaldo já os aguardava ao volante. No outro veículo ia Oliveira e mais alguns soldados. Aquela seria uma das missões mais difíceis que iriam realizar.

Saíram do condomínio lentamente. Logo, diversos mortos-vivos começaram a se aproximar como sempre, daquela forma cambaleante e errática de costume.

Os carros avançavam devagar. Ivan estava na torre de tiro munido de um binóculo, vasculhando entre os zumbis. Por fim, localizou o que ele queria e indicou a direção para Reginaldo.

O blindado parou próximo a um zumbi que olhou na direção deles e avançou. Estava sem um braço e quase todo o tórax tinha sido arrasado, mas o rosto continuava intacto, apesar da careta selvagem e os olhos brancos como cal. Ivan pôs para fora da camisa uma medalha de ouro que tinha ganhado de Estela no primeiro Natal que passaram juntos como marido e mulher — tinha a forma do rosto de Cristo. Ivan deu um beijo naquele seu amuleto do qual não se separava nunca.

— Deus me perdoe pelo que estou prestes a fazer — Ivan murmurou.

Ivan não hesitou mais. Assim que Reginaldo encostou ao lado da criatura, ele disparou a pistola. Um tiro certeiro no topo do crânio que fez o ser desabar no asfalto quente. Ivan abriu depressa a porta e puxou o cadáver para dentro do blindado antes que outros zumbis os alcançassem.

Adriana olhou para o cadáver de Bob com lágrimas caindo dos olhos como uma cachoeira. Abraçou o corpo do namorado e, enfim, pôde iniciar o seu luto.

* * *

Ivan, no velório de Bob, sentia um misto de tristeza e alívio. Nos últimos dias repetira aquela operação trinta e duas vezes: a difícil tarefa de matar antigos parceiros e resgatar seus cadáveres para que pudessem finalmente voltar para casa e descansar em paz com um enterro digno.

Em todas as ocasiões, foi ele que apertou o gatilho. Sentia que tinha a obrigação moral de fazer aquilo. Ivan conhecia bem seus homens; a última coisa que eles desejariam seria vagar pela Terra transformados em zumbis. Todos eles iriam preferir o alívio da morte.

Ele saiu do velório antes do que desejava. Chegara a hora de ter uma conversa que vinha adiando fazia dias. E agora era o momento; depois não teria outra

oportunidade. Caminhava cercado por vários soldados que faziam sua escolta pessoal. Seria assim de agora em diante, tanto para ele quanto para Estela.

Entrou no escritório, onde diversos soldados montavam guarda dia e noite. Vendo seu líder se aproximando, eles abriam passagem, saudando-o. Ivan cumprimentava um a um. Chegou até a porta onde o soldado Silva estava de guarda.

— Como vai o nosso hóspede? — Ivan perguntou cumprimentando o amigo com um abraço.

— Acordado e fazendo mil pedidos, como se isto aqui fosse um hotel de luxo. — Silva fez uma careta.

— Tudo bem, deixe-o pedir o que quiser. Vim ter aquela conversa antes que seja tarde demais, está bem? — Ivan falou.

O soldado Silva assentiu, destrancando a porta e deixando Ivan entrar numa sala pequena onde só havia alguns poucos móveis e um colchão. Deixando-o frente a frente com Heraldo.

* * *

— Bom dia, meu amigo, obrigado por ter vindo — Heraldo falou com sinceridade. Estava com uma aparência ótima, apesar de um pequeno curativo no rosto e outro na orelha destruída.

— Não somos mais amigos, Heraldo. Acho que nós nunca fomos. — Ivan o encarou, sério.

— Eu entendo que você pense assim. E sinto muito. — Heraldo se sentou numa cadeira e ofereceu a outra para Ivan.

Entre eles havia uma pequena mesa de madeira.

Ambos sentaram-se e permaneceram em silêncio por alguns instantes. Heraldo finalmente falou:

— Deus me fez diferente dos outros homens, Ivan. Ele me criou sentindo prazer de uma forma diferente dos demais. Você não faz ideia do que é isso. Você seria capaz de resistir aos seus instintos mais profundos, mais íntimos? Mesmo que eles apontassem numa direção completamente errada?

— Não acredito que você me chamou aqui para tentar se justificar. — Ivan olhou profundamente para o homem que quase matara todos dentro daquele condomínio.

— Não estou me justificando, não espero que você me perdoe. Também não quero que você me salve. Fui condenado e vou pagar pelos meus erros. Gostaria apenas que você entendesse o meu lado. Sou assim desde criança. Eu nasci assim; isso é o que chamamos de índole, certo? Nunca tive a escolha de ser diferente, essa sempre foi a minha natureza.

— Não me fale em escolhas, Heraldo! Todo o mundo tem uma escolha na vida. Muitas vezes essas escolhas não são fáceis e muito menos justas, mas sempre existe

alternativa, sempre existe outro caminho a ser seguido. Você não é uma vítima! — Ivan apontou um dedo acusatório para ele.

— Você está sendo moralista, e todo moralista no fundo é um fraco! — Os olhos de Heraldo de repente ficaram injetados de raiva. — Um homem de verdade não tem que se sujeitar a se negar aquilo que a sua alma pede. Ele tem é que arcar com o peso dos seus atos. Essa é a diferença entre nós, Ivan. E esse vai ser o motivo da sua ruína.

— É isso o que pensa? Se eu desejo algo, tenho que tomá-lo à força? — Ivan perguntou, olhando-o fixo. — Se essa é a sua opinião, então não me surpreende que você esteja aqui, contando as últimas horas da sua vida desgraçada.

— É exatamente isso o que penso. Mas não foi sempre assim, eu lutei muito contra meus desejos. Até que constatei que estava me enganando. E você está cometendo o mesmo erro que eu cometi no passado, e por isso estou querendo alertá-lo. — Heraldo agora olhava Ivan de uma forma perturbadora.

— E o que eu estou negando, Heraldo? Que desejo ardente é esse que estou reprimindo e ao qual você acha que devo ceder? — Ivan se inclinou sobre a mesa, aproximando-se do seu interlocutor.

— Poder. É com isso que você sonha. Você quer poder, Ivan, poder ilimitado — Heraldo respondeu, olhando-o com maldade. — Eu observei muito você. Você adora mandar. Adora estar no comando. Você ama impor a sua vontade sobre os demais.

Ivan ficou em silêncio por alguns instantes. Tentou não se abalar com as palavras dele, mas era difícil, muito difícil. Heraldo percebera algo que nem Estela fora capaz de notar.

— Você não precisa negar isso. Negar sua alma é um erro, acredite em mim. Tome o controle para si. Pegue-o. Agarre-o. Você pode, você fez por merecer. Domine-os, Ivan. Domine-os com força. — Heraldo olhou profundamente para ele, estreitando os olhos.

Ivan o encarou e sorriu. Levantou-se, tranquilo, e virou-se na direção da porta. Vendo aquilo, Heraldo explodiu, ficou de pé, furioso, e esmurrou a mesa com as duas mãos. Aquilo fez com que Silva entrasse rapidamente, de arma em punho, pronto para precipitar o inevitável.

— Entregue-se, Ivan! Você não vai conseguir! Você vai se decepcionar e um dia irá ceder, exatamente como eu! Todos cedem ao desejo, todos! — Heraldo gritava, enquanto Silva o empurrava para o fundo do quarto.

Outros soldados invadiram o local e o ajudaram a conter o homem, que agora se mostrava completamente transtornado.

Ivan parou por um instante e se virou para trás, já no corredor. Olhou bem para aquele infeliz e decidiu lhe dirigir a palavra uma última vez:

— Eu vou correr o risco, Heraldo. Prefiro uma vida inteira lutando contra mim

mesmo do que ser igual a você por um segundo que seja.

— Por que, Ivan? Por que cometerá essa idiotice? Por que negar aquilo que a sua alma te implora todos os dias? Eu não entendo! — Heraldo berrava, vermelho de ódio.

— Essa é a minha escolha. Ao contrário de você, eu decidi trilhar o caminho mais difícil. — E, por fim, Ivan foi embora.

Heraldo foi julgado e condenado por traição, estupro, sequestro, tentativa de homicídio e pela morte de trinta e três pessoas. Por seus crimes naquela bela tarde de sol, ele enfrentou o pelotão de fuzilamento.

* * *

Gisele entrou no quarto de Zac com muita delicadeza. O rapaz parecia estar dormindo novamente, e por isso, ela fez menção de sair, mas quando tentou ele a impediu.

— Não vá — Zac pediu, com uma voz bem fraca.

— Eu não vou a lugar nenhum. — Gisele se aproximou.

— Acho que dessa vez bateu na trave, não é verdade? — Zac forçou um sorriso. Estava muito fraco, havia ficado uma semana em coma induzido, além de ter sido operado às pressas para remover uma bala do pulmão.

— Não se esforce, teremos muito tempo para conversar. Mas há algo que preciso falar, eu preciso muito te pedir desculpas — Gisele falou, mesmo sabendo que não era o melhor momento.

— Está tudo bem.

— Não está tudo bem, eu fui horrível com você. Eu te evitava pela sua aparência. Passei a vida toda buscando a perfeição da aparência. Até o meu trabalho era esse, eu ajudava as pessoas a serem mais bonitas. — Gisele estava arrependida. — Mas eu descobri, trancada naquela casa, que o verdadeiro horror está na alma das pessoas. Rezei muito para Deus me deixar sair viva de lá só para implorar pelo seu perdão; era a única coisa que eu pedia.

Gisele começou a chorar até soluçar. Zac ficou emocionado com aquela cena. Sonhara durante meses com o momento em que Gisele seria amável com ele.

— Estou apaixonado por você, Gisele. E não é de agora, foi desde os primeiros dias. Eu quis morrer quando você desapareceu. — Ele tentou pegar a mão de Gisele, mas ela recuou.

Aquilo o magoou, e ela percebeu.

— Me desculpe, Zac, não me entenda mal! Eu estou tão traumatizada que não consigo tocar nenhum homem. Não sei o que está acontecendo comigo! Vários tentaram ser gentis, e eu simplesmente não deixo que nenhum me toque. — Apavorava Gisele a ideia de magoar Zac novamente. — Mas eu quero mudar, quero

tentar de novo. Só tenha paciência comigo, por favor.

— Tudo bem, eu terei paciência. Vou esperar o tempo que for necessário. — Zac sorriu, saboreando o momento mais feliz de sua vida.

EPÍLOGO



IVAN, ESTELA E AS CRIANÇAS brincavam tranquilamente na praça. Era o começo de 2019, e os filhos se divertiam com os brinquedos novos que os pais tinham “comprado” no Shopping Colinas, no Natal. Era uma verdadeira festa. As crianças brincavam, animadas, correndo umas atrás das outras com a cadelinha Esperança, que havia crescido o bastante.

Já viviam naquele condomínio quase duas mil pessoas sob a proteção daqueles dois que guiavam todos em segurança. Eles eram conhecidos como o Casal de Ferro, amados e temidos por muitos.

Ivan se sentou num banco de pedra, e Estela, no seu colo, enlaçando o marido pelo pescoço. Estavam muito felizes. Até que enfim, as coisas estavam tranquilas. Os mortos-vivos eram e seriam para sempre uma ameaça, mas eles haviam aprendido como conviver com isso. Ainda sentiam muito pelas perdas que sofreram, mas agora estava tudo mais calmo.

— Feliz, meu amor? — Ivan perguntou para a esposa, logo depois de beijar seus lábios com suavidade.

— Muito! — Estela sorriu. — Estava pensando... Nós podíamos tirar umas férias e ir para Paris como sempre sonhamos, que tal?

Ambos riram daquela maluquice.

— Eu adoraria, amor. Quem sabe um dia o mundo volta para os eixos e isso se torna possível? Não custa nada ter esperança, certo? — Ivan enlaçou a cintura dela.

Ficaram assim abraçados durante alguns instantes, vivendo seu breve momento de perfeita felicidade, quando Ivan avistou Ariadne caminhando apressada na direção deles. Ela estava visivelmente agitada, por isso ambos ficaram observando-a se aproximar, ansiosos. Diversos membros da guarda pessoal deles, que estavam em volta, também perceberam a aproximação daquela mulher.

— Ivan, aconteceu o que você previu. — Ariadne tentava recuperar o fôlego.

Ivan e Estela se entreolharam. Tiveram certeza de que mais uma odisseia estava para começar. E essa seria a mais perigosa.

— Finalmente consegui estabelecer contato pelo rádio. Acabo de receber um pedido de socorro! — Ariadne informou.

— De onde? — Estela quis saber.

— De Taubaté! — Ariadne respondeu.

Ivan e Estela sorriram. Havia chegado a hora de lutarem novamente.

AGRADECIMENTOS



AGRADEÇO À MINHA ESPOSA, Cláudia, pelo seu apoio incondicional neste projeto.

Muito obrigado à minha mãe, Maria de Fátima, e meu sobrinho Raphael, os dois primeiros que leram este livro.

Um agradecimento especial à minha irmã Viviane, minha leitora mais crítica, meus irmãos, Rogério e Renato, e minha cunhada, Patrícia. Vocês fizeram questão de ler estas páginas antes de todos os outros.

Muito obrigado à Renata, minha cunhada e revisora. Eu sei que te dei muito trabalho e espero que você me perdoe.

Agradeço ao meu amigo, Ricardo Lucena, pelas dicas a respeito do mercado editorial. Sobretudo quando disse que eu deveria ouvir as críticas e aguentar firme. Vou levar esse conselho comigo para sempre.

Também agradeço o apoio das equipes dos sites:

“[Zumbi Apocalipse](#)”, “[The Walking Dead Brazilian](#)”, “[Revil](#)”, “[The Walking Dead Brasil](#)”, “[The Walking Dead Walker’s](#)”, “[Zumbis no Face](#)”, “[Universo Zumbi](#)” e “[Planeta Morto](#)” — por apostarem neste projeto.

O meu muito obrigado aos meus amigos: Mattheus Paulo, Eduardo Delfino, Hilton Gabriel, Gabriel Gregório, Bruno Miranda, Carlos Oliveira, Ramon Oliveira, Vanderlei Diego e Caíque Fernandes, a melhor equipe de divulgação em redes sociais do mundo. E agradeço a todas as pessoas que acessaram e curtiram o site do livro no Facebook. Somos poucos, mas somos fortes!

Acima de tudo, agradeço a Deus. Eu questiono suas decisões nesta obra, mas sem nunca deixar de ter fé.

NOTA DO AUTOR



O VALE DOS MORTOS é resultado de mais de dois anos de planejamento. A ideia surgiu após um pesadelo, logo depois de assistir ao filme *Madrugada dos Mortos*, de George Romero.

Apesar de obviamente ser uma obra de ficção, este livro está baseado em diversos fatos e locais reais.

As teorias sobre o planeta Absinto, Intruso, Hercólubus são reais e estão registradas respectivamente no Apocalipse, nos escritos de Nostradamus e no livro de V. M. Rabolu.

Todos os locais e fatos históricos do capítulo Apocalipse também existem de fato, mas tive de recriar alguns detalhes sobre aspectos das moradias presidenciais.

Como toda a trama ocorre num futuro próximo, precisei criar algumas teorias sobre quais seriam os prováveis presidentes de cada país. No caso do Brasil e da França foi muito simples, bastou imaginar que os atuais mandatários vão conseguir se reeleger, mas vale lembrar que somente no futuro saberemos se essas previsões irão se confirmar. No caso da China, quero salientar que a esposa de Xi Jinping, a cantora Peng, goza de boa saúde.

O caso do presidente dos Estados Unidos foi o mais complicado. Considerando que Barack Obama foi reeleito e o seu mandato terminará em 2016, tive que pesquisar qual seria seu possível sucessor nas eleições daqui a quatro anos, considerando que ele não poderá se candidatar novamente.

Peter Shumlin surgiu como opção possível. Ele pertence ao mesmo partido de Obama, o que deve ser favorável pelo cabo eleitoral de peso que terá. É jovem, governador bem avaliado do estado de Vermont e famoso no país inteiro pelo episódio dos ursos, que também é real. Pareceu uma aposta tão boa quanto qualquer outra, mas só o tempo vai dizer se isso se confirma.

As passagens históricas sobre a Queda da Bastilha e do Regimento Ipiranga são fartamente conhecidas e documentadas; foi mais difícil compilar todas as informações das diversas fontes. Já os tópicos sobre armamentos do exército não vieram de fontes oficiais, apesar de parecerem bastante plausíveis.

Quanto aos locais de São José dos Campos, onde se passa a maior parte da ação,

esses foram descritos com razoável precisão. Uma pequena homenagem à cidade que me acolheu há mais de dez anos e pela qual eu tenho o maior carinho. Fiz pequenas mudanças aqui e acolá, mas está tudo ali, como descrito: o anel viário, o Shopping Colinas, o Center Vale Shopping, o Condomínio Colinas, o Extra Hipermercado, o Colégio Poliedro, a livraria Maxsigma, as avenidas e os bairros, enfim, tudo exatamente como citado.

Mas o que eu realmente espero é que nunca tenhamos que nos preocupar com um planeta gigantesco rondando nosso lar. Porém, parafraseando o grande escritor Arthur C. Clarke no seu fantástico livro *O Martelo de Deus*, que serviu de fonte de pesquisa para esta obra, eu diria que:

Os eventos passados deste livro ocorreram de fato. Os eventos futuros dificilmente virão a acontecer. Porém, o certo é que mais cedo ou mais tarde poderemos nos encontrar com Absinto.

E que Deus abençoe e proteja a todos nós.

Rodrigo de Oliveira

São José dos Campos, 29 de dezembro de 2013.

O AUTOR



RODRIGO DE OLIVEIRA é Gestor de TI e fã de ficção científica, dos clássicos de terror, em especial da obra de George Romero. A ideia para esta série surgiu após um longo pesadelo tão real que, ao acordar, começou a escrever freneticamente, até concluir seu primeiro livro.

Casado, com dois filhos, nasceu em São Paulo, e vive entre a capital e o Vale do Paraíba.



A série *As Crônicas dos Mortos* tem previsão de cinco livros. Uma história, sobre um evento que acontece com um grupo em São Paulo pode ser acessado gratuitamente, por tempo determinado, através da página da editora em formato ebook. São 70 páginas eletrizantes e traz um personagem que voltará a aparecer na série.

ELEVADOR 16

Na hora do almoço, 16 pessoas entram no elevador... mas ele para entre dois andares.

As comunicações não funcionam, nem alarmes ou celulares, ninguém aparece para ajudar. E eles não sabem que, em todo o mundo, algo muito estranho aconteceu. Em poucos segundos, 10 pessoas caem num surto coletivo, como que desmaiadas. Entre o desespero e tentativas de busca por ajuda, um deles começa a abrir os olhos. Mas eram olhos vazios, olhos do mal...

Acesse nosso site: www.faroeditorial.com.br

Próximo lançamento: **A BATALHA DOS MORTOS**

Agosto de 2014.

COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2014

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**

Preparação de textos **TUCA FARIA**

Revisão **MÔNICA VIEIRA E PROJECT NINE**

Capa e projeto gráfico **OSMANE GARCIA FILHO**

Imagens de capa © **RENPHOTO | ISTOCK, © ARTRANQ | DREAMSTIME, © BEN GOODE | DREAMSTIME**

Imagens internas **DREAMSTIME**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Oliveira, Rodrigo de

O vale dos mortos[livro eletrônico] Rodrigo de Oliveira.

— São Paulo : Faro Editorial, 2014.

700Kb ; ePUB

ISBN 978-85-62409-08-0

I. Ficção brasileira I. Título. II. Série.

14-00959 CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:

I. Ficção : Literatura brasileira 869.93



1ª edição brasileira: 2014

Direitos de edição em língua portuguesa,
para o Brasil, adquiridos por Faro Editorial

Alameda Madeira, 162 – Sala 1702

Alphaville – Barueri – SP – Brasil

CEP: 06454-010 – Tel.: +55 11 4196-6699

www.faroeditorial.com.br